REVISTA
DA
Academia Amazonense de Letras

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada a 1.º de janeiro de 1918
Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

Sede Própria: RUA RAMOS FERREIRA, 1009 — Manaus

Ano LXVII — N.º 20

1984-1985

MANAUS-AMAZONAS

Presidente de Honra
Marechal NELSON DE MELLO

DIRETORIA

Presidente	—	**João Mendonça de Souza**
1.º Vice-Presidente	—	**Oyama César Ituassu da Silva**
2.º Vice-Presidente	—	**Paulo Pinto Nery**
3.º Vice-Presidente	—	**Waldemar Batista de Salles**
Secretário	—	**Agenor Ferreira Lima**
Adjunto	—	**João Chrysóstomo de Oliveira**
Tesoureiro	—	**Williams Rodrigues**
Adjunto	—	**Epaminondas Barahuna**
Bibliotecário	—	**Homero de Miranda Leão**

Diretor da REVISTA
JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

MEMBROS BENEMÉRITOS

Com. Idelfonso Pinheiro (†)

Cel. Joaquim Pessoa Igreja Lopes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....
OS CÂNONES DA COMUNICAÇÃO EM BENJAMIN LIMA — João Mendonça de Souza 19
LEGIONÁRIOS DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS — Manoel Bastos Lira 49
CERIMÔNIA ANTIGA — Ulisses Bittencourt 53
SADOC PEREIRA, POETA SATÍRICO — Mário Ypiranga Monteiro 57
FIGURAS & SENSAÇÕES — Moacyr G. Rosas 67

(Memória)

ERA UM POLIGLOTA — Genesino Braga 73

(Ensaio)

UM DEUS NA FIGURA DE UM HOMEM: JÚLIO CÉSAR — Leôncio de Salignac e Sousa 77

(Direito)

EM FACE DO DIREITO — Carlos de Araújo Lima 83
CONSIDERAÇÕES SOBRE CRIMINALIDADE — Waldemar Batista de Salles 87

(Filologia)

NORDESTE — REPOSITÓRIO DE ARCAÍSMOS — João Nogueira da Mata 91
A INFLUÊNCIA DOS LUSÍADAS NA LITERATURA — João Chrysóstomo de Oliveira 97

(Educação)

DECÁLOGO DO PROFESSOR — Homero de Miranda Leão 101

(Crítica)

A IMORTALIDADE DE ROGACIANO LEITE — João Mendonça de Souza 103

(Discursos Acadêmicos)

A PALAVRA DO PRESIDENTE — Mário Ypiranga Monteiro 109
NA CADEIRA DE ERMANO STRADELLI — Manoel Bastos Lira 111
SAUDAÇÃO A MANOEL BASTOS LIRA — Genesino Braga 123
A PALAVRA DO PRESIDENTE — João Mendonça de Souza 133
NA CADEIRA DE PÉRICLES MORAES — José Bernardo Cabral 137
SAUDAÇÃO A BERNARDO CABRAL — Oyama César Ituassu da Silva 147
A PALAVRA DO PRESIDENTE — João Mendonça de Souza 155
NA CADEIRA DE JOSÉ VERÍSSIMO — Octávio Hamilton Botelho Mourão 159
SAUDAÇÃO A OCTÁVIO MOURÃO — Manoel Bastos Lira 175
A PALAVRA DO PRESIDENTE — João Mendonça de Souza 181
NA CADEIRA DE RAIMUNDO MONTEIRO — Max Carphentier 185
SAUDAÇÃO A MAX CARPHENTIER — Agenor Ferreira Lima 199

Bodas de Ouro

MEIO SÉCULO DE MAGISTÉRIO — William A. Rodrigues 207
POR OCASIÃO DE MINHAS BODAS DE OURO — Agenor Ferreira Lima 215

Conferência

O AMAZONAS E A PRIMEIRA UNIVERSIDADE BRASILEIRA — Paulo Pinto Nery 221

Romance

O GAIOLA "TIRANTE" RUMO AO RIO DA BORRACHA — Paulo Herban Maciel Jacob 239

Poesia

A PALAVRA — Homero de Miranda Leão 246
PARNASO AMAZONENSE — João Nogueira da Mata . 243
OS SETE PERGAMINHOS — Jorge Tufic 247
TRIPLO DE SONETOS — João Chrysóstomo de Oliveira 251
GOTAS DE SANGUE (poemas) — Mário Ypiranga Monteiro 255
NUNES PEREIRA — Ulysses Bittencourt 273

Noticiário

ARTIGO SOBRE AS ATIVIDADES DA AAL — Claribalte Passos 275
A FOTO DO FATO — "A Crítica" de 23/09/85 — OBS.

Comunicação

SOBRE A ELEIÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS BARROSO PARA A VICE-PRESIDÊNCIA DA FALB 277

Livros

RESENHA DOS TRABALHOS RECENTEMENTE EDITADOS DOS ILUSTRES ACADÊMICOS JOÃO NOGUEIRA DA MATA e MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO 279

Atas

DOS 65 ANOS DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS 283
E DOS 50 ANOS DE MAGISTÉRIO DO ACADÊMICO AGENOR FERREIRA LIMA 285

Apresentação

Esta Revista, no itinerário de proveitosa existência, cresce, sempre mais, no mérito de ser o veículo principal de nossos juízos intelectuais e literários. Sessenta e sete anos lhe dão, como no passado, um presente de boas realizações e amplas vitórias. Orgulhamo-nos de conservá-la neste ritmo de correto destino.

Abrigam-se em suas páginas, não apenas o cronista, o poeta, o crítico, o romancista, mas, igualmente, o historiador, o jurista, o geógrafo, o sociólogo, o cientista, e os que, na análise e interpretação de nossa evolução, se mostram aptos ao nosso desenvolvimento cultural.

Vencer no âmbito de uma Literatura sem implicações no deletério é e será o nosso lema. O que desejamos é proporcionar, aos seus leitores, o melhor de nosso conhecimento em termos de objetividade e de inteligência. No trabalho de nossos colaboradores, além da seleção, há depoimentos valiosos, fidedignos, de ampla estima ao Brasil.

Com efeito, juntos temos, sem recuo, combatido pela elevação de sua história mais autêntica na difusão de nosso Amazonas para o Brasil e para o Mundo.

Acadêmico JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

EDIÇÃO ESPECIAL

Comemorativa
do Centenário
de Nascimento
de BENJAMIN LIMA

JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

OS CÂNONES DA COMUNICAÇÃO EM BENJAMIN LIMA

1. O TEATRÓLOGO
2. O JORNALISTA
3. O ESCRITOR
4. O ADVOGADOS DO AMAZONAS
5. BENJAMIN LIMA E A ACADEMIA
6. NO EXERCÍCIO DAS FUNÇÕES PÚBLICAS
7. EM FAMÍLIA

OS CÂNONES DA COMUNICAÇÃO EM BENJAMIN LIMA

PREÂMBULO

Não é possível encontrarmos a harmonia, a cor, as raízes e os propósitos da concepção estética de BENJAMIN LIMA, sem vê-lo dentro dos cânones da arte avisada, culta, idônea, esplêndida e capaz. Recordemos que a notável Maria Jacintha o eminenciou no dramatúrgico — **Já é manhã no mar**, neste agradecimento: "A Benjamin Lima, que me deu o Teatro — e a coragem do Teatro".

Deu-lhe porque, realmente, no crescimento, diante da grande estrada do futuro, assim viveu Benjamin Lima, em reiteração e medida, nos cânones do significado comunicativo. A experiência da vida e das coisas, através da identificação e valor do mundo, lhe foi verdadeiro passaporte de realce na conduta de convívio. Observemos como, através da supervontade e da super-realidade soube enraízar-se no judicioso ato do eu para os estágios mais corretos. Isso significa que, na realização do que produziu, em tudo, se aceitou em louvável confraternidade, para atingir pontos de ápice nos recantos da alma e do coração.

Daí porque, se quisermos entendê-lo no significado histórico das atitudes, outro não pode ser o caminho, senão o que o explica no acordo íntimo dos cânones da vida e da comunicação. Cânones que lhe deram o real da beleza e da fealdade do Mundo. Cânones de efeito acerca dos valores puros da vivência, em recurso do avaliável nos fatos e nas almas humanas.

Na meditação progressiva, por isso, cânones que, em firme razão, no todo, o perenizaram objetivo na validade dos contextos e nos pontos de vista psicológico. Em melhor dizer: que o levaram a lutar, por toda a vida, contra a decadência moral em que os repulsivos bárbaros da guerra mergulharam o Mundo em oposição aos valiosos princípios da boa educação e da fé no destino autonômico dos povos e nações.

1. — O TEATRÓLOGO

Benjamin Franklin de Araújo Lima, depois que em busca de saúde, deixou Manaus para viver no Rio, jamais se afastou um só instante da chama que o tornou famoso como exímio teatrólogo no drama dos destinos humanos. Dentro do Teatro do Brasil para o Mundo, foi uma voz sincera na defesa dos bons costumes.

Em sua escola, lecionou a eloquente virtude dos aclamados dramaturgos da corte do divino Augusto. Como o Grande Horácio na fase imortal do eminente esplendor romano, Benjamin Lima enriqueceu o seu Teatro em quadros cheios de vida. Atraentes nas elevadas questões de liberdade contra as lamentáveis chagas sociais de nosso Mundo.

Caráter independente e sem ambição, foi leitor assíduo de Quinto Horácio Flaco, na forma em que este soube fazer-se merecedor da estima de Augusto e de Virgílio, e real protegido de Macenas. E foi assim exemplificado na inteligência iluminada dos virtuosos do reinado de Augusto que, em torno de si, soube juntar amigos e admiradores para, em louvor do povo, ser aplaudido na amplidão de seu Teatro.

A educação lhe serviu de lei humana, em face do progresso que evita o homem de ser réu para ser herói. O que em seu Teatro, em grau esplêndido, nos lecionou Benjamin Lima foi a luta do Homem que Marcha contra o despotismo. Na moral, reconhecemos que as sociedades são mais justas na dignidade do elevado nível intelectual do que na força selvagem do poder das armas.

Em lances de indiscutível merecimento, comprovemos quanto Benjamin Lima foi abnegado mestre, em seu tempo, na boa ilustração de nosso povo. Vejamo-lo, pois, agora, neste ligeiro diálogo entre Henriqueta e Ramiro, em **O Homem que Marcha**, na realidade da correta manifestação:

"**Henriqueta** — Não sabes lutar.

Ramiro — Talvez... Realmente, parece que a única felicidade possível no mundo tem de ser conquistada por meio de uma violência.

Henriqueta — E tu és um tímido.

Ramiro — E eu sou um bom.

Henriqueta — Ah! Perdoe-me. Isso mesmo! um bom.

Ramiro — Não exigia que ratificasses. Nessa hipótese tímido é sinônimo de bom. Minha bondade é função de timidez. Minha timidez obriga-me a ser bom. Sou-o independentemente de minha vontade. E por isso não tiro daí nenhum orgulho."

Em resumo, o que acima Benjamin Lima nos revelou foi a outra consideração, a autêntica, e não a aparente, que alguns pensam estar ao pé da letra diante das sociedades decadentes. Para ele, as sociedades se compõem de épocas: a da virtude que resiste, a do vício que a sucumbe, e a da que, pela educação, consegue livrar-se das influências do mal para aceitar-se inteiramente na moral dos bons costumes.

Quando uma sociedade deixa de se aceitar na universalidade ilustrada dos Augustos, dos Mecenas, dos Horácios, dos Virgílios, dos Poliões e dos Ovídios é já, em caráter de plena dissolução, a sociedade dos Brutos encaminhada para épocas da pestilenta imoralidade culpada da inapelável destruição de Sodoma e Gomorra, Seboim e Adama.

Para teatro, Benjamin Lima escreveu: **O Carrasco** 1922; **O Homem que Marcha** (1925); **Boa Noite** (1931); **O Homem que Ri** (1931); **Babilônia** (1933); **O Amor e a Morte** (1933); **Venenos** (1938); **O Martírio de Don Juan** e **A Revolta do Ídolo**.

Como mestre na produção e lecionamento de peças teatrais, teve atuação elogiada através de três longas décadas. Edificou os alicerces altaneiros do grandioso destino na dramaturgia do permanente espetáculo de valorização humana, do qual Maria Jacintha assim nos fala, na repercussão das letras brasileiras:

"Sua personalidade teve sentido mais amplo e mais completo: trouxe ao lado de seu grande talento, bondade e ternura, que prodigalizava a todos quantos dele se acercavam. Sugeriu sempre, por essa bondade e por essa ternura — e também por sua serena sabedoria — a imagem da árvore que agasalha e da fonte que dessedenta." "E, com isso, embelezou sua existência, justificando-a — justificando, ao mesmo tempo a Vida que teve nele uma de suas mais iluminadas explicações."

Na personalidade da força criadora, Hermes Fontes o viu neste fulgor:

"Direi simplesmente — e isso vai com sinceridade e entusiasmo — que **A Revolta do Ídolo** é um drama elevado, entre cujas personagens se cruzam frases e conceitos de nobre alcance e desusado brilho.

O sr. Benjamin Lima é escritor de real talento. O seu trabalho dá uma direção desconhecida aos nossos processos de teatragem."

Ao contrário da Roma de espetáculos e combates mortais, o teatro de Benjamin Lima nao representou o despotismo nos retalhos sangrentos de compra da liberdade. Seu teatro foi oferecido ao povo como lecionamento de cuidada instrução social.

2. — O JORNALISTA

Numa fase de Mundo assim aviltado nos segmentos da paz e da civilidade, observamos que a importância de Benjamin Lima como jornalista se eminenciou em sufrágio universal de opiniões brilhantes, regeneradoras e distintas. O despotismo surge da causa e efeito de um povo incompetentemente dirigido e governado.

Pela redução degenerada em que o povo se deixa conduzir, o despotismo além de lhe tomar a liberdade, o afunda, de maneira inclemente, desumana, no império da fome. Gera a incultura e o desemprego. Os vícios e a completa involução da virtude social. Imperam os crimes políticos, a anarquia, a injustiça. E surgem os tiranos. E os povos se escravizam a si próprios. Geralmente isso ocorre quando o povo inteiramente demagogiado permuta os Augustos pelos Neros.

Uma nação restaurada na robustez do progresso e da instrução social, volta a produzir bons frutos das raízes já apodrecidas. E porque neste empenho Benjamin Lima soube aperfeiçoar-se em ação social, o seu jornalismo não foi apenas nacional, mas universal também.

Para ele, diante do progresso e em relação ao passado, Roma foi grande quando despertou na inclinação de imitar a estatuária grega. Da Grecia, o Mundo, antes de se macular na degeneração dos costumes, aceitou as artes e a ciência nas diversas manifestações.

Os povos da Terra receberam o melhor do espírito grego na reconstrução das virtudes artísticas e sociais. A

Grecia possibilitou o Mundo desenvolver-se em suntuosas características de aperfeiçoamento brilhante e produtivo. Aperfeiçoamento isento da estranha política, sinistra e ordinária, dos demagogos e nocivos. Aperfeiçoamento para a melhor robustez de nações livres.

Erro deplorável, portanto, foi o da Roma dos Césares na forma em que, através do despotismo, permutou o seu apogeu, de virtude e de glória, pela extravagante crueldade de conquista do Mundo. Em épocas predispostas a inúmeras desgraças, assim, sucessivamente, desligada da seiva do monumental vigor, eclipsou-se envergonhada, a cobrir o rosto nos corrilhos dos falsos triunfos. E nisso conheceu a tragédia. E nisso se aviltou na corrupção que a tornou desprezível no desenvolvimento cultural em que, até então, se nobilitara.

Das Galias até Roma, através do longo trajeto, Vitellio já não defendia a pátria. Mas, no maior donativo do dinheiro prometido aos soldados, apenas se alentava na peleja de vil executor dos delírios que as suas legiões fantasiavam. Com isso, viu-se porque a conquista universal do Império Romano ficou na utopia. Como na utopia ficaram as loucuras de Napoleão e Hitler na infeliz idéia de unificar o Mundo sob as algemas de um único dono.

Em troca, depois da Segunda Grande Guerra Mundial, os povos e nações defensoras da paz e da liberdade, receberam a hidra no próprio teatro de operação guerreira: os inimigos eram prostituídos na igual militância em que degeneravam e corrompiam a vitória dos exércitos aliados. E do mundo de estoicos e libertos passamos a este mundo vicioso de superpotências. Mundo mesclado de toxicômanos no destino das nacionalidades.

Os povos se degeneram. E as nações moribundas do Oriente Médio, da África negra, do Caribe, da Asia e da América Latina ensanguetadas são inclementemente supliciadas entre a indiferença da mais cruel devassidão e os novos **fronts** de imoralidade e de tirania dos novos césares assassinos e caricatos. Mas, assim como o povo romano soube abominar, do ócio e desprezo, os seus césares, os povos imolados de agora, já cansados de tanta desfaçatez, saberão repudiar os matricidas das novas arenas de guerra nas estrelas.

Esse festim do sepulcro jamais foi convidado por Benjamin Lima a participar de seu jornalismo sério, universal e competente. Antes de tudo porque no recesso de liber-

dade de seu jornalismo, riscou de sua herança e legado, os tiranos e colonialistas. Depois, porque a si soube conceder o direito de ser um homem livre.

Tanto assim foi, na troca do excesso de servidão pelo excesso de liberdade que, "ainda estudante, foi secretário da revista **Ad Lucem**, de Salvador, e colaborou no **Diário da Bahia**, então sob a direção literária de Almachio Diniz.

Após receber o diploma de Bacharel em Direito, no Rio de Janeiro, já em Manaus, regalado no grande sonho de sua vida, "secretariou o **Diário do Amazonas** e dirigiu **A Imprensa**, além de colaborar assiduamente em outros órgãos e várias revistas."

De volta ao Rio de Janeiro, "incorporou-se definitivamente à imprensa carioca", onde, alentado na eminência da majestosa cultura, de logo, lhe deram o honroso encargo de ilustre redator de **O Paiz**. Daí, em subida sem qualquer parada, passou-se ao **Diário Carioca, Diário de Notícias, Diário da Noite** e **Jornal do Brasil**. Neste, após brilhante escalada de vitórias nos principais jornais cariocas, ocorreu-lhe o trespasse.

Vejamos, pois, que na larga trajetória jornalística, esse desempenho, sempre autônomo e aplaudido, ainda o levou aos seguintes diários de larga repercussão nacional: **Jornal do Comércio, A Rua, O Dia, Gazeta de Notícias, Jornal do Povo**, editados no Rio de Janeiro. E, mais, **Correio Paulistano** e **A Gazeta**, de São Paulo. **O Diário**, de Santos, e **Folha do Norte** e **O Imparcial**, de Belém do Pará.

Como jornalista, nos jornais de Manaus, do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Santos e de Belém do Pará, nunca deixou de preocupar-se com os seculares problemas de insulamento de nossa Amazônia e de os defender na mestrialidade em que se mereceu e foi notavelmente aplaudido.

3. — O ESCRITOR

Há um velho adágio muito conhecido que, na sublime autenticidade, se pereniza nesta prudência: "Dize-me com quem andas e te direi quem és". Insistimos em considerar que Benjamin Lima, nas graduações e qualificações no melhor, soube, em boa ventura escolher honrosas e nobres companhias. Sobre isso, este é o correto informe de Agnelo Bittencourt, no **Dicionário Amazonense de Biografias:**

"Em agosto de 1908, indo eu ao Rio de Janeiro, no desempenho de representar o Amazonas na **Exposição Nacional**

daquele ano, encontrei Benjamin Lima e seu irmão José Francisco, aquele no 3.º ano da Faculdade de Direito, e este no de Medicina. Moramos juntos, na mesma Pensão, acompanhados do Prof. Antônio Monteiro de Souza e do Dr. Alfredo da Matta, também meus companheiros de comissão".

Para muitos que, neste momento, se encontram neste salão acadêmico, esses eminentes nomes quase nada significam. Mas, para os que o conheceram, e nós com grata alegria nos incluímos, o lembrete acima de Agnello Bittencourt, de imediato, nos transporta àquele fabuloso ninho das águias onde somente os gênios conseguem chegar.

Com exceção do Prof. Monteiro de Souza, os demais foram figuras pinaculares de nossas letras e membros proeminentes de nossa Academia. Caso admirável, porém, é que todos, no avultado preço dos trabalhos literários, científicos e democráticos, serviram com acurado destemor à liberdade do pensamento. Todos se especializaram na composição de livros, até hoje, de necessária compulsação acerca do que desconhecemos do Amazonas e da Amazônia. Pelo valor das obras, todos deixaram de si ajuizados conhecimentos sobre a nossa fauna, flora e ictiologia.

Eis porque num grupo assim notavelmente consagrado, o brilho de Benjamin Lima se desenvolveu em conquista de ápice e valoridade nacional. A tal ponto que, neste prestígio, Peregrino Junior, ilustre membro titular da Academia Brasileira de Letras a ele se deu neste imperial pronunciamento cheio de graça e de gloriosa sensibilidade:

"Esse Benjamin Lima, que acaba de morrer, foi um puro, um legítimo escritor. Viveu toda a sua vida — vida de sofrimento físico sem pausa — por uma única alegria: a alegria de ler e de escrever. Dramaturgo, crítico, ensaísta, a sua obra é numerosa e variada. Teve grande paixão pelo Teatro e deixou-nos algumas peças admiráveis. Teve uma paixão inconversível pela literatura e deu-nos alguns ensaios penetrantes e nítidos. Teve uma permanente paixão pela sua terra e pela sua gente — e até os últimos dias do seu leito de enfermo, mandou pontualmente para o **Jornal do Brasil**, onde trabalhou tantos anos, os tópicos e comentários em que fixava tantos assuntos de interesse de sua gente e da sua terra."

Sem dúvida, brilhou e ficou nos trabalhos literários, o talentoso Benjamin Lima. Daí porque Peregrino Junior, dele assim se despediu:

"...Mas ele permanece vivo na minha recordação e saudade, pelo seu generoso coração, pela sua admirável inteligência. Viveu toda a sua vida para as letras — exclusivamente para elas — para o ofício árduo e ingrato de amá-las e servi-las."

Cabe-nos aqui, depois de bem considerá-lo nas palavras de Peregrino Junior, dizer porque foi escritor dotado de larga comunicação e distinta elevação de pensamentos nos livros que produziu.

Nele, a ternura, o caráter, a sensibilidade e graça de estilo o tornaram venturoso. Foi um elegante da vida harmoniosa e sentimental. Em cada um dos seus dias, no espelho da bela consciência, por isso, encontrou vez para bem situar-se nas afirmações sobre o heroísmo da ironia em Machado de Assis, assim em gosto, interesse, simpatia e preferência.

"Os grandes, os maiores, os máximos escritores não são para ser analizados e criticados. Não são, sequer, para ser comentados. São, única e exclusivamente, para ser lidos.

Existe neles algo de muito sensual e, ao mesmo tempo, de um tanto misterioso, que, por um lado, inclina para a degustação calada, de tão voluptuosa, e, por outro, condena a certa incompreensão, na qual o prazer ganha, bem compreensivelmente, maior intensidade ainda."

Transbordava Benjamin Lima, em crítica de fino lavor, entre os prêmios e honras recebidos dos afamados membros da Academia Brasileira de Letras. E foi nessa celebridade que atingiu as boas letras em trajes de espetáculo greco-oriental. Viril, nobre, adquiriu a consideração de ilustres escritores através da respeitabilidade da erudição.

Pericles Moraes que foi Presidente deste Silogeu, durante largos anos consecutivos, assim enfocou Benjamin Lima, como **Um inovador da crítica literária:**

"Uma experiência rápida instituída dentro do problema literário veio demonstrar como um teatrólogo notável pode transformar-se de repente num crítico. Fê-la o Sr. Benjamin Lima, e o êxito foi decisivo e considerável. O seu recente livro ESSE JORGE DE LIMA!... revela-o um julgador que exercita a crítica de maneira original, inovando, renovando, abalando em seus fundamentos os rotineiros processos de julgar. Nesse trabalho não se limita exclusivamente ao estudo de um poeta modernista e de suas novas tendências intelectuais. Dando-nos a ilusão de que apenas se restringiu à superfície, aos contornos exteriores, penetra

a fundo a alma e os sentimentos do artista, e, com sucesso, procura descobrir-lhe as diretrizes da inteligência. Ostenta somente as belezas e os encantamentos da obra, deixando-nos a impressão, aliás errônea, de que lhe escaparam à visualidade muitos de seus segredos e de suas imperceptíveis anomalias. Sente-se-lhe a preocupação de não doutrinar, de não estabelecer regras, de não impor teorias, de fugir o mais possível às fórmulas consagradas, o que não o impede, como juiz, de proferir as suas sentenças com profundeza e retidão. Expõe os seus pontos de vista com um sorriso amável, às vezes levemente irônico, intencionalmente malicioso, mas não chega a susceptibilizar, nem sequer a produzir irritações passageiras no melindre alheio. Não é do seu feitio ir ao cerne da árvore. Deixa-se ficar no córtex, para onde convergem as suas investigações, tomado do receio piedoso de que uma ferida mais adentro possa talvez sangrar."

Confirmemo-nos dessas afirmações críticas de Pericles Moraes, nessa elegância assentada em conhecimento de tempo, de glória e de público, nas próprias palavras de Benjamin Lima, logo ao abrir do eloquenciado — ESSE JORGE DE LIMA!... Ei-las, pois, para melhor penhorar de nossa subida consideração:

"Parece que estou a ouvir:

"Esse Jorge de Lima!..., por Benjamin Lima... Deve ser coisa de parentes..."

Enganou-se, ironista!

Os dois Limas, que se encontram aqui, vêm de pagos muito diferentes; são caboclos de aldeias bem diversas, bem distantes."

"Eu não fiz, propriamente, este livro.

Ele fez-se, a si mesmo, tomando, abusivamente, impulso, de dois ou três artigos meus, cheios da mais profunda resignação com a sorte melancólica de tudo quanto se escreve para a imprensa diária.

Não saliento a particularidade na esperança de maiores indulgências.

Bem outra, mesmo, tem de ser a consequência lógica de tal confissão: o meu absoluto desinteresse pela sorte desta pequena obra.

Quem a rigor, está em causa?

O livro; não, o autor.

Somente, pois, o primeiro tem de haver-se com o resultado de uma aventura em que se meteu quase à inteira

revelia do segundo, confirmando a impertinência, a teimosia e o despotismo que Pirandello, na sua primeira peça de êxito mundial, atribui aos supostos títeres criados, temerariamente, pela imaginação dos escritores'..

"Quando os pressinto incompatíveis, inclinados à exclusão mútua, é sem a menor hesitação que prefiro à boa fé o bom humor, e Rabelais a Montaigne.

Não há política, nem moral, nem religião que legitime o holocausto de uma idéia, imagem ou frase onde se vislumbre promessa, embora muito vaga, de qualquer alegria para o espírito."

O livro de Jorge de Lima, ainda quando tivesse falhado — hipótese que somente admito para argumentar — como incursão na província da literatura dominada até hohoje, consoante o proclamou Bourget em página inolvidável, pela figura rodinianamente disforme e ridiculamente agigantada, de Honoré de Balzac, valeria, e valeria muito, como atestado de erudição, podendo apresentar-se com o feitio aristocratizante de um esforço no sentido de criar uma filosofia que, ao invés de se condensar em aforismos e doutrinas, se formule, pitorescamente, por meio de alegorias e de ações."

4. — O ADVOGADO DO AMAZONAS

Não nos seria lícito aqui esquecer o desempenho nobilíssimo de Benjamin Lima, como advogado, na forma em que Rui Barbosa considerou os créditos de que ainda somos carentes:

"Porque não nos refreia o sentimento dos nossos deveres. Porque não acatamos a opinião pública. Porque nos reputamos superiores à lei. Porque não temos à nossa terra o amor que lhe devemos. Porque nos não queremos incomodar com o trabalho. Porque, habituados à servidão, só respeitamos o que nos intimida. Porque estamos certos da nossa irresponsabilidade. Porque dessa prodigalidade financeira se nutre a nossa política, se compõe o nosso prestígio, se arma o nosso poder. Desse esperdício comemos nós, comem os nossos correligionários, comem os nossos parentes, comem os nossos afilhados, comem as classes ociosas ou poderosas, que nos sustentam, comem os ministros e a sua clientela, como o Presidente e a sua camarilha, come o Congresso e o seu falso eleitorado."

Assim, realmente assim, assistimos, cotidianamente, sem talento e sem concerto, aos espetáculos inflacionários de nossa **via sacra**. São os do salário mínimo os mais sacrificados na célebre falácia da correção monetária. E na história do endividamento externo as superpotências se tornam sempre mais senhoras do dinheiro do Mundo no superávit de fome e desemprego dos subdesenvolvidos. Contra essa redução de alimentos e de saúde, lutaram, em seu tempo, Rui Barbosa e Benjamin Lima. Este, no difícil sobressair de uma advocacia em prol de um funcionalismo espoliado. Aquele, na competência em que agem o Executivo e o Legislativo, em face do que, realmente, são obrigados a respeitar nos interesses de conquista irreversível da Sociedade.

Não será áspero, portanto, aqui relembrarmos a eloquência de Benjamin Lima, na energia em que se estimulou, **Para melhor fama da Lei da Imprensa**, diante da maneira de **Como a interpretam os Juízes**. Um grande número de acomodados, quando no poder de qualquer representação, prefere deixar os erros como estão a fazer o que deve. Isso, porém, jamais lhe ocorreu, em virtude de bem considerar que escrever para o povo é saber respeitar-se na fortuna de suficiência à verdade.

A questão Lobato de Faria versus Benjamin Lima, como exemplo de corretismo, permanece válida, visto que os serenos princípios da verdade e da justiça regem o Mundo em todos os tempos. Os homens, privados de integridade, em certas posições, naturalmente se revelam nos vícios, defeitos e insuficiências.

Por consequência, foi contra a espoliação do funcionalismo do Estado do Amazonas, em seus vencimentos, e em defesa às leis na forma de viver, que Benjamin Lima se envolveu nos acontecimentos que o dignificaram como homem representativo de vida social, de vida política e de vida jornalística.

E nisso, para melhor entendimento do seu caráter, para aqui transcrevemos alguns parágrafos da famosa questão de ampla repercussão nacional. Na ordem apenas do necessário esclarecimento, vejamo-lo pois na correta sobranceria em que a venceu:

"Minha compreensão do que era o meu dever, nessa emergência, estaria sacrificada, se eu não tratasse de assegurar o máximo de publicidade à vitória que, em minha pessoa humílima, a mais nobre das causas alcançou, para honra da magistratura brasileira."

No Amazonas, se formou um sindicato para extorquir dinheiro dos funcionários públicos, de cujos vencimentos estava atrasado o pagamento.

O querelante era o chefe desse sindicato."

"O Querelado provou abundantemente nos autos que a acusação é verdadeira."

"Acordam os Juízes da 4a. Câmara da Corte de Apelação negar provimento ao recurso para confirmar, como confirmaram a sentença apelada, que absolveu o Querelado Benjamin Lima, condenando o Querelante nas custas."

"O julgamento da Apelação Crime n.º 7.661, em que era apelante Antônio Augusto Lobato de Faria e Apelado Benjamin Lima, teve início na sessão de 4 de julho da Quarta Câmara da Corte de Apelação."

"Transferido, assim, esse julgamento, para a sessão seguinte, a de 11 de julho, foi o mesmo precedido do parecer do Procurador Geral, que verbalmente o emitiu nos seguintes termos:

"Dou parecer, contribuindo, se assim é possível, para melhor conhecimento da questão e para que seja o julgado a expressão da verdade."

Em face dessas considerações e do estudo que fiz do processo, minha conclusão é pela confirmação da sentença apelada.

Benjamin Lima, consoante a bela missão desempenhada como advogado do Amazonas, na defesa dos dinheiros públicos, em alto ideal, nos deu o contributo que o pereniza em nossa admiração. Foi um valente na comunhão do que amamos. Nisso, em nosso agradecimento e gratidão, no melhor proveito, ele foi o próprio Homem que marcha em plena glória da palavra eloquente, vigorosa e sugestionadora.

Eis um pouco de sua história. Sem dúvida, a história do homem que com fé em si mesmo, ofereceu combate à corrupção e, sem nenhuma ambição, a não ser a do Direito, a venceu pela eminente dignidade de proteger os fracos contra a opressão e a prepotência.

5. — BENJAMIN LIMA E A ACADEMIA

Há homens que nascem e permanecem, ao longo do tempo de vida, íntegros e enaltecidos. São, no desempenho da honorabilidade, na roda dos amigos, os que afloram roteiros virtuosos de fama e glória. São os que se aviventam de boas idéias nos extensos espaços da história e do home-

rismo. Acreditam no desenvolvimento da comunidade em distinção de homem social e superior para o bem.

No todo comunicativo de sua época, em Manaus, entre amigos, Benjamin Lima, pela regra de conduta em que estabeleceu o seu destino, para o fulgurante Pericles Moraes, foi super-homem de ideal transcendente. Um homem que, em tudo, se aceitou nos propósitos de eminente dignidade. Nessa dignidade tão assim se sublimou que, — do aplaudido autor de FIGURAS & SENSAÇÕES, mereceu estas consagradoras palavras de penhorado agradecimento:

"Se durante a sua grande existência de homem cerebral, atormentado pelo drama de cruciante enfermidade, que contrastava paradoxalmente com os triunfos de sua carreira de escritor, o plasmador de "O homem que marcha" tivesse pensado em fixar num livro de memórias os estádios de sua vida e as formas superiores do seu espírito, decerto relembraria o papel preponderante que lhe coube na fundação da Academia Amazonense de Letras."

"Benjamin de Araújo Lima, por uma série de circunstâncias fortuitas, foi dos que mais contribuiram para a criação do maior dos nossos institutos de cultura. Aclamamolo para a sua primeira presidência porque, no momento, lhe sobravam, mais do que a qualquer um outro de sua geração, requisitos de capacidade e merecimento para concretizar-lhe as aspirações. Capacidade de iniciativa, antes de tudo, que se exteriorizava e tomava corpo através das palavras, dos atos e da autonomia de suas atitudes. Merecimento que o singularizava pelo megnífico esforço a prol das letras do vale equinoxial, prestigiando-as nas altas esferas intelectuais metropolitanas."

Entre Benjamin Lima e os omissos, a diferença está na disciplina de um homem que, mesmo enfermo pelo resto da vida, no exultar de Peregrino Júnior, "viveu para a alegria de ler e escrever." E foi nesta ambição sem impossíveis que, consoante Raul de Azevedo, animou doentes e sadios."

A Academia Amazonense de Letras, ainda na presidência do prezado e saudoso Djalma Batista, passou a constituir-se, a exemplo da Francesa e da Brasileira, de 40 cadeiras e 40 patronos. E está inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil. Nesta, como nosso representante, Benjamin Lima brilhou por ocasião do centenário do autor de **D. Casmurro**, com a magnífica conferência intitulada — **O heroísmo da ironia em Machado de Assis**, da qual,

como exemplo aos jovens, transcrevemos aqui apenas estes quatro parágrafos:

"Sem família, sem recursos, sem professores, Machado de Assis estava quando entrou na casa dos vinte anos, com a sua formação mental, com a sua educação literária e artística perfeita e acabada."

"O homem, cujo nascimento, há um século atrás, estamos comemorando, é mais moderno do que os meninos de agora, que levam para literatura um afã obsessivo de modernismo.

Em Machado de Assis há mais novidades que em todos os escritores do nosso tempo, a quem encantou a idéia de serem, no terreno das letras, os arautos de uma idade nova.

Futurista, de fato, só ele, porque escreveu realmente para o futuro, senão para toda a eternidade, pois bem pode ser eterna, obra tão profundamente humana."

Em nossa Academia Amazonense de Letras, Benjamin Lima foi o homem que marchou no valoroso ideal de sua constituição e grandeza. E mesmo na gíria brasileira, embora o **Homem que marcha** não seja o homem que anda, mas o homem que paga, enquanto viveu, no Amazonas ou no Rio de Janeiro, jamais deixou de pagar ,com o rico ouro de sua inteligência e trabalho, o que preciso foi para torná-la sempre mais ascensional no cenário maior da Literatura Brasileira.

6. — NO EXERCÍCIO DAS FUNÇÕES PÚBLICAS

Há sem dúvida notável presença de Benjamin Lima, digna de registro, no exercício das funções públicas. Não é no entanto, nosso empenho mostrá-lo em aspirações mil vezes desfeitas e mil vezes renascidas. Apenas, por isso, o mostramos nos encargos em que os propósitos não deixaram de o impelir no belo esforço de saber caminhar contra a inércia dos tropeços e desventuras.

Daí porque, nos informes de Raul de Azevedo, seu grande e leal amigo em veracidade e justiça, o damos aqui neste ligeiro índice em relação ao exercício das funções públicas.

"Foi Benjamin Franklin de Araújo Lima professor de História e exerceu diversos cargos públicos. Foi Promotor de Justiça, Juiz Municipal e Juiz de Direito da Comarca de Manaus. E mais: Oficial de Gabinete de um dos Governa-

dores Amazonenses. Diretor da Biblioteca Pública de Manaus. Diretor da Penitenciária da referida cidade. Procurador Fiscal no Amazonas. Foi mais: Secretário da Prefeitura de Manaus, Escrivão Federal do Amazonas e, ainda, professor de História e Economia Política da Escola de Comércio de Manaus, Delegado Geral do Recenseamento de 1920, no Amazonas, e Oficial da Diretoria Geral de Estatística.

Depois, no Rio de Janeiro, foi membro da Comissão de Teatro Nacional do Ministério da Educação, quando da sua fundação. Em seguida, foi designado para Diretor do Curso de Teatro, cargo em que se assinalou e foi aposentado."

Na função pública, por isso, o entusiasmo e amor ao trabalho lhe foram reconhecidos e louvados. Desenvolveram-se. Foram-lhe âncora e porto seguro. Abriram-lhe novas extensões de importância pela estrada variada da vida, em certo sentido de vida social.

7. — EM FAMÍLIA

Antes de nos valermos dos seguros informes do saudoso mestre Agnello Bittencourt, acerca da origem e comportamento de Benjamin Lima, em família, vale não esquecê-lo, em face da enfermidade, no depoimento quase autobiográfico, registrado com imensa franqueza em seu livro — A REVOLTA DO ÍDOLO, nestes três parágrafos da Cena IV, do ato primeiro:

Carlos: "Pobre velho, grande e incomparável amigo! Ignora a tragédia íntima em que me debato, e examina com assombro o pouquissimo, o quase nada que dela pôde surpreender. Doe-me, por vezes, conservá-lo assim alheio a este meu inferno interior. Mas uma repugnância por essa revelação me sufoca todas as vezes que penso em apresentar a alguém, inteiramente nua, esta alma inquieta e alanceada."

Maria: "Meu querido Carlos! Como surgiu triste a esplêndida manhã por que tanto ansiávamos. Lembras-te do ardor com que outrora a imaginávamos, como remate de uma carreira triunfal, como definitiva consagração de teu nome? Era um sonho luminoso que sonhávamos juntos, e em que nossas almas se confundiam tão perfeitamente que eram, afinal, uma só alma cruelmente suplicada pela ânsia da glória. Mas o destino infligiu-te uma desgraça maior do que seria a não realização desse ideal: fez que este se realizasse quando já

se convertera, para o teu pobre coração, na mais cruciante das dores."

Carlos: "Faz-me bem ouvir-te assim, lamentando-me, sofrendo comigo, ao invés de tentares, como em princípio, consolar-me. O alívio um dia virá. Sabes quando? Quando a continuidade deste sofrimento me tiver calejado por inteiro o coração. Ah! não te iludas! O animal que dentro de nós subsiste, ambicioso, egoista, brutalmente gosador, acaba de vencer todas as tristezas enobrecedoras. Consentir que Daniel editasse esse livro tão estremecido por mim antigamente, e hoje tão sinistro, foi a primeira concessão de minha dor. Uma alegria cínica virá dentro em pouco envilecer-me. Antes, porém, deixa minha santa, que eu sofra livremente, sensualmente, quase voluptuosamente, a enormidade desta mágoa."

Em Manaus, na residência do casal, onde Dona Cacilda, "peregrina inteligência de mulher e esposa", acompanhava Benjamin Lima em sua cruzada intelectual de legionário na gestação do que seria a Academia Amazonense de Letras, o maravilhoso ocorreu na forma em que doutos de então se davam em afortunadas idéias como que a oxigenar aquele recanto paradisíaco.

Uma sociedade de homens de letras, a rolar de esperança em esperança, teria de encontrar o seu Mecenas. Os intelectuais que se reuniam, naquele empenho, no lar feliz de D. Cacilda e de Benjamin Lima, era de seletíssima importância no aticismo capaz de levar a efeito o surgimento de nosso Silogeu. Além disso, predominantemente mantinham-se em nobreza de caráter, na manifestação do pensamento, através dos jornais e revistas manauaras. A literatura e a poesia, entre eles, influiam em nível elevado de instrução e de vida social.

Nesse tráfego intelectual de consequências importantes, o lar abençoado de D. Cacilda e de Benjamin abrigava, em honras acadêmicas, os escritores que então dominavam a aristocracia artística e literária do Amazonas. Lá o romancista, o poeta, o artista eram convidados a expor a valoridade progressiva do saber em termos de educação adiantada. Lá, naquele areópago, somente se concedia imunidade aos amigos das boas letras. Lá, os componentes maiores da grei acadêmica tomavam conhecimento das modas, na classe alta e na classe adventícia, em termos de reserva e guarda das práticas antigas nas tradições em que se aceitavam.

Entre eles, era declarado áspera, incoveniente a pre-

sença do convidado que se apresentasse expansivo na exageração do iludente e no andar do presunçoso. O estado literário, nas variadas manifestações, aquecia-os não só do nacional, mas do universal também. E tão assim se portaram em condições de eperfeiçoamento intelectual, em medidas tais de fulgor na fundação da Academia Amazonense de Letras que, consoante Pericles Morais, assim nasceu e se efetivou nesta briosa vitória:

"Confiávamos nos desígnios providenciais e não desanimávamos. Foi quando, como por efeito de um milagre, nos surgiu um Mecenas inesperado: o capitão Nelson de Melo, que é hoje marechal dos mais valorosos e bravos do exército, em cujos bordados resplendem os rasgos de sua intrepidez nas campanhas da Itália. Nobre, generoso, intuitivo, o Interventor Federal do Amazonas após a revolução de 30, desde o primeiro instante compreendeu a penosa conjuntura dos homens-de-letras planiciários."

"Nelson de Melo, sob a ação catalítica de sua personalidade, deu-nos tudo: honrarias, sede própria, mobiliário moderno, tribuna, poltronas acadêmicas, em suma, todo o aparato sóbrio e imprescindível às organizações estritamente literárias. E não foi só. Determinou que a Revista da Academia fosse editada, gratuitamente, nas oficinas do "Diário Oficial." Depois, a supervisão de Leopoldo Neves, o incorruptível Governador constitucional, fez o resto, remodelando a arquitetura anacrônica do edifício da Academia, comparecendo pessoalmente às sessões solenes, atendendo solícito às exigências do organismo em formação, facilitando-lhe elementos econômicos e cumulando-o de favores e distinções."

Daí para frente, a Academia, efetivamente, passou a ser uma entidade cultural de largo merecimento não apenas em nosso País, mas, na verdade, em inúmeros outros países do Mundo. Mas, nisso, vale esta lembrança justa e duradoura: a Academia Amazonense de Letras, no desenvolvimento, privilégios e conceitos, sem nenhuma dúvida, como magistralmente nos esclareceu Pericles Moraes, surgiu em validade de composição e existência, para ficar pelos tempos afora, no lar acolhedor e venturoso de D. Cacilda e de Benjamin Lima.

Dentro do valente destino, Benjamin Lima foi fundador e primeiro Presidente da Academia Amazonense de Letras. Destino que, a rigor, foi o do Homem que Marchou em contributo de fulguracão e de cérebro na realização de

uma obra que engrendece o patrimônio cultural de nosso Estado. Foi o homem que, em nossa gratidão ficou em cada palavra, em cada gesto das preciosas horas de vida. Foi, é, e será belo exemplo de escritor na realidade importante da fulgurante missão literária.

Benjamin Franklin de Araújo Lima, filho do Dr. José Francisco de Araújo Lima, antigo Juiz de Direito de Manaus e da Professora Maria Amélia Mendonça de Araújo Lima, Diretora e proprietária do já desaparecido Colégio "Santa Catarina", em nossa Capital, nasceu em Óbidos (Estado do Pará), a 27 de novembro de 1885, e faleceu, no Rio de Janeiro, a 9 de janeiro de 1948, onde está sepultado no Cemitério de São João Batista.

Sobre Benjamin Lima em família, eis o que nos diz o Professor Agnello Bittencourt no **Dicionário Amazonense de Biografias:**

"Em 1910 Benjamin solicitou a mão da jovem Cacilda Mello, minha cunhada, estudante ainda, vivendo em nossa casa, e filha do Coronel Lourenço Nicolau de Mello e de D. Felicidade Augusta Roberto de Mello. O pedido teve a anuência da família. Passaram-se os dias nos preparativos dos esponsais. Eis que chega, pela voz de um parente, médico e amigo, que Benjamin Lima era uma excelente criatura, todavia sofrendo de **tabis dorsalis,** sendo sua vida para pouco tempo. Cacilda, na certa, ficaria logo viúva; há o conselho de família, para deliberar sobre o destino a dar, com respeito ao noivado. A primeira a falar foi a noiva, declarando o firme propósito de casar, em vista da palavra dada e consagrada. Efetua-se o matrimônio."

"Até sua morte, a casa de Benjamin Lima foi um foco de cultura, a que acorriam expoentes do jornalismo, do teatro, da crítica e da literatura em geral, tanto como jovens, alguns vindos da Província, e aos quais nunca faltou o calor de seu apoio.

O Dr. Benjamin Lima e sua esposa d. Cacilda deixaram os seguintes filhos: Alice de Araújo Lima Coelho, casada com o Dr. Pojucan Coelho, Lourdes de Araújo Lima Diniz, casada com o Sr. Aristides Diniz, de Belo Horizonte; Dr. Carlos de Araújo Lima, casado com a Sra. Ruth de Araújo Lima, e membro titular da Academia Amazonense de Letras; Helena de Araújo Lima Veríssimo, casada com o Prof. Jorge Veríssimo, e Fernanda Araújo Lima Bittencourt, casada com o Dr. Ulysses Bittencourt, membro titular deste Silogeu.

Somente uma força assim dotada de extraordinária exaltação cívica, de otimismo, de equilíbrio e sentimento das grandezas nacionais lhe proporcionaria a bravura em que se efetivou para chegar aonde chegou. Foi um homem singular. Tão assim que nestas virtudes se perenizou: Uma fulgurante carreira. Um lar afortunado. Um épico destino no legado histórico de nosso Sodalício.

Em tudo, por isso, nas retitudes, o grande guerreiro que, mesmo diante da doença atroz, soube erguer-se, sem imagem de dor, no bravo viver de amor e de luta pelo Amazonas e pelo Brasil.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN FRANKLIN DE ARAÚJO LIMA, nasceu na cidade de Óbidos, no Estado do Pará, a 27 de novembro de 1885. Ainda criança seguiu, com seus pais para Manaus, iniciando aí o seu curso de humanidades que concluiu em Salvador, na Bahia. Naquela cidade começou o seu curso de Direito terminando-o, mais tarde, na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro, onde se diplomou. Logo após dirigiu-se para Manaus, exercendo lá as funções de Secretário do DIÁRIO DO AMAZONAS e de Diretor da IMPRENSA, além de colaborar em inúmeros jornais e revistas.

Em 1919 transferiu-se para o Rio de Janeiro incorporando-se definitivamente na imprensa, tendo sido redator de O PAIZ; DIÁRIO CARIOCA; DIÁRIO DE NOTÍCIAS; DIÁRIO DA NOITE; JORNAL DO BRASIL onde se manteve até o seu falecimento. Colaborou ainda no JORNAL DO COMÉRCIO, A RUA, O DIA, GAZETA DE NOTÍCIAS, JORNAL DO POVO, desta Capital; CORREIO PAULISTANO, A GAZETA, de São Paulo; O DIÁRIO, de Santos e Folha do Norte, de Belém.

Exerceu vários cargos públicos entre os quais o de Membro da Comissão de Teatro Nacional do Ministério da Educação, desde a sua fundação em 1937, ocupando logo após o posto de Diretor do Curso de Teatro, cargo esse em que se aposentou.

Dentre as obras publicadas por Benjamin Lima, destacam-se: A REVOLTA DO ÍDOLO, (episódio dramático), 1915; ESSE JORGE DE LIMA!... em 1932. Teatrólogo de nomeada, levou à cena as seguintes peças de sua autoria: O CAR-

RASCO, em 1922; O HOMEM QUE MARCHA, em 1925; BOA NOITE, em 1931; QUEM RI AFINAL, em 1933; O AMOR E A MORTE, em 1933, VENENOS, em 1938..

Deixou inédito: D. JUAN OU SEIS AUTORES PERSEGUINDO UM PERSONAGEM. Benjamin Lima era membro da Academia Amazonense de Letras, Federação das Academias de Letras e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais da qual era Sócio Efetivo. Faleceu a 9 de Janeiro de 1948.

DEPOIMENTOS SOBRE BENJAMIN LIMA

PÉRICLES MORAES:

"Se durante a sua grande existência de homem cerebral, atormentado pelo drama de cruciante enfermidade, que contrastava paradoxalmente com os triunfos de sua carreira de escritor, o plasmador de "O HOMEM QUE MARCHA" tivesse pensado em fixar num livro de memórias os estádios de sua vida e as formas superiores do seu espírito, decerto relembraria o papel preponderante que lhe coube na fundação da Academia Amazonense de Letras".

GUERRA FONTES:

"Homem de temperamento retratil, ensimesmado nos livros, confidenciando com os clássicos, acumulando cultura e erudição, Benjamin Lima, fazendo livro ou jornal, versando literatura ou sociologia, doutrinando ou polematizando, era sempre um "show" de ilustração, em estilo apurado, bem vestido e elegante".

BENJAMIN COSTALLAT:

"As boas letras, o amor à beleza, a capacidade de admirar, a intimidade, o comércio com os textos ilustres, haviam completado a personalidade desse homem puro e que era um puro homem de letras.

BENJAMIN LIMA, quando veio do Norte, não veio com a voracidade característica dos conquistadores da Metrópole, na ânsia da escalada por todos os processos e do apetite para todos os postos.

Ele vinha, já formado pela nobreza de sua tradição de inteligência e de cultura, apenas no prosseguimento de seu sonho de trabalho e de perfeição.

Era um bem nascido do espírito e um aristocrata da sensibilidade".

LEOPOLDO PERES:

"Artista por índole e formação, homem de letras e homem de idéias, houve, porém, de imprimir ao seu trabalho um cunho acentuadamente construtivo, associando às tarefas desinteressadas da inteligência os desígnios imediatos do espírito público. Daí a feição nitidamente dinâmica de seu labor jornalístico, que a todos sobrelevou. Não foi, na verdade, um puro esteta, um contemplativo, fechado nas torres de marfim, polindo e repolindo o estilo nas longas abstrações da beleza material. Foi, deveras, um intelectual em ação; uma inteligência ativa; um espírito empreendedor em pleno ritmo".

PAULO BENTES:

"Na Federação das Academias, em cargos de direção ou fora deles, trabalhamos juntos, com entusiasmo e dedicação. BENJAMIN polarizava a estima e o conceito de todos. Era um homem de letras completo; falando ou escrevendo; trabalhando no jornal ou no teatro; jamais banalizou a expressão; cultivou a forma com espontâneo carinho dos verdadeiros, dos autênticos artistas..."

ALDO CALVET:

"Benjamin Lima, que era um esteta, alimentava carinhosamente ver espalhado por esses brasis, toda a espécie de ajuda aos que quisessem seguir a carreira artística convencido de que assim demonstrávamos o nosso cuidado, o zelo especial que tínhamos pelo desenvolvimento da cultura popular através desse grande veículo que é indubitavelmente o teatro. A sua nomeação para diretor do Curso Prático de Teatro foi como um presente dos mais valiosos..." "Lá no palco do Ginástico, assistindo às aulas, acompanhando o aproveitamento dos alunos, a trocar idéias com os professores, era encontrado sempre com o entusiasmo contagiante de quem não apenas cumpre um dever funcional, mas que

também vive muito desse mesmo dever, do mesmo idealismo possivelmente animador entre tantas moças e rapazes discípulos das Musas inspiradoras, da Beleza e da Verdade. Quando chegavam as provas não perdia uma só aula preparatória. Queria estar bem certo do resultado do ano letivo. Tinha sempre à boca uma palavra animadora, incentivadora para cada debutante a hesitar desconfiado no momento de aparecer diante do público". "A homenagem mais justa que se podia prestar a esse homem que tanto se esforçou pela grandeza da cena nacional, seria juntar o seu nome à dita escola do Ministério da Educação, chamando-a "Curso Prático de Teatro Benjamin Lima".

ANÍSIO JOBIM:

"Pensando e escrevendo, na lufa-lufa da imprensa e no gabinete do trabalho, (Benjamin Lima) revela-se um escritor na posse de si mesmo, com as suas idéias, os seus métodos, as suas diretrizes, a sua educação primorosa.

Através dos seus escritos essa finura de maneiras e tratamento nota-se sensivelmente, como um toque da sensibilidade e da delicadeza.

Entretanto, sabia impor-se, e dizer o que pensava, sem tergiversações covardes, embora guardasse um pouco da suavidade irônica.

Prosador erudito, teatrólogo, ensaista, conferencista, sabia compôr páginas suculentas, em que a língua tinha especial culto".

JOÃO DE DEUS FALCÃO:

"Fora do teatro BENJAMIN LIMA contribuía incessantemente para o desenvolvimento da instrução pública, tendo sido professor de história e andou por esse Brasil afora realizando conferências com o que incentivava a mocidade estudantil. O extinto foi também oficial de gabinete do Governo do Amazonas e em Manaus ainda exerceu os cargos de Juiz de Direito, Diretor da Biblioteca, Diretor da Penitenciária, Procurador do Estado e Secretário da Prefeitura".

PASCHOAL CARLOS MAGNO:

"Se tivesse falado à beira de seu túmulo, não lhe diria adeus, em nome do teatro, mas dos moços de verdade, mesmo que não sejam mais moços como é o meu caso. Porque

Benjamin Lima era um permanente animador de heroísmos e das façanhas idealistas, que são os únicos verdadeiramente jovens no mundo velho. Quando foram publicados em livro, os artigos que assinou, ver-se-á seu interesse pelos novos, sua capacidade de compreensão pelos anseios das gerações que o sucederam, sem desejo de servir a quem quer que fosse desde que tivesse um sonho e por ele se batesse".

MARIA JACINTHA:

"Paschoal: Seu lindo artigo, sobre o nosso querido amigo Benjamin Lima, sugeriu-me uma idéia que você poderia, perfeitamente, agitar e tornar uma realidade — você que tantas coisas agita e torna realidades. E essa idéia é fazer, ao teatrólogo admirável que ele foi, uma homenagem do Teatro: a divulgação para o público, de uma de suas obras, que há muitos anos são representadas".

GERALDO DE MENEZES:

"Eça de Queiroz, concluindo um primoroso estudo sobre Antero de Quental, escreveu o seguinte: "Por mim penso, e com gratidão que, em Antero de Quental, me foi dado conhecer, neste mundo de pecado e de escuridade, alguém, filho querido de Deus, que muito padeceu porque muito pensou, que muito amou porque muito compreendeu, e que, simples entre os simples, pondo a sua vasta alma em curtos versos — era um gênio e era um Santo".

Tal se podia dizer de Benjamin Lima: foi um Gênio e foi um Santo".

PEREGRINO JÚNIOR:

"Esse Benjamin Lima, que acaba de morrer, foi um puro, um legítimo escritor. Viveu, todavia, a sua vida — vida de sofrimento físico sem pausa — para uma única alegria: a alegria de ler e de escrever. Dramaturgo, crítico, ensaísta e romancista, a sua obra é numerosa e variada. Teve grande paixão pelo teatro e deu-nos algumas peças admiráveis Teve uma paixão inconversível pela literatura e deu-nos alguns ensaios penetrantes e nítidos. Teve uma permanente paixão pela sua terra e pela sua gente — e até os últimos dias do seu leito de enfermo, mandou pontualmente para o "Jornal do Brasil", onde trabalhou tantos anos, os

tópicos e comentários em que fixava tantos assuntos de interesse de sua gente e da sua terra.

RAUL DE AZEVEDO:

"Benjamin Lima escreveu muito, toda a sua vida. A sua enfermidade bárbara, que durou dezenas de anos, talvez tornasse um pouco pessimista toda a sua obra. Ele foi heróico no sofrimento, na dor contínua e persistente, — mas trabalhava sempre, escrevia sempre. E muita vez pontilhava de espírito e graça os seus escritos.

Era um jornalista, comentando rápido e sagaz o fato do dia, e tinha a paixão pelo paradoxo. Era como seu Mestre Oscar Wilde, um paradoxal. E muita vez nos fazia sorrir".

LEGIONARIOS DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

MANOEL BASTOS LIRA

Quanto mais esgravatamos a Natureza tanto mais a ignoramos. Foi, com este pensamento, aliás "motu animis" do grande e universal Goethe, mescla de literato e homem de ciência, que começamos a delinear este pequeno mas, necessário proêmio. Faz pouco tempo que sentimos, em a Natureza, a sua avareza em guardar a energia — que se não destrói — a fonte indiscutível de sua estrutura, de sua própria existência. Nesta pirotécnica de milhares de milhões de anos, que chamamos Universo, verificamos pois, quotidianamente que tudo se extingue, tudo tem fim e que somente nos resta dele a partícula inicial: o estímulo formador, a Luz. Observamos assim que os montões de Soes que nos rodeiam, formando quiçá, inúmeros outros Cosmos como o nosso, nascem e evoluem para a morte. Transformam-se assim — sim, porque a matéria se extingue — com uma implosão inevitável que lhes retira a guarda, o brilho. Vemos que é a própria Natureza quem os apaga. Mas, observamos também que guarda este brilho — a energia — para usá-la de novo, espetáculo contínuo que, como já afirmamos algures, espiamos de há séculos em nosso céu. Guarda-o, dissemos: e lá estão essas urnas, esse urnário todo que nós chamamos "Furos negros", a espera que surja a ocasião propícia para devolvê-lo, para criar um novo Sol. O humano é um usador desta mesma energia — sim tudo é Luz — e, assim, não faz exceção,

nasce e morre. Há pois necessidade de preservar algo que indique, aos pósteros, vidas cuja cultura, cujo trabalho em prol do dilatar do nosso conhecimento deva ser resguardada — resquícios palpáveis desta sua energia — com a mesma atitude sovina como age, a Natureza, a cada instante seu. A este propósito lembramo-nos de um velho provérbio grego — do berço da ciência, portanto — em que se afirma: "O corpo é o presídio do espírito", isto é, daquele "nephesh" de quem falam os velhos textos bíblicos, de onde brotou certamente o nosso psique... Extingue-se o corpo — a matéria — mas fica o espírito, seu esplendor, seu brilho. Assim como a Luz evidencía a energia cósmica, embora seguindo vários ambages é, voltamos a insistir, a mesma energia que gera tudo, que surge através desse intrincado quimismo cujo ponto de partida não há como negar, é o mesmo que se iniciou com o "Fiat Lux", que é enfim a vida. E, além, a mesma que aflora de nós homens e que através da nossa observação nos faz inteligentes. Cultuar pois, a inteligência é, fora de qualquer dúvida, o propósito maior desta nossa sábia Companhia e, por isto, sempre nos traz o seu "argumentum imortalitatis". Retirando de seu escrutínio, — dos seus "Furos Negros" — o registro da atividade, do brilho de seus membros, para proclamá-lo em suas reuniões, como esta, este Silogeu cumpre, com o seu "desidaratum": manter a perenidade da inteligência neste Amazonas. Vale ressaltarmos que isto é uma tradição de todas as Academias cuja origem se remonta há vários séculos atrás. A realização desta empreitada, entre nós, coube, no dizer de alguém, a "Três legionários da cruzada intelectual": Benjamin Araújo Lima, Péricles Moraes e José Chevalier Carneiro de Almeida.

Faz sessenta e sete anos que esgueram a "Sociedade Amazonense dos Homens de Letras" ou que conseguiram pôr, em terreno fértil, a semente que hoje vedes crescida, grandiosa: "o grande edifício com que todos sonhamos", a Academia Amazonense de Letras, tal qual a supunha um dos seus presidentes, o saudoso Djalma da Cunha Batista. Ressaltamos que uma agremiação como esta não podia safar-se dos motejos, das críticas talvez contundentes para os medíocres, referidas e sentidas pelo próprio Péricles, seu fundador. Vê-se que não surtiram o efeito pretendido e aqui estamos nós, defendendo e guardando a cultura de nossa terra. Essa tríade, no bom sentido químico ou seja, de pessoas semelhantes em anseios e em qualidade idêntica, obedecia à direção do seu grande mentor Benjamin de Araújo Lima, cuja presidência foi bem curta: a saúde o obrigou a deixar Manaus. O segundo presi-

sidente do Sodalício foi um dos "trinta afortunados": Adriano Augusto de Araújo Jorge. O terceiro foi outro da "tríade" fundadora: Péricles Moraes. Waldemar Pedrosa foi o sucessor do "Príncipe dos Prosadores da Amazônia". Ao culto e íntegro Waldemar Pedrosa sucedeu Leôncio de Salignac e Souza que, em dois mandatos consecutivos, conduziu com acerto e brilhantismo esta nossa Companhia. Djalma da Cunha Batista foi o presidente que substituiu Salignac de Souza e que nos dirigiu quando das comemorações do nosso meio século de existência, solenidades que, marcaram épocas, nesta nossa Manaus. Chegamos agora aos nossos coetâneos: Mario Ypiranga Monteiro, hoje seu Vice-presidente e João Mendonça de Souza seu atual presidente a quem vale afirmarmos, nunca faltaram os predicados que desde o início da nossa sábia Companhia têm acompanhado todos os que a dirigem. E, como algures dissemos, abrimos um dos nossos "Furos Negros" com a noite de hoje. Ela é do nosso saudoso Péricles de Moraes. A homenagem de sua Academia lembra o centésimo aniversário de seu nascimento que ocorrêra, em nossa Manaus, precisamente, faz cem anos, em um 28 de abril. Nesta ocasião ocorre-nos à lembrança o versículo que a Academia Francesa fez gravar e que o lemos ao pé da estátua do "Príncipe dos seus Poetas", o grande Molière: Rien ne manque à sa gloire; il manquait à la notre... Nesta noite porém, o "Príncipe dos nossos prosadores", Péricles, pertence e glorifica esta Casa, esta Companhia que a concebeu e animou durante toda sua vida.

CERIMÔNIA ANTIGA

ULYSSES BITTENCOURT

Antes da Academia Amazonense de Letras possuir sede própria, as reuniões solenes eram realizadas em auditórios emprestados, com as mesmas pompas das de hoje, porém com um toque diferente em sua programação. Assim, há cinquenta e dois anos atrás, realizou-se a posse do meu antecessor na Cadeira de número 3, Professor Agnello Bittencourt, no "Ideal Clube" devidamente engalanado, no dia 19 de outubro de 1932, sob a presidência do Dr. Adriano Jorge. Meses antes, no dia 9 de abril do mesmo ano, foram também aprovados outros três nomes para o preenchimento das vagas existentes: Doutores Mello Rezende, Anísio Jobim e André Araújo, sendo que o primeiro faleceu antes da posse.

Recordo agora as duas datas porque muito me impressionaram dada a repercussão que tiveram, desde o dia em que compareceram à nossa casa da rua Dr. Moreira os acadêmicos Péricles Moraes, Leopoldo Péres e Alcides Bahia, a fim de fazerem a comunicação oficial, tendo o último sido escolhido para a Saudação.

No dia 20 de outubro daquele ano o Salão Nobre do "Ideal" regurgitava de intelectuais e amigos, quando, às vinte horas e trinta minutos teve início a solenidade, cuja programação foi a seguinte: 1.° — Discurso do Dr. Adriano Jorge, presidente da Academia; 2.° — Piano, pelo Professor João Monteiro de Souza; 3.° — Canto, pela Senhora Dr. Agenor de Magalhães; 4.° — Declamação, pela poetisa Violeta Branca; 5.° — Violino, pela Professora Nirvana Chã; 6.° —

Discurso, pelo novo Acadêmico Agnello Bittencourt; 7.º — Canto, pelo Sr. Rosalvo Guini; 8.º — Violino, pela Srta. Stella Motta; 9.º — Canto, pela Professora Eldah Bitton; 10.º — Discurso, pelo Acadêmico Alcides Bahia; 11.º — Violino, pela Srta. Almira Neves; 12.º — Canto, pela Srta. Maria Tanajura; 13.º — Violino, pela Srta. Nair Franco; 14.º — Piano, pelas Srtas. Jandyra e Jacy Castro.

Embora o roteiro tenha sido longo, disso ninguém reclamou por ter propiciado festa de raro enlevo em arte e encantamento. O Discurso do recipiendário, pondo em evidência o Amazonas e sua gente, teve como fulcro o correlacionamento da geografia, no seu ramo ecológico, ou seja, o conjunto das influências naturais sobre a imaginação dos poetas que nasceram na Amazônia ou dela fizeram sua terra, destacando entre outros, Torquato Tapajós, Jonas da Silva, Heliodoro Balbi, Paulino de Brito, Theodoro Rodrigues, Raymundo Monteiro, Hemetério Cabrinha, Álvaro Maia, Violeta Branca.

Somente em 5 de junho de 1934, o Interventor Federal Nelson de Mello (Presidente de Honra da Academia), baixou o Decreto doando o prédio "à Praça Antonio Bittencourt, canto da rua Tapajós, flanco esquerdo do Instituto Benjamin Constant", onde, em seus **Consideranda**, dizia: este cenáculo literário regular e juridicamente constituído, representa, por todos os títulos, a mentalidade amazonense, na sua mais lídima exponenciação, contribuindo, de maneira notável, para firmar dentro e fora do País, o renome do Estado e honrar a sua tradição cultural".

As academias estaduais, às vezes tão contestadas, têm tido uma função aglutinadora de preservação do patrimônio cultural, papel que compartilham com os institutos históricos, constituindo uma forma de aproximação dos que têm o hábito e o gosto de produzir os textos em que se espelha a vida da comunidade, sob a feição de poema, romance, conto, crônica ou ensaio, como de quantos, bem exercendo cargos relevantes, hajam significativamente contribuído para o progresso da cultura.

A nossa Academia de Letras já ostenta toda uma história de seriedade e bons serviços e a sua imperecibilidade reside, além de sua tradição de opulência verbal de oradores famosos, também na sua Revista e livros publicados na série "Edições Academia Amazonense". Basta citar os nomes de seus Presidentes para evocar como tem sido representativa da vida intelectual do Amazonas.

Citemos apenas aqueles que não mais estão entre nós: Benjamin Lima, Adriano Jorge, Péricles Moraes, Djalma Batista, Waldemar Pedrosa, Álvaro Maia, André Araújo. Cada um destes foi expoente não apenas das letras, mas de campos os mais diversos de atividade.

SADOC PEREIRA poeta satírico

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Residia eu criança no bairro dos Tocos, rua de Xavier de Mendonça, mas estudava particularmente com a irmã de um guarda da Alfândega, Periandro Sá Ribeiro (Peri), morador parede-e-meia da casa da residência do doutor Sadoc Pereira, rua ainda Dez de Julho, Casas Panhola. Uma sua aparentada de nome Laíze era minha colega de aula na escola de dona Júlia Bittencourt e me ensinava os "suaves" rudimentos de matemática. Por essas e outras vim a conhecer de menino a família do doutor Sadoc Pereira e desde então nunca mais o perdi de vista. Somente aquando das nossas matinais palestras no café-botequim A BARATINHA (esquina das ruas de Joaquim Sarmento com Henrique Martins) e depois dele acadêmico é que começou a identificar-se como autor de várias mofinas em verso publicadas nos jornais "Gazeta da Tarde" e "O Tempo", este muito meu familiar pois que meu tio Leopoldo Hummel Guimarães era nele interessado. Sadoc Pereira assinava os heterônimos Emílio Guerra, Polichinelo e Xincoã. Glosava diariamente quase os assuntos de política regional, sem baixa ofensa, de raspão, mas com ironia e graça impregnadas de equilíbrio mordaz. Das nossas miúdas relações diárias vim a saber haver sido colega de Viriato Correia quando ambos funcionários da Superintendência Municipal, mas operando em campos opostos no jornalismo, pois Viriato Correia (o "moleque" Viriato como era conhecido em Manaus) escrevia no jornal da situação, babando seus artiguinhos encomendados.

Sobre esse maranhense que no Rio de Janeiro acabou membro da Academia Brasileira de Letras, escrevi a crônica e publiquei alguns versos contra, em artigos no jornal "A Crítica".

Como funcionário público municipal Sadoc Pereira sofreu a humilhação dos calotes oficiais desde o tempo do governo Bacelar e era justo que, como outros, criticasse os desmandos. Ainda não será aqui neste breve artigo que iremos exibir o total da produção literária do pacato e correto professor de Direito, desembagador e acadêmico, porque nossas pesquisas estão caminhando muito lentas. Existe muita coisa a resuscitar, mas as pistas já estão oferecidas.

Os versos de mal-dizer (maldizer) que transcrevemos não os que o doutor Sadoc Pereira nos ofereceu com autógrafo, e consoante suas palavras orais, "para o meu arquivo implacável", parodiando aquela atividade já manifestada por outro arquivólogo. Realmente eu possuo no meu arquivo particular alguma coisa saborosa, mas para o futuro, um futuro bem remoto. Coisas de assustar ao próprio Beliar.

Estava de superintendente municipal (Prefeito) o doutor Ayres de Almeida, conceituado clínico, pai de uma geração infelizmente incapacitada (com três ou quatro exceções, se não me falha a memória) e conhecido pelo mote "Pato doido". Na sua administração ocorreram muitos fatos desprimosos para a política amazonense, passíveis portanto de comentários judiciais ou de crítica mordaz, principalmente os que diziam respeito à gestão dos dinheiros públicos e à crise econômica vivida pelo Estado. Não estamos acusando de peculato a ninguém, não é disso que se trata, mas talvez de uma desnecessária aplicação dos fundos orçamentários, situação que aqui para nós seria muito diferente em comparação com a profícua administração do amazonense doutor Jorge de Morais, para cuja rua a colônia fervorosa achou mais conveniente a predicação Rui Barbosa, por haver sido o baiano advogado (e bem desastrado), do caso Amazonas-Acre, de que roeu uma boa fortuna. Além de que, o avança nos cargos públicos nem sempre obedecia ao critério justo, já havendo àquele tempo das vacas magras o rápido acesso pela escada do compadrio, do apadrinhamento quando o candidato, mesmo instrumentado pela lei, não dispunha de sólido "pistolão". Assim aconteceria com o funcionário municipal Sadoc Pereira num confronto com o mulato Viriato Correia, "parvenu" militante nas hostes áulicas. Vivia-se duplamente uma vida de miséria (com jaraqui e farinha na mesa, inclusive de abastados), os vencimentos acumulados

no Tesouro Público por carência de arrecadação e também de vergonha moral e política e a recusa do governo central em ajudar o Estado, transformando-se de vaca tuberculosa e pedinte que fora antes da produção gomífera, em governo paternalista. Nesse interim procurava-se com afinco receber a parcela da chamada "dívida do Acre", "affaire" que comia mais dinheiro do que iria render, todavia que o governo central acenava com uma polpuda porcentagem: três mil contos! Três mil contos de réis naquele tempo iriam, se devidamente empregados, arrancar da fome milhares de barrigas vazias. Era só do que se tratava. Virou "slogan" a espectativa do povo. Virou sonho mirífico, era a esperança de muitas gargantas secas de pedir pão para os filhos. Nessa diabólica empresa estavam interessados mais os políticos do que os necessitados organicamente. É possível que muita gente já estivesse fazendo planos de "rachamento" do bolo, porque uma das frases mais eloqüentes era constituída pelo vocábulo "racha". Até em blocos carnavalescos havia o "bloco do racha". Pois era nessa conjuntura que o poeta Sadoc Pereira versificava, a 25 de julho de 1918; sob o título "VESPADAS":

"Fale doutor Teque-teque
Leopoldo Cunha tem-tem
responda sem dar ao beque:
— Os **três mil** vêm ou não vêm?
Indaga o Guarda ao Benfica,
saber isto lhe convém:
— Bacelar fica ou não fica?

Os **três mil** vêm ou não vêm?

Aqui o doutor Sadoc Pereira assinava simplemente J. Vespa. No dia vinte e seis o mesmo jornal **GAZETA DA TARDE**, aparecem outras mofinas sob o mesmo assunto:

"Hoje, na Secretaria,
Ouvi, já não sei de quem:
— Doutor Mourão, **seu** Bahia,
Os **três mil** vêm ou não vêm?
O doutor Chefe sindica
Donde estas vozes provêm:
— Bacelar fica ou não fica?
Os **três mil** vêm ou não vêm?

Não é muito fácil identificar as personalidades envolvidas nessas referências, quando não se conhece a tradição

política do Estado. No caso aqui se trata do senador pelo Amazonas doutor Leopoldo Tavares da Cunha Melo, interessado também em conseguir do Ministro da Fazenda a liberação da parcela da dívida do Acre. Mourão e Baía (Doutor Hamilton Mourão e doutor Alcides Baía (preto) eram deputados estaduais à época. O slogan "fica ou não fica", que servia de centro de interesse popular, dizia respeito à falada "renúncia" do governador Pedro de Alcântara Bacelar. Existem mais outras mofinas, que só num trabalho maior seria possível adjudicar. O nosso espaço aqui é reduzido.

Trabalhavam afanosamente deputados e senadores federais no Rio de Janeiro, para arrancar ao Ministério da Fazenda a parcela minguada para o vulto do que se perdia com a desmembração do território do Acre, já por sua vez entregue à partilha de apaniguados do governo central) que, se viesse, seria fatalmente canalizada para fora do bolso vazio do barnabé. Era essa a razão maior por que o governo federal recusava entregar a dinheirama. Medida muito sensata, devemos dizer, que irritava a cúpula da política amazonense, levando o governador Bacelar a ameaças de renúncia voluntária, que todavia não se verificou.

O dinheiro não veio, mas a crítica diária, com Sadoc Pereira e outros, no batente, não esmorecia para achincalhar a atmosfera de inquietação e de espectativas em que vivia o funcionalismo público municipal e estadual, fazendo cruzes na boca desde manhã ao café à ceia. Hoje se acusa o governo Rego Monteiro de matar à fome o povo. O mal no entanto era antigo, vinha já de longe, desde que os navios mercantes estrangeiros e até nacionais deixaram de freqüentar assiduamente o porto de Manaus e a arrecadação oscilava entre os dez e vinte por cento da rubrica orçamentária prevista anualmente. Clamorosa miséria, a que se juntava, é bem possível, a má distribuição das rendas municipais e estaduais, os cambalachos administrativos, as fraudulentas aplicações dos minguados réditos, a sonegação de impostos, a orgia de gastos, a imprevidência costumeira. Some-se a isso obrigações contraídas com fornecedores, funcionários, e o resultado seria o clamor, a desconfiança nas mensagens verbosas, a crítica diária, a pasquinada ultrajante e a reação oficial não menos abjeta, não menos rude, com perseguições, sevícias públicas na base da tocaia cangaceira, demissões, retenção arbitrária de vencimentos que pelo hábito e pela impunidade chegaram até recentemente, para escarmento de uma geração confiante na mudança prometida pelas revoluções. Não me consta haver o doutor Sadoc

Pereira, com a sua crítica não virulenta mas cheia de humor, pago o tributo da surra oficializada, várias vezes. Mas uma pelo menos nós guapuiamos e referimos na série de artigos "Alma e Lama", em que estiveram envolvidos os poetas Manuel Nunes Pereira, Maranhão Sobrinho e Taumaturgo Vaz, este mandatário do aplique e publicada no jornal "A Crítica". No tempo do ardoroso Agêu Ramos, diretor-proprietário do jornal "Gazeta da Tarde", justamente o jornal da oposição que malhava seguidamente três ou quatro administrações governamentais, enfrentando os galfarros assalariados. No tempo do doutor Pedro de Alcântara Bacelar, que se inimistara até com o partido político que o elegera "por acaso", os versos de maldizer corriam frouxos nas gazetas e riscados no mármore nas bancas dos botequins. Mensagens atrevidas, desabafos naturais da fome. No célebre "Café dos Terríveis" localizava-se a banda de jornalistas famintos, empregados nos jornais "O Tempo" e "Gazeta da Tarde" e no botequim " A Canarina" local de estacionamento diário de Maranhão Sobrinho e outros), pontificavam os celerados escutas do partido situacionista. Os elementos do governo mais bem pagos, do tipo Taumaturgo Vaz, Viriato Correia, Pedro Timóteo, Alcides Bahia, botavam a banca na "Cervejaria Boêmia". Victor Hugo Aranha, Pacheco, português, após a surra Fran Paxeco, Barreto de Meneses, filho de Tobias Barreto, Agêu Ramos, da oposição, foram surrados pela polícia, ou apaniguados de políticos ferozes, mas o jornal "Quo Vadis?" teve sorte pior, foi incendiado e o fogo "apagado com latas de querosene abertas na hora". A história da imprensa no Amazonas, se escrita dos primórdios, daria um compêndio de excelentes informações que vão terminar no governo Leopoldo Neves com o empastelamento do jornal "O Momento". Uma medida menos drástica de impedir as verdades, porque empastelamento, surras e mortes houve de encher a cara nos tempos das oligarquias, no reinado dos césares emplumados. É dessa geração de contestadores que sairia o doutor Sadoc Pereira, advogado, funcionário municipal, mais tarde juíz íntegro, desembargador emérito e acadêmico, professor de Direito, pessoa afável, comunicativa, simples, honesta, cuja memória tentamos desarquivar. Pelo menos sacudir um pouco da poeira dos jornais em que ele militou, sob pseudônimo, vituperando o comportamento dos mitos atamancados no poder.

A sátira "O governo do Pato", publicada no jornal "Gazeta da Tarde" é uma espécie de conto à maneira de La Fontaine, em discurso exemplar, composto em verso alexan-

drino emparelhado com censuras livres e hemistíquios tonais e/ou vocalizados, rimas átonas e agudas sem exigência canônica. O velho Ésopo diria fábula, porque os personagens-gente são bichos inteligentes operando num ritmo de comportamento social. As demais composições menores são sátiras inofensivas ao governador Pedro de Alcântara Bacelar e aos políticos amancebados com a situação.

O GOVERNO DO PATO

Esta história passou-se em muito antiga éra,
Quando o bruto era gente e o Homem, que hoje impera,
Não havia alcançado o poder que ora tem.
Todos os animais viviam sempre bem,
Na melhor harmonia. Entre eles uma luta
Se travara jamais. Se acaso uma disputa
Com mais calor surgia entre o Cachorro e o Gato
Acalmava-se logo e, assim, nenhum só ato
Hostil se vira então de um bicho ao semelhante.
A grei era feliz. A terra era abundante.
Não se sabia alí o que fosse a miséria,
O crime ou mau governo. E só à gente séria
De invulgar probidade, inteligência e tino
Era dado alcançar as rédeas do destino
Daquele povo heróico.

Um dia, por capricho
Da sorte inexplicado, a idéia teve um bicho
(Não sei qual deles foi) de, no primeiro pleito,
O Pato sufragar-se ao cargo de prefeito.
Aceita a indicação sem uma desavença,
Foi feito o manifesto; e propalou a imprensa
Que o candidato havia esta rara virtude:
Ao animal enfermo ele dava saúde, —
Se o bicho morria, — e aplicava mézinha,
Curando a pira ao Cão, o gôgo da Galinha,
A bicheira do Boi, sem receber vintém,
(Quando acaso levava um calóte de alguém),
Finalmente chegou do escrutínio o momento.
Notou-se na eleição estranho movimento.
Ninguém se recusou a votar. Nesse dia,
(Fato que há muito tempo a gente ali não via).
Diz-se até que o Leão, abandonando a furna,
Veio também lançar a sua chapa na urna!

Após o pleito, fez-se a apuração, sem fraude.
O Fato triunfou e a multidão o aplaude.
O grande herói do dia é levado em charóla
E os maiorais da terra, em **croisé** e cartola,
Foram cumprimentá-lo. Houve brindes, **champagne**,
Flores em profusão. Não há núvem que empane
O gáudio que circunda o novél estadista.
Numa das folhas disse, até, um jornalista
Que ele era um semi-deus!

Depois, passado um ano,

Tinha sofrido o povo um cruel desengano:
Aquele que julgava um tipo grave e austero
Mostrou-se, logo cedo, um êmulo de Nero.
O Pato, que era outrora um bicho bom, modesto,
Tornou-se no governo arrogante e funesto;
Ficou de modo tal soberbo e prepotente,
Que o povo, que o elevara ao poder, descontente,
Não suportava mais o despotismo, e entono
De autoritário chefe. Em completo abandono,
A cidade era envolta em densos matagais,
Apesar do clamor constante dos jornais.
Para evitar o tédio, e só nas horas de ócios,
Era que ele tratava os públicos negócios,
Que andavam sem governo a por aí ao léu.
Era administrador de se tirar chapéu!
Passava o Pato o dia, e às vezes a semana,
Em pagodes, festins, em uma farra insana;
E quando se findava um banquete, um debóche,
Saía a passear, repimpado num coche,
Por toda a capital, como um nababo fútil,
Mostrando um ventre enorme e uma cabeça inútil.
Insencível à dor e à angústia alheia, o atroz
Palmípede tornou-se um sanguinário algoz,
Que matava a miséria e à fome os funcionários,
A quem nunca pagava em dia os seus salários.
Delitos cometeu, fez atos clandestinos
E praticou, enfim, todos os desatinos.

. . . . . .

Foi só, então que o povo ingênuo, finalmente,
Já tarde percebeu que o Pato era demente!

O resto que segue é do punho do crítico, **ad literam.**

"Bacelar quando no governo do Estado, adquiriu na Colônia Campos Salles um sítio, visinho de um outro pertencente a Adrião Caminha, que tinha uma grande plantação e trazia os produtos para a venda na cidade. A propriedade de Bacelar nada produzia. A GAZETA DA TARDE, de Agêu Ramos, publicou, naquela ocasião estas estrofes de Polichinelo:

Agora, na agricultura,
(Não julguem ser louvaminha),
O Bacellar e o Caminha
A fortuna têm segura.

Corre por montes e vales
A fama de seus produtos,
Das hortaliças e frutos
Da Colônia Campos Salles.

Diz-se que eles, por miúdo,
Vendem mamão, lima, cana,
Ananaz, côco, banana,
Cereais e quase tudo.

Já têm ambos empregado
Um esforço sobrehumano,
Pois querem, dentro de um ano,
Abarrotar o mercado.

Cada um, ativamente,
Trabalha na sua roça,
Para o mais cedo que possa
Abastecer toda a gente.

Caminha o sítio destoca,
Ao colher os abacates;
O outro, adubando os tomates,
Vai plantando a mandióca.

Quando foi lançada a candidatura de Artur Bernardes à presidência da república, teve ele como adversário Nilo Peçanha, também candidato. Este último, vindo a Ma-

naus, onde fez vários comícios, conquistou as simpatias do povo e de elementos da própria situação.

Formou-se, entretanto, um grupo de amparo ao candidato mineiro, do qual faziam parte Caio Valadares, Virgílio Barbosa, Antônio Malveira e Osvaldo Brandão. Virgílio Barbosa chegou a fazer, no Teatro Amazonas, uma conferência em favor de Artur Bernardes, à qual não compareceu quase ninguém. Apenas um reduzido número de assistentes se achava na platéia, para atender a convites.

Daí a dias, O TEMPO, jornal oficioso, publicava esta estrofe do Polichinelo:

"Falando da conferência,
Do Virgílio pro Bernardes
Na rua, uma destas tardes,
Dizia o Caio ao Brandão:
— O discurso foi **de arromba**, —
Afirmo — sem ironias, —
Mas as cadeiras vasias
Causaram desolação"

FIGURAS & SENSAÇÕES

MOACYR G. ROSAS

Afora os intelectuais de Manaus, pouca gente em nossa cidade conhece a obra **Figuras & Sensações** do escritor amazonense Péricles Moraes. Mas de longe em longe surge-me alguém, tocado de curiosidade, indagando como fora possível a um caboclo amazonense, editar um livro na Europa e, justamente, na mais famosa editora portuguesa?

Tal livro não é popular. E isso, a primeira vista, até parece demérito. Não esqueçamos, todavia, a criteriosa observação do sábio Richet em torno da obra monumental de Jean de La Bruyére, quando afirmava que obras como **Os Caracteres**, na Franca, não conseguem mais de cem (100) leitores em cada geração. A informação não é para estarrecer. A multidão é platéia do coliseu para assistir cristãos esfacelados nas garras leoninas. Aqueles que nascem predestinados à culpa da arte, sabem perfeitamente que lhes aguarda este insucesso coroando-lhes a presença no mundo artístico.

A história do aparecimento de **Figuras & Sensações** editada no Porto pela famosa editora "Lélo e Irmão, Ltda", tem raízes admiráveis. Quem escreve poderia narrar em nosso desataviado estilo, mas em homenagem aos nossos respeitáveis leitores, damos a palavra a Péricles Moraes:

"Um dia, porém à margem de um livro de contos, fiz retrições severas ao estilo e à composição do

escritor, um escriba provinciano, cuja empáfia se media pelo tamanho da incultura. Melindrado pela aspereza dos conceitos, em represália, a nevrose agressiva de **conteur** crivou de injúrias o crítico, desafiando-o a fornecer o modelo, de sua própria lavra, da feitura do conto, de acordo com as exigências da técnica moderna".

A sugestão do adversário consistia em colocar duas mesotas de estudante, se me não falha a memória, no salão do Ideal Clube, e compor o conto. Claro que o primeiro concludente seria o conquistador das palmas de campeão. Erasmo Roterodamus levou duas dezenas de anos meditando sobre o **Elogio da Loucura**, que escreveu em 15 dias, como fizera século depois, no cárcere, Camilo Castelo Branco o seu **Amor de Perdição**. Péricles Moraes não revidou o ingênuo desafeto.

No Cartório, atrás da poltrona, onde se sentava diariamente, suspenso à parede, Péricles Moraes possuia uma interessante cópia do quadro de Frans Hals, denominado **O Bufão**. "Tratava-se, informa o notável escritor — de uma singular história de palhaços, de saltimbancos de circo, de onde emergia, como eixo central da narrativa, uma figura diabólica de mulher, tresandando a cio, que relembrava nas suas **lubies** extravagantes, os delíquios fesceninos da camponesa MATURINA; excitando a caprinagem do abade Júlio".

E como estava para aparecer a **Revista do Norte** (que assim outrora se denominava o Jornal da Academia de Letras), deu estampa **"O Bufão"**, que intencionalmente não era um revide às objurgatórias escaldadas do **conteur**. Mas, reservadamente, muitas manobras da vida social e política do contista transpareciam sob o "diáfano manto da fantasia" inspirada na peça do notável mestre de Haarlem.

O escritor amazonense recortou **O Bufão**, a sua primeira tentativa realizada no gênero, onde estampara a expressiva dedicatória: — "A Coelho Netto, o prodigioso Maupassant de nossa raça", e a envia ao homenageado.

Por que àquela hora quis homenagear o maior contista nacional? Nada obstante ele alegar indiferença ao autor do conto por si apoucado, sente-se-lhe que a circunstância o pôs em um dilema idêntico ao político das rosas. E o caso conta-se desse modo: o político aniversariava e estando rodeado por expressivos amigos, recebeu um taboleiro cheio de ossos cobertos com uma tolha alva de linho. E diante do pasmo dos convivas, mandou colher as melhores rosas do seu jardim.

Colocou-as no taboleiro, cobriu-as cuidadosamente e devolveu com a frase:

"Cada um dá o que tem".

"O Bufão" foi a primeira tentativa realizada em sua vida literária e dedicando a suprema autoridade no gênero, estava portanto querendo insinuar a sua linguagem. Isto, a primeira vista, também poderia nos dar a perceber uma presunção, não estivéssemos informado suficientemente dos elos que lhe prendiam pela cultura e pela admiração a Octave Mirbeau e a Guy Maupassant, mestres incontestes do conto E, em relação a Coelho Netto, talvez ainda maior fosse o seu domínio, através da admiração da cultura e da alentada bagagem literária do fecundíssimo escritor patrício. Isso também devido o seu culto juvenil pelo grande escritor, que faz recordar o estalo de Vieira. Ou pela decisão do menino Victor Hugo, quando escreveu a categórica legenda no caderno escolar: "Ou serei como René Chateaubriand ou deixarei de ser". Ele atingiu a meta suprema, alcandourou-se além do plasmador de **O Gênio do Cristianismo**. Se bem que seja algo enigmático, com uma frase querer solucionar uma fórmula simultaneamente glorificada e crucificante.

Perícles Moraes teve uma só vez a oportunidade de ver Coelho Netto e sem lograr dirigir-lhe a palavra. Mas feliz foi Belmiro Braga, fervoroso admirador de Machado de Assis. Quando este faleceu tinha em sua carteira de trabalho, ao lado de retratos de seus familiares, incluindo de Carolina, a foto de Belmiro Braga. E Belmiro Braga, nem se quer uma só vez lhe apertou a destra, nada obstante tê-lo visto várias vezes.

A página autobiográfica de Péricles Moraes, onde também menciona o caso em que era propósito do atlântico escritor escrever uma obra sobre a Amazônia, que, não sabemos por que não escreveu, embora informações de oitiva afirmam que tenha levado sem conto (na época uma libra inglesa valia cinco mil réis). Humberto de Campos, em determinada crônica dá a entender que o dinheiro levava algo despropício, por isso só serviu para comprar remédio em certa estação d'água, para combater uma rinite persistente instalada no grande escritor.

"Depois (palavra de Péricles Moraes em "Legendas & Águas-Fortes"), inesperadamente, não tardei em encontrar o ídolo, que chegava a Belém, um dos pontos intermediários de sua viagem triunfal ao norte, em busca de subsídios para uma obra sobre a região amazônica. Vi-o pela primeira vez, em uma festa da **Atheneu**, antigo casarão colonial, onde

cursei as letras primárias. O diretor do colégio, o velho Bertholdo Nunes, celebrava-lhe a passagem pela terra paraense com uma festa de inteligência. Com que precisão de minúncias me passam pelo claro-escuro da memória, em alucinante cavalgada, os rumorosos aspectos do lindo episódio desses anos inesquecíveis de ilusão e de sonho. O colégio se engalanara. Estandartes alusivos, música, bandeirolas, flores em profusão. O diretor, homem simples e cândido, de uma candura de criança, envergára a clássica sobrecasaca das grandes solenidades. Os professores empertigavam-se, à entrada, recebendo os convivas. Os alunos, militarizados, distendiam-se em filas intermináveis. A um canto do salão, festivamente iluminado, o busto de mármore de Alexandre Herculano, com o lóbulo do nariz enegrecido pelo contato ireverente das mãos da petizada, reluzia pimpante, ao reflexo policrômico dos candelabros. O jornal do educandário, com a fotogravura em cores do escritor laureado, consagrava essa edição de luxo "à glorificação mental de Coelho Netto e à memória de Raul Pompéia". Às nove da noite, sob aclamações ensurdecedoras, Coelho Netto dava entrada no edifício. Foi um delírio. Corôaram-lhe a cabeça de pétalas de rosas e empaturraram-lhe o espírito de discursos portentoaos Bertholdo era o sósia de Aristarcho. Semelhantes em tudo: nas posturas protocolares, no sorriso de circunstâncias, no alcandor das metáforas anacrônicas, proferidas com ênfase, estentoricamente. Por fim, encerrando a tertúlia, franzino, excitado, o olhar de gato, numa vibração de pilha elétrica, assoma à tribuna Coelho Netto. Que formidável deslumbramento. Alí, de improviso numa catadupa verbal, em períodos auriflamantes que desfiriam centelhas, os lances agitados da vida de Raul Pompéia, os revérberos de sua inteligência, as refregas do seu destino, e a tragédia de sua morte, na noite de Natal. Cheguei à casa atordoado, os nervos lassos, dominado pelo magnetismo envolvente do tribuno prodigioso. Ouvi-o ainda, por esse tempo, uma vez, duas vezes, três vezes. Aquela oratória era sempre uma torrente desapoderada, com o ímpeto cauladoso das pororócas amazônicas. Visto de perto, o ídolo excedia às medidas humanas. A minha admiração dilatou-se com o decorrer dos anos, embora já despojada dos excessos evolutivos de sua obra, para fixá-los, tantos anos depois, em um livro de ensaios de crítica e de análise, o único que se escreveu no Brasil pela glória do seu grande nome".

Agora conhecendo-se a admiração do escritor amazonense pelo grande escritor maranhense, pode avaliar-se com

que impaciência gostaria de saber se a sua correspondência chegara ao destinatário da rua do Rozo. E guardava a resposta com aquele mesmo desassossego de que era tomado o Mujique de Iasnaia Poliana, o conde de Leão Tolstoi, ao aguardar o seu correio internacional.

"Um mês depois (palavras de Péricles Moraes, no livro citado), pelo correio, Coelho Netto me faz chegar às mãos um exemplar do **Turbilhão**, livro impressivo que é o espetáculo da vida, em flagrante, nas suas transições impre vistas. Destacava-se, em sua primeira página, rendilhada em caligrafia simétrica, como as iluminuras góticas dos missais, a dedicatória carinhosa desbordante ao criador d'**O Bufão**. Guardei, e conservo por toda a vida, a inestimável relíquia, que revelou simultaneamente, a grandeza do artista e a bondade de seu coração".

Mas esta crônica propõe-se a revelar como foi possível o nosso escritor editar o seu primeiro livro em Portugal. E é aqui onde surge, como um fiel de balança a luminosa e inconfundível personalidade de Leopoldo Péres. Homem dotado de exdrúxula intuição, depois de pressentir o nosso "clima intelectual, afeiçoado às almas sem capacidade estética, diminuia-lhe a tensão do espírito, reduzindo-lhe a perspectiva dos surtos de águia real, que mal se empluma e tenta escalar infinitos. O Rio era a sua predestinação. (... Um dia cansado de triunfo inevitável: duas linhas de apresentação a Coelho Netto, por mim subscritas".

Da amizade nova que o famoso romancista brasileiro dedicou a Leopoldo Péres, floresceu o prestígio de nosso conterrâneo no matutino metropolitano **O Dia**, então sob a direção de Azevedo Amaral. Por isso, de quando em quando, ia visitar o festejado autor de "MANO". Numa destas visitas a palestra foi toda em torno de Péricles Moraes, que ainda não possuia um livro. Revela-nos o peregrino escritor Péricles Moraes: — "Foi ele (Leopoldo Péres), na rua do Rozo, o intermediário das negociações literárias, porque no Amazonas era um crime pensar nisso. Atmosfera hostil a empreendimentos de tal natureza, seria tomado por louco varrido quem se propusesse a levá-los por diante. Terra de perspectivas grandiosas em todos os sentidos, não havia, entretanto, entre os seus homens de espírito, uma corrente afetiva de simpatia e solidariedade. Qualquer tentativa intelectual resultava em pura perda, tinha a duração efêmera de algumas horas. Infeccionava o meio, com caráter endêmico, uma efermidade perigosa — a amnésia crônica, de etiologia complexa e ainda mal perquirida. Fracassavam cuidadosa-

mente as inteligências que procuravam medrar naquela esterilidade alarmante. O desprezo e a indiferença ambientes amoleciam as mais corajosas iniciativas. Os espíritos mais diligentes baqueavam, entorpecidos pelo desencanto. A princípio, reagiam, estudando e produzindo. Mas ninguém lhes reconhecia o esforço, que precisava ser renovado cada dia, em provas sucessivas e inoperantes. Era claro que os termos de um tal requisitório contra a mornidão provinciana, da maneira por que eram lançados, redundavam em uma "plaidoire" eloquente em favor do escritor obscuro, condenado a sucumbir de inanição, se lhe não viesse em socorro das ener gias combalidas o prestígio de um nome consagrado, amparando-o junto a uma casa editora. Coelho Netto compreendeu e não relutou. Ao revés, ofereceu-se expontaneamente para introduzí-lo na confiança dos próprios editores de Portugal, que poriam em circulação a sua obra. Não se limitou a sugerir. Agiu prontamente, escrevendo a Lélo & Irmão, e telegrafando-me para Manaus, com urgência, a fim de que lhes enviasse os originais".

Logo depois apareceu, em Lisboa, o livro amazonense **Figuras & Sensações**, editado por Lélo & Irmão, Ltda.

ERA UM POLIGLOTA

GENESINO BRAGA

Cem anos de ufanosa autonomia administrativa, cem anos de austera e triunfante vida comunal, tem a celebrar, este ano, solene e honrada, a nossa evoluída e acolhedora Cidade de Manicoré. Ocorrerá em outubro — a 14 de outubro — a data magna do centenário de criação da Comarca manicoreense, mas, desde já, os que muito amam aquele chão bendito, ali nascidos ou não, exultam em salvas e hosanas unidos todos no grande regozijo pelo decurso do acontecimento excelso.

Terra de homens ilustres, berço de amazonenses eminentes, Manicoré, ao longo de sua história, deu ao Amazonas valores culturais que opulentaram o prestígio deste Estado perante a nacionalidade. É incontável, por numeroso, o rol das inteligências que ali surgiram, muitas das quais, depois, dali saíram e foram brilhar por outros céus do saber humano, levando no coração, com a saudade, a imagem inapagável da terra natal.

Uma das mais soberbas culturas de Manicoré, um dos homens de grande saber de Manicoré, era Manuel Lobato. O nome de Manuel Lobato é justo ser mencionado agora, nestas comemorações do centenário de sua cidade, pois que ali nascera ele, três anos antes de o barão de Maracaju, Presidente da Província do Amazonas, sancionar o Decreto oriundo do projeto dos deputados Padre José Maria Fernandes, João José de Freitas Guimarães e Bento José Crisóstomo, criando a Comarca de Manicoré.

Ali nascera, a 3 de junho de 1875, MANUEL LOBATO. Mas, quem era Manuel Lobato?

Manuel Lobato, esse ilustre manicoreense, se formara Engenheiro na antiga Politécnica do Rio de Janeiro e fizera viagens de estudos e aperfeiçoamento na Europa e nos Estados Unidos. Militara na política, integrando equipe de governo no Amazonas e corporação legislativa no Pará; e exercera o jornalismo com atividades nos mais prestigiosos órgão de imprensa amazonense e paraense; em Manaus, dirigindo o "**Diário Amazonense**"; em Belém, secretariando a "**Folha do Norte**". Homem de pensamentos altos, espírito de elite, cultor das boas letras, liderara os movimentos literários de sua época e escrevera páginas soberbas de boa prosa e de versos magníficos, publicando livros da temática amazônica e de amena ficção. Falecera com a idade de 85 anos, em Belém, onde se fixara definitivamente, findo o Governo de Antônio Bittencourt, no Amazonas, ao qual servira no cargo de Oficial de Gabinete.

Foi na gestão Antônio Bittencourt que Manuel Lobato, assessorando esse honrado governante amazonense, prestara ao Amazonas, à Amazônia, o valioso concurso de sua cultura e, em particular, de seus preciosos conhecimentos das coisas regionais, com especial discernimento para os problemas da borracha. Estudioso dos assuntos pertinentes à "hévea", em todos os seus múltiplos aspectos, e nisso considerado dos mais completos, à vista dos trabalhos publicados em jornais locais e nas revistas especializadas do país e do estrangeiro designou-o o Governador Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt para representar o Estado do Amazonas na "Exposição Internacional da Borracha" realizada em ... 1912, na cidade de Nova Iorque. Já no ano anterior, os Estados do Amazonas e do Pará haviam exportado, para o estrangeiro, um total de trinta e dois milhões de quilos da preciosa goma-elástica. Mas, já as plantações da Malásia e do Ceilão tinham atingido, juntas, a quinze mil quilos exportados, em igual período.

"A concorrência estrangeira é um fato" — observava em Nova Iorque e relatoriava para Manaus o ilustre representante do Amazonas na Exposição — "E agora mesmo sei de um plantio considerável que se tem feito e se vai fazendo da "hévea brasiliensis" nas Filipinas, com sucesso, segundo as últimas informações. Temos, porém, a considerar o seguinte: A nossa borracha, por enquanto, não encontrou competidora em vida. O seu "nerve", no dizer dos fabricantes, é inexcedível. Mas, não significa isso que a de Ceilão

e da Malásia sejam borracha de terceira ordem. Devemos, em bem de nosso futuro, deixar de vez essa noção que não está de acordo com a realidade das coisas. Não é igual certamente à nossa borracha fina, perfeitamente defumada. Mas é superior aos tipos menos puros que por incúria nossa enviamos para o estrangeiro consumidor".

Durou dez dias a Exposição e, nesses dez dias, Manuel Lobato fora de um zêlo extremo na defesa da borracha amazônica e na indormida vigília não só em relação ao crescimento do concorrente asiático, mas também quanto ao jogo dos dissimulados capitães da indústria de artefatos de borracha, na América e na Europa: "Durante os dias da Exposição" — relatava ele — "lado a lado, media uma das fábricas a distensão da borracha amazônica. Em Londres, esta havia oferecido mais resistência do que aquela e em Nova Iorque a nossa não teve vantagens. Indagado do argumento que eu opunha a essa prova prática, repliquei que o exemplar escolhido da parte do Ceilão era o melhor possível, enquanto que o da Amazônia não era o dos perfeitamente defumados. — Esse também é nosso juízo, respondeu-me o expositor. Mas, nós, fabricantes, pagamos por este exemplar que aí vê o preço de um de primeira qualidade... E sorriu, procurando ocultar, no gesto amável, o veneno do conceito emitido. Não é tudo ainda. A "quebra" da goma-elástica enviada do Vale do Amazonas é um espantalho; pois uma libra ao preço de 1 dólar e 15 cêntimos sai para o fabricante aqui por 1 dólar e 40 cêntimos e às vezes mais, por causa do decréscimo em peso; isto é, quando o havia comprado por mais ou menos sete".

E mandava-nos, a seguir, estas ponderações:

"Devemos evitar isso em bem dos nossos créditos e prosperidade futura; porque, se é verdade que a borracha estrangeira ainda não é em quantidade bastante para nos causar pesadelos, dentro de um lustre terá crescido de muito e não estaremos, então, no mesmo pé em que nos achamos hoje perante o comprador...".

Expressando-se à perfeição na língua inglesa (era um poliglota, pois falava também, fluentemente, em francês, italiano, espanhol, alemão, grego e latim), Manuel Lobato proferira lúcida conferência no recinto da Exposição, sobre a borracha, defendendo as teses amazônicas. E, lá mesmo, em Nova Iorque, escrevera e fizera imprimir um livro de 68 páginas de excelente papel "couchê", intilulado **"O Vale do Amazonas e o Problema da Borracha"** (York Priting Co, 108 Park. Row. New York, 1912) no qual deixou penetrante es-

tudo sobre a "hevea brasilienses" e as outras "heveas". É um livro que ainda hoje se lê e relê com gosto. Começa mostrando ao mundo a Amazônia, com esplendor de suas duas capitais já europeizadas por Eduardo Ribeiro e Antônio Lemos. Traz, a seguir, um breve histórico da capital amazonense, parte que ilustra com 15 gravuras da Manaus de outrora, nas quais vemos a cidade da Barra, de 1848 a 1866 e a Manaus de 1867 a 1893, com os primeiros caminhos de nossos avós, a ponte e o igarapé do Espírito Santo na hoje Eduardo Ribeiro; as ruas com as poças que enlamearam o vestido de Elizabeth Agassiz; as ruínas do Forte de São José da Barra; os alicerces do Teatro Amazonas com 2 ou 3 metros de altura; e, ainda crianças, as palmeiras imperiais da Praça 15 de Novembro (oh! o crime imperdoável que ali recentemente as derrubou). Seguem-se os capítulos sobre a borracha.

Manuel Lobato estudara no Liceu Paraense, em Belém, onde fizera vida literária ao lado seu coestaduano Paulino de Brito, fundando com este, Raul Azevedo e outros, em 1895, a "**Mina Literária**", que congregava os intelectuais da capital marajoara; e Péricles Moraes, seu colega no Liceu Paraense, com quem fundara outra agremiação literária: a "**Sociedade Ordem e Progresso**". Ingressara na Academia Paraense de Letras, ao ressurgir esta em 1913, sendo o fundador da cadeira n.º 1, patronado por Arthur Viana. E, publicou mais os seguintes livros: "**Bodas de Ouro**" (novela), "**O nosso livro**" didático), "**O Vale Amazônico**" e "**À margem de um livro**" Fora poeta, e poeta altamente inspirado, produzindo poemas que o consagraram na lírica da Amazônia.

Manuel Lobato! Grande amazonense! Notável manicoreense! Seu ilustre nome, estamos certos, será placa de rua — de praça, de avenida, ou de jardim, melhor de um Grupo Escolar, de um Ginásio — na bela e acolhedora Cidade de Manicoré, neste centenário da Comarca madeirense.

UM DEUS NA FIGURA DE UM HOMEM: JÚLIO CÉSAR

LEONCIO DE SALIGNAC E SOUSA

Três lideres sempre me atraiam para o conhecimento, mais profundo quanto possível, de sua personalidade: — Júlio César, Jesús Cristo e Napoleão. Este último e o primeiro com certas afinidades na conquista do Poder, surgindo, deante das massas populares ensopados de sangue das batalhas travadas e com a ponta luminosa de suas espadas os caminhos a percorrerem e o segundo, arrebanhando e dominando pelo verbo eloquente, ora blandicioso e, de repente, tornando-o um látego a fustigar o dôrso e a queimar os rostos dos sacerdotes corruptos e devassos. Enquanto César e Napoleão serviam-se das armas para a conquista de seus triunfos, Jesús lhes lançava parábolas, através das quais lhes esclarecia os erros e lhes prescrevia a Fé n"Aquele", considerado a Alma Universal da qual procedemos e voltaremos quando limpos da mácula de nossas transgressões aos seus Mandamentos e libertos dos vícios deprimentes. Ele age para atingir o objetivo de sua missão de modo e por meios totalmente contrários aos daqueles dois, desfraldando a bandeira da Fraternidade. César e Napoleão subjugavam pelo extermínio e pela perda da Liberdade, o atributo mais precioso que enobrece a personalidade humana. Jesús trazia a linhagem da Casa de Daví, portanto, não era da família que ostentasse brazões, enquanto Júlio César tinha vinculações com a família Juliana das antigas e fidalgas da Itália. Sua mãe Aurélia era dotada de grande dignidade e sabedoria, di-

rigindo um lar modesto na Suburra e lá nasceu César, cem anos antes de Jesús. Ainda de pouca idade, iniciou os estudos de latim, grego e retórica. Ia se perdendo devido ao fascínio pela literatura e pela oratória, salvando-o Marco Termo que o escolheu para seu ajudante de ordens, na Ásia. Havendo se casado com Cossutia, a pedido de seu pai, falecendo este, ele se divorciou e contraiu núpcias com Cornélia, filha de Cina, que prosseguiu na Revolução de Mário. Assumindo o Poder, Sila lhe impôs divorciar-se de Cornélia, mas César se recusou, e, em consequência Sila lhe confiscou os bens e o dote de Cornélia e o incluiu na lista das proscrições. Diante da gravidade de sua situação, desaparece da Itália, indo enfileirar-se ao exército na Cilicia e, falecido Sila, retorna à metrópole dominadora, mas, sentindo a força de seus inimigos, volta à Ásia. No meio de seu percurso, César foi sequestrado por Piratas, enclausurando-o num de seus antros na Cilicia e, para o libertarem, exigem vinte talentos. César repreende-os, alegando que eles estavam subestimando o valor da presa e lhes promete cincoenta. enquanto seus escravas esmolavam, a fim de conseguir a soma prometida, César escreve poemas e os lê aos raptores que se mostram entediados, então ele promete que, livre deles, os enforcaria na primeira oportunidade em que os encontrassem e satisfez esta promessa, crucificando-os, depois de os haver degolado. Após isso, foi estudar filosofia e retórica em Rodes. Regressando a Roma, e, após a morte de Cornélia, desposou Pompéia, neta de Sila e que se realizou a interêsses políticos, permanecendo ele nos seus desregramentos sensuxiais. Por tais excessos, Curio o apelidou de "**Omnius mulierum** vir et omnium virorum mulier", "o marido de todas as mulheres e a mulher de todos os homens". Catão o odiava não tanto pela divergência filosófica, mas pela paixão violenta que César conseguiu de Servilia. Chegou mesmo a haver um incidente no Senado, quando tendo César recebido um bilhete e Catão desconfiado de que tratava de algo ligado a Catilina, lhe exigiu lê-lo em voz alta. César entregou-lhe o bilhete que Sevilia lhe enviou. Tão alucinante esta paixão, que se comentou ter ela entregue sua filha a ele e Tércia casou-se mais tarde com um dos assassinos de César. Além de haver repudiado as suas três esposas, Cornélia, Pompéia e Calpurnia, corrompeu todas como altamente virtuosas: — Posthumia, mulher de Servio Sulpicio; Lollia, de Gabinio, Tertulia, de Marco Grosso e até mesmo a ilustre dama romana, a formosa e sedutora Múcia, de Cneu Pompeu. Sua fascinação pelas mulheres se confirmou no exterior com Cleópatra, do

Egito, Eunoe, da Nmudia e Maura. Atribuiram-no dar-se ainda à anormalidade sexual, dizendo-se que Nicomedes, rei da Bitinia, fôra um de seus amores violentos.

Orador fascinante, que, além de imagens e fundamentos impressionantes, era dotado de um rosto muito bem delineado e de um porte aristocrático, nem mesmo Cícero, de quem se tornara inimigo, lhe recusava os melhores conceitos.

Em 68, designado Questor na Espanha, lá combateu as tribos rebeldes, saqueando cidades e conseguiu, assim, o dinheiro necessário para pagamento das dívidas, pois só a Crasso devia oitocentos talentos, equivalentes a dois milhões e oitocentos e oitenta mil dólares, mesmo comentando-se que a esposa deste arquimilionário, Tertulia, era sua amante. Grande parte dos romanos ilustres deviam somas elevadíssimas: Marco Antônio quarenta milhões de sertercios, Cícero, sessenta milhões e Milo, setenta milhões. Iniciando-se quase ao sair da fase infantil, nas guerra da Ásia, e enviado à Bithina, vencedor, foi honrado com a Corôa Cívica. Regressando à Ásia, conquistou muitas cidades importantes e foram esses triunfos que o lançaram no seio do povo que, nele, via o homem que despertava esperanças em favor da República. Suas vitórias se acumulavam cada vez mais, pelas conquistas de Umbria, da Etruria, do Ponto, de Alexandria, da Cimbria, da Teutonia, e a expedição gloriosa do Egito, a das Espanhas, e, depois, a expedição triunfal das Gálias. Chegando à Roma, nasceu o primeiro triunvirato, constituido de Júlio César, Pompeu e Crasso, sendo César proclamado Consul e escolhendo-se Bibulo para colega, mas, de tão inexpressiva a atuação de Bibulo, que a ironia popular dizia: "Consulibus Caesare et Bibulo, Júlio et Caesare Consulibus". A partir de então, o triunvirato deu a lei à Roma; e, ao triunvirato, deu a lei César. Falecendo Crasso, ficaram os dois, César e Pompeu para que disputassem o mundo. Pompeu tinha, por si, o Senado e César se apoiava no povo. Organizou-se a expedição às Gálias e as divergências entre os dois triunviros era latente. Júlio César partiu para as Gálias, e, ali, não se apresentou como conquistador, e, sim, como aliado contra os inimigos vizinhos. Conseguida a simpatia dos gauleses, conquistou a Germânia. Voltando-se contra as Gálias, encontrando severas reações, ao ponto de os seus generais o aconselharem para voltar à Roma. César sabia que o seu triunfo contra Pompeu estava em vencer às Gálias. Por isso mesmo, não deu ouvidos aos conselhos de seus lugares-tenentes. Sentindo que seriam mesmo derro-

tados, os gauleses procuraram refúgio à sombra dos muros da Alésia, em sua Numância. Foi ali que se decidiu a sorte das Gálias e a de Júlio César. Este, ao fim de nove anos, quase, nesta expedição, quis que os vencidos, de quanto de sua generosidade, respeitando-lhes os costumes, seus cultos religiosos, a sua forma de governo e fazendo a reconciliação entre os partidos inimigos, o estimassem, já pressentia a recepção gloriosa que teria em Roma. Mas, contra sua pretensão, agia Pompeu que chegou a intimidar o Senado, exigindo-lhe que determinasse a César a renúncia ao governo das Províncias e que entregasse o exército, ou seria declarado inimigo da Pátria. Mas, o Senado não se apercebeu de suas ameaças. Ciente do que estava acontecendo, imediatamente, exortando seu exército, marchou sobre Roma e, em todo o seu percurso, foi saudado como o grande herói de que a República precisava. Pompeu saiu de Roma alegando que iria defendê-la em outro campo, enquanto César foi recebido entre frenéticas saudações, concedendo-lhe o povo romano a ditadura. Júlio César sabia que precisava vencer o Senado e Pompeu. Quanto ao primeiro, venceu, nomeando trezentos senadores novos e foi logo anistiando os desterrados, restituindo aos filhos dos antigos proscritos os bens confiscados, conferindo a certos povos os direitos de cidade e substituindo os magistrados por outros de suas idéias. Foi ao Epiro para se defrontar com Pompeu e o derrotou na batalha de Farsália. Em sua fuga, foi encontrado e preso pelo rei Ptolomeu que o mandou degolar, enviando sua cabeça à César que ficou profundamente abatido, derramando lágrimas sobre ela. É que, numa homenagem à memória de sua filha, que fôra esposa de Pompeu, ia poupá-lo e procurando uma reconciliação. De volta à Roma, inaugurando a sua volta ao Poder com quatro triunfos: Farnace, Juba, Egito e Gálias, foi aclamado ditador vitalício, conferindo-lhe o título de Imperador, de Príncipe do Senado e de Pai da Pátria. Foi-lhe colocada uma cadeira dourada, como uma espécie de trono, modelada pela de Júpiter, no Capitólio e sua estátua foi colocada entre as dos antigos reis de Roma; uma tribuna nos teatros; um andor especial para conduzir sua estátua nas grandiosas procissões dos circos. Construiram-lhe templos, altares e nos altares imagens dele, junto à dos deuses, criando-se para o seu culto sacerdotes especiais. Deu-se-lhe o nome a um dos meses do ano, alcançando ainda a alta dignidade de Pontífice máximo, assim absorvendo os dois poderes supremos: o político e o religioso.

Seu governo se tornou inesquecível pelas obras realizadas, como a do Lago Fucino, reconstruiu o Templo de Marte, edificou as basílicas, enfeitando o Capitólio com estátuas, pinturas e obras de arte. Reconstruiu uma parte extensa da cidade e edificou o novo Forum, denominado Forum Juliun, Forum Caesaris. Mandou que trouxessem das cidades gregas as obras primas de Antifiles, Apolodoro, Zeuxis, Parrhasio, Protogenes, Apeles, Nicomaco, a fim de que fossem ornadas as basílicas, as termas, os templos. Ordenou espetáculos públicos de diversas espécies e estabeleceu os jogos gratuítos. Pensava em propor uma expedição contra os Parthos.

Iniciam-se rumores de que Júlio César, depois de receber as honrarias próprias a um imperador pretendia agora, obtida a vitória contra os Parthos, fazer-se rei e, espalhando-se comentários de que a República seria imolada aos caprichos do ditador, organizou-se uma conspiração, constituida de sessenta elementos, destacando-se Cimbrio, os dois Santos: Décio e Máximo. Saindo, apesar da advertência de sua esposa para não comparecer ao Senado, Júlio César insistiu e, no caminho, encontrou um vidente que, antes, lhe havia solicitado que tivesse cuidado com os idos de março. Prosseguindo, bateu no ombro do vidente e lhe disse que haviam chegado e nada aconteceu. E o aruspice lhe respondeu: — "Chegaram, é verdade, mas não acabaram". Entrando na Cúria, foi recebido por uma comissão de senadores, dentre os quais vários conspiradores, acompanhando-o também Cícero, que ignorava os intuítos criminosos de seus correligionários. Logo que se assentou, se chega respeitosamente Cimbrio Tullio, incumbido de dar o sinal. Simulando uma pergunta, mal César ia lhe responder, quando Cimbrio o prendeu com a toga pelos ombros. César censura-o, dizendo "isto é uma violência" e, nesse momento, um dos Cássios, sentado atrás de si, lhe enterra o punhal traiçoeiramente pouco abaixo da garganta. Ainda conseguiu introduzir o grafio no braço de Cássio, mas, apesar de seus esforços não conseguiu livrar-se dos conspiradores. Lutando em silêncio, só abriu os lábios quando viu Brutus enterrar-lhe também o punhal, e disse em grego: "kai su teknon", "Também tú meu filho?". Diz um escritor latino que, reconhecendo-o, não mais reagiu, deixando-se imolar, tendo Suetônio repetido, em latim, a frase que se tornaria o sinônimo de ingratidão, por que, ao filho assassino, o pai dera a maior proteção: — "Tu quoque, Brute, fili mi...".

Mais do que suas batalhas e seu governo fecundo e próspero à Roma, no aspécto da Imortalidade, deixou dois livros, DE ANALOGIA; mais dois, ANRICATONES e um poema Iter, além de uma coleção riquíssima de epístolas e venceu ainda como iwsccitor de teatro. Tinha, no conceito romano, todas as virtude que podem tornar um homem triunfant orador, escritor, o mais ilustre general e um esclarecido político, afora o suntuoso historiador. Eis a vida e a morte de um líder solar!

Finalmente, indico aos meus entediados leitores que, entre os maiorais das letras que procuraram refletir a personalidade de Júlio César, cito Leite de Vasconcelos, em "O AUGUR DE CÉSAR"; D. Antônio da Costa, escritor luso, em "JÚLIO CÉSAR"; Marco Anneo Lucano, o celebrado poeta latino, que se imortalizou escrevendo "Pharsalia", consagrando"CESAR NO EGITO"; Shakespeare (Guilherme), poeta e o maior dramatúrgo inglês, cuja primeira obra foi "Love's Labour Lost" e a última, "King Henry VIII" também enriqueceu seu patrimônio literário, com "MARCO ANTÔNIO E CÉSAR" e Voltaire (Francisco Maria Arouet), que foi um dos maiores escritores de seu tempo, enaltecendo a França, sua pátria, escreveu "LA MORT DE CÉSAR". Tão complexa a sua personalidade e tão geniais os seus atributos de estadista e, ainda, tão fulgurantes os dotes de orador e de escritor que, mesmo se fossem escritos milhares de livros, nem assim se conseguiria fixar perfeitamente a sua deslumbrante imagem. Fôra um Deus na figura de um homem. Ele atravessará os séculos.

EM FACE DO DIREITO

CARLOS DE ARAÚJO LIMA

"A CABALA É A FERRUGEM DO JÚRI"

E os Promotores também cabalam,
também enferrujam o Júri...

AGENOR SILVA

Berryer (Carlos de Araújo Lima) botou a boca n'**O Mundo** contra a cabala "intelectual" dos Promotores. É que o Subprocurador, Rufino de Loy, arrazoando a apelação no caso do aspirante Afonso Barbosa, afirmou: "A cabala é a ferrugem do Júri". **Berryer** vingou-se nas banhas, nas gargalhadas, nas anedotas do Subprocurador.

"Quem o vê, pesadão e aparentemente sonolento, gingando o corpo no quase abandonado das banhas que se distribuem com harmonia em todas as direções, os óculos infundindo ao rosto uma expressão de severidade oblíqua, não desconfia de que, em Rufino de Loy, nesse espetacular Rufino, se esconde um coração de criança e uma inteligência irônica e travessa. O Rufino que estimamos e admiramos não é só o Subprocurador, ornamental e grave, vibrando nas chaves de dialética que vai espalhando com êxito na desmoralização dos argumentos contrários — e, principalmente, das gargalhadas puras e Câmaras Criminais dos desembar-

gadores fardados de compenetração. É, assim, na anedota viva e contagiante, na evocação divertida de sua atuação no tribunal popular, que a gente surpreende nele o homem simples e sem recalques que diz, mesmo quando Procurador, o que pensa e o que sente".

E alçou a pena nesta réplica:

'E por que não falar, também, na encantadora ferrugem afetiva, diabolicamente envolvente, que os promotores põem em prática, nos intencionais pedidos de absolvição que se dirigem aos posteriores e veementes pedidos de condenação? E por que não falar na insidiosa ferrugem de simpatia corrosiva, de que usam os promotores, privando, diariamente, com os jurados, batendo papo com os mesmos no salão dos paços perdidos, fazendo média de recusas dirigidas e cobrando com juros tais favores no momento, ou melhor, no julgamento oportuno! E por que não falar? Ora, mas com franqueza queremos tanto bem e admiramos tanto Marcelo Heitor de Souza, Cordeiro Guerra e Teodoro Arthur que é melhor ficar no meio do caminho...".

Não, bi-confrade! Se você ficar no meio do caminho, teremos o direito de dizer que está cabalando os promotores para os próximos julgamentos... Ferrugem afetiva... Com a palavra os nobres órgãos pessoalmente citados. (Revista Brasileira de Criminologia — Diretor Roberto Lyra — N.º 2 — Janeiro/Março 1948 — pág. 167/168)

A matéria acima está publicada sob o pseudônimo de Agenor Silva (Roberto Lyra). E prova que havia bom humor, mesmo nos corredores do crime".

Solução para o quinto dos Advogados. Consta de **O Advogado**, utilíssimo órgão de informação da classe dos advogados piauienses, liderada por Reginaldo Furtado. A Assembléia Legislativa daquele Estado (PA) aprovou emenda ao projeto de lei que dispõe sobre Organização Judiciária, estabelecendo a competência do Conselho Seccional para indicar lista para escolha de desembargador, na vaga destinada a advogado, no Egrégio Tribunal de Justiça. Referida emenda foi consubstanciada na alteração do parágrafo 3.º do artigo 19 do referido projeto de lei, nos seguintes termos: "Art. 19 — § 3.º — Na hipótese da vaga caber à classe dos Advogados competirá à Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Pará, elaborar a lista sextupla, com nome de advogados que preencham os requisitos do caput, deste artigo, da qual o Tribunal de Justiça escolherá em escrutínio secreto a lista tríplice para efeito de nomeação".

Finalisa a nota d'**O Advogado**, de Terezinha: "registramos com prazer essa vitória de Seccional Paraense, augurando que, em futuro próximo, possamos também, aqui, promover a escolha dos nomes dos colegas para preenchimento da carga". Que, em todos os Estados, essa solução prevaleça. Amém.

Bernardo Cabral. Da notável, pelo equilíbrio, entrevista à "Folha de São Paulo, de 03 de janeiro de 82. — Para finalizar, o senhor pretende se candidatar em 82? **Resposta de Cabral:** "Esse convite me tem sido feito por todos os partidos de oposição. E a todos respondo que não posso arrastar comigo a OAB. Tenho um compromisso com a classe que represento, e não quero colocar a entidade a serviço de partidos ou candidatura. Além disso, não encontrei ainda argumentos convincentes para me filiar a qualquer partido. Prefiro continuar atuando onde estou".

CONSIDERAÇÕES SOBRE CRIMINALIDADE

WALDEMAR BATISTA DE SALLES

O cidadão comum nas grandes e pequenas cidades, nos dias de descanso de seu trabalho intenso e árduo, procura fugir dos aglomerados humanos, não somente para fazer uma espécie de higiene mental, como para sair dos influxos da onda de violência que existe atualmente neste mundo controvertido, na selva de pedra e do cimento armado.

Não obstante as religiões, que são inúmeras e pregam o amor ao próximo, o homem do século atual continua cada vez mais agressivo e obstinado. Agressivo de palavras, atitudes, opiniões. E essa agressividade já se reflete até no futebol, que é um esporte preferido pelas multidões, no mundo atual.

A juventude, sempre inconformada, investe contra quase todos os princípios gerais do Direito e das normas jurídicas, alicerçadas por antigas e brilhantes civilizações.

Essa agressividade pode ser causada por fatores diversos: a nova concepção do mundo material, onde os seus problemas devem ser resolvidos aqui mesmo e não no céu; a inconformação de que há classes dominantes, pelo poder econômico e financeiro e outras, dominadas; a alimentação baseada em carne, o que torna os seres humanos mais agressivos e brigões; as barreiras alfandegárias em diversos países do mundo, que impedem a ampla circulação das mercadorias utilizáveis; os ódios raciais; a diversificação de moedas fortes e fracas, que embaraçam e criam obstáculos para uma perfeita harmonia nas transações mercantís com os povos

civilizados; o vício do álcool, sob as mais diversas formas e muito acentuado, na sociedade de consumo, onde os abstêmios são chamados de quadrados e os tóxicos constituem a gama de uma parte da juventude desorientada; a ambição desmedida e a incontida ânsia de vencer, ganhar dinheiro e apresentar-se como portador de "status", na sociedade em que vive; a fraternidade sempre esquecida, como se fôra lixo, de se jogar nas sarjetas e nas ruas.

O fato inconteste, real, é que essa agressividade se encontra no mundo inteiro e nos países civilizados. O noticiário internacional pelo rádio e aparelhos de televisão espelha, diariamente, essa onda de violência, agressividade, cada vez mais acentuada, seja no trânsito, nas quadras de esportes, nos campos de futebol, nos massacres a prisioneiros de guerra, nos sequestros, nos choques raciais entre os mais diversos países do Oriente Médio, enfim, nas grandes e pequenas sociedades.

Os estudiosos e sociólogos ficam registrando os fatos, apontando os erros, mas a sociedade humana não se modifica, nem se aperfeiçoa, pouco se civiliza. É como se déssemos a trogloditas o privilégio de usar aviões a jato, televisões à cores, champagne e outros bens de consumo e de amenidades, que a indústria criou e o comércio internacional espalhou, mas o ser humano, a quem isso é destinado, não compreende ainda os valores de que dispõe, para uso pessoal e da coletividade.

E o cidadão comum, que trabalha, súa e paga altos impostos, sob os mais diversos matizes, fica espantado com esse mundo que o cerca, que em lugar de utilizar todos os privilégios e bens de consumo, que a indústria oferece, para seu lazer e benefício, transforma tudo isso em coisa atingível, mas que lhe custa lágrimas, muitas vezes também a tranquilidade e a própria vida.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem em seu artigo primeiro expressa: "— todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros, com espírito de Fraternidade" (Aprov. pela III Sessão Ordinária da Assembléia Geral das Nações Unidas, contém trinta artigos, cada um espelhando a beleza da dignidade e alma humana).

Agora, no entanto, diante da violência que continua se espraiando em todos os países e, também no Brasil, o presidente da Associação dos Advogados Criminalistas (AAC-Rio de Janeiro) acha que é preciso intimidar os marginais

e é até favorável a instituição da pena de morte, como um meio eficiente de frear a criminalidade.

Há vários aspectos a serem analisados, na situação atual, destacando-se providências urgentes, por parte dos setores competentes, objetivando conter o alto índice inflacionário; o desemprego; vigília permanente e constante contra o alcoolismo e o uso de drogas; o êxodo rural; assistência técnica e objetiva às populações sofridas e doentes, oriundas das sêcas nordestinas e enchentes dos rios, em vários Estados de nosso país; planificação e distribuição de produções agrícolas aos mercados consumidores, nas pequenas e grandes cidades, de modo que o povo possa, com liberdade e alimentação sadia e barata, trabalhar e usufruir os benefícios da civilização moderna. E as autoridades, no cumprimento de preceitos constitucionais, cabe reprimir e conter o alto índice de criminalidade que, infelizmente, está assolando a sociedade brasileira, nos dias atuais.

NORDESTE — REPOSITÓRIO DE ARCAÍSMOS

JOÃO NOGUEIRA DA MATA

O Nordeste constitui, nos dias atuais, ambicionado **campus** para investigações gramaticais, linguísticas e filológicas, a propósito do encontro que se processa, vai em quase quatrocentos anos, dos elementos étnicos formadores da nacionalidade. Dos três elementos, diga-se melhor: do branco, do aborígene e do negro. Estudos de grande alcance, para cujo êxito vêm participando intelectuais do norte e do sul.

Assim sendo, levada em conta a divisão oferecida por Manuel Correia de Andrade, in "Paisagens e Problemas do Brasil", Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, além de Fernando de Noronha, sudeste do Piauí e norte de Minas Gerais — toda a vasta área denominada de Nordeste, com mais de 970.000 quilômetros quadrados — as pesquisas têm sido feitas com o maior critério, em proveito, antes de tudo e acima de tudo, da "boa política da língua". Considerada esta, aqui, com o sentido que lhe empresta Antônio Houaiss, baseado, de sua vez, no que preconizaram, entre outros, Sousa da Silveira, Matoso Câmara Júnior, Serafim Neto e Silveira Bueno. Empreendimento tanto mais oportuno quanto é certo que o Brasil, na arrancada para o desenvolvimento, em busca do lugar que lhe cabe por direito de conquista, como potência dentro da América do Sul, também precisa atualizar-se nos amplos domínios das investigações ora focalizadas.

Atualizar-se e dar seguimento, em condições muito mais propiciatórias, às perquirições de Amadeu Amaral ("O

Dialeto Caipira"), Antenor Nascentes ("O Linguajar Carioca") e Jacques Raimundo ("O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa"). Embora polêmicos, agitando assuntos de transcendental importância, tais perquirições só fizeram enaltecer os nossos foros de cultura. Visando à linguagem usada numa das áreas mais populosas do país, qual seja a do Nordeste — com cerca de 20.000.000 de habitantes — subiram de ponto e em realidade interessaram à própria nacionalidade.

É uma espécie de mergulho no passado, que não podemos evitar. Tal mergulho nos arcanos do idoma, amalgamado mercê do encontro dos três tipos raciais já referidos, lembra a façanha das Icamiabas, quando das profundezas do Lago Espelho da Lua traziam à tona fascinantes **muiraquitãs**. Como as ancestrais belicosas, lépidas e prestativas, também havemos de exibir ao mundo civilizado os vocábulos de antanho de nosso idoma, que está fadado a ser, dentro de meio século, se tanto, um dos mais opulentos do mundo.

Talvez fiquem comprovadas, nas pesquisas em perspectivas, as asserções daqueles que, no ardor de reivindicações nacionalistas, aludiram à formação de uma língua já autonomizada, ou do "Português Americano", preconizado por José Pedro Machado (ed. Coimbra, s/d).

E não se diga que, para semelhante empreitada, ainda estamos no terreno das hipóteses ou do empirismo. Não. Além dos trabalhos pioneiros de Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Mário Marroquim e Jacques Raimundo, acima enumerados, podemos contar com os cursos filológicos das Universidades, as sábias contribuições da Academia Brasileira de Letras, os alentados estudos da Academia Brasileira de Filologia e as produções das Academias de Letras nos Estados, sem dúvida indispensáveis.

Como pesquisadores inteligentes, dentre os numerosos que têm surgido, no transcurso desses quarenta últimos anos, dois merecem destacados: Mário Marroquim e Renato Mendonça. Adentraram-se com irrecusável erudição no entramado linguajar dos homens do sertão, chegando a conclusões convincentes.

Da fonologia, examinando vogais de um modo geral, esclarecendo que todas são pronunciadas, inclusive as átonas, em contraste, como se vê, com o linguajar português. Evidentemente, com referência à prosódia dos irmãos de além-mar — e a observação provém de Cândido de Figueiredo — o vocábulo **tacacá** tem as duas primeiras sílabas mu-

das, e só a última se abre. Assim: tâ-câ-cá. No Brasil, aqui no Extremo-Norte, talvez por influência nordestina, é Ta-ca-cá.

No Nordeste, consoante Marroquim, as vogais mediais são por inteiro pronunciadas assim: te-le-fô-ni e pa-rê-di. Em Portugal, eis a dicção correta: tel-fo-ne e pa-red! O **a** passa a **e**. Razão, rezão; manhã, menhã. O **e** transforma-se em **i**: regime, rijume: em outros casos, recebe nasalação: educação, **inducação**; eleição, **inleição.** O **o** também sai nasalado, enquanto o **u** insinua-se como **a**. Então, **dõno** e **aribu**.

Tais modalidades, à primeira vista em flagrante desrespeito às normas gramaticais, nos dias que correm — estão em perfeita consonância com os cânones quinhentistas. Longe de falar, pois, em têrmos irracionais, o sertanejo das caatingas e do agreste faz apenas reproduzir, com fidelidade digna de encômios, a pronúncia dos cancioneiros. Basta um exemplo, para convencer. No que tange a **rezão**, eis a pronúncia dos idos:

> "não cures de ser picam
> ne tranar contra **rezzam** (cf D. João Manuel, "Cancioneiro de Resende").

Em se referindo às **consoantes**, Mário Marroquim previne que os próprios mestres do idoma estão divididos, uns atribuindo as **deturpações** (hoje assim consideradas), em virtude da prosódia quinhentista, e outros assegurando a influência do índio, notadamente no primeiro século de conquista do **Pindorama**.

Em verdade, a **Língua Geral** não tinha os fonemas F, L e RR. Daí por que o cronista chegou a dizer que o silvícola não tinha **Fé**, nem **Lei**, nem **Rei**.

Assim, o índio transformava o L em D: Luis, **Duis**; Lourenço, **Dorenco**: Limba, **Diamba**; e Soldado, **Surara**.

Além de tais alterações, surgiram, no decurso dos anos, os **alargamentos silábicos, a lei do menor esforço**, de permeio com as **figuras de dicção** (o abrandamento, o ensudercimento, a vocalização, a aférese, a síncope, a apócope, etc.). Os exemplos elucidam melhor: **alargamento** — dificuldade, **dificulidade**; Clemente, **Quelemente**. **Lei do menor esforço** — víbora, **briba**; estômago, **istambo**; música, **musga**; americano, **mercano**. Dentre **as figuras de dicção**, eis algumas: **abrandamento** — como alpercata, **pragata**; **ensurdecimento** — cócega, **cosca**; Casos há de **atração:** tabua, **tauba**; **vocalização**

— em Balbino, **Baibino**, ou **consonantização**, em iodoreto, **jodoreto**. Encontradiços os casos de **aférese** (Isidoro, **Zidoro**; **síncope** — principe, **prinspe**; **apócope**, vamos embora, **vambora**. A canção popular consagrou assim:

Qué i mais eu, vamo;
Qué i mais eu, vambora.

Devem ser citadas, ainda, a **prótese** — vexame, **avexame**; a **epêntese** — absoluto, **abissoluto**, advogado, **adevogado**; a **paragoge**, em rei, **reis**; a **metátese**, proteção, **portreção**, e a **hirpétese**, ceroula, **ciloura**.

Quando o sertanejo pronuncia **antão, onte, amenhã**, está apenas repetindo a dicção que lhe foi transmitida no lar e nos lugares de trabalho, longe do tumulto das cidades, sem meios fáceis de comunicação. Pode estar falando uma linguagem **já soterrada** pela civilização, **mas não está falando errado**.

No que diz respeito ao uso de **arcaísmos**, uns permanecem intactos, com o sentido do antanho, e outros adquiriram diferente significação, às vezes até pejorativa. Intactos permanecem, para o homem das caatingas e dos brejos: **avaluar** (avaliar), **salvar** (cumprimentar), **entonce** (então), **saluço** (soluço), **sumona** (semana), **samiar** (semear) e **truve (trouxe)**. Acertar uma facada no **vazio**, quer dizer no baixo ventre. Conduzir a faca à ilharga, isto é, no cós da calça, à altura dos quadris. O próprio **pro mode** nada mais é do que por modo que ....

Em outra pesquisa, quase concluida, deixarei em evidência a valiosa contribuição de nordestinos ao ser estruturado o **linguajar amazonense**. De feito, o hinterlandino emprega em seu **sermo vulgaris** inúmeros vocábulos vindos de outras distâncias, entre os quais **cisco** (lixo), **vexame** (pressa), **lume** (fogo), **gás** (querosene), **acoxado** (apertado), etc. Vezes há em que canoas muito atulhadas de produtos ficam **atravancadas**. Se o interiorano quer interrogar, assim se manifesta: "**Cumantão** você qué que eu faça? Se não tem certeza, lança mão do **dizque** e do **paresque**. **Dizque** Manduca vai casar. Ele vai a Manaus, **paresque**.

Como se vê, razão de sobra assistiu a João Ribeiro, historiador e filólogo dos mais conceituados, ao asseverar que "Pernambuco difundiu a civilização pela Paraíba, pelo Rio Grande do Norte e pelo Ceará, que por sua vez a levou ao Acre". Não só ao Acre: à Amazônia. Nordestinos penetraram em todos os ângulos (na maioria cearenses) da imen-

sa área, desde o **rush** da borracha. Vamos encontrá-los às margens dos rios mais importantes — do Madeira, do Purus, do Juruá, do Solimões e do Negro — como proprietários e como assalariados de seringais e castanhais. Constituem maioria na Planície, em condições de liderança para a luta da integração.

A INFLUÊNCIA DOS LUSÍADAS NA LITERATURA

JOÃO CHYSOSTOMO DE OLIVEIRA

"Os Lusíadas obra de CAMÕES, porém a Bíblia de todos os que falam a língua portuguesa, por ele imortalizada".

São palavras do ilustre SILVEIRA BUENO escritas, ao dedicar-me o grande Poema Épico por ele comentado, nas páginas de "Os Lusíadas" como se fosse o livro chave de toda a sua riqueza expressional.

Desgraçadamente a gramaticalização de "Os Lusíadas" nas escolas portuguesas e brasileiras, esterilizaram a sua beleza e sua forca pensamental, no crivo da famosa análise lógica, que preferia sacrificar a beleza do estilo à busca do sujeito, à do objeto direto preposicionado, à do verbo silép-tico, etc.

Comprei um livro de "Os Lusíadas num sebo, edição de ABÍLIO CÉSAR BORGES, que estava todo riscado pelo seu último dono com barras verticais separando as orações, livro que para mim foi um tesouro, na época de perseguição do estudante, obrigado a dissecar CAMÕES dentro dos rigo-res da Análise Lógica.

Podemos dizer que as escolas secundárias das primei-ras décadas deste século foram os grandes lusiadascidas ou camonicidas, com a sua febre de análise lógica dos textos ca-monianos. Ainda podemos recordar a grande ginástica men-

tal que se fazia logo nas duas primeiras oitavas para separar a oração principal. "As armas e os barões assinalados e também as memórias gloriosas daqueles reis e aqueles cantando espalharei por toda a parte". Enquanto se procurava a oração principal, matava-se o estilo. Enquanto se procurava o sujeito, matava-se a beleza do dizer. Enquanto se desdobravam orações reduzidas, matava-se a força expressional do grande estilo Camoniano. E, agora, fomos a outro extremo: nem Os Lusíadas com análise lógica, nem Os Lusíadas sem análise lógica. Retirou-se totalmente "Os Lusíadas das escolas de 1.º e 2.º grau. Tudo é silêncio quanto ao grande bardo luso nas salas de aula secundárias, onde está proibido por lei postuguesa.".

Porém, mesmo com os exageros e desnorteios de nossas escolas, o prestígio de "Os Lusíadas" não descresce, não diminui, não se abate. As suas edições se sucedem e as obras decorrentes do vate se sucedem, ante as lucubrações de ERNANI CIDADE, AFRÂNIO PEIXOTO, PROENÇA e outros canonistas.

"Todo o grande poeta — diz JOAQUIM NABUCO — o é em qualquer língua, mas nenhum o é tamanho, quanto sua própria, e os danos que padecem com as traduções podem ser tais e tantos que até venham a afetar a sua posição relativa, na literatura. Tal é o caso de Camões".

Realmente CAMÕES não foi fielmente interpretado pelos seus tradutores que "põem muito do seu no poema" do vate ao traduzir a obra.

RICHARD FANSCHAW, MICKLE, AUBERTIN e RICHARD BURTON foram os principais tradutores de "Os Lusíadas" para a língua inglesa que não primaram pela autenticidade da obra do grande épico.

É ainda JOAQUIM NABUCO que tem a grande e desalentadora sinceridade de declarar:

"Se resumirmos as circunstâncias que se opõem à fama de CAMÕES no exterior, temos: a geral ignorância da língua em que escreveu; as suas grandes alterações que sofreu com as traduções; a influência somenos que Portugal exerce na imaginação do mundo; o descaso em que por isso é havido a língua portuguesa, e por derradeiro, a sombra que projeta COLOMBO sobre VASCO DA GAMA como heróis da Idade do Descobrimento".

Embora estas razões não tenham sido "in totum" superadas, hoje o panorama é bem diferente. Os grandes camonistas da envergadura de ERNANI CIDADE têm usado o intercâmbio universitário com os grande centros culturais

estrangeiros, divulgando e discriminando o conteúdo de "Os Lusíadas" popularizando os episódios de IGNÊS DE CASTRO, do Adamastor da Ilha dos Amores e outros assuntos tão bem insperados que nasceram da pena inspirada do grande Gênio épico.

Tais episódios bem ilustrados em edições bilingües ou trilingües encontrariam um excelente meio de difusão e divulgação entre os povos civilizados e dentro das duas pátrias de língua portuguesa. As escolas portuguesas e brasileiras não devem jamais ser privadas da leitura de "Os Lusíadas" que poderia ser divulgado, amplamente divulgado através dessas separatas ilustradas e atualizadas.

Nas comemorações do dia da raça portuguesa, encarnada no grande gênio de "Os Lusíadas" devemos compromissar-nos com o conhecimento, identificação e difusão dessa grande epopéia que sobre exaltar os feitos de Portugal em devassar terras em mares, exalta o sentimento pátrio que deve ser sempre cultivado em nossa vida e em nossos corações.

LUíS VAZ DE CAMÕES de biografia emparelhada com a de HOMERO, pela indefinição dos seus dados e o lendário dos seus feitos, é um épico imortal, cuja obra deve ser exaltada perenemente por exaltar a grandeza do mundo latino, de cujo contexto devemos honrar-nos de participar.

A grandeza do mundo e das civilizações descobertas por Portugal estão bem deguerreotipados em "Os Lusíadas" que deve ser um espelho onde se estampa a grandeza do povo, cuja bravura e destemor criaram este Brasil que avança para a imortalidade mortalizando ainda mais o seu descobridor.

-əp ɹoɟ 'əɹɐpɐsıʌɐɹʌɐ ɐp oıɲdıɔsıp ɯn ouuoɔ 'SƎÕMAƆ
zesseis anos expatriado, soube colher das amarguras da vicissitude, da dureza do ambiente asiático, sofrida em dura pobreza soube colher desses escombros de uma alma ferida pela perseguição, por ser um gênio, a mais bela lição de nacionalismo, a mais bela lição de civismo, a mais bela lição de amor à pátria mesmo abastardando, oprimindo e asfixiando o seu grande e maravilhoso sonho de gênio. Em vez de tornar-se um marginal satirizador de tudo e de todos, soube sublimizar a sua dor no alto sentimento de patriotismo, fundamento miraculoso de seu grande e imortal "Os Lusíadas".

Neste dia de Portugal exaltamos CAMÕES como o poeta de raça que soube superar todas as injustiças e ingratidões, levantando o grande monumento "Os Lusíadas" imortalizando sua pátria, seu povo e a própria humanidade.

DECALOGO DO PROFESSOR

HOMERO DE MIRANDA LEÃO

I

Bendita a vocação do Professor, porque ensinar é distribuir a luz, é espantar as trevas, é a busca da perfeição do espírito.

II

Ensinar é propagar o bem, é inocular no coração os sentimentos do amor, da generosidade, do perdão.

III

O sacrifício de quem ensina constitui uma das mais generosas virtudes, e como toda virtude não tem preço.

IV

Nunca será demasiado o carinho que se dispensar ao Mestre, pois essa é uma das formas mais espontâneas que lhe podemos demonstrar da nossa gratidão.

V

A tolerância deve representar a qualidade essencial do Professor, sem, contudo, confundir-se com a fraqueza, pois esta, longe de constituir-se em amor, poderia atingir a sua autoridade intocável.

VI

Os sentimentos pátrios devem estar sempre presentes nas preocupações do Mestre, para que os seus discípulos se sintam motivados pelo civismo, e pelo amor à terra onde nasceram.

VII

A esperança deve ser o alicerce de toda a sua luta e, na contemplação do horizonte, o Mestre encontrará sempre a resposta aos seus anseios.

VIII

Vanguardeiro da paz ao Mestre cabe, em todas as horas, promover a união da Comunidade.

IX

Mesmo que seja sáfaro o terreno, a semente brotará, ao toque sensibilizador de suas mãos.

X

Elevando seu pensamento ao Alto, o Mestre sorve sua comunhão com o Criador, e Dele, cada vez mais se aproximando, melhor se identifica consigo mesmo, na tarefa sobrehumana que lhe cabe cumprir na terra.

A IMORTALIDADE DE ROGACIANO LEITE

JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

Elevamo-nos com as razões maiores dos grandes Brados. Neles, observamos a imensidão em que se aproximam do Criador.

Nos sentimentos, nas palavras regam com a bravura da poesia, nossa maravilhosa Terra ainda bastante molhada da infidelidade dos que não na sabem prezar.

Daí porque, ainda hoje, nos lembramos de Rogaciano Leite nas ambições de superar o ódio nevoento e a maldade iníquia, dos invejosos e despeitados, através do alvesianismo que lhe foi alma e coração, em ideografias de notáveis criações de Beleza, de Justiça e de Imortalidade.

Por entre os esplendores festivos da alegria, em Arte e Cultura, celebrou o nosso TEATRO AMAZONAS, num poema de IMORTALIDADE, na ventura de o haver contemplado diante da majestade e de tê-lo sentido mais intimamente, no mundo inesquecível das representações, dos sons, dos quadros valiosos, como herança de sua grandeza mais autêntica e como verdade mais alta de seu caminho mais límpido.

Diante da monumentalidade celebrada, viva, de nosso belo Templo de Arte, seus olhos se extasiaram sem os absurdos de Nietzche, quanto à consciência temerária e cruel dos homens. Por que sem máscaras, sem arrastamentos demoníacos, seu espaço e seu tempo eram o das Alturas.

A Paz e o Amor dos que bem sabem olhar os monumentos, às imponentes virtuosidades da Arte, voam como os condores sobre a pequenez dos pobres de espírito. A luxúria

nunca lhe conseguiu roubar os haveres da personalidade. As manchas da ambiguidade jamais lhe puderam deformar o caráter.

Entre uma coisa e outra, soube escolher: ficou na Poesia. Ficou a impulsionar-se, sempre mais, sem impostura, no que deve ser o Poeta contra os farsantes de nosso tempo: autêntico paladino da Cultura.

Sua vida, por isso, não foi de resignação. A última impressão que dele guardamos, é a daquela noite memorável em nosso Instituto Geográfico e Histórico, quando nos declamou em Graça impressionante, livre de todas as mesquinhezas terrenas, o seu belo poema — IMORTALIDADE, em homenagem ao TEATRO AMAZONAS.

Nele, Rogaciano Leite se perenizou, mesmo contra a vontade dos fariseus, dos conluiados, para ser vate de nossa estima e admiração. Nele, sem nenhum endeusamento, continua vivo naquela sua inclinação natural. Naquele fulgor heróico, à Castro Alves, à defesa dos interesses nacionais.

Sem dúvida, nas virtudes, na fé e grandeza humana, Rogaciano Leite é alvesiano testado e comprovado na colossalidade de nosso Brasil. Amou-o, sentiu-o e o revelou nos pulsos e nas fontes, nas idéias e nobrezas de pensamentos claros e resolutos.

Pela fulguração da inteligência e do civismo, está entre os condoreiros mais conceituados. Pelo amor que consagrou ao Amazonas, é um pouco nosso. Devemos-lhe gratidão e estima.

O nordestino, ainda hoje, em nosso Estado, é um aliado cheio de apelos à compreensão dos brasileiros desprevenidos. Certamente, Rogaciano Leite foi um luzeiro dessa fé. Tão assim que seu depoimento, sobre a nossa brasilidade pertence aos autênticos valores de nossa Cultura.

Na verdade, seu monumental TEATRO AMAZONAS, ontem quanto hoje e sempre, encherá a nossa alma dos sons festivos destes versos de razões maiores:

Silêncio!... A festa dos gênios
Começou - na Imensidade!
Silêncio!... As harpas estalam
Nas mãos da Imortalidade!
"— Tive meu berço na Grécia,
— Peregrinei pelo Egito,
Quiseram matar-me em Roma
Porém fugi ao conflito...

Nero quis ser meu amante
Mas não servi de bacante
A tiranos e pachás;
Nababos, — reis e califas
Tentaram vender-me em rifas
Mas inda hoje vivo em paz!"

— Quando a mão de Torquemada
Quis manchar-me o níveo rosto
Saltei de um século a outro,
Caí nas mãos de Ariosto!
Avançando mais um passo
Dormi no colo de Tasso,
Refugiei-me em Florença,
Do Gênio guardando a marca
Mostrei o mundo a Petrarca,
Revivi... com a Renascença!"

Não ouvis a voz divina
Que pelo espaço ressoa
Como um solfejo de arcanjo
Que sobre o recinto voa?
É a Arte? É o templo augusto,
Gigante eterno e robusto
Que tem por teto o infinito!
Dentro — são palmas que estalam...
Orquestras... Gênios que falam.

Na linguagem do granito!...

Quem toca?... Será Beethoven?
Quem ri?... Será Mistinguetti?
Pinta a cena, Branco e Silva!
Vibra a tecla, Donizetti!
Mas não ouvis? Na ribalta
Alguém pergunta em voz alta:
"Quem pintou esse painel?..."
— Carlos, finda essa operata!
— D'Angelis, mostra a palheta
— Caprannezzi, ergue o pincel!

Bravos! Acendem-se as luzes,
A cortina vai cair...
O Gênio pede repouso,
Deixai-o calmo dormir!

Que templo!... Que Babilônia
Se levanta na Amazônia
À luz da Imortalidade!
— Um prêmio aos dotes humanos...
— Um desafio a mil anos...
— Um presente à Eternidade!...

Logo na primeira quadra, da primeira estrofe, o efeito semântico expressivo, flagrante, das palavras **Imensidade** e **Imortalidade** o dão inteiro nos aspectos estilísticos do condoreirismo. Daí porque o vocábulo característico de sua poesia é o da amplidão. É o eixo de sustenção bifacial, no sentido da natureza humanitária e patriótica. Inegavelmente, o condoreirismo surgiu para o mundo através da doutrina filosófica de Victor Hugo. Daí o seu largo representativismo no mundo inteiro como oriundo da escola hugoana.

Em Portugal, o fulgurante Mendes Leal foi o iniciador desse gênero. No Brasil, devemos o seu surgimento, em maiores alturas, a Castro Alves, seguido de perto por Luís Delfino. Tobias Barreto e Vitoriano Palhares

O estilo de ROGACIANO LEITE era notavelmente condoreiro. Tem lampejos de indagação e definição na teoria do belo. Harmonia na forma sensível, no símbolo visível e no perfeito do sublime concebido pela razão. Inteligência e sensibilidade na arte que implica prestabilidade. Riqueza, esforço, ideal e perfeição no conforto da emoção.

Sua poesia é pintura, música, côr, natureza em busca de movimento proporcional. É ritmo que fecunda as condições maiores da alma e embriaga a satisfação da vista em gosto estético de talento e genialidade.

Observemos-lhe a **pureza, a correção, a clareza, a variedade** e **harmonia** deste seu espetacular — TEATRO AMAZONAS. Pureza à forma em que soube evitar os barbarismos. O provincianismo numa medida soberana de universalidade.

A **correção** no cuidado significativo de evitar o solecismo. Na maneira de mostrar-se mestre na grandeza de seu ofício pela elegância do exato no valor da concordância, da regência e da construção.

Sim, cuidado nos versos de **clareza,** longe dos arcaísmos e até mesmo dos neologismos tão do gosto dos poetas modernos. Mestrial, na verdade, no jeito de frear a sínquese pela magnífica colocação das palavras na frase.

E que perspicuidade na força agradável como usa a variedade contra a monotonia. E nisso está a plenitude opositiva à pobreza das idéias ou do vocabulário.

Observemos o encanto musical que há na colocação dos vocábulos em suas frases e arranjos poéticos. Foi um senhor poeta no mérito de saber satisfazer ao espírito pela ordem das idéias e ao ouvido pelo acento melódico, agradável e distinto no jogo das palavras.

Para os que o desejarem reverenciar em seu CARNE E ALMA, no qual encontramos com o título de IMORTALIDADE o nosso Teatro Amazonas, lembramos que, no transato 16 de setembro de 1980, este livro completou 30 anos de vivos aplausos.

Sobre Rogaciano Leite assim se pronunciou Jorge Amado:

"...Versos que seriam dignos da pena de Castro Alves". E o temível Agripino Grieco o aceitou nesta imensidade justa e consagradora:

"Quanto lirismo e quanta epopéia nessa alma sempre em combustão de rimas e de imagens o livro de Rogaciano Leite reflete bem o ardor das criaturas que vão certeiras à arte do Verso, porque não são simuladoras de entusiasmo e dispõem de três grandes elementos inspiradores: o culto das paixões romanescas, o louvor à Natureza e o desejo de que o Brasil seja realmente um grande país cristão".

Assim foi, em vida, Rogaciano Leite. E assim, para sempre, ficou em nossa estima, e agradecimento pelo muito que soube, em IMORTALIDADE, celebrar e decantar o nosso Amazonas.

A PALAVRA DO PRESIDENTE

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

A Academia Amazonense de Letras manifesta-se regosijada com a recepção do novel acadêmico Professor Doutor Manuel Bastos Lira, o qual, neste momento, sob cúpula, recebe as láureas da imortalidade simbólica, homenagem que prestamos às virtudes morais e intelectuais de um robusto saber que há mais de quarenta anos, com os pés fixos nesta sua amada terra, beneficia a cultura e distribui os benefícios do ensinamento teórico e prático.

Situado numa posição pendular, não se sabe o que mais admirar no homem que ilustra a cátedra na Universidade do Amazonas, dispensa conhecimentos e experiências científicas nos hospitais e congressos e pelos artigos de jornal transmite ao povo, em linguagem acessível, noções de astronomia, de higiene, de medicina, abordando com muita proficiência os mais variados assuntos. Esta imensa sabedoria que honra a cultura amazonense e nacional levou o professor Bastos Lira ao seleto convívio de várias instituições científicas do Brasil e do mundo, e logo mais, aqui mesmo lhe serão prestadas homenagens especiais por uma dessas instituições brasileiras, a Academia Nacional de Farmácia, de que é presidente o Dr. Evaldo de Oliveira.

A Academia Amazonense de Letras não recusa admitir no seu meio aqueles que elegem a terra pelo nome e pela obra, e desde a sua fundação alguns expoentes da Ciência têm sido chamados ao nosso convívio, sem que haja qualquer manifesta discriminação entre Literatura e Letras,

guardando-nos nós de criar impasses que afastaria sumidades já de si imortalizadas. O exemplo está aí, em Osvaldo Cruz ingressando na Academia Brasileira de Letras, tanto quanto Alberto Santos Dumont ou o Sr. Getúlio Vargas. O que nos preocupa é o forte sentimento humanista que governa o pensamento e a obra dos eleitos. Em todas as Academias de Letras do Mundo os cientistas estão ao lado dos beletristas porque a eles não falta o sentimento da beleza, o senso da estesia.

O professor Manuel Bastos Lira é dos poucos homens de laboratório que encontra também no laboratório do quotidiano os estímulos necessários à fuga às valências químicas, as fórmulas matemáticas, e nos seus bem lançados artigos de ciência sente-se o homem com a sua sentimental vibrando; sente-se aquela ambição de penetrar as coisas mais profundas; a curiosidade de saber tudo quanto diz respeito à Amazônia, à sociedade dos homens e dos animais inferiores, ao mistério dos astros, ao infinito inteligível das células, ao mundo vibrátil dos átomos, ao universo das paixões humanas. Uma verdadeira curiosidade inclinada para os mistérios material e teórico das coisas. Esse sentimento de profundidade vem dos bancos escolares, quando nos conhecemos, alí pela década dos trinta, ele estudante e professor do Colégio Dom Bosco e eu estudante do Ginásio Amazonense Pedro Segundo, mas ambos nós dois já escrevendo em jornais, ambos nós dois cursando as mesmas nem sempre fáceis estradas que o destino conduzia para onde? Aqui nos encontramos mais uma vez na vida, sem que nunca nos tivéssemos afastado da nossa cidade, ambicionando centros tentadores, colocações aliciantes. Ficamos na nossa terra como outros, consciente de que ela necessitava de nós, da nossa presença humana. O laboratório vasto da Amazônia nos chamava a explorações conscientes, e se falhamos alguma vez, devemos o fato à nossa pouca experiência juvenil. Hoje nos encontramos aqui sob cúpula, rendendo preito e homenagem à cultura, crentes de que nada se perde daquilo que se plantou no passado. Quando menos uma festa de congraçamento, uma festa de solidariedade, uma festa de reconhecimento do alto valor cultural do homenageado vale pelo muito que se perde no mundo em termos de desrespeito aos créditos morais, aos talentos científicos. Esse reconhecimento público e ostensivo a Academia Amazonense de Letras se reserva fazer neste instante, recebendo sob cúpula ao Professor Doutor Manuel Bastos Lira.

NA CADEIRA DE ERMANO STRADELLI

MANOEL BASTOS LIRA

Seguramente, vimos conduzidos até vós, muito mais pela benevolência de um grupo de amigos e, porque não dizê-lo francamente, de alguns entre aqueles que conosco começaram a analisar ou observar a Natureza circundante, fonte inexaurível de todas as nossas inventivas. E isto, porque, nossa função de pesquisador, de mirar, de sondar o arcano, esse indefinível encanto que são as coisas da Natureza (que nos enche e deleita por ser, enfim, a própria poesia), nos desnuda a linguagem, retirando, dela os enlevos que, certamente, estais acostumados a ouvir neste templo magnífico. Certos estamos porém, que as nossas descrições da harmonia e do ritmo universal, tão poesia quanto a dos floreios e a das rimas, muito embora, por isto, caiam no silêncio quase criptográfico das teses com que nós procuramos escalpelar o traço de incontentabilidade que é, para uns, a característica mais certa que nos distingue entre a animalidade co-irmã.

O que escrevemos, nossos escritos, são como a nota pura dos diapasões, ou como a radiação que em nós causa a sensação chamada das cores primárias. Desprovidos uns da sequência harmonial (que é o timbre) e de outros dos matizes (as nuances), podem não traduzir uma imerredoura página musical ou a inapagável imagem tintorial: afinal nem mesmo um "capricho" pictorial à moda moderna. Ninguém poderá afastá-los, porém, da força de invenção ou da esquisita sensibilidade que o escutar da Natureza impõe.

Sim, a Natureza, a grande mestra do que é ciclico, porque não dizer mesmo, do ritmo.

Não estamos pois, aqui, diante de vós, sem u'a meditação séria sobre isto. E, refletiamos profundamente, como dissemos, quando lemos um artigo de Luigi M. Persone cujo título era "Galileu letterato". Esforçava-se o articulista italiano, em demonstrar a possibilidade de o sábio de Pisa poder ocupar, um capítulo, na história da literatura italiana e, neste afã, se interroga a si próprio: quando uma página de qualquer assunto assume tom literário ou condição artística?

Persone se auto-responde e nos diz que isto ocorre quando, nessa página, vibra um sentimento ou se exprime u'a comoção. É a velha conceituação da angústia humana que já fez a Goethe clamar: "Licht, mehr Licht", e de quem o unamunismo contemporâneo se faz escudeiro.

É. ainda Persone (ibid) que se robustecendo nos menciona que um dos seus mestres, para explicar fatos semelhantes, dizia: "um chimico o um framacista, mente manipola la sua materia, avverte lo scôpo al quale é destinata, che se traduce in salvezza per um sofferente o per um moribondo, in tal caso il chimico o il farmacista, preso della comozzione, vive, in qual momento, uno stato d'animo de un artista. Egli repiteva — e un artista intenta ali espressione di capolovoro e questo capolovoro si identifica con la gioia che da a un individuo o una familia".

Valha-nos este alento.

Não nos lembramos a que propósito — porque dista do ocorrido bastante tempo — eminente amigo, por sinal um dos soberanos do passado nesta Casa, nos fez chegar às mãos o "Grosse Manner" (Grandes vultos), do erudito Ostwald (Wilhem Friederich).

Lendo-o, entre muitos dos seus interessantes assuntos, deparamos com uma classificação dos que se dedicam aos estudos científicos. Divide-os Ostwald em dois grupos: os clássicos e os românticos.

Apesar da sua ancianidade, para muitos, a classificação é, contudo, além de sistemática, intuitiva; e deste modo não discutiremos a sua clareza. Buscamos mais apoio, estímulo, sei lá...

Teríamos ficado por aqui, se um de nossos contemporâneos, Alberto Szent-Gyorgy (von Nagyrapolt) não trouxesse uma formulação dada por Platt (John R.) que reputa, pelo menos, mais espiritual, cognominando de "Apolônios" uns e de "Dionisios" outros isto porque a interpre-

tação de Platt, sem dúvida, reflete duas atitudes ou dois estados de espírito que não são comuns à arte, nisto se encaixando a poesia, a pintura, a escultura, a música, a dança e outros aspectos da vida tão contemplativos como estes: a ciência, por exemplo. Uns, "Apolônios", devem evoluir emoldurando uma perfeição de linhas, enquanto os outros, os "Dionísios" muito mais intuitivos, podem sempre abrir novos e inesperados horizontes para a pesquisa que é o grande dítame da Ciência. Não é sem valor que o octogenário biólogo americano mencionado, se confirmando nos diz: "The Basic Texture of Research Consists of Dreams into Which the threads of reasoning, mesurements and calculations are woven".

Enfim, o "Dioníscio" será, em todo o tempo, incapaz de explicar o que fez para algo achar, porém, calmamente saberá explanar a sua descoberta. Vê-se pois que apesar disto é um sonhador perfeito.

Por tudo isso nós propriamente nos consideramos um "dionisiano". Fizemos vários projetos, alguns deles guindados, é verdade, a posição de pesquisas positivas, mas, voltamos a confessar-vos, seriamos incapazes agora de atinar com alguma coisa que nos tornasse merecedores de tão grande distinção como a de virmos pertencer à vossa ilustre companhia. Para um "Dionísio", como nos julgamos, salvanos o acreditar que isto se trate de mais um novo horizonte.

Com todo este apoio significativo sentimos todavia que nos parece fraca a nossa exteriorização naquela força de invenção, esquisita sensibilidade, originalidade surpreendente, indefinido encanto com que os seguidores de Ambrósio de Calépio, acostumam tentar definir poetas e prosadores, os maiores sonhadores de todas as épocas. Esses exornatos talvez não se coadunem com os minguados do recipiendário. Perdoai-nos, Senhores Acadêmicos, pois nesta hesitação naturalmente, surdenos ainda assim, à memória a atitude de apavoramento do herói cervantino Sancho Panza, com as coisas que ele mal podia conceber ou perceber quando de sua posse no governo de Baratária. E, tanto isto é verdade, no domínio sensorial, que o grande "Manco de Lepanto" para contá-las preludiou-se assim: "A ti digo, o sol, con cuya ayuda el hombre engendra el hombre; a ti digo, que me favorezças y alumbres la escuridad de mi ingenio, para que pueda discurrir por sus puntos en la narración del gobierno del gran Sancho Panza, que sin ti yo me siento tibio, desmazalado y confuso".

Meus amigos: estamos, agora, dessa maneira. Daí o apoiarmo-nos naquela frase que encontramos em Maeztu ("Don Quijote. Don Juan y la Celestina): "la veracidad es deber inexcusable". Somos e não ousamos negá-lo um postulante do auxilio da luz, desta auréola que vos engloba neste augusto templo.

Surgiu-nos, no entanto, um novo esteio, um novo entusiasmo quando verificamos que, sob a opinião de muitos, o literato se situa muito mais dentro da filosofia do que propriamente no terreno da literatura. Tal nos faz desandar o tempo, e vemos que aristotelicamente houve necessidade dos físicos para que brotasse a filosofia e se desencadeasse a explicação da natureza através de causas e princípios: havia surgido a investigação científica ou seja uma nova forma de exaltar a emoção humana. E, mais uma vez "lucreciamente" vibramos ao voltar a ouvir: "nenhuma coisa nasce do nada — não o pode fazer a divina essência — ainda que o medo refreie a todos os mortais e, deste modo, se inclinem a acreditar como produzidas pelos deuses — muitas coisas do céu e da terra — por não poder atinar com sua causa — e, assim, quando tivermos provado que "Ex nihil, nihilum possi reverti" — convencidos ficaremos da origem que cada coisa tem".

Não vale, pois, que para Montale o autor de "Satura" a poesia seja tão somente uma "piroetta del pensiero su se stesso". Daí que cada um possa imaginá-la, usufruí-la, e até negá-la. Dest'arte é o próprio Eugenio Montale que se extravasa e nos diz: "poesia non existe, como non existe o non resiste altra cosa cui se voglia dare importanza in questo mundo impoetico". Por que impoético este mundo?

Mas, abandonemos o desacoroçoador "montaliano" para com agrado ouvir a seguir a animação com que o vate gaulês Pierre Emmanuel dá a resposta necessária. E, assim, à pergunta "La poesie est-elle un art moribond?" diz-nos: "as expressões poéticas não são simples revestimentos aplicados a objetos, mas, uma participação no ato criador a agir sempre no Universo". Para retornarmos ao sentido deste ato, acrescenta o poeta, "é porém, necessário que se destrua a muralha que separa o subjetivo do objetivo". Isto, Senhores Acadêmicos, é o objetivo da Ciência.

Alguém escreveu, faz tempo, porém, ainda em oportunidade: "E o homem, que apenas acabava de emergir da irresponsabilidade e da bruteza dos instintos para a consciência e para o entendimento que é o mesmo que dizer: — para os suarentos e as amarguras desesperantes —, o homem

quedou-se em extase encantado na infinita beleza da noite constelada, surpreendido da inefável magia do luar puríssimo, assombrado da majestosa imponência do Sol".

Desde este instante o homem manejou com desembaraço o seu espírito, fê-lo piruetar a fim de, finalmente, fazê-lo aflorar seu subjetivo e registrando-o e dimensionando-se no Universo — como diz Teilhard de Chardin (Pierre) — dar nascimento à sua expressão literária.

Luz, mais Luz!, foram as últimas palavras de Goethe (Johan Wolfgang von), o soberbo poeta da representação viva da agonia humana diante da essencia das coisas, enfim, um deslumbrado da "majestosa imponencia do Sol".

Mas, por que falamos insistentemente da Luz?

"Há, com efeito, nos mais esconsos áditos da alma humana, uma idéia, um instinto — que sei eu! — que a impele a essa eterna adoração da Luz".

Que, estranha força é essa que dissocia um feixe de Luz branca nessa harmoniosa gama colorida que vai do vermelho ao violeta?... Ninguém sabe. Apenas sabem todos que os corpos realmente não têm cor; que essa magnífica distribuição orquestral das cores por todos os corpos da Natureza é ilusória, é um mero efeito da Luz. É a luz que debuxa todos os caprichosos contornos e todos os bizarros matizes da paisagem e é ela que irisa a campina verdejante, espalhando por sobre a relva macia a carícia musical das corolas".

Este trecho feliz e empolgante de Adriano Jorge traduz, com sua presciência rara, o significado verdadeiro dessa fonte interminável da motivação de todas as sublimidades humanas.

Alguém já escreveu que hoje, vivendo Goethe, misto de poeta e de homem de ciência, não teria escrito o seu célebre livro "Teoria das Cores", isto porque teria visto que as sensações coloridas estão, como todas as outras, dentro de nós; são uma propriedade nossa. As cores em si não existem a menos que surja um observador que as perceba e as traduza através do seu complicado mecanismo de processamento de dados. É o que ocorre quando aflora nosso subjetivo, na pintura, na concepção dos majestosos coros do Tannhauser, quando expressamos, em verso ou prosa, o colorido da Natureza, quando investigamos diretamente em seus meandros e, afinal quando manifestamos tudo quanto delicia à percepção.

É consequentemente na consciência do homem que surge "essa estranha força que dissocia a Luz branca nessa

harmoniosa gama colorida", "animi motus" de todo o sentimentalismo humano, no magnífico dizer de Adriano Jorge. E, hoje, certamente, debaixo do impulso "guetiano" a análise teria superado, com resultados pasmosos, a intensidade de suas concepções no destrinçar as questões dos sentimentos, pois cremos que o impulso que se transforma, no homem superior, em verdadeira agonia sobre o que diz respeito ao infinito não pode brotar de simples entretimento. Nasce sim, do anseio inefável da alma, uma das metamorfoses do nosso instinto de conservação. Por isso, Goethe criou um Jorge Sabélico, o seu doutor Fausto, o remoçado e seu fiel intérprete, para não dizer seu herói imortal.

Senhores Acadêmicos,

Deixamos bem claro, linhas acima, que a nossa premissa é a Luz. Na Antiguidade, os gregos (entre eles certamente, o grande Hipocrates de Cós), sabiam demais o que significava, para os vivos, a radiação que nos ilumina. Por isso em lugar de dizer morrer, para os que cumpriam o ponto final do seu ciclo biológico, preferiam, proferir a expressão "perdeu a luz".

Mas, não devemos, tampouco podemos negar que hoje, nesta noite, nós sentimos um remoçado à Goethe. Um fascinado de tanta Luz que fulge de todos vós neste grande sodalício da cultura amazonense.

Cedei-nos e, estamos certos o fareis, nem que seja, uma réstia deste vosso resplendor que é Vida. É que para nós, sois, os frutos sazonados da cultura de nossa terra. E a luz que irradiais, aquela centelha que vos pedimos, não nos permitirá perder, não nos permitirá o esquecimento, o nosso alijamento do convívio augusto das letras e da ciência que reponta aqui. É a perpetuação nossa e, porque não utilizar a voz dos nossos avitos do Lacio (a voz da Ciência por excelência) que, em ocasiões como esta, diziam: "gloriam imortalem consequi, adipisci".

Senhores Acadêmicos,

Não podemos deixar de mencionar mais uma satisfação inesperada que nos proporcionastes hoje: a de sermos recebidos por um irmão em várias ocasiões e um dos luminares desta Academia. Referimo-nos a GENESINO BRAGA com quem convivemos na imprensa, em atividades sociais, por isto mantendo amizade franca e profícua que inequivocamente agora, mais se estreitará.

Senhores Acadêmicos,

Bem quizeramos nós poder à moda de Beethoven (Ludwig Van) também lançar mão da "Ode an die Freud" (Ode à

alegria) do grande poeta Schiller (Joahann Cristoph Friedrich von) e contagiarmo-nos todos com a alegria que nos invade a alma nesta ocasião e exclamar: "Freud! Freud! Freud! alegria, bela centelha divina", vinde até nós.

Senhores Acadêmicos:

Eis-nos pois, entre vós.

COMO CONHECEMOS STRADELLI

Desaparecidos, faz tempo, do nosso convívio, Borsa Antonio, Frignani Gilberto, Boggio Humberto, Ghislandi Pedro, etc., talvez sejamos nós, um dos únicos supérstites do encontro, casual aliás, em que, por vez primeira, conhecemos Ermanno Stradelli.

Ocupavam os Salesianos, em nossa Manaus, na época recém-chegados, uma construção palaciana, originalmente, sede do bispado. Uma das saletas frontais, ocupada pela direção do novel Colégio, era um recinto emparedado a madeira e mobiliado com um desses conjuntos austríacos, em verniz negro e palhinha nova, reluzente, comuns nesta Manaus ainda resplandecente dos períodos áureos da goma elástica. No centro um "bureau" onde, diariamente, se podia encontrar o diretor: Pedro Ghislandi.

Aluno dos primeiros momentos da feliz empreitada dos filhos de João Bosco, sempre que possível (aos recreios), por ali perambulávamos, à cata de ver uma coleção de lepidópteros (que prazerosos ajudamos Ghislandi a montá-la).

Em uma dessas ocasiões deparamos com pessoa sentada no sofá, isolado, embora mantivesse conversa ativa com outros que supomos seus acompanhantes. Alguns deles reconhecemos, porque eram amigos de nossa casa. Entre estes Frignani e Borsa. Posteriormente (já morto Stradelli) soubemos de quem se tratava.

Não vimos, todavia, o homem descrito pelo seu único e esplendoroso biógrafo, Câmara Cascudo, ou seja, "um vivo, arrebatado, impulsivo, alacremente comunicativo, tampouco, o maravilhoso fazedor de cardápios dos seus primeiros momentos na taba manauara, que levara Julio Nogueira a compará-lo com Vatel; o dispenseiro do principe de Condé, cujos pratos de peixes foram célebres e indispensáveis nos festins do seu senhor a ponto de impressionarem Maria de Rabutin, marqueza de Chantal, que o descreveu e que ocorre nas letras francesas sob o nome de Mme. de Sevigné.

Pasmados, vimos, sim, um homem que somente poderíamos descrevê-lo tempos depois, como agora acontece, ven-

cido pela enfermidade, de barbicha alva e rala, com o "facies leoninus" característico da bacilose a minar-lhe a pele, transfigurando-lhe, por completo, a fisionomia. Hoje, nós o avaliamos por tudo isso um gigante dentro de sua agonia, de sua luta, vivendo-a porém, sem extravasá-la, aceitando-a como um heróico gladiador o faz contra a própria existência. Hoje, aquele ambiente referido, tão autenticamente religioso, afigura-se-nos mesmo semelhante ao daquela cela do Carmelo guindada a um "Castelo d'Alma" pela espanhola Tereza de Ahumeda que, na monástica, se tornou a Santa Doutora Tereza de Jesus. Pela sua expressão ali, Stradelli parecia querer transudar-nos algo como o fez a Carmelita e, assim, a quebra de sua costumeira jovialidade, o seu aspecto por demais sombrio (que agora relembramos) nada seriam senão a mesma invocação da Santa Doutora ou seja o seu: "Muero, porque no muero", embora sequer fosse por ele crispada.

Não morreste Stradelli. Glorificas hoje, a cadeira n.º 34 desta Casa, sede da Imortalidade Intelectual. Muito tempo depois do encontro relatado, um daqueles que citamos como testigo, nos revelou que Stradelli era, realmente, naquele então, um resignado que procurava sempre não contristar os amigos e conterrâneos, até mesmo, naquele angustioso momento de sua visita a Ghislandi quando soube da impossibilidade de retornar a sua Borgótaro.

Pré-adolescente ainda, longe estávamos de pensar que um dia tivéssemos que fazer o debuxo pragmático de tamanho labor científico-literário como o que realizou nosso patrono, Ermanno Stradelli.

Mas, aqui estamos para oferecê-lo e, porque não afirmarmos mesmo que embora nos orgulhemos com isto, não ignoramos que se trata de trabalho que excede em muito a nossa capacidade. Quiseramos nos poder dilatá-lo até rendelo como devera e exigem nosso homenageado e o ambiente deste templo do saber.

A OBRA DE STRADELLI

Artur Reis denotou o Conde Stradelli como "soldado do Vale". Preferimos chamar-lhe de "rapsodo", de um verdadeiro "amazônida" como Alvaro Maia o entendia, mais propriamente, um "demopsicólogo" fixando os traços heróicos que caracterizavam as atitudes dos nossos nativos, dos nossos índios, que transpôs para nós, escrevendo-os. É esta a noção mais marcante que pudemos haurir dos seus "Vocabulários" como em seguida veremos.

Ermanno Stradelli tornou-se Conde por morte do seu pai, norma usual nas várias classes da nobreza. Quando isto ocorreu, Stradelli estudava direito cujo curso interrompeu. Com mais de uma vintena de anos vividos deu-nos "Una gita a Rocco d'Olgisio", um livro de poesias e, no ano seguinte, em 1877, um outro intitulado "Tempo Sciupato". Como se vê, pelo título deste último, Stradelli parecia já inclinado a não perder mais tempo em poetificar. Brotou-lhe, no espírito, a idéia de fazer-se explorador. Câmara Cascudo refere que a sua leitura predileta foi a "narrativa de viagem que lhe evoca a luta, o mistério, à valentia física, o assombro das muitas virgens, dos desertos silenciosos, dos índios estranhos, animais fabulosos". Fora de dúvida portanto, que Stradelli deve ter lido, entre outros, o livro do seu conterrâneo veneziano, outro "nobilis vir", Marco Polo e as narrativas dos espanhóis que andaram à cata de El-Dorado na região que posteriormente visitou. Tampouco poderia ignorar "As caminhadas heróicas pela África, de Matteucci, de Antinori, de Campério", fatos contemporâneos. Veio então até nós. De todas as suas viagens fez crônicas, remetidas à sua casa e ao "Bolletino della Societá Geográfica Italiana".

De volta a sua terra natal concluiu seu curso jurídico obtendo a láurea em Direito. De nada valeram, a Stradelli, os pedidos familiares para que ficasse, de vez, por lá. Havia, pelo que se percebe desta sua quase obstinação, uma atração maior que o empurrava para as terras americanas. Em Piacenza, diocese a que pertencia sua Borgótaro, o Conde voltou a escrever "senza sciuparsi" (pelo menos para nós). Deste tempo são as suas publicações: Eiara, leggenda tupiguarani — In versi — e uma versão, para o italiano, da obra do Barão de Araguaia "La Confederazione dei Tamoi".

Daí que procurasse "algo de nuevo" como diz o seu biógrafo.

Stradelli planejou a volta e o fez. Partindo da França, dirigiu-se à vizinha Venezuela. Era um expedicionário da Reale Societá Geográfica Italiana e seu escopo era chegar às nascentes do rio, primeiramente visitado pelos espanhóis Diego de Ordaz, Alonso de Ojeda e Dias de La Fuente, ou seja o Orenoco. Em vão esperou encontrar o marquês Augusto Serra que seria seu companheiro de aventuras. Este não apareceu. Já em terras amazônicas surgiram: Ajuricaba, Duas Lendas Amazônicas e Pitiapo.

Naturalizado cidadão brasileiro passa a integrar a magistratura estadual e foi nomeado Promotor Público em Manaus, em Lábrea e finalmente em Tefé. Agora, aí, instalado

numa pequena casa,(no alto de um morro, sempre maravilhado pelo famoso Amazonas, é um isolado a sua feição, entre livros, desenhos, mapas e rascunhos. É colaborador constante da "Revista de Direito" como antes o fora do "Boletino della Societá Geográfica Italiana". Que terá escrito ali Stradelli sobre o seu Amazonas?

Seu "artis opus", seu "capolavoro" é seu Vocabulário que o escreveu em duas versões: Uma Nheengatu-português e outra Nheengatu-italiano. Uma delas, a versão portuguesa, foi divulgada, após sua morte, pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A outra, das linguas indígena e italiana, ficara com Stradelli. Esta, nos veio às mãos, para que a esterilizássemos. Chefiávamos então os Laboratórios da Saúde Pública. Horrorizados ficaram, seus portadores, quando nos viram tomar o manuscrito com as mãos desprotegidas e folheá-lo. Encorajados assim o levaram...

Não resta dúvida que Stradelli se revelou um perfeito plasmador. Nada de aumentos, nada de visagens. Nada de edenismos ou internismos como quer Mário Ypiranga. Todas as vozes indígenas registradas foram, por si, estudadas, não só quanto sua aplicação na língua indígena, também com relação às superstições porventura existentes e Mitos em que se envolviam/ Por tudo isto, nós achamos que Ermanno Stradelli é realmente, além de "Soldado do Vale", o seu demopsicólogo.

Muita coisa certamente não nos chegou às mãos porque atemorizados, nos últimos dias de sua pervicaz doença, que inclementemente atingira em cheio sua fisionomia, transformando-a absurdamente, todos dele se afastaram. Sua casinhola, após terem-no demitido do cargo público e transferido para um depósito humano que se chamou de Umirisal, fora incendiada como se fazia, em períodos medievais, com os pestilentos. Mário Ypiranga refere que, em Tefé, se falava como da lavra do Conde, em "Cucui", uma tragédia musicada e um poema "A Revolução de Lamalonga".

Dissemos algures que este "Soldado do Vale" valia mais como "rapsodo" e demopsicólogo". Como comenta seu biógrafo, o "Signor Conte" "não caça, não pesca, não corta lenha, não rema, não desenha, não faz observações, mas registra tudo quanto vê". Coleta sim, verbetes e procura ligá-los às intenções dos nativos. Através disto é que temos conhecimento da vida atroz dos selvícolas perseguidos pelo "homem racional" ou seja, pelo branco. Insurge-se contra isto. e como afirma ainda seu biógrafo: "sua jornada pouco adianta geograficamente. O valor é literário, evocador descritivo,

amoroso das terras e da vida que o absorveu para sempre. Seu cuidado é não perder o material humano que se chamaria folk-lore".

A tragédia musicada sobre a figura do morubixaba Cucuí vale pela sua faceta de "rapsodo". As suas interpretações sobre as leis de Jurupari tão zelosamente guardadas pelo tariano Buopé (símbolo da moral indígena), os registros que existem, na sua obra máxima, o seu "Vocabulário", indicam sobremodo, a sutil interpretação dada por Stradelli à afloração do espírito do nativo enquanto os outros visitadores das nossas malocas os referem como meras coisas lendárias, senão como distrações humanas.

As itacoatiaras que o tuixaua Kuenomo, se avantajando referiu-as como escrita dos seus antepassados foi defendida soberbamente pelo Conde.

Em um trecho do seu trabalho, seu biógrafo, o eminente Luís da Câmara Cascudo, provocou-nos, sim, porque seu repto é dirigido a todos nós estudiosos. Diz ali: "Stradelli, há quatro anos, levou Buopé aos olhos dos estudiosos italianos. E quando o velho enamorado dos Tárias merecerá a justiça, tardia e suprema, de seus irmãos do Brasil?".

Cinquenta e três anos após sua morte que ocorreu aqui, em Manaus, vivifica-se sua existência que nos legou incomparável patrimônio moral e intelectual. Hoje, dizemos, o Amazonas resgata esta dívida quando inaugura a cadeira n.º 34 de sua Academia, a qual tem por Patrono.

SAUDAÇÃO A MANUEL BASTOS LIRA

GENESINO BRAGA

Senhor Acadêmico Manoel Bastos Lira:

Chegais a esta Casa com a vida inteiramente realizada — na ordem particular, na ordem pública, na ordem científica e na ordem literária.

Em vosso lar, ouvís a mais doce música, com que Deus dá ao homem uma idéia do canto dos anjos. Isto dizendo, queremos referir-nos à jovial algazarra e ao sonoroso alarido dos vossos netos. Na ordem pública, alcançastes a culminação da vossa experiência de Professor e de Mestre Didata, nas investiduras do Titular de Cátedra e do Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade do Amazonas. Na ordem científica, tivestes os méritos justamente consagrado com a aprovação de vossas teses por Congressos de cientistas renomados e com a vossa agraciação com a Medalha da ordem do Mérito Farmacêutico, conferida pela Associação Brasileira de Farmácia, e com a Medalha de Honra ao Mérito, outorgada pelo Conselho Federal de Farmácia. E na ordem literária, completa-se, agora, com esta cerimônia acadêmica, o ciclo da gloriosa ascenção a que vos elevastes pelos degraus de vossas letras, através dos livros e artigos que publicastes, na harmonia de uma existência exemplar, que bem se ajusta àquele ideal de vida perfeita sonhada por Marco Aurélio e em que a vontade da Natureza se converte em nossa própria vontade.

Cremos ter sido o mordacíssimo Rivarol — com aquele modo seu de segredar coisas irreverentes, porém assusta-

doramente verdadeiras — quem afirmara que os homens aqui em baixo, não podendo receber suficientes provisões que lhes garantam legítima imortalidade, não passam de simples viajantes, cuja viagem termina onde termina a estrada...

Nem sempre, bem o sabemos, assim se cumprem os fados. Por vezes, no caminho percorrido fica a recordação de alguns passos, fica o eco de palavras ouvidas, resta a lembrança dos sofrimentos, perduram algumas alegrias.

Conhecemo-nos desde a juventude, Senhor Acadêmico Manoel Bastos Lira, e, conhecendo-vos desde a juventude, sobram-nos razões par não suspeitar ter sido fria vaidade quem vos moveu ambicionar as glórias acadêmicas. Foi por serdes vós quem sois que a Academia houve de mister buscar-vos para terdes assento entre os Quarenta que comungam a hóstia do Saber, à mesa desta nossa inconcussa confraria.

A vossa tranquila escolha — melhor diremos: a vossa escolha unânime — para primeiro ocupante da Cadeira que tem por Patrono o nome do sábio-martir do Amazonas — Er manno Stradelli — reaviva-nos a verdade "shakespeareana" que Machado de Assis colocara no começo de um de seus contos e segundo a qual Hamlet observa o Horário que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia.

Para ocupar a cadeira sob a glória de um sábio que se integrara à Amazônia pelo amor à Ciência, é que estáveis realmente destinado, Senhor Manoel Bastos Lira, com os vossos lauréis de perfeito cultor da Ciência e de perfeito homem do amor à Ciência, que há de ser, nesta Casa, o companheiro perfeito, na linha de tradição deixada por Mestre Péricles Moraes e que vem sendo mantida — só Deus sabe a que preço! — por uns poucos de seus últimos seguidores.

Vindes aqui viver em ambiente propício, porque dedicado "ao culto do idioma e da literatura nacional", tal como o prescrevem os nossos Estatutos. Mas, permiti-nos uma advertência: Se aqui não encontrardes — como queria Tácito — um lugar entre os homens virtuosos, vivereis, no entanto, entre homens de boa-vontade, que trabalham por um ideal constante, desde que, há 61 anos, fora esta Casa fundada. Podemos repetir-vos que tereis aqui, em fraterna companhia, tarefas que vos reclamarão os primores do ofício das letras, e nisso tereis o estímulo das glórias que laurearam esta Casa, — esta Casa que acaba de vos ouvir da tribuna que foi de Adriano Jorge, de Araújo Filho, de João Leda, de Waldemar Pedrosa, de Benjamin de Lima, de Araújo Lima, de Péricles Moraes.

A Academia, embora já sexagenária, é ainda uma irresistível sedutora. Louvam-na, enamorados, conhecidos menestréis. E não são poucos os que se candidatam a viver em seu regaço imortal. E é isso, talvez o que lhe faz florir a vaidade, incentivando-lhe as atividades propulsoras das letras e da cultura em nossa terra. Sua já longa existência de trabalho é a prova de que só se atinge os encantos de uma maturidade respeitável e respeitada pelo árduo e constante esforço de todas as horas, pelo sofrimento que fertiliza e ampara as boas intenções, pela solidariedade que equilibra as divergências, pelo consolo, pela alegria do dever cumprido.

Das Academias, sejam embora a nossa mais alta expressão de Poder intelectual, é já tradicional falar-se mal, — no Amazonas, em todo o Brasil, no mundo inteiro, onde quer que frondeje uma árvore dos vergéis de Academus. Escrevera, certa vez, o Acadêmico Josué Montello, luminar da Academia Brasileira de Letras: "Há uma idade para falar mal da Academia, há uma outra para cortejá-la. A Academia sabe disso. E é essa a razão porque, desde a sua origem, nunca respondeu aos desaforos que lhe mandam". E, na Academia Francesa, é sempre lembrado este velho epígrama do poeta satirista Aleixo Piron (1689-1773): "Quand nous sommes quarente onde se moque de nous./Somme nous trente et neuf?, on est à nous genoux".

Foi na Bahia, com a fundação, em 1724, da Academia dos Esquecidos, que o espírito acadêmico pousou as suas asas do pensamento árcade no solo brasileiro. Seria, então, velho cerca de um século em Portugal, onde desde a primeira metade século XVII ter-se-ia instalado em Lisboa a Academia dos Aplicados.

Não está ainda bem esclarecido — (ou talvez o excesso e a diversidade dos esclarecimentos mantenham turva a cristalina água da verdad e) — a razão dos nomes que, desde os arcádicos romanos, vieram adotando os Acadêmicos para os seus sodalícios. Tomando o nome de Academia dos Esquecidos para a que fundavam na Bahia, nada mais fizeram os primeiros Acadêmicos brasileiros (na verdade, a maioria era de portugueses) que seguir o figurino das lisboetas, assim denominadas: Academia dos Aplicados, Academia dos Generosos, Academia dos Singulares. E a si próprio atribuíram os nossos primeiros "imortais" apelidos estranhos: "Acadêmico obsequioso" era o Padre Gonçalo da França, "Acadêmico Nubiloso" intitulava-se a si próprio o Desembargador Caetano Brito de Figueiredo. João de Brito Lima — coitado dele! — era o "Acadêmico Infeliz". Sabido logo se mostrara

Luís de Siqueira da Gama: para que não o incomodassem mandando-o escrever, produzir, tomara logo a antonomásia de "Acadêmico Ocupado". Homem do trabalho e que certamente levava a coisa a sério, era Inácio Barbosa Machado, que viria a escrecer e publicar, em 1745, os "Fastos Políticos e Militares da Antiga e Nova Lusitânia": cognominou-se "Acadêmico Laborioso". E o grande, talvez o maior de todos, Sebastião da Rocha Pita, que iria fazer para sempre lembrada a Academia dos Esquecidos, com a sua monumental "História da América Portuguesa", deixava-se alcunhar, modestamente, "Acadêmico Vago".

Depois da Academia dos Esquecidos, outras Academias se lhe seguiram as águas, obedientes ao modelo lisboeta das denominações: assim a Academia dos Felizes, em 1736, e a Academia dos Seletos, em 1752, no Rio de Janeiro. E assim também a Academia dos Renascidos, em 1759, na Bahia, esta revivendo a pioneira Academia dos Esquecidos, tendo à frente de suas atividades literárias a figura remanescente do grande pregador franciscano brasileiro Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, que se agigantaria, em 1761, dando a lume aquele monumento do nosso passado que o é a obra "Orbe Seráfico Novo Brasílico".

Ainda a propósito dos primórdios das Academias, aprendemos com um dos expoentes, que o fora, da Academia de Ciências de Lisboa, o saudoso mestre Hernani Cidade, nas suas eruditas "Lições de Cultura e Literatura Portuguesa" (v. pp 60 e s.), que, na Itália, pelos nomes que as Academias tomavam, se vê claramente "o pouco caso que neste particular eles (os Acadêmicos) faziam de seus estudos; porque a Academia de Bolonha se fazia chamar "Academia dos Ociosos"; as de Roma, "Academia dos Humoristas" e "Academia dos Fantasiosos"; a de Ancona, "Academia dos Caliginosos"; a de Milão, "Academia dos Escondidos"; a de Cesena, "Academia dos Ofuscados"; a de Gênova, "Academia dos Adormecidos"; a de Bréscia, "Academia dos Ocultos"; a de Fabiano, "Academia dos Desavindos"; a de Perusa, "Academia dos Insensatos". E concluía, então, o luminar da historiografia literária de Portugal, indagando: "De gente, pois, que ou é ou quer ser tida por ociosa, fantástica, caliginosa, adormecida, ofuscada, desavinda, insensata, — que pode o mundo esperar, senão inutilidades, fantastiquices, escuridades, sonolências, desavenças e insânias?...

Deveis já estar percebendo, — Acadêmico Manoel Bastos Lira — que andamos até agora como a fugir a um encontro direto com a vossa obra, com a produção da literatura

científica. Se pela extensão e profundidade, não nos assusta encará-la, pelo respeito que a ela devotamos, receamos não poder comentá-la e louvá-la na escala merecida.

Os vossos temas nós os tocamos em oitavas diferentes e não raro vos encontramos em tais virtuosidades que nos é mais deleitante deixar-vos no palco com vossos instrumentos requintados para apenas aplaudir-vos como ouvinte respeitoso.

Um pensamento de Machado de Assis fixou-nos a lição de que "nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos: com os haveres de uns e de outros é que se enriquece o pecúlio comum".

A respeito de vossa obra, esta idéia do gênio criador de Capitu agora nos ocorre; e nós próprios, ao percorrê-la e sentí-la em seu conjunto, tantas coisas novas e belas recolhemos ao nosso velho acervo, que, à sombra do vosso harmonioso espírito científico, encontramos, a cada passo, um banco para conversarmos, para dizerdes vós da tranquila segurança com que bordejais pelo mar da Ciência que adotastes, e para nos deliciarmos ao ouví-lo, como uma pousada de repouso na cansativa excursão por labirinto de idéias a exigir, para nós, o fio condutor de Ariadne.

A leitura do conjunto de qualquer obra de real valor, como a vossa, é das que impressionam, não só pelo volume ou pela extensão, mas pela substância e a firmeza das afirmações, pela aceitação e defesa de princípios científicos ou filosóficos, ou pelo espírito polêmico que domina todo o pensamento que se opõe a outro pensamento.

Os livros que publicastes — Senhor Manuel Bastos Lira — têm um só sentido, uma só direção, animados por pensamento uniforme. São asserções escrupulosas de superior conclusão científica, tratadas com o bom dizer literário e excelente ornato de acurada prosa. Vêm eles com a marca de Montaigne: Livros de boa fé! E deixam a impressão de que deles fostes o severo crítico, obediente à máxima de Camilo: "a crítica que principia por nós é a melhor crítica".

Desde 1938, quando estreastes com o livro sob este título modesto "Algumas Notas Sobre a Valência Química" publicastes nada menos de 14 trabalhos. "Sobre a Terapêutica da Coqueluche Pelo Óleo Essencial de Niaouli", "Os Hipossulfitos de Cálcio e Magnésio na Anafilaxia", "Aspectos Bromatológicos do Guaraná", "O Leite em Manaus", "Trabalho Sobre Alimentação e Fome", "Sobre o Valor dos Alimentos Aborígenes da Amazônia", Protidemia em Amostra Populacional de Codajás", "Bromatologia das Farinhas de Mandio-

ca Produzidas no Amazonas", "Eritrocitrometria Difratométrica na Região Amazônica", "Determinação da Protidemia Pelos Ácidos Fálgicos" e "Monografia Sobre o Guaraná", — estes são os documentos que a vossa formação científica ofereceu, como obra por todos os títulos meritória, à divulgação científica da Amazônia.

Obras eminentemente de pesquisas e estudos da Ciência, não se diga, contudo, que não há nelas, na aridez dos temas versados, o que nelas, em verdade, não se esperaria encontrar: a evasão humanística do cientista, ou seja, a inclinação do espírito científico estabelecendo uma outra linha de concordância no ambiente social e político. Predestinado para os ofícios da Ciência, neles encontrastes — Senhor MANOEL BASTOS LIRA — razões para compreender a vida e interpretar-lhes os mistérios. Encontrastes, enfim, no pensamento filosófico, a sistematização dos conhecimentos científicos coordenadores dos demais estudos históricos e sociais e base para o estabelecimento de uma moral científica.

Ouvi. Minhas Senhoras e meus Senhores, este trecho inicial do livro "Algumas Notas Sobre a Valência Química — trecho de meridiana luminosidade clássica, em que um humanista de Renascença se nos transparece no pensamento de MANOEL BASTOS LIRA.

"Foi através de John Dalton (1802-1808) que penetrou na ciência química a então "abstração atômica da matéria". A questão já havia rolado por séculos, migrando das escolas filosóficas indús, até que a casualidade a impelira, graças a um percursor de Marco Polo, surgindo assim para a Grécia e para o resto do mundo. Esta união inicial, que acabamos de sentir, da Ciência à Filosofia, decorreu, sem dúvida alguma, da nossa visão imperfeita do mundo, que não reflete o apuro de sua forma, mas dentro dela, tão somente uma condição, a percepção pelos nossos órgãos sensoriais, dotada da imensa variabilidade subjetiva que eles possuem. É dos pitagóricos, com ALCMAEON, que nos chegam em primeira mão estes gritos de angústia e anseio que mais tarde ecoariam dentro da sublime poesia de Jorge Sabelico, o FAUSTO, o velho remoçado de GOETHE. E assim, examinando todos os trabalhos daquela plêiade formidável de pensadores helenos, verificamos que à semelhança do caleidoscópio, as suas obras em cada página volteada, qual torsão do tubo maravilhoso de BREWSTER, apresentam-nos o conceito de matéria, as idéias atuais sobre suas estrutura e formação, e indicam-nos a degradação a afinidade química, o relativismo hodierno. E deste conhecimento exato da realidade que se descobre em

Parménides — constituinte do "substractum" dos eleáticos de Zenon, os criadores do "nada", chegamos a Aristóteles, o gerador do "éter" circular, hoje irmanado ao universo polidimensional de Einstein e colaboradores, para volvermos séculos atrás e acharmos a escola "vesequica" com KANADÁ, que, na lingínqua India, já admitia a divisibilidade da matéria e a indestrutibilidade e eternidade de suas partículas menores, trazendo-nos ao mesmo tempo a idéia dos átomos e das suas combinações. Tudo isto, ao que parece, formou a fonte dadivosa onde DEMÓCRITO DE ABDERA abeberou o seu e o nosso atomismo".

Numerosos — Senhor MANOEL BASTOS LIRA — foram os cursos que ministrastes, as conferências que preferistes, e contam-se às dezenas de milhares as aulas que professastes. O ensino das Ciências Físicas e Naturais, da Química, da Microbiologia, da Higiene e da Puericultura vos credita serviços inestimáveis, — e inestimáveis porque trazem os timbres da sapiência e da dedicação que lhes devotastes, desde os tempos da mocidade. Os laboratórios públicos e particulares de Análises Clínicas, de Bromatologia, bem assim os Gabinetes de Física e Química e de História Natural, ganharam de sobejo em eficiência didática sob a vossa Preparadoria. A Universidade do Amazonas tem em vós, desde a fundação, uma das suas colunas mais vigorosas, quer nas cátedras, quer na organização e execução dos planos administrativos, quer, ainda, na direção de uma das suas mais importantes unidades de ensino. Os mais conspícuos Congressos, Simpósios, Conferências(Jornadas, Encontros, nacionais e internacionais, de Farmácia, de Bromatologia, de Bioquímica, de Ensino Farmacêutico, de Farmácia Hospitalar, de Controle de Medicamentos, de Intoxicações, de Análises Clínicas, de Toxicologia Tropical, receberam, não só a vossa decidida participação, mas também o concurso da vossa experiência profissional e do vosso saber de Mestre, e muitas dessas assembléias vos elegeram Membro de Honra e uma das primeiras figuras de suas mesas diretoras. Sois membro da Comissão do Ensino Farmacêutico do Conselho Federal de Farmácia; sois Presidente do Conselho Regional de Farmácia-22; sois membro da "American Association for The Advencement of Science"; sois membro da "The American Association of Clinical Chemistry". Fostes galardoado com a Ordem do Mérito Farmacêutico, conferido pela Associação Brasileira de Farmacêuticos, e com a Medalha de Honra ao Mérito, outorgado pelo Conselho Federal de Farmácia. A professora Pourchet, um grande nome da Ciência, dedicada a es-

tudos sobre a Bromatologia, em seu livro intitulado "A Ciência dos Alimentos", colocou o vosso nome ao lado do de Josué de Castro, de Moura Campos, de Dutra de Oliveira e de E. Pechnick, como "os que abriram novos rumos, no Brasil, para a ciência da alimentação, com os seus trabalhos numerosos e constantes".

Senhor MANOEL BASTOS LIRA:

Os 14 livros e trabalhos que publicastes, mesmo tendo em conta a densidade científica que todos contém, não respondem, em quantidade, como opulento resultado de mais de quarenta anos de uma operosidade contínua. Tendes cabedal de sobra para enfileirar nas estantes meia centena de outros estudos, no plano de vossa formação científico-cultural.

Não vos acusamos de exercer um controle demasiado severo de vossa producão livresca. Podemos acusá-lo, sim, de não trazer ao registro civil, que é o livro, a valiosa centena de vossos artigos de jornal.

Tendes, assim, um compromisso a assumir com esta Casa: trazer do jornal para o livro, na unidade de uma vida consagrada ao gosto das letras e das idéias, o vasto cabedal disperso, que a vossa modéstia converteu na luz por baixo do alqueire, como na parábola das Escrituras, mas que a Academia agora reclama, para o esplendor de suas novas glórias.

Acabais de pronunciar um discurso no clássico modelo acadêmico.

A sobriedade da linguagem, maleável instrumento da expressão, ganhou realce na sonoridade da voz serena e firme. Manejais o vernáculo como artista penetrante, que houvesse aprendido com Francois Pilon (1830-1914) que "a estética não poderá ser uma ciência objetiva, uma ciência autônoma, mas um ramo, um grande e nobe ramo da Psicologia".

Vosso discurso honra as tradicões da tribuna acadêmica. Ermano Stradelli — sábio-mártir do Amazonas, patrono da cadeira acadêmica em que vos sentais —, continuaria ignorado não fossem o trabalho devido ao sacerdócio pesquisador de Luís da Câmara Cascudo e o vigoroso retrato que dele acabais de fazer.

Ermano Stradelli, vós o evocastes autêntico, perfeito, assim na exaltacão de sua obra admirável, assim na lembranca da pessoa que conhecestes, sexagenária, já deformada, pela terrível doença que a colhera em nossas plagas, ao fim dos

43 anos que vivera a ir e vir pelos caminhos amazônicos, e que a levara, afinal, a uma pobre cova de indigente no cemitério de hansenianos do Umirizal, — ele, que nascera em berço de ouro, ele de estirpe fidalga da velha nobreza de origem lombarda, ele o Conde Stradelli. Senhor do Castelo de Borgotaro ("Vimos" — dissestes em vosso discurso de posse, — "um homem vencido pela enfermidade, de barbicha alva e rala, com o "facies leoninus" característico da bacilose a minar-lhe a pele, tranfigurando-lhe por completo a fisionomia").

Apreciando-lhe a obra amazônica — a do pesquisador e a do construtor dos "Vocabulários", bem assim a do etnólogo reconstituidor de lendas e mitos, — preferistes chamá-lo "Rapsodo". Serias, talvez, onde gostaria de chegar Luís da Câmara Cascudo quando assim o "explicava" no preâmbulo da sua laboriosa biografia do nosso imortal Stradelli: "Stradelli" — escreve Câmara Cascudo — "não é explorador nem comerciante. É um enamorado. Não é geógrafo, um naturalista, um botânico, um classificador paciente, minucioso, disciplinado. É um arrebatado, um seduzido, um viajante aprendiz, querendo tudo ver, compreender e amar. (...) Era crédulo, simples, instantâneo no amor e na cólera. Dos setenta e quatro anos de existência, deu quarenta três ao Amazonas. (...) Chegou moço, robusto, alegre rico. Morreu morfético, paupérimo, no improvisado leprosário do Umirizal".

Dizeis bem, Senhor Acadêmico MANOEL BASTOS LIRA, quando preferis chamá-lo "Rapsodo". Aquele que palmilhou milhas ínvias do Amazonas, recolhendo as falas e as lendas indígenas e as ordenou e lexicografou e as tornou em matéria de poesia, contando-as em versos; aquele que se encantou no Rio Negro com as narrativas do heroísmo índio e da ternura da meiga e doce Pitiapo; aquele que cantou os feitos e as glórias de Ajuricaba nas estrofes viris de um poema — era, sim, "Rapsoso".

Senhor Acadêmico MANOEL BASTOS LIRA:

Estais a viver, nesta noite, uma hora de consagracão. Acompanha-vos, bem de perto, uma luz que irradia do doce coracão a que há 38 anos unistes o vosso coração para a jornada de compreensão, harmonia e felicidade, que o destino, generoso, vos traçou, — esse coração admirável da mulher que, desde então, tem sido a vossa Estrela Companheira pelas vias-lácteas da vida, nas horas boas ou nas horas indito-

sas nos dias de borrasca ou de céu nebuloso, zelosa, atenta e desvelada: D. AUREA DE VANCONCELOS LIRA, vossa esposa estremecida, cuja presença honra esta solenidade e enobrece a Academia. Estimuladora e animador de vossas atividades intelectuais, responsável, assim, por parte considerável de vossos triunfos na vida profissional ou nas lides culturais e científicas, à vossa ilustre dama rende a ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS as suas homenagens.

Senhor Acadêmico MANOEL BASTOS LIRA:

Há certas estradas que as não podemos percorrer por inteiro, pois os encantos da Natureza tanto nos levam à contemplacão que retardam os nossos passos.

Não chegaríamos ao fim desta missão de vos trazer as boas-vindas da Academia, tantas são as fascinações, a cada passo, nesta caminhada ao vosso encontro.

Encontrando-vos, apertemo-nos as mãos fraternas, em silêncio.

Em silêncio, sim!, para que melhor se ouçam, nos rebôos que os ventos do Amazonas hão de levar para todos os rumos, os aplausos desta vossa consagração.

A PALAVRA DO PRESIDENTE

JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

Ao longo de uma profissão fortemente vivida, em horas enérgicas, no exercício das alevantadas eminências da Justiça e da Verdade, justificam-se, plenamente, os cumprimentos recebidos pelo Acadêmico JOSÉ BERNARDO CABRAL, nesta magnífica noite de sua posse, em nosso Silogeu, do Excelentíssimo Senhor Governador Francelino Pereira dos Santos; do Exmo. Sr. Ministro Rubem Ludwing, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República; do Exmo. Sr. Dr. Hermann Assis Baeta, Secretário Geral da Ordem dos Advogados do Brasil; Dr. Raul de Souza Silveira, Subsecretário Geral da Ordem dos Advogados do Brasil; do Exmo. Sr. Dr. J. M. Othon Sidou, Tesoureiro da Ordem dos Advogados do Brasil; do Ministro José de Aguiar Dias; do Presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros, Professor Laercio Pelegrino; do Doutor Marcio Thomaz Bastos, Presidente da OAB de São Paulo; do Doutor Marcelo Lavenere, Presidente da OAB de Alagoas; dos empresários, colegas, amigos e admiradores, e do Excelentíssimo Senhor Acadêmico Benjamin Albagli, Presidente da Academia Brasileira de Educação, do qual, com real alegria, Of. n.º 048/GP/83, faço registro deste seu belo parágrafo:

— "Rejubilo-me pelo evento, congratulo-me com a Academia de Letras do Nobre Estado do Amazonas pela escolha de BERNARDO CABRAL para integrar seu elenco de doutos, no ilustre cenáculo de imortais, porque eternos são os homens que marcam sua passagem pelo mundo. BER-

NARDO CABRAL é, de fato, um homem singular, digno, sereno, culto e inflexível na defesa dos grandes princípios consubstanciados na Declaração Americana de Direitos e Deveres do Homem. Poucos fizeram tanto pelo Brasil nesta hora difícil. Louvo e exalto os que dele se lembraram e o elegeram precisamente para a poltrona n.º 1 que tem, como Patrono, PÉRICLES, nome que marca um dos grandes momentos da humanidade".

Os fatos são esses. Na realidade, transborda em torno de nós a satisfação que nos levou, por unanimidade, elegê-lo para, conosco, permanecer na luta de elevação sempre maior da Casa de Péricles Moraes.

Nada lhe falta, realmente, para ser um exemplo, aos nossos jovens, de grandeza da personalidade exterior do homem público. Subiu muito alto na escala social. Vencer é colher os frutos de esplêndidas vitórias. Vencer lhe é apanágio fecundo e coroado do engrandecimento pessoal. Já o era na fase estudantil: 1.º lugar no Curso Ginasial e Clássico; 1.º lugar no Curso de Ciências Contábeis; 1.º lugar no Curso de Direito; e Orador de sua turma.

Permito-me, por isso, nesse sentido, vê-lo ao alcance das palavras da eminente Agustina Bessa — Luís, na visão nova dos bem nascidos, que emergem para a vida, quase sem tempo de adolescência, apoiados no implacável talento de subir em personalidade a fim de não ficarem sem vez de compor o poder político, a classe dirigente. Eis o que nos diz acerca do problema das novas gerações:

— "Ser jovem não é uma profissão. Ser jovem é precário, dura pouco, na ordem do tempo. O jovem, como qualquer outro, em qualquer faixa etária, é um consumidor, de maneira que erigir em problema aspectos e acidentes juvenis, que se renovam e repetem, é debruçar-se no transitório. E disso todos tem plena consciência, ainda quando se queiram iludir e engajar".

Diz-nos, ainda, a fulgurante Agustina Bessa — Luís que, no pouco conhecimento de nossos intelectuais, de seus trabalhos literários e jurídicos, o povo se dá em pálidos aplausos porque "o espírito viaja a pé". Muito pobremente nos reunimos e nos identificamos, em nosso idioma comum, para a divulgação dos intelectuais portugueses e brasileiros.

Na maioria dos casos, assim o é. No caso de BERNARDO CABRAL, porém, vejo-o noutra explicação. Vejo-o dentro de uma elite cultural que se reconhece fora dos hermetismos, sem fugas e obsessões, porque tem a idade e os sentimentos dos fatos considerados em face da realidade.

Quase sem tempo de juventude, o Acadêmico BERNARDO CABRAL surgiu na fase do chamado Novo Amazonas, **slogan** lançado pelo então candidato ao Governo do Estado do Amazonas, Professor Gilberto Mestrinho.

Aos 25 anos de idade, foi o Chefe de Polícia mais novo do Brasil. Daí para frente, suas vitórias se fizeram sentir neste tamanho de somas assim: Deputado mais votado à nossa Assembléia Legislativa, Deputado mais votado à Câmara Federal pelo Estado do Amazonas. E, sempre nesta subida, foi o primeiro amazonense a ascender à Presidência do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil.

É claro, antes de ser um jurista convencionalista, BERNARDO CABRAL é um diplomata. Pelo menos, ainda há pouco, na forma em que projetou a OAB, dentro de um simultaneismo, entre o realce nacional e o sentido da importância em que a definiu para a nossa atual política.

E nisso estão, se assim posso dizer, o mágico, o maravilhoso dos ricos totais de sua cultura, profundamente discretos, como político receptivo e acolhedor.

Político de evolução real, sem equívoco, na forma de estabelecer oposições e filiações dentro do moderno tabuleiro de xadrez em que procura entender e resolver os nossos problemas.

O fato é que ninguém que o estude, nas linhas certas de sua vida, pode limitá-lo. Nele, a definição, a suficiência, numa realidade picassiana, não se fixam restritamente em sua doutrina comum.

Pela riqueza das virtualidades, sua Democracia o permite ficar sempre mais perto do povo em liderança efetiva. E nesta claridade, de limpidez translúcida, sem demagogia, sente e compreende melhor o Brasil. E o defende dos improdutivos e prejudiciais, crente na eternidade da Pátria, dirigida e educada nas belas atitudes do civismo.

Tenho acompanhado, como seu coestaduano, as belas vitórias de BERNARDO CABRAL. Como intelectual que ama o Bem e glorifica a Justiça, e sabe caminhar, através do relógio do tempo, nestas exemplificantes lições de Marques Gastão:

— "Raciocinar bem, estar informado dos problemas, não se deixar enganar". Realmente, assim há sido o seu comportamento. A conduta que o levou ao Presidente João Figueiredo, e que de si lh'a apresentou, revela-o na forma de, sobranceiramente, saber considerar que os frutos de sua carreira vitoriosa se mostram, ainda agora, tão notáveis, tão fecundos, como quando a começou.

Nesta noite memorável, em rápido esboço, eis a razão da merecida presença do Acadêmico JOSÉ BERNARDO CABRAL, em nosso salão azul, como titular da Academia Amazonense de Letras. Este, sem dúvida, o seu perseguido itinerário no largo caminho de nobres ideais e alevantadas vitórias. Parabéns.

NA CADEIRA DE PÉRICLES MORAES

José Bernardo Cabral

Exmo. Sr. Dr. JOÃO MENDONÇA DE SOUZA, preclaro Presidente da Academia Amazonense de Letras.

Desde a academia de Platão, época em que estilhaços de estrelas clarearam a pátria dos helenos, o imperativo de semear idéias pôde ganhar a consistência de um modo de vida que seria observado pelas gerações iluminadas, quando Petrarca — o gênio de Arezzo — empunhara o lábaro do Humanismo. E após o Renascimento detonou-se o processo de libertação da inteligência.

Já na última fase da Idade Média, que vem da queda do Império Romano até a conquista de Constantinopla, quando a violência de instituições totalitárias tentara demolir o arcabouço da Civilização, emergiram as belezas florais do pensamento, agora sem o cerco de ferro estabelecido pelos tronos escravocratas.

Há de prevalecer o conceito humanístico de que nada se busca no território brumoso do futuro senão através do gênio e da compreensão. E, assim, plasmaram-se princípios de íntima interpretação da condição do Homem, tanto mais porque os centros acadêmicos consagram a inteligência como dote supremo da vida, sem que as adjacências da mediocridade insidiosa e iníqua conturbem o perfil limpido da estética e da cultura.

Se escalei o cêrro — e hoje alcanço este penhasco de condores —, honra-me a convivência dos que sabem manejar o cálamo, gravando no papel as centelhas de celestial majes-

tade. Destarte, procede das vertentes dos deuses a graça de poder o homem liberar surtos vocabulares com a melodia da fonética, que faz do legado literário um patrimônio soberbo e encantado.

Participando, agora, deste templo de cultura, as emoções me embargam, por saber que vim situar-me entre ilustres expoentes da literatura, entendendo que os meus destacados pares, em decisão espontânea e unânime, quiseram prestar-me um ato de homenagem expressivo e consagrador, embora timbrado por uma indisfarçada generosidade.

Sim, Manaus foi o meu berço. E neste espaço, àquela altura tão densamente verde, vivi a minha infância e a minha mocidade, a quem o sonho e a esperança floriram, de modo a poder eu arrostar os percalços que se ocultaram e ficaram à espreita nas grutas do tempo.

Nas divagações de menino me vêm à tela da memória o espetáculo das auroras rosadas, a banhar de luz o fascinante mundo selvático dos trópicos brasileiros, cuja imensidade excitara o gênio de Humboldt, levando-o não só a elaborar textos científicos relevantes e profundos, mas a considerar o nosso Estado como o celeiro do mundo.

A expressão telúrica da Amazônia — fascinante, imensa, montando na sinfonia do seu mapa geográfico o mais belo bailado orográfico do mundo — teria de induzir-me aos ideais mais altos. E, assim, o menino, dentro de uma ilha humana ainda minguada, já despertava o espírito para esse apaixonante "vazio de ecúmeno", na definição de Réclus, homem de ciência de França, fazendo com que crescessem sentimentos mais fortes e que se propunham a defender a incolumidade da gigantesca planície do Rio-Mar.

Mas as minhas projeções de sonho refletiam o sentimento de uma análise, segundo a qual as idéias diáfanas se punham uma sobre as outras, formando uma pirâmide de santa dignidade, até tocar o teto de Deus.

Não há, todavia, desencanto a registrar, porque me vem à alma uma revoada de sorrisos docemente espontâneos. Sorrisos que adornaram a minha casa de criança, como se eu tivesse de ser um andarilho da história, pervagando um caminho azul, por onde passaram as carruagens douradas dos semideuses da lenda.

E em mim persiste a recordação, alvejada pelo tempo, desta Academia de Letras, situada não tão distante da Praça da Saudade, como se esta designação locativa indicasse a existência de um vínculo de respeitabilidade entre o augusto cenáculo e os burgos de eras longínquas, onde as penas

de ganso, de egrégios encanecidos, lavraram os autos sobre a coragem vencida da própria humanidade na sua exaustiva peregrinação em busca do nada.

Cervantes, imperecível monumento da Hispanidade, um dia voltara a Madri com as feridas de Lepanto e as angústias de um mundo tragediado. E ele mesmo, no seu "Dom Quixote de La Mancha", tentara diluir a dúvida pertinaz de Sancho Pança, o amigo fiel, que encontra um elmo e acreditava ser do rei mouro, Mambrino. E a versão clarividente de Dom Quixote e que o curioso objeto não era o elmo do monarca, mas a bacia de algum ligaro. A transcendente intervençao sardônica de Dom Quixote visava a apenas reduzir a uma dimensao exata a figura de um potentado efêmero, tao fugaz como as orgias do Paço.

Evidentemente, algo de sublime sobrepaira à veleidade dos espíritos vulgares, incapazes de ouvir os arpejos dos anjos ou o sussurro mágico da eternidade. Quantos milênios foram esgotados e quantas tempestades destruíram a frivolidade ou arruinaram as estruturas de um elitismo artificial e insolente? E, então, por que reside o poder da inteligencia, brilhando em seu universo?

Permito-me formular uma autocrítica que admito discreta e até simplista. E a faço porque sou hoje aquele menino a alcançar a fronteira dos cinquenta anos de idade, sem ensejar a ruptura de uma linha espiritual que me prende ao invisível nascedouro do tempo; porque emergi em minha epoca portando uma rosa, de lilás talvez, mas preconizava a ideia de chegar aos campos ensolarados da paz e da concordia. Não me dei por vencido, embora entendesse que a inclemencia de um processo existencial tanto tenha exigido, e pouco tenha dado, a despeito da formaçao equatorial que me fez viandante, já à vespera de outra centúria.

Victor Hugo afirmava que "Paris é a praça do pensamento humano", destacando a sua coerência por saber o autor de "Os Miseraveis" que a sede mundial da cultura indicava traços de compreensão diante de tantas instituições de governo que se avitaram nas celas bestiais do obscurantismo, impondo a morte civil dos talentos, ou encarcerando artistas ou sábios.

Não desejaria armar qualquer paralelismo com nenhuma situação existente no mundo. Tampouco seria eu perdulário do pensamento, promovendo reflexões em torno de cenas episódicas despidas de embasamento científico junto à apreciação analítica por parte do juízo dos pósteros.

Seja-me permitido, no entanto, delegar aos **experts** da

nova História a diagnose de uma sequela de fatos menores, facilmente sepultáveis. Porque a força do esquecimento é severa e marginaliza as ocorrências pobres, conhecidas na sociedade internacional.

Não reluto, a propósito, diante do dever de exaltar este Instituto de Cultura pelo senso de equilíbrio e pela superioridade ática de abrir o seu pórtico glorioso a um homem público da região, o qual, em recente ciclo da vida republicana, fora Deputado Federal, eleito em marcante sufrágio, e depois cassado o seu mandato e suspensos os seus direitos políticos por um decênio, em face de um édito arbitrário e incompatível com a meridiana dignidade dos direitos humanos.

Amante das letras na infância, postulante do jornalismo na juventude, integrante da oficina cultural do colégio, jamais me afastei das lides do espírito. E hoje, como advogado atuante — só advogado —, inspirei-me na essência filosófica da Declaração Universal dos Direitos do Homem, em sintonia plena com a alma da civilização contemporânea, que recusa e condena a subordinação da cidadania aos delírios de todas as tipicidades de absolutismo.

Membro efetivo — a partir deste instante — da Academia Amazonense de Letras, faço-me dignitário entre escritores tão ilustres. E sob a silhueta das amazonas, mulheres cavaleiras que galoparam o imenso vale que intermedia a bacia atlântica e a cordilheira andina, vejo que agora, também, os nossos notáveis antepassados se superpõem ao dorso da fatalidade e correm para lançar aos pés do amanhã as orquídeas das glórias conquistadas.

Várias são as individualidades célebres que derramaram clarões de beleza sobre este recinto, quando a própria tribuna se convertera em púlpito de místicos predestinados.

Curvo-me, por isso, perante a memória de Péricles Moraes, o esteta das letras e do pensamento, cujo talento confirma ter sido ele, de forma induvidosa, filho legítimo da erudição com a inteligência, e que nos deixou a melodia do seu esplendor cultural. E os patronos que inspiraram a criação desta entidade, por força de luzente ancestralidade, são acatados em sua límpida memória, porque os quadros acadêmicos sucessores têm sabido honrar os foros espirituais do Amazonas.

PÉRICLES MORAES

Espadachim da prosa, na conceituação feliz do nosso Presidente Mendonça de Souza, ou o "mais alto cimo da cor-

dilheira mental de nossa terra", como colocou em relevo o imortal Pe. R. Nonato Pinheiro, nasceu Péricles Moraes neste Estado no dia 28 de abril de 1882.

Tal qual o outro, o ateniense, merece ele o cognome de Olimpico, porque sempre viveu dentro da maior simplicidade e no meio de uma sociedade de literatos, a ponto de já no começo deste século, ser o centro de um grupo de jovens boêmios que recitava Verlaine, Mallarmé, e que acabaram por fundar o chamado "Apostolado Cruz e Souza".

Considerado o "Principe da Intelectualidade, Soberano do Pensamento" (Leoncio de Salignac e Sousa) e a ele dever o Amazonas "a sua maior projeção mental no cenário da Pátria" (Ramayana de Chevalier), Péricles Moraes fez de "Figuras e Sensações", fruto de estudos publicados na imprensa, o seu livro de estréia.

Conheci-o pessoalmente, em determinada manhã, quando, ainda aluno do Colégio Estadual do Amazonas, lá pelos idos de 1949, fui levado ao Templo augusto em que reinava dona Andrômaca, sua fiel esposa e dedicada companheira, pelas mãos do Professor Mário Ypiranga Monteiro, que gozava de sua intimidade.

A impressão que deixou nitidamente marcada naquele jovem de então foi a de uma espécie de cheiro de santidade em tudo que dizia. Confirmo hoje, na maturidade — quando a capacidade de escolha e julgamento se aprimora —, que razão tem Moacyr Rosas ao proclamar: "para todos nós, cultores das letras, insistimos neste ponto: é tarefa difícil visionar a figura de Péricles Moraes".

Por onde, pois, começar a tracar-lhe o perfil? Pela edição comemorativa do seu jubileu literário, em que a Revista da Academia Amazonense de Letras, em seu número 6, a ele dedicou nada menos de 278 páginas e na qual desfilaram depoimentos dos membros desta Academia, da Brasileira de Letras, de Sócios Correspondentes e de personalidade das letras e do jornalismo?

Como poder resumir o que é impossível de ser resumido, acrescido de correr o risco de não ser compreendido? Por outro lado, que tarefa mais do que complexa, numa reunião assim, proceder à leitura de um livro inteiro sobre um homem mais do que inteiro?

Impetro, portanto, a esta Augusta Assembléia, uma ordem de bondade e tolerância para que possa, aqui e acolá, pingar tracos da vida daquele a quem o grande Camille Mauclair, a respeito de "Figuras e Sensações", assim se manifestou:

"Vous pensez bien le plaisir profond que me fait votre étude; la reconnaissance quej'en éprouve fait de moi votre ami. Vous avez admirablement résumé et synthétisé ma pensée..." (Carta enviada de Saint-Leu-La-Forêt, Seine et Oise, 9 juillet 24, in Rev. da Academia, pág. 173).

Seu segundo livro, "Coelho Neto e Sua Obra", também como o primeiro impresso no Porto, Portugal, mereceu de Abguar Bastos este registro:

"Com a mesma preocupação elevada e honesta de comentador complexo, Péricles Moraes expremeu diamantes ao talento. Atirou ao público um novo livro, onde, em 172 páginas, espreita, analisa, define, consagra e realiza. Realiza, também, a sua estilização, sempre riscada a vertigem, sempre elástica e multiforme. Notamos que o amor é um fecundo observador. A sua observação é tão atilada que ele sente o que vê, com a mesma faculdade da perspectiva." (Revista da Academia, n.º 6, pág. 192).

O próprio Coelho Neto, na troca da volumosa correspondência que ambos mantinham, não se esquivou de, em uma delas, declamar sobre essa obra:

"Acabo de ler o seu generoso livro sobre o "pobre de mim", como diria Fernão Mendes. Quanta lenha para o auto de fé que me espera! Em tal pira, de arômatas como os troncos do Líbano, a morte será deliciosa. Obrigado! Muito Obrigado!" (Revista da Academia, n.º 6, pág. 220).

Seu terceiro livro, "Legendas & Águas Fortes", considerada por alguns como a sua obra clássica, mereceu do filólogo João Leda, como dá testemunho o não menos erudito Pe. R. Nonato Pinheiro, a afirmação:

"Lendo-vos, tem-se a nítida impressão duma daquelas páginas tonitroantes de Chateaubriand, onde se ouve o ribombar dos trovões, fazendo estremecer nas selvas a colossal estrutura dos robles seculares. Não é um livro que se lê, é uma tempestade que se escuta." (Revista da Academia, n.º 6, pág. 129).

Palmilhando o mesmo caminho, Alberto Rangel, criador do imortal "Inferno Verde", assinala, em carta de Paris, datada de 18 de dezembro de 1935:

"A sua estima coerente e esclarecida de navegante nos meandros da composição literária, as linhas de simpatia com que sobretece a talargaça das idéias, a sã madureza do seu espírito, essa atenção e sobriedade que distinguem os bons servidores e apreciadores das altas cousas do espírito, tudo isso se revela em LEGENDAS & ÁGUAS FORTES. (Revista da Academia, n.º 6, pág. 182).

Não foi por outra razão que, depondo sobre Péricles Moraes, a respeito do seu "O ritmo da vida na arte da Condessa de Noailles", asseverou Remigio Fernandez:

"Trabalho de cíclope, de síntese admirável, inigualável, que funde, numa só peça de bronze, o exame crítico de toda a célebre escritora. Em França, o teu trabalho, na língua de Racine, seria a palavra definitiva para a posteridade, quando esta quisesse ajuizar o valor literário da eminente prosadora e poetisa." (Revista da Academia, n.º 6, pág. 175).

Nesse passo, merece destacada a opinião do sempre saudoso e festejado Waldemar Pedrosa, também ele Presidente desta Casa, sobre "a estrutura intelectual" do Patrono da Cadeira n.º 1:

"Péricles Moraes sentiu diretamente a emoção que lhe comunicaram o estilo e o pensamento dos escritores que mais se transfundiram na sua organização mental, porque os leu nos originais: Dante e D'Annunzio, Carlyle e Emerson, Flaubert e Maupassant.

"O segredo da sua extraordinária cultura literária está nos seus vastos conhecimentos linguísticos.

"Nele, porém, mercê do temperamento artístico, o escritor sobrepujou o filólogo.

"Péricles Moraes lê o inglês, o italiano e o francês, como o português."

Sua obra fecunda não parou aí. Os pósteros precisavam saber quem fora Araújo Filho e os contemporâneos teriam de reconhecer-lhe o fecundo talento. Dessa empreitada resultou a "Vida Luminosa de Araújo Filho", sobre a qual se penitenciava Javme Cardoso:

"Acabo de ler **A Vida Luminosa de Araújo Filho**, que Péricles Moraes escreveu e publicou. É uma biografia. É a biografia de um dos mais altos talentos que iluminaram a Amazônia nestes últimos anos".

E mais adiante:

"A vibrante e admirável organização literária de Péricles Moraes deu à **Vida luminosa de Araújo Filho** a eloquência e a elegância de um panegírico, no rigoroso significado vocabular do gênero. Sua prosa talhada em períodos de recorte perfeito possui o movimento largo das prosas que respiram. Sente-se que o escritor, antes de principiar a escrever, abre todas as janelas do seu gabinete. Misteriosa, infiltrante aragem — não sei, não posso fugir a esta observação — a que reúne em si a força e a harmonia dos jardins aristocráticos e das florestas indevassáveis." (Rev. da Academia, págs. 188 e 189).

Afinando pelo mesmo diapasão, deu a lume ainda o seu destacado "LEOPOLDO PERES", a fim de repor as infâmias assacadas pela politicalha desenfreada àquele a quem dizia dever as maiores emoções de sua "humilde carreira de homem de letras provinciano".

Ao abrir a obra, fez questão de esculpir, dentre outros, os seguintes períodos:

"Nenhuma outra figura literária de sua geração, as numerosas que de mim se apaixonaram, tanto se alcandorou na minha estima e no meu fervoroso apreço. Nenhum outro amigo, por tamanhas provas de confiança e simpatia, cresceu mais depressa na minha admiração."

Tendo produzido antes "Retrato de Augusto Linhares" e "Confidências Literárias", já reconhecido e proclamado nacional e internacionalmente o seu amazônico talento, Péricles era um homem de exagerada modéstia, a ponto de, em carta dirigida ao Professor Agnello Bittencourt, meu mestre no Colégio Estadual do Amazonas, e da qual tomei conhecimento pela gentileza do seu filho, Ulysses Bittencourt, também escritor de nomeada e membro desta Academia, fazer consignar o que se segue:

"Com grande surpresa minha, ontem, em sessão ordinária, e por aclamação, elegeram-me seu Presidente, em substituição do Adriano. Essa prova de apreço sensibilizou-me profundamente, embora me julgue muito abaixo da função que me foi delegada pela generosidade extrema dos meus confrades."

Se esse — "a vol d'oiseau" — é retrato pobre, esmaecido, mais pela falta de aptidão do pintor do que pelo colorido das tintas que usa, daquele que não prestou apenas serviços à cultura, à arte, a coisa pública, posto que exerceu as funções de Prefeito da Cidade de Coari, Diretor da Instrução Pública do Amazonas, Tabelião e Secretário Geral do Estado, oportuno será destacar que também foi consagradora a sua atuação quando estava a sair do país da excepecionalidade institucional para o reordenamento constitucional.

Ao deixar o cargo de Secretário Geral do Estado, recebeu ele, datado de 16 de fevereiro de 1946, documento em o qual o então Interventor Federal, desembargador Emiliano Stanislau Affonso, fazia, dentre outras, estas considerações:

"Deve-lhe o povo sincera e decidida assistência pelas acertadas medidas sugeridas para a solução dos problemas de primeira ordem, e é oportuno se saiba ter Vossa Excelência, em determinadas crises, posto à margem sentimentos

afetivos para somente olhar o bem da coletividade. Agora, de regresso ao ambiente sereno e luminoso do templo de Arte e de Sabedoria em que transformou o seu gabinete de estudos, leva o emérito patrício, com os meus aplausos e de todos os companheiros desta jornada histórica, em prol da restauração da Democracia pátria, as homenagens de um povo que o conceitua uma de suas glórias nos domínios do pensamento e padrão de caráter pelas suas excelentes virtudes." (Rev. da Academia, n.º 6, pág. 256).

Pois é esse notável varão — a quem o Presidente João Mendonça de Souza dedicou um Ensaio de 68 páginas e a Câmara Municipal de Manaus, no distante ano de 1956, recebeu requerimento para transformar a sua data genetlíaca, 28 de abril, em dia consagrado à "Festa da Inteligência" — que patrocina a cadeira em que vós me fazeis sentar, a partir desta noite.

Senhores Acadêmicos:

Assinalava eu, ao começo desta oração, a decisão espontânea e unânime que proferistes, atendendo ao trabalho primeiro de Mário Ypiranga Monteiro, como me deu notícia a Comissão composta pelos Acadêmicos e diletos Amigos Carlos Araújo Lima, Carlos de Almeida Barroso e Ulysses Bittencourt, confirmada, a seguir, pelo Ofício desta Augusta Presidência.

Agora, em caráter solene e oficial, aguardam-me as palavras de Oyama César Ituassu da Silva, ou simplesmente Mestre Oyama, meu dedicado Professor de ontem e Amigo de sempre. A ele, sem que jamais tenha pressentido, devo tantas vitórias no campo do Direito Internacional, sobretudo no exterior, mercê da disciplina que com tanta proficiência lecionou e leciona na nossa jamais esquecida Faculdade de Direito do Amazonas.

E mais do que nunca, quando assomar a esta tribuna, estará o meu débito ampliado, eis que a ele foi entregue — para gáudio meu — o cometimento da saudação e, por via de consequência, absolver-me do pecado deste discurso.

É que Oyama Ituassu — do pórtico altaneiro da sua cultura e da gávea da sua erudição — trará a esta assistência a recompensa de me terdes ouvido, seja pelo fulgor de seu verbo, seja pela qualidade de sua retórica, um e outra verdadeira filigranas de ourivesaria que só um joalheiro do seu quilate sabe exibir nas vitrines em que se colocam jóias de inestimável valor.

Resta-me, pois, com as escusas mais do que altiloquentes, concluir. Mas, não posso fazê-lo sem declarar que passo

a integrar uma Casa, a qual, ao longo dos seus 65 anos de existência, tem sido de dinâmica da inteligência, dentro da maior concentração florestal do globo, onde o primado da ecologia é a razão de textos sublimados — "A Amazônia não é assunto para escritores medíocres" —, quando se busca, a todo custo, a preservação de um colosso edênico que já passa a configurar-se como fonte geradora de vida para uma humanidade exausta.

A polivalência de posicionamento de uma organização acadêmica se comprova na ação da vanguarda e na alta atribuição intelectual. E diversifica-se no esforço do espírito, notadamente no estudo e no debate de ângulos fundamentais pertinentes à salvaguarda dos valores do idioma luso, hoje enriquecido com os subsídios do afro-indianismo.

E contemplamos, por isso, impressionante comunhão idiomática, em que cento e vinte milhões de brasileiros soletram orações, emitem formosuras literárias, exaltam atos nobres, suspiram angústias, pronunciam esperanças, revelam desencantos ou sonhos dourados e vadios.

A propósito, Guerra Junqueiro — no âmago da lusitanidade —, escrevera, em jornal de Lisboa, comovedor artigo ao ensejo da implacável crise climática que atormentara o nosso Polígono das Secas, no ano de 1877. E lastimava Junqueiro que, no Nordeste do Brasil, pobres criaturas padecessem e pedissem esmolas na mesma língua em que Camões escrevera o seu Luzíadas.

Por essa razão, ao me despedir desta alta tribuna a fim de poder desfrutar do privilégio do convívio com todos vós, Senhores Acadêmicos, registre-se que a Academia Amazonense de Letras — segundo os modelos éticos e vetustos — tem sabido zelar pelas prerrogativas qualificadas e fascinantes do idioma, posto que há de servir, dentro dos limites próprios, como poderoso instrumento antropocultural, a veicular a virtude ou a miséria; a glória ou o infortúnio.

Honra-me pertencer à Casa de Péricles Moraes. Orgulha-me a vossa companhia. Alegra-me ser um dos vossos. Envaidece-me a imortalidade, pois estou certo de que tudo o que se fizer neste cenáculo encontrará na acústica do tempo a resposta consagradora dos deuses.

Eu vos saúdo.

SAUDAÇÃO A JOSÉ BERNARDO CABRAL

OYAMA CESAR ITUASSÚ

Acadêmico JOSÉ BERNADO CABRAL:

Já de longe e no tempo sempre presente se ouvia o fragor da quebrada das ondas de vosso mar interior, entrechocando-se com os penedos graníticos da intolerância, e nessas águas violentas decorrentes, e apesar delas, vosso barco alcançou afinal a praia tranquila das areias brancas de vosso espírito, umedecidas pela espuma das marés que por fim se aquietam. E no instante em que tão alto subistes, mesmo arrostando os vendavais da incompreensão, alicerçastes o vosso porte de modo tal que somente pela força do talento atingistes o sufrágio unânime desta Casa para nela e com ela ingressardes na imortalidade.

Coube-me a mim, desvestido que sou de maiores roupagens, a gratíssima tarefa de receber-vos como novel acadêmico, e, das muitas empresas que tenha enfrentado no decurso da vida, nenhuma se assemelha, nem de longe, ao prazer que ora me desvanece na alegria desta recepção. Isso por que a poucos é dado o ponto temporal de ler, embora de gerações diferentes, nas mesmas pessoas, o duplo caráter de professor e de estudante de ontem, e hoje ombreados ambos no mesmo galardão. Prova de que os períodos vividos no passado tão recente frutificaram e o que era anteriormente um dependente, no estudo do Direito, se tornou igualitário na cultura, e por ela, a par de uma inteligência privilegiada, alçou-se a pâramos maiores do que o mestre de en-

tão, através da cuidadosa e constante leitura das coisas que interessam a quem se dedica ao saber.

Tendes sido e sois, por vossos predicados, um homem de brilho, em razão da seriedade com que encarais os fatos que vos dizem respeito. Fizestes do dia-a-dia uma forma de aprimoramento das qualidades natas e o que sabeis — e sabeis muito — é o fruto de tanta abnegação no estudo para suplantar os maus momentos que sempre vêem e que hoje se transformaram em êxitos, inobstante as pretensões adversas e cujos pobres objetivos jamais poderiam medrar.

A humanidade se compõe, no campo das idéias, de dois tipos básicos: o vencedor, aquele que persevera na boa luta sem medir escolhos ou dificuldades e sem esmorecer jamais, e o vencido, o que se entrega aos primeiros embates negativos, aceitando os revezes sem ânimo para prosseguir na dura caminhada. Estes não têm lugar na História e vão para o limbo, esperando a barca de Caronte para o decesso final. Vós pertenceis por direito ao primeiro escalão. Na trajetória de vossa existência estão alinhavados os minutos seculares da empreitada levada a bom termo e se na fase inicial, da adolescência à juventude — que é eterna posto que vale pelo que tem em si de vigor mental —, fostes erguido a tarefas culturais acima mesmo daquele ciclo, as armadilhas etárias não vos quebrantaram o espírito e nem o assustaram, antes fornecendo-lhe novos elementos para o palmilhar de todas as esperanças.

O exame de vossas atividades retrata a rota percorrida ao longo da estrada da vida e nela estão as vossas pegadas, marcando, com as lágrimas quentes das angústias sofridas e derramadas na poeira dos tempos, o percurso passo a passo atravessado. Não é de mistér esmiuçar em detalhes os aspectos da caminhada que percorrestes e percorreis ainda agora, para a demonstração do valor intelectual que ostentais com galhardia, e o carinhoso estudo dos trabalhos encetados — não como forma de aferir os méritos e nem ilustrar minhas palavras nesta festa —, expõe a beleza de vosso constante aperfeiçoamento cultural.

Saiu-me a certeza da possição assumida pela Academia em vos escolher, caso não vos conhecesses bem, ante a interpretação dos conceitos que emitis e que confrontam o quadro do pensamento central que vos norteia. De logo, a compreensão da atitude que assumis quanto à figura do Estado, que é puramente de ordenamento jurídico-político, negando-lhe o direito de ser árbitro da vontade social e nem tão pouco tutor da nação. Como também salientastes a agudeza do pro-

blema da reforma do ensino superior e conclamastes pela urgência de uma nova mentalidade estrutural que enseje sua melhoria. E tais preocupações têm constituido, dentre outros, a tônica de vossos pronunciamentos nas diversas oportunidades que têm solicitado a presença e opinião, afirmando o ponto assentado sem receios ou tibiezas quanto aos efeitos das verberações. E já na veneranda Faculade de Direito, nos albores da mocidade e como orador da turma de 1954, evidenciastes o tônus postural que irieis assumir depois, quando em certo instante exclamastes convictamente: não nos devemos curvar em nenhum momento! E tendes demonstrado permanentemente, mesmo nas agruras das adversidades que não vos escravizaram os ombros, que essa atitude tem sido estável em vossa vida pública, onde em hora alguma tergiversastes. Forte como uma rocha, vossa coluna vertebral jamais se curvou, por não ter a consistência elástica dos desfibrados.

Bem salientando que não vos estou tecendo loas por mero dilentatismo ou por dever recepcionista, mas sim transmitindo a verdade a vosso respeito, pois tendes adquirido conceito altamente credenciador e lisonjeiro. Desde os primeiros estudos, evidenciastes inclinação para as alturas, ícaro que sois, mas de asas firmes e sólidas que não se rompem ante a inclemência do sol porventura existente. Logo após o bacharelado em direito, ingressastes no serviço público e percorrestes cargos os mais diversificados, mas sempre à altura de vossas qualidades, desde delegado a Secretário de Estado. Mais tarde ingressastes na polícia e fostes deputado estadual e federal e neste último mandato recebestes a injúria de uma cassação imotivada e que hoje exprime uma forma de realce, porque nela transluz o reconhecimento implícito de quão importante era a vossa presença no cenário do Congresso Nacional.

Não vos bastaram tais vitórias e fostes para o magistério superior, onde fulgurastes como titular de uma das cadeiras do curso de Direito da Universidade de Brasília. Na advocacia, a que vos destes com afinco e carinho, tendes militado com esplendor e de tal sorte que fostes eleito Conselheiro da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro, integrante do Conselho Federal da mesma instituição e por fim seu Presidente, onde avançastes além dos mares, descobrindo para o mundo vossa personalidade. Nesse posto, somente permitido a quem realmente dispõe de altos méritos, tendes desempenhado trabalho intenso, em uma pregação cívica impressionante, a lembrar a campanha civilista de Rui Barbosa

em 1908, quando se opunha ao sistema eleitoral então vigente.

Realmente, Senhor José Bernardo Cabral, a atuação que tendes desempenhado na presidência do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil exprime um admirável credenciamento de vossas realizações públicas. Lutador sempre, vossa categoria interior despontou com maior intensidade na acendrada batalha travada em relação ao respeito aos direitos humanos, direitos que não são propriedade de ninguém e muito menos do Estado, e sim do ser humano em toda a sua integridade, direitos que não devem e nem podem licitamente ser descurados por quem quer que seja e muito menos pela autoridade, que tem o dever de proteger o cidadão em todas as circunstâncias e até mesmo contra os atos de violência dos integrantes do poder público. Direitos que transcendem à simples esfera da sociedade particular de cada Estado para tornar-se um patrimônio da humanidade, que há séculos vem pelejando pela incorporação de seus postulados na consciência universal.

Participastes naquela qualidade de congressos e conferências nesse sentido, reunindo-se com eminentes figuras que se integraram nessa campanha, que é a luta de todos contra o poder arbitrário, onde quer que surja. Tornaste-vos assim um peregrino a serviço de um objetivo elevado e nessa árdua jornada, que abrange as principais capitais do mundo moderno, recebestes placas, condecorações e medalhas de toda sorte, como reconhecimento global por essa atividade incansável, exteriorizações vivas nacionais e estrangeiras de vosso conceito. Mas nenhuma é tão grande e tão significativa como o Colar Acadêmico que passareis a ostentar, prêmio de vossa terra natal a quem tanto cresceu por valor próprio. Porque as dores que tendes amargado viestes curtí-las aqui, na rememoração eloquente contida no verso maravilhoso de Menotti del Picchia, ao dizer do belíssimo "Juca Mulato", que "na nossa terra a própria dor dói menos".

No que tange às vossas credenciais para compartilhardes conosco dos encargos acadêmicos, nada melhor que o discurso de apresentação há pouco pronunciado, para traduzir o acerto da escolha do cenáculo.

Vosso patrono — o eminentíssimo Péricles de Moraes — a quem conheci pessoalmente ainda nos primórdios da vida estudantil —, teve o seu perfil magistralmente burilado, sem quebra de verdade alguma. Vizualização perfeita da figura representativa do varão ilustre que tanto honrou o Amazonas ao lado de outros de igual estatutra. Péricles tornou

se o símbolo da cultura amazonense e seus livros, e mais que eles, a palestra amiga, quando expandia a mancheias suas valiosas idéias literárias, oferecem manancial vasto roborador de sua erudição. Soubestes esmiuçar com carinho as múltiplas facetas da personalidade pericliana e emoldurastes com festões de beleza o quadro majestoso de um belo caráter cultural. Dissestes, com invulgar propriedade, que Péricles de Moraes foi um homem mais que inteiro. Verdade absoluta, pois tinha ele em si, no seu íntimo, uma categoria interior que lhe dava um ar de profunda introspecção extravazante no trato cotidiano, quando brilhavam as multicoloridas gemas do escrínio precioso que era a sua enorme pujança intelectiva.

Tão bem lançastes em linhas primorosas a fiel contextura do escritor profundamente humano que nada mais me restou para prestar homenagem a quem tão bem e tanto dignificou esta Casa. Fostes eloquente sem excessos, esmerilhador da obra vasta sem exageros, e topografastes com inteireza, sem ademanes demasiados, a prospecção de uma figura que por si sempre deixa luzes a cada vez que se lhe compulsa o trabalho de vulto admirável.

Senhor JOSÉ BERNARDO CABRAL:

Somos homens de sonhos altos, não por nós mesmos, mas pela intenção que nos envolve no rumo da coletividade. Vós vos tendes dedicado com afinco à importante e ingente tarefa de criar clima propício a libertação do ser humano, enfrentando com galhardia os destemperos do mundo violento em que vivemos. Quanto a mim, também tenho arrostado as vagas telúricas a prol das bandeiras que se alevantam cá e lá em torno da liberdade, que para mim é tudo. Vós tendes a mesma preocupação, sabendo que ela, para vigir, necessita de paz e por causa dela se orienta e aponta rumos de como obtê-la e realizá-la nestas épocas conturbadas. Devemos, como o fazeis, e bem, bradar instantemente pela sua presença e agir no sentido de trabalhar nessa meta demonstrando por todos os meios e modos que nenhum homem, nenhum povo, nenhum Estado pode progredir se não dispuser de paz, fulcro essencial de todas as esperanças da comunidade.

Somos também do mesmo feitio idealista e isso tendes demonstrado em vossas peregrinações. Estamos ambos conscientes de que o homem, princípio e fim de toda sociedade, se tem dirigido para um alvo de certa forma egoístico

em sua essência, promanado de sua vontade criadora qual a de realizar um ideal. Ideal que não se mede por circunstâncias materiais de efeito imediato na colheita de benefícios e sim se impregna de um conteúdo maior, superior, consubstanciado na expressão mais alevantada de favoneamento de messes para a coletividade. Poder-se-á dizer que há um antagonismo chocante entre a vossa pregação pela paz e direitos humanos e a triste e penosa realidade dos tempos presentes. Não estamos localizando violações em ponto algum, porque configuram eventos diários em quase todas as terras. Onde quer que elas ocorram, conservam a fisionomia de uma terrível aberração social, a merecer ser profligrada.

No terreno do ideal, vale dizer que ele não se mede pelos bafejos materiais que possam produzir, e a angústia pela sua obtenção avassala a alma de muitos. Não sois dessa natureza. Vosso comportamento explui na tenacidade com que procurais a consecução das rotas altruísticas que conformam vosso pensamento. Sabeis que o ideal tem um substracto de altitude, beirando as margens do infinito. Não toca na terra e nem traduz as tristes contingências do dia-a-dia. Foge e escapa das questões constantes que atormentam os sêres, para explodir no futuro em uma arrancada luminosa. Somos daqueles que vivem o sonho da materialização de uma quimera, com os pés nas nuvens e a idéia no espaço imenso e infinitamente eterno. Sonhador prático que sois, idealista perfeito sem olvido das premências terrenas, também não pondes de lado como coisa incômoda, a esquina dos fatos, o horizonte distante, mas que aos poucos se aproxima até sua final concretização.

Em vossos trabalhos, evidenciais teses que atendem aos reclamos coletivos, compreendendo que a humanidade tem vivido em avanços e recuos, penetrando muitas vezes em trilhas erradas para mais tarde, a custas de sofrimento, retomar a rota que a levará ao seu destino certo e almejado. As tempestades passam, e passarão, como têm passado em outras eras e em todas elas, como um facho de luz, vêm-se aqui e acolá, como marcos indeléveis, os ideais que têm orientado homens e instituições. O homem — e isso tendes salientado sempre — sabe e sente, em sua própria carne, que é preciso por cobro à intranquilidade, para que todos vivam na paz e no respeito mútuo, tanto o indivíduo como o Estado. Este não faz do homem o instrumento de seus engrandecimento, nem aquele usa a entidade política que o governa em seu benefício exclusivo. Todos têm que caminhar juntos para

o escopo comum. E nessa junção está a força catalizadora que impulsiona a coletividade.

Eis, em síntese, o que hauri no estudo deleitoso de vossas produções culturais, que refletem o pensamento fixado em derredor dos assuntos que vestem vossa figura de homem público, agora trazido ao seio da comunidade acadêmica das letras amazonenses. Compartilho de vossas idéias e de vossas lutas tão bem travadas, e juntos, como um Dom Quixote, vós, e eu como vosso pobre escudeiro, ensombrado pelas contingências árduas da vida e sem mais nenhuma filosofia a transmitir, iremos pelejar contra os moinhos de vento que possam surgir em nossos horizontes.

Acadêmico JOSÉ BERNARDO CABRAL:

A imortalidade a que hoje atingis nada e nada tem com a serena certeza da precariedade da vida humana e ela reflete tão só a presença constante do homem de cultura no corpo de sua coletividade, a apontar o valor de cada um na contribuição que possa dar ao progresso das ciências. Nessa presença, muitas vezes, está a semente de idéias que irão frutificar no decurso dos períodos vindouros e, se não vicejam de pronto porque a sua destinação tem vastidão maior a percorrer, mais tarde darão ensejo a agasalho para que se concretizem a favor da cultura.

Passais a integrar, a partir de agora, uma comunidade de espíritos dedicados ao estudo e a perquirição dos vários campos da intelectualidade. E, nessa integração, sem favor algum, ireis fulgir como o farol de Rodes, na orientação dos caminhos de luz que tendes aberto com a vossa atuação nc cenário nacional e internacional.

Tendes uma estrada pontilhada de estrelas e na via láctea do pensamento amazônico adquiristes direito a um lugar privilegiado, por vossos méritos e conduta intelectual. Receber-vos em nome da Academia é uma honra para mim e deixo nestas palavras de saudação a minha homenagem pessoal de excepcional carinho.

Sede benvindo, Acadêmico JOSÉ BERNARDO CABRAL.

A PALAVRA DO PRESIDENTE

JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

Para o ilustre acadêmico OCTÁVIO HAMILTON BOTELHO MOURÃO, a vida é um todo que, em seu professorar, não pode ser dividido em compartimentos absolutamente asilados como o religioso, o político, o econômico e o coletivo. Daí porque, na força desses princípios integradores, sua fala, em nosso Silogeu, dentro de instantes, mais uma vez, se acentuará, pela contínua meta dos princípios mais importantes, no terreno iniludível e civilizado do planteamento social.

É OCTÁVIO HAMILTON BOTELHO MOURÃO um mestre na proficiência em que se notabilizou em mais de trinta longos anos de magistério. Seu valor, no sentido maior do professorado, o faz assim mais distinto na particularidade do discurso escrito, e não apenas oral.

Nos efeitos da cultura, como mestre de gerações, em cursos finasial, colegial e universitário, jamais esteve ausente da aplaudida obra de Vosé Veríssimo, seu augusto patrono nesta Casa de Péricles Moraes. Um discurso de posse, na via geral das motivações é girar de interpretações em textos retidos nos livros de um autor, ou dos autores então nomeados.

E é bem isto o que nosso recipiendário buscou e encontrou nos textos infinitos do patrono — o imortal José Veríssimo. O motivo, a idéia, pois, o fazem real senhor no itinerário de seu universo: e o levam, em tudo que nos transmite, a equilibrar-se sobre si mesmo; ou seja: sobre a própria linguagem. ,

O ilustre Acadêmico OCTÁVIO HAMILTON BOTELHO MOURÃO é mestre no lecionamento de sua ciência. No correrismo das fundações, aprendeu que um professor jamais se deve afastar, consoante o imutável princípio das elevadas explanações ao sumo bem dos alunos, deste, belo e distinto pontificar:

"O ponto mais importante da profissão didática é hoje a humanização do processo da instrução". "A era do ensino humano e baseado na máquina já está às nossas portas". "Torna-se imperativo que exploremos as melhores habilidades do homem e da maquina para legitimá-los". "Chegou o momento para empreendermos resolutamente, todos juntos, esta via que é o caminho para a humanidade moderna". "Deixou de ser privilegio de uma elite e de ver-se limitada a uma idade fixa. Agora tende a estender-se, de uma vez por todas, à comunidade e à duração da existência do indivíduo".

Vale, por isso, observar-se que, em mestres como Octávio Hamilton Botelho Mourão, é um comportamento consciente a aquisição de novos conhecimentos em prol dos reais interesses da natureza humana e da sociedade. "Como, senão por meio do ensino, pode-se unir a geração atual com as que a precederam e integrá-las?". "Só a educação pode criar homem de acordo com o modo em que as coisas estão".

Toda esperança para um mundo melhor, sem dúvida, reside na ação de mestres de sua dedicação que, com otimismo e persistência, não deixam jamais de considerar o mais necessário em prol de lições convincentes, definidas na melhor honestidade de todas as políticas.

Reconheço e afirmo que o acadêmico Octavio Hamilton Botelho Mourão, nesta noite, nos revelará o grande José Veríssimo, patrono de sua Cadeira, objetivado nos câmbios da realidade em que soube projetar-se nas dimensões vigorosas dos ESTUDOS DA LITERATURA BRASILEIRA.

Estimo-o assim, e assim o vejo na retidão professoral da longa caminhada de intelectualidade e de vigoroso Humanismo.

O ensino, na crise atual, tanto nos poderá conduzir a uma sociedade de novo humanismo, quanto nos poderá conduzir a uma civilização que se romperá sem tempo de esculpir a grande lição do cosmos nos muros de suas catedrais.

No que conheço do acadêmico OCTAVIO HAMILTON BOTELHO MOURÃO, o seu Discurso de Posse, hoje, em nosso Silogeu, se fixa nesta marcha de presente para o futuro.

"A dupla preocupação pela **integridade** impõe imediatamente à educação um duplo imperativo de integração: a do homem com o Universo, e a deste Universo dentro do coração de cada homem".

Porque assim soube constituir a força do seu progresso ao encontro da fraternidade, em seu vitorioso humanismo ao desafio do tempo, acredito e afirmo que, como o fabuloso Descartes, o Acadêmico Octavio Hamilton Botelho Mourão, também, pelo brilho das vitórias, aprendeu, e muito, nos privilégios da idade, e recompensas do saber, a "ler no grande livro do Mundo". E é por isso que, com alegria, lhe auguro grande êxito, como um dos nossos, nesta tradicional Casa de Péricles Moraes e de Adriano Jorge. Muito obrigado.

NA CADEIRA DE JOSÉ VERÍSSIMO

Octavio Hamilton Botelho Mourão

Senhor Presidente Mendonça de Souza

Chego a este Silogeu sem me valer das razões textuais do fingidor de Fernando Pessoa. Como o meu patrono que, no que escreveu, nem por exclusão, nem por sincretismo, nem por simples remoção, jamais soube se desculpar, nem mesmo da célebre acusação de Sílvio Romero, tenho que o escritor é a consequênc'a de um prazer de fruição e de criatividade, sem margens de indecisão precária, revogável ou reversível. Na realidade, o seu trabalho, pela coabitação das linguagens, é o seu espaço na história da Babel feliz. E nisso pode-se observar que "a cultura sempre retorna, como margem: sob não importa qual forma". Tudo é atacado, desconstruídos os edifícios ideológicos, as solidariedades intelectuais, a separação dos idiomas e mesmo a armadura sagrada da sintaxe (sujeito/predicado). O texto já não tem a frase por modelo; é amiúde um potente jato de palavras, uma fita de infralíngua". "A desconstrução da língua é cortada pelo dizer político, bordejada pela antiqüíssima cultura do significante".

Pela ilustração orientada nos devidos conceitos do progresso, sabemos porque, em nossos altos e nobres destinos, daqui para frente, temos de nos acostumar a identificar o brasileiro, em sua esclarecida mentalidade, com a elevação cultural e econômica do País.

O aprimoramento de nossa ciência, de nosso poder inventivo da nossa capacidade de organização, na solução acertada dos grandes objetivos culturais, para o melhoramento geral de nossas condições de vida, é naturalmente educacional.

2. MEU ANTECESSOR

Coube, antes de mim, ao ensaista DJALMA BATISTA, neste Sodalício, então ocupante da Cadeira n.º 11, falar-vos dos fatos mais importantes da vida e da obra de José Veríssimo. Deu-nos o dobro do que aqui procurarei dizer-vos acerca da egrégia personalidade de meu patrono nas Letras Pátrias.

É preciso transportarmo-nos à autoridade veríssima de meu antecessor para senti-lo na imperiosidade das pugnas culturais. Ilustrou, por longos decênios, esta tribuna acadêmica em discursos de culto ao vernáculo.

Mostrou-se em obras de defesa e ilustração de nossa Amazônia. Interessou-lhe a Ocidental, em face de certos atos recentes de história e esclarecimento. Julgou-lhe oportuna a posição atual nos problemas econômicos.

A meu ver, a imortalidade de DJALMA BATISTA, nos estudos que nos deixou no sulco das idéias notáveis, está largamente autenticada às páginas convincentes de seu bem elaborado COMPLEXOS AMAZÔNICOS.

Neste livro, em meio de sútis elucubrações sobre a nossa natureza, o lauto tributo oferecido a JOSÉ VERÍSSIMO sobressai no tríplice aspecto político, econômico e social. A rigor, o livro, em esclarecimento de amazonologia, o evidencia no calor do coração e no talento rico de berço. Na simplificação da fidalguia e da maneira cortês sobre a revisão das narrativas excessivas.

Chego, pois, a este Silogeu, para falar-vos de JOSÉ VERÍSSIMO, patrono de minha Cadeira, nos belos enfoques textuais de seus livros e de seus intérpretes, amparado na riqueza dos aplaudidos estudos amazônicos de DJALMA BATISTA.

3. BIBLIOGRAFIA DE MEU PATRONO

Na magistratura literária, na política, na cátedra, na administração pública, JOSÉ VERÍSSIMO nos ilustra como verdadeiro líder de belas atitudes para, magistralmente, se cobrir do manto de púrpura de erudita imortalidade.

Foi no conhecimento dos magistrais ESTUDOS AMAZÔNICOS que me ordenei à leitura de sua volumosa obra.

Conforta-me, sem nenhum bairrismo regionalista, sabê-lo nascido em nossa Amazônia, no ano de 1857, numa Colônia Militar, da ex-aldeia dos Pauxis, perto da Cidade de Óbidos.

Sem dúvida, porque esta região além de haver sido a última a ser integrada ao Território brasileiro, foi também, a que, por largo, colaborou com homens da estirpe de JOSÉ VERÍSSIMO para atingir-se nos altos merecimentos de fundação da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.

E quem me ilustra, nesse sentido, é FRANCISCO PRISCO em seu livro sobre a vida de meu patrono. Tomo-lhe, da preciosa indicação, lances como estes:

— "Houve entre nós diversas publicações com a designação da **Revista Brasileira**. Quatro, porém, se tanto, são as que merecem lembrança: a de Paula Menezes, a de Cândido Baptista, a de Midosi e a de José Veríssimo".

Na de JOSÉ VERÍSSIMO, "segundo o testemunho de Machado de Assis, se reúnem as maiores personalidades literárias de então: "o próprio Machado de Assis, Joaquim Nabuco, o Visconde de Taunay, Sílvio Romero, Araripe Júnior, o Barão de Loreto, o Almirante Barão de Jaceguai, Inglês de Souza, Valentim Magalhães, Oliveira Lima, Domício da Gama, Lúcio de Mendonça, Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Raimundo Corrêa, Afonso Arinos, Capistrano de Abreu, Graça Aranha, Ramiz Galvão, Ferreira de Araújo, Nina Rodrigues, Carminhoá, Calógeras e Domingos Freire".

"Foi numa das tertúlias da **Revista Brasileira** que nasceu a idéia de fundação da Academia Brasileira de Letras. Teve-a Lúcio de Mendonça".

A JOSÉ VERÍSSIMO disse-lhe, à beira de seu túmulo o Acadêmico Filintro d'Almeida: "A Academia Brasileira de Letras lhe devia a ele quase tudo o que hoje é e o que hoje vale".

"VERÍSSIMO pertencia a uma classe de homens raros em nosso país: tinha a capacidade de iniciativa e a coragem da continuidade". Um homem assim teria de ser, como realmente o foi: líder indiscutido da Fundação da Academia Brasileira de Letras.

Rui Barbosa o considerou "mestre da intelectualidade brasileira e um dos mais dignos expoentes da civilização contemporânea". Foi nas páginas de sua **Revista Brasileira** que Joaquim Nabuco deu a lume o seu famoso livro. UM ESTADISTA DO IMPÉRIO.

Depois de aluno do Colégio Pedro II e da Escola Politécnica, no Rio de Janeiro, de volta a Belém, em 1877, JOSÉ VERÍSSIMO se inicia como folhetinista do jornal LIBERAL. A seguir, já a merecer louvores, publica os seus folhetins: VIAGEM NO SERTÃO e A LITERATURA BRASILEIRA, SUA FORMAÇÃO E DESTINO.

PRIMEIRAS PÁGINAS, primeiro livro de sua lavra, é publicado logo após da nomeação, por concurso de Oficial da Secretaria do Governo. Na realidade, é uma belíssima coletânea dos trabalhos acerca da região amazônica.

Em 1879, como fundador da GAZETA DO NORTE, vai a Lisboa e no Congresso Internacional, ali realizado, apresenta longo depoimento sobre o movimento literário brasileiro.

Diretor da Instrução do Pará, em 1883, funda a Revista Amazônica e, em 1884, o Colégio Americano. Em Lisboa, no ano de 1886, publica CENAS DA VIDA AMAZÔNICA. Em 1889, entrega, aos seus leitores, a primeira série dos Estudos Brasileiros. Volta à Europa, e em Paris, participa do X CONGRESSO DE ANTROPOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA.

Ainda em Belém, edita a EDUCAÇÃO NACIONAL. Em 1892, na Capital do País, surge-nos como Diretor do Externato do Ginásio Nacional, (Colégio Pedro II) em cujo cargo permanece até 1897. Nomeado professor de português da Escola Normal, transferiram-no, por merecimento, para a cadeira de História Geral do Colégio Pedro II.

Em 1906, presta concurso à cadeira de História Geral do Colégio Pedro II. Conclui, em 1907, a erudita série dos ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA, em seis séries, iniciada em 1901. Depois do trespasse ocorrido a 2 de fevereiro de 1916, publicaram-no, ainda, outros notáveis trabalhos.

4. ABOLICIONISTA

Estudioso e debateror dos imensos recursos naturais de nossa região, JOSÉ VERÍSSIMO, na defesa brilhante do forte amazonismo, fulgura imenso e decisivo no destino de nossa nacionalidade, entre o período da guerra do Paraguai, da abolição da escravatura e do advento da República.

Vejo-o, em pura comprovação, no amplo sobressair do vigor democrático, mestre que esclarece, pensa e cria a sua realidade, como senhor de uma razão que o torna aureolado em nossa estima, em palavras assim de repulsa à escravidão.

— "A extinção da escravatura, não é de si bastante para apagar os funetíssimos traços da execranda instituição. É indispensável que a obra gloriosa, cujo coroamento foi a lei de 13 de maio, continue pela educação, não só dos libertados, mas de nós todos, todos mais ou menos contaminados pela peçonha".

"Não é possível exagerar os males que nos trouxe a escravidão. Durante trezentos anos refestelamo-nos no trabalho, primeiro do índio depois do negro". "Não somente abolindo como degradando o trabalho, a escravidão consumou em nós a morte de todas as energias, já enfraquecidas pelo clima e viciadas pela hereditariedade.

Extinta a escravidão índia, o africano alegre, descuidoso, afetivo, meteu-se com a sua moralidade primitiva de selvagem, seus rancores de perseguido, suas idéias e crenças fetichistas, na família, na sociedade, no lar. Invadiu tudo e imiscuiu-se em tudo. Embalou a rede da sinhá, foi o pájem do **sinhô moço**, o escudeiro do **sinhô**. Ama, amamentou todas as gerações brasileiras; mucama, a todos acalentou; homem, para todos trabalhou; a todos se entregou".

VERÍSSIMO, realmente, sentiu o século XIX, como lídimo pensador e intérprete de seus grandes inventos mecanizados. Fase do positivismo e do naturalismo científico. Época de ouro dos famosos movimentos democráticos da França. Da energia a vapor, da eletricidade, do telégrafo, do telefone, da grande indústria, do Brasil ávido de progresso e de positiva afirmação de melhoria econômica.

5. O AMAZONÓLOGO

Foi pela vida fora um dos mais completos divulgadores da realidade fantástica da natureza amazônica, em esclarecimentos assim de protestos contra a nossa alienação e desconhecimento:

— "Há um século a antiga capitania de S. José do Rio Negro, hoje Estado do Amazonas, produzia, em quantidade relativamente avultada, algodão, anil, café e tabaco".

"Segundo uma das preciosíssimas memórias do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, publicada no tomo II da Revista do Instituto, a produção do anil em 1787 foi na citada Capitania do Rio Negro de oitenta arrobas; a do café, em 1785, de mil e duzentas; a do tabaco, no mesmo ano, de mil cento e sessenta e cinco, e a do algodão, nos sete anos de 1773 a 1779, de dezenove mil oitocentos e oitenta e quatro arrobas.

Longe de se desenvolverem, estas culturas estão extintas ou consideradas realmente diminuídas. O Amazonas, cujo tabaco de Borba (Rio Madeira) foi famoso, não possui mais esse produto senão em diminutíssima escala e de má qualidade".

JOSÉ VERÍSSIMO, sem dúvida, longe de ser um improvisador, foi um pesquisador incansável sobre coisas, homens e costumes da Amazônia. Viu, sentiu e nos disse o porquê de nossa vida obscura em relação à nossa experiência social e humana. E convidou os compatrícios do Sul para, sem as "tóxicas impurezas do egoísmo bairrista assim, realmente, considerar o insulamento de nossa continental região:

— "A escravatura, já o disse, foi na Amazônia sempre diminuta; no momento da extinção não existia mais no Estado do Amazonas e singular coincidência, estava resolvido no do Pará que fosse extinta, ao menos na capital, a 13 de maio, data memorável da história paraense.

À carência de braços para essas lavouras veio juntar-se, há cerca de cinqüenta anos, a exploração da borracha, com a sua, para essas populações, irresistível atração de vida fácil, de trabalho intermitente, de lucro pronto e de vida folgada e nômade.

O abandono e decadência das culturas na Amazônia datam principalmente do desenvolvimento da exploração deste produto".

Em face de tudo isso, JOSÉ VERÍSSIMO nos convidava para que não deixássemos de considerar o índio, em sua condição necessária de vida, como esclarecido na consciência de seu mundo real. E, nesse sentido, dizia-nos:

— "O problema do desenvolvimento completo da Amazônia resume-se no do seu povoamento, do qual é também parte o melhor aproveitamento das populações indígenas".

"O povoamento da Amazônia, porém, encontra dificuldades tais, que há, mesmo nela, quem o tenha por impossível.

"A maior, a principal dessas dificuldades, é a erradíssima e comum opinião do mau clima dessa região".

"Há nisto uma supina ignorância das condições climatológicas dessas regiões, ao menos da Amazônia".

"A verdade, porém, é que, entre os climas quentes, o da Amazônia é certamente um dos melhores e com certeza do Brasil, se excetuarmos os sertões da região oriental, do Ceará à Bahia, o melhor".

6. APELO EM PRÓL DO INTERIORANO

Em nosso vasto mundo interiorano, fora das cidades ribeirinhas, ao tempo do 44, os homens se atiravam como feras, uns sobre os outros, a fim de conseguirem o melhor quinhão na extração do látex.

Nas estradas das seringueiras, o mais forte, o mais bravo, era sempre o mais ardiloso na tocaia de abater o adversário. Era uma porfia imoderada e, mais que tudo, desumana. Não somou. Não conduziu a Amazônia a ser a mais rica região do Brasil.

Longa e penosa foi a nossa condição de trabalho humilde e de pobreza primitiva. Somente agora, a Amazônia Ocidental, seja embora na estimativa de um alvo ainda oscilante, consegue elevar-se a um covado a mais e nutrir-se destes apelos de JOSÉ VERÍSSIMO, em relação ao desenvolvimento educacional de nossa juventude interiorana:

— "É preciso aprender com a natureza que junto ao veneno põe o antídoto. Seria belo de ver junto à sala onde se julga dos erros humanos, a sala onde há os preservativos dos mesmos erros. As bibliotecas populares são grandes fontes de luz e neste país principalmente, onde os livros são tão caros, é que elas são imensamente proveitosas".

"Um apelo da municipalidade às redações dos jornais, aos editores e livreiros, a todos os cidadãos enfim na província ou fora dela, e dentro em sete meses, um ano, dois anos mesmo tereis as estantes cheias".

7. O SENTIMENTO NACIONAL

Lecionar, no fulgor de uma inteligência opulenta e multímoda, além da vocação, é uma arte. Sim, é uma arte na forma de levar o povo ao maior lucro de preparação para o elevado ideal da cultura e do sentimento nacional.

O esforço de positiva definição nesses princípios cria o gosto de enriquecimento da mentalidade, no trabalho de amar o Brasil na concepção justa e exata de regiões como a da Amazônia.

A seu ver, o lápis é por demais pobre para descrevê-la. O pincel, e somente pincel de mestre, embora ainda aquém da realidade, tem vez para tentativas deste porte.

O Rio Mar, com os inumeráveis paranás-mirins, assusta pela enorme porção de água "Vermelho barrento, ali azul, logo depois verde, ora clara, ora escura, onde ou se estendem os verdes melancólicos campos e as risonhas campinas, ou as vastas florestas tropicais".

A Amazônia Ocidental, sobretudo, em séculos de insulamento, viveu horas difíceis. As gerações passadas, vezes muitas denunciaram à Nação nossos ressentimentos de abandono. O privilégio em que os Estados sulistas se desenvolviam numa política de Sul protegido e de Norte entregue aos dinastas do patrimônio nacional.

"Sem orgulho patriótico, dizia-nos JOSÉ VERÍSSIMO, — que não merece ser assim chamada a nossa parvoinha vaidade nativista — sem educação cívica, sem concorrência de espécie alguma, o caráter brasileiro, já de si indolente e mole, como que se deprimiu, e o sentimento nacional que luz pela primeira vez na luta com os holandeses e depois nos conflitos de nacionais e portugueses, nas épocas que proximamente antecederam ou seguiram a independência, esmorece, diminui, quase desaparece.

Indagando com esta minha velha preocupação de nacionalismo, as manifestações desse sentimento nas mais características formas do sentir de um povo, na sua poesia e na sua arte, foram sempre negativos os resultados. Em abono de asserto semelhante, escrevi eu em outro ensejo: "As maiores comoções políticas ou sociais por que tem passado o Brasil, como, e não falo senão de fatos contemporâneos, as revoluções de 17 em Pernambuco e 42 em Minas, os diversos movimentos desidiosos do momento da Independência, a revolução do Rio Grande do Sul, a guerra Cisplatina ou a guerra do Paraguai, os fenômenos mais característicos da nossa nacionalidade, como a escravidão, não só como instituição jurídica mas como um fato consuetudinário, digamos assim, nada disso deixou um sinal apreciável em o nosso romance ou em a nossa poesia.

Várias causas acudiram a estorvar em nós o **brasileirismo**".

"Destes diferentes motivos procede o estreito provincialismo brasileiro, conhecido sob o significativo apelido de barrismo, que hostilizava e refugava de si mesmo o brasileiro oriundo de outras províncias, alcunhando-o, no Pará, por exemplo, de **barlaventista**".

8. A INSTRUÇÃO NO BRASIL

Por mero instinto de defesa, a vida lhe deu um privilégio de eternidade. Recebeu aplausos e reconheceu-se venturoso nas satisfações do coração. Alma de preceptor. Nele, sente-se palpitar o educador cheio de opulência e beleza. Nas virtudes, sempre se revelava o melhor em cláusula como esta de seu testamento pedagógico:

— "Pessimamente organizada, a instrução pública no Brasil não procurou jamais ter uma função na integração do espírito nacional. A escola viveu sempre acaso mais isolada pelo espírito que pelo espaço e topografia. Se nela se tratava de patria não era com mais individuação, cuidado e amor que de outras terras. Era antes vulgar merecer menos. A mesma província não foi mais objeto de estudo especial".

"Nas nossas escolas a geografia é uma nomenclatura de nomes europeus principalmente; a geografia patria quase impossível de estudar pela ausência completa dos elementos indispensáveis, resume-se a uma arida denominação tambem; a historia patria em geral existe apenas nos programas, e quando excepcionalmente ensinada cifra-se na decoração inteligente de pessimos compendios tão feitos para despertar os sentimentos nacionais como se se tratasse da historia do Congo".

Aceitava-se JOSÉ VERÍSSIMO, no que estimava, grande e forte. As confissões nunca lhe foram de angústia. Quando muito, deceptivas no que acreditava, pelas exigencias, um dever de serem espontâneas e exemplares.

Considerava que a liberdade interior jamais se afasta dos reclamos da justiça e dos esplendores que reluzem como fortaleza inexpugnável. Um homem intrépido, em sua opiniao mais alta, maneja o leme de seu destino, sem perder a sua bússola, diante dos abismos e do mar revolto.

Nenhum povo é mais pobre e desamparado, quando orientado para as realezas da força moral. Somos doentes e pobres, em nossa Pátria, nos exilamos em amargos desrespeitos ao caráter e aos cívicos exemplos de uma sociedade civilizada.

As ciências, as artes, a indústria são, antes de tudo, forças propulsoras de nossa energia moral. A idéia elevada nos conduz aos caminhos surpreendentes do progresso. O preço das ações grandiosas é mais infinito, mais compensador, em passos de ternura e culto à escola, à família, às maneiras de nos engrandecermos sem violência no humanismo contemporâneo e no respeito pela vida. Para uma vida verdadeira e justa, diz-nos JOSÉ VERÍSSIMO, temos de combater tudo que seja contrário a isto:

— "As condições do Brasil parece-me ainda nos impõem, e nos imporão por larguíssimos anos, a necessidade de contar principalmente, relevantemente com o Estado como fator preeminente da educação nacional. Iniciativa individual, espírito de empresa, e devoção desinteressada à causa

pública, não se inventam, são produtos e maneiras de ser de um povo, de uma raça, de uma civilização...".

"Permita-se aos particulares concorrerem com o Estado na distribuição do ensino, mas exijam-se-lhes garantias sérias, das que ponham logo os seus institutos fora das contingências dos favores do público".

"A educação nacional não pode ser objeto de comércio".

JOSÉ VERÍSSIMO, já em seu tempo, combatia a forma de nossa ilustração bastante ausente ainda de um sentimento nacional de harmoniosa reciprocidade. E não nos deixava ficar sem as razões acerbas de sua crítica:

— "O iletrado brasileiro — ainda há pouco 84% da população — nada encontrou que impressionando seus sentimentos lhe falasse da pátria e a seu modo fosse também um fator da educação. Não há museus, não há monumentos, não há festas nacionais".

"A cultura cívica não existe de modo nenhum, assim como a cultura moral; o que é acaso a mola real do ensino, mantém a mesma indiferença patriótica, e as suas páginas são páginas brancas para a geografia e a história da Pátria.

São os escritores estrangeiros que traduzidos, trasladados ou, quando muito, servilmente imitados, fazem a educação da nossa mocidade".

"Neste levantamento geral que é preciso promover a favor da educação nacional, uma das mais necessárias reformas é a do livro de leitura. Cumpre que ele seja brasileiro, não só feito por brasileiro, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores transladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime".

9. A EDUCAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA

Sobre a educação da mulher brasileira, VERÍSSIMO jamais aceitou a opinião dos moralistas quanto à taciturnidade e tristeza de uma sociedade em que a mulher tinha como virtude não falar".

De um Brasil assim, onde a regra da civilização antiga era que à mesa não se fala, JOSÉ VERÍSSIMO nos fala da ousadia em que a mulher transformou velhos costumes, para bem nos informar, há mais de cinquenta anos, acerca desta verdade, hoje mais do que ontem, realmente incontestável:

— "As netas de avós que só saiam de casa nas **quatro festas do ano**, vivem hoje mais na rua do que no lar". "As

necessidades da vida contemporânea, as suas exigências imprescritíveis, mais que as nossas teorias sentimentais ou racionais, vão modificando na nossa sociedade, mas rápida e profundamente ao que talvez se carecia, os nossos costumes e hábitos em relação à mulher". "Ora é isto a educação nova que devemos dar à mulher, se queremos fazer dela um fator consciente da nossa evolução".

Em nossos dias, a mulher, fora dos superficialismos, se revela possuída de solida cultura. Sem os antigos modismos dos romances mel com água, é mais exata, mais positiva acerca de suas obrigações. Tem uma nova educação mais consciente para com seu país e a humanidade. E não mais se deixa olhar, direta ou indiretamente, como leitora assídua de magazines ilustrados e fúteis ou como costumeira arranjadora dos seminários de elegâncias mundanas.

10. A LITERATURA BRASILEIRA

Nossa emancipação literária, já agora, não mais se mostra sem o princípio nativo de apego à terra e de afeto às nossas coisas. O Romantismo nos abriu as portas de um sentimento Nacionalista. Animou-nos, depois da Independência, as manifestações literárias sem vassalagem. Deu-nos importância e realidade acerca da Guerra do Paraguai.

Em 1922, com o Movimento Modernista, melhor nos revelamos com mais segurança, mais distância dos grosseiros arremedos alienígenas, para acordarmos num sentimento nacional sem a dose de **snobismo** de nossa até então dependente seriedade espiritual.

Muito, sem dúvida, são os escritores brasileiros, antes desse movimento, já dentro das sobejas razões acerca da vida de nossas cidades e de nosso sertão.

Nessa arrancada aos mais íntimos aspectos de nossos costumes peculiares, paisagens, feições propriamente ameríndias, quanto à nossa vida e à nossa terra, não nos podemos esquecer de alinhar, nesse estudo e reconhecimento, Machado de Assis, Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Gonçalves Dias, José de Alencar, Castro Alves, José Veríssimo e Graça Aranha que, no advento do Modernismo, deram-lhe abertura de inspiração política e social, embora, como de pronto foi reconhecido, de recompensa sofrida, amarga e nunca satisfeita.

Muito antes dos escritores nordestinos de 1930, da Terra e do Homem, ou seja: de José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, de fato,

JOSÉ VERÍSSIMO e INGLÊS DE SOUZA, ambos nascidos na cidade de Óbidos e fundadores da Academia Brasileira de Letras, nos deram notáveis interpretações e romances acerca do círculo social brasileiro e das CENAS DA VIDA AMAZÔNICA.

Absorvido em difundir as grandezas da nossa região, para melhor enumerá-las e defendê-las, José Veríssimo, em março de 1883, fundou a Revista Amazônica, de ciências, arte, literatura, viagens, filosofia, economia política, indústria.

No comprovado interesse de tornar a região amazônica conhecida, dentro e fora do país, agitava o mundo intelectual de seus dias, em prol da fecunda projeção, nestas afirmações:

— "Não basta produzir borracha, cumpre também gerar idéias; não é suficiente escambar produtos, é ainda preciso trocar pensamentos".

Dentro da forte emoção em que JOSÉ VERÍSSIMO se dá aos leitores, principalmente às páginas das CENAS DA VIDA AMAZÔNICA, nos contos O BOTO, O CRIME DO TAPUIO, O VOLUNTÁRIO DA PÁTRIA e A SORTE DE VICENTINA, seu merecimento criativo tinha de se fixar na estupenda e maravilhosa fascinação do majestoso Amazonas.

Tinha de nos revelar e de nos fazer sentir porque fora de uma política de visão mais larga, de modo a retirar a Amazônia de viver na miséria dentro da opulência, a carestia da vida nos seringais, com fretes elevados e dificuldades de transporte, jamais desaparecerá de nossas plagas.

Fora do que já conseguimos, a Amazônia continuaria a viver perfeitamente na miragem da sua grandeza e opulência sem poder realizar-se.

SENHORES, SENHORAS:

Nas atitudes, no verdadeiro sacerdócio de sua arte, como acertadamente nos disse João do Rio, "foi JOSÉ VERÍSSIMO, entre nós, o escritor que mais acentuadamente firmou a exigência do respeito às coisas da inteligência".

De fato, para ele, num sincero espírito de veneração e de verdade, o escritor, mesmo dentro das competições pessoais, nunca se pode qualificar, na autoridade dos juízos, quando, em face das influências perniciosas, se deixa ficar sem independência, seriedade e compostura diante das manifestações dignificantes da inteligência.

— "... Mas esta nossa literatura que, como ramo da portuguesa, tem já perto de quatro séculos de existência, não possui a continuidade perfeita, a coesão, a unidade das grandes literaturas, da mesma portuguesa, por exemplo· A razão principal, para explicar o fato em uma palavra, é que ela se referiu sempre, nos seus primeiros períodos, mais a Portugal, e depois mais à Europa, à França sobretudo, que ao próprio Brasil. Faltou-lhe sempre o princípio de solidariedade, o que mostraria carência do sentimento nacional. Faltou-lhe sempre comunicabilidade, isto é, os seus escritores, que enormes distâncias e a dificuldade extrema das comunicações separavam, ficaram estranhos uns aos outros".

E a seguir revelava-nos, como e porque durante os séculos anteriores ao advento da Proclamação da República, todos os nossos movimentos literários, os mais notáveis, eram oriundos sobretudo de países da velha Europa. E objetivava-nos nesta comprovação indiscutível:

— "O que se chama impropriamente a "escola mineira" no século XVIII e a plêiade maranhense da metade deste recebeu a influência de Portugal, mas não a transmitem".

"Depois nós aprendemos muito francês, algum inglês e italiano, um nada de alemão e desnacionalizamo-nos intelectualmente. Um sucesso como o de **Moreninha**, de Macedo, é quase inconcebível hoje. O sucesso em literatura, como um vestuário, vem de Paris já feito".

"Verifico apenas com a indiferença com que faria no domínio da geologia. Procuro a explicação de um fenômeno, julgo achá-la e dou-a".

Essa comprovação de VERÍSSIMO, em nossos dias, ainda é atual no impedimento do melhor realce em dotes naturais de nossa Literatura, de nossa Música e Artes Plásticas. No cinema e TV são os enlatados. E até o nosso velho samba, genuíno, original está a mudar de compasso melódico. Para nós, até agora, como nos diz VERÍSSIMO, esta é a grande verdade:

— "Faltou sempre o elemento transmissor, o mediador plástico do pensamento nacional, um povo suficientemente culto para interessar-se por esse pensamento ou, ao menos, apto a se deixar influenciar por ele. Na constituição de uma literatura o povo tem simultaneamente um papel passivo e ativo: é dele que parte e a ele que volta a inspiração do poeta ou do pensador. Um e outro não se pode abstrair, antes fazem parte integrante dele".

E aí está a caminhada heróica e longa, por toda a vida, de JOSÉ VERÍSSIMO a apontar-nos as estradas condutoras

da inteligência e destino povoado de riquezas e maravilhas.

Nas sábias e patrióticas lições de meu patrono, tenho consciência de que, a não perdê-lo de vista, chego a esta Casa de Cultura para, com ele, trabalhar, construir e ajudar meus ilustres confrades a formar consciências na luta de engrandecimento do Amazonas e de nossa Pátria.

Chego, pois, a este Sodalício, de eleição para unir-me ao seu avançado contingente de marcha no sentido das latitudes, nesta hora solene em que recebo as boas-vindas pela expressiva palavra do Acadêmico Manoel Bastos Lira. Chego, para agradecer- mais uma vez, aos senhores Acadêmicos e ao seu presidente Acadêmico João Mendonça de Souza os valiosos brasões que, daqui para frente, também, me fazem, próspero e feliz defensor do capital literário desta notável e luminosa Academia Amazonense de Letras.

Sem dúvida, há sessenta e cinco anos, em seus tesouros, se guardam as pepitas de ouro dos seus garimpeiros de ajuricabiana brasilidade. Dos inesquecíveis, a exemplo Péricles Moraes, Adriano Jorge, Benjamin Lima e João Leda. Igualmente, de Djalma Batista que, como meu antecessor, fez cintilar os caminhos auríferos de seu COMPLEXOS AMAZÔNICOS, iluminando-o de fé e de ambição, dia e noite, através de nossas planícies e florestas sem fim.

Em seu vale verde e imenso, para mim, já agora, as florestas e rios do Amazonas se descobrem e se valorizam em opulência para um novo vigoroso Brasil.

Nos livros de JOSÉ VERÍSSIMO, em seu exemplo de civismo de amor pátrio, está, inteiro, o nosso País.

Em suas interpretações mestriais, com respeito e admiração, realmente, eu vi o Brasil.

Em agradecimento, posso assim a todos vós afirmar com júbilo que minhas aspirações e idéias, neste augusto Templo de Cultura, hoje e sempre, são as que se resumem nestes versos imortais de Castro Alves, no belo poema O LIVRO E A AMÉRICA:

"Oh Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro, caindo n'alma,
É germe, que faz a alma,
É chuva, que faz o mar.

Sim, desejar-se nesta superioridade necessária de progresso, foi a grande e única ambição de JOSÉ VERÍSSIMO. Jamais se deixou limitar, na forma de se instruir, para bem

nos refletir mais do que uma parcial aparência de seu conceito do mundo. Foi um mestre inesgotável, sobre a possibilidade de nos lecionar o ideal de perfeição, no desenvolvimento de nossa Pátria. Foi um escritor humano, consciente e sincero.

E nisso, ao impulso da exemplar mestrialidade, deixo-me ficar nesta Casa de Péricles Moraes para, convosco, ilustres Senhores Acadêmicos, dentro dos imortais princípios de elevada e verdadeira consciência ser um dos vossos, agora e sempre, em prol do engrandecimento de nosso Amazonas e de nosso País. Muito obrigado.

SAUDAÇÃO A OCTÁVIO HAMILTON BOTELHO MOURÃO

MANOEL BASTOS LIRA

Alguém dentre nós, escreveu sobre a necessidade de evitarmos o "parnasianismo", nesta nossa Casa, que já o pressentia nocivo. Com sua indiscutível cultura, ele, o saudoso confrade André Vidal de Araújo, entusiasmou, com seu presságio, todos os companheiros de então, fazendo-os pensar seriamente sobre uma nova posição para esta Casa, que todos sabem o único repositório da Cultura Amazonense, E, foi assim, que, esta Mansão arrastou, como arrastará, para seu convívio, como nos disse "ipsis verbis", André, "não somente poetas, romancistas, críticos, jornalistas, cronistas, artistas, mas também cientistas de todos os matizes e políticos de larga visão social". Vê-se que era válida para este confrade, como aliás o é para todos nós, a expressão que colhemos em Gustave Flaubert: "L'homme n'est rien, l'oeuvre est tout...". André, não há a negar, foi pois o "motu" da cerimônia de hoje, em que recebemos nesta Companhia, um homem de ciência, o Sr. Octávio Mamilton Botelho Mourão. Com a afirmação de Flaubert verificaremos que há, sem dúvida, algum valor na expressão do espanhol Felix Serratosa quando diz: "cintificos y humanistas coinciden por cuanto estan interesados en un mismo mundo, y difieren em cuanto a su modo de expresión o lenguaje". "Os homens de ciência têm sempre alguma palavra a dizer, daí que possam escrever coisas em seu espírito, como o seu saber, se aplicam, muita vez a questões gerais que traduzem, não

o podemos negar, suas relações com o mundo". Daí podermos reafirmar agora, que estamos numa Casa da Cultura onde, na nossa visada, "ligamos os letrados aos sábios, aos cientistas dando assim uma nova inteligência às letras".

Poder participar diretamente de tal atitude é para nós novo título, parafraseando Louis de Broglie, da Academia Francesa, quando usou da palavra alí para homenagear seu professor e irmão Maurice de Broglie. A situação sofre apenas pequena inversão que de modo algum deslustra a paráfrase, mas dilata-se sobremodo: homenageamos, neste momento, um distinto aluno, hoje professor ilustre: O Sr. Octávio Hamilton Botelho Mourão. E, assim como de Broglie, afirmamos, que é mais um título" que nós acrescentaremos hoje, quando vos dirigimos a palavra acadêmica nesta reunião que, vale dizer, não sabemos se o fazemos como velho mestre que traz para seu aluno uma homenagem afetuosa ou se, um reconhecimento do que conseguimos, fazendo-vos um colaborador científico dos mais notáveis e, agora, exprimindo nossa felicidade em vê-lo assim concretizado e imortal. Achamos que valem as duas intenções...

O Sr. Octávio Hamilton Botelho Mourão: aí, por volta de 1927, numa das associações sociais de maior destaque, nesta nossa terra, conhecemos vossa família. Vosso pai, o preclaro desembargador Hamilton Mourão a dirigia. Sua austereza, a toda prova, da qual somos testemunhas, certamente muito influenciou em vossa conceituação. Conhecemo-nos pois, faz bastante tempo. E, como todo conhecimento é uma experiência que tende a nos aproximar cada vez mais, evoluiu tanto que o vemos agora um dos nossos companheiros, nesta Casa.

Vale começarmos a nossa saudação com um apronto analítico de trecho que acabamos de ouvir. Referistes: "O aprimoramento de nossa Ciência, de nosso poder inventivo, de nossa capacidade de organização, na solução acertada dos grandes objetivos culturais para o melhoramento geral de nossas condições de vida, é naturalmente educacional". Sentimos, Sr. Octávio Hamilton Botelho Mourão, que realmente estais integrado no que afirmais. Disto resulta que a vossa vida corre "pari passu", com o vosso aprimoramento, como poderíamos dizer na velha fala do Lácio. Após a fase do secundário cumprida nos dois estabelecimentos da cidade. Colégio D. Bosco e Ginásio Pedro II, obtivestes o bacharelado, em Ciências Jurídicas, pela nossa Faculdade de Direito e, posteriormente, a licenciatura em Física, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade da Guanaba-

ra. Após concurso fostes catedrático de Física do nosso Ginásio, hoje Colégio Estadual. Não nos esquecemos da solidês *científica* com que enfrentastes o concurso para esta cátedra. Isto valeu para que demonstrasses à farta o inato pendor de professor que detendes, comprovado, hoje, por inúmeras gerações que absorveram vosso conhecimento científico, tanto no secundário quanto no superior. Criado o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia encontramo-nos novamente. Embora em áreas diferentes, alí estávamos para pesquisar as coisas da nossa terra. Uma das vossas primeiras (1956) publicações, na área da Física, se referia ao cálculo da resistência dos pares termo-elétricos de Jean Charlew Athanase Peltier que obedecendo ao fenômeno de Thomas Johan Seebeck jorram corrente elétrica quando aquecidos convenientemente. Fazeis alí uma revisão da possibilidade de isto determinar pelo método de Charles Wheatstone, que ainda hoje, constitui elemento de valor da eletrônica. Outro trabalho da mesma época, surge ainda no domínio da Física. Partistes para a Catóptrica e ali, nos delicías com as imagens espetaculares angulares que anos antes foram manipuladas por Giambattista de La Porta e que culminaram no Calidoscópio da David Brewster. Na vossa terceira publicação o campo mudou. Rumastes para a matemática como a lembrar os tempos em que luzias esta cátedra do Colégio Estadual. Fostes aos segmentos que unem pontos de uma mesma curva e procurastes assim, exercitar Cláudio Ptolomeu, o homem dos graus de arco que os arquitetou e com eles a trigonometria fato tão bem registrado, pelos árabes, em o Almagesto. Outra publicação fala-nos nas grandezas físicas ou das entidades desta quando passíveis de avaliação ou medida e alí vindes de encontro com os processos usados para estas determinações. Penestrastes em uma outra no campo da luz. Invadistes, com tua pesquisa a sua alma: o espectro, assim julgada pelos newtonianos. E, fostes além, para dizer-nos que os componentes atômicos, os negatônios. não estão alí à toa, mas submetidos a uma localização estabelecida por Max Karl Ernest Ludwig Planck e que o cômputo da energia que ali os mantém obedece sobretudo a uma constante dita de Johannes Robert Rydberg, razão das chamadas séries de John Jacob Balmer e que certamente vistes ao estudar alí o espectro do Hidrogênio· Um tetragrama de fotônios com suas transições como diz a Ciência a tecer melodias com as cores, com as pinturas, dando-nos o rubi, a ametista, a esmeralda, as pedras preciosas, à semelhança daquelas que os fonônios nos deram com Guido

de Arezzo e Ptágoras cujo gráfico ou pentagrama é a música que ouvimos deleitosamente a todo instante.

Não vos faltam pois, pendores para chegar até nossa companhia. Voltemos às vossas palavras: vemos que sutilmente aceitas a idéia de que a ruína ou catástrofe científica, o ataque de tudo, sua desconstrução enfim, significa sempre o retorno da cultura. Lembramo-nos, diante disto, termos lido, faz algum tempo, de C. Truesdell uma sua explicação a este propósito e nela diz-nos que a velha e cansada mecânica, com todo o seu determinismo, admite a catástrofe que relata como "uma boa sorte", um "good luck" na sua linguagem saxônica. Não há melhor exemplo disto do que a chegada da relatividade com Galileu Galilei e Albert Einstein. Escritores acham que isto é uma senescência da Ciência e o próprio Truesdell de novo refere que alguém afiança que se tivéssemos, por mestre, o "fac totum" Mefistóteles, dele ouviríamos, sem pestanejar, se colocado diante deste problema, que a "Filosofia é tão odiosa quão obscura". De outros ainda colheríamos que o grande Gottfried Wilhelm Leibniz, achava bem melhor, diante do azar, amparar a Física com a sua geometria pura... Há alguém, entretanto, que nos afiançou que o doutor Jorge Sabélico, o Fausto de Erfurt o imortalizado de Johann Wolfgang von Goethe, dando de si, com sua sapientíssima opinião, garante não duvidar que diria: "As Leis e a Física não passam de engenhos mesquinhos e absurdos". Para nós agora isto não é mais nada que uma das "calúnias" enfeixadas no "Ubique daemon". "O diabo em toda parte" como afirmava Salviano, o dileto discípulo de Agostinho de Hipona. Valemo-nos, para tudo isto da Ciência, afastar, do fraseado poético de Boileau: "Selon que notre idée est plus ou moins obscure — L'expression la suit, ou moins nette, ou plus obscure — Ce que l'on conçoi bien sienonce clairement — Et les mots pour li dire arrivent aisement...". Vale agora acentuar aqui, Sr. Octávio Hamilton Botelho Mourão, que estais perfeitamente identificado com o patrono de vossa cadeira, o escritor José Veríssimo. Tampouco vos faltam méritos para suceder plenamente vosso antecessor, nosso saudoso discípulo, o confrade Djalma da Cunha Batista. Sois pois digno de imortalidade semelhante à que o Brasil deu ao amazônida vosso patrono. Gradativamente reafirmamos, subistes os degraus do conhecimento científico como acabamos de referir ao comentar vosso currículo. E, hoje isto o expressas sem qualquer vaidade o que comprovamos facilmente nas palavras proferidas com que tomais assento nesta Casa. Mas não deixais de ressaltar

e lembrar o dever que temos todos nós em evitar que se permaneça somente na "parvoinha vaidade nativista", que se deixem os elogios sublimatórios e se passe a promovê-la mais decididamente, fazendo-a brilhar historicamente como se deve e, sobretudo, lançando mão do que de mais produtivo temos nas ciências, artes e indústria que, como dissestes, são as forças propulsoras que nos darão a energia moral necessária para este empreendimento nacional. Mas, alertastes ainda que, para conseguir isto, há uma premente urgência de que se reformem os textos nos quais a juventude amazônida abebera os seus conhecimentos, especialmente os históricos. José Veríssimo já combatia estes erros e o fazia quando era ínfimo o número de letrados em nossa pátria. É válida a vossa afirmativa de que até agora não pudemos abandonar a tutela estatal no problema educacional. Não menos válida é a sugestão de que se devem abrir as portas aos particulares, quando se trate de distribuir o ensino, tomadas porém as precauções indispensáveis para eximir o ensino da comercialização, já por vezes inevitável.

Não há dúvida que os pontos de toque entre o patrono José Veríssimo e o recipiendário são muitos, daí que, sem temor algum, já dissemos linhas atrás que não poderia ter sido melhor a escolha que fizemos para o preenchimento da cadeira n.º 11 desta nossa Casa. Senhor Octávio Hamilton Botelho Mourão: realmente os homens da classe de Veríssimo e da vossa não são enxames comuns por aqui. A liderança que exerceis na área do ensino é notória e aí tratais, como "mestre da intelectualidade", aceitar o desafio de promover o desenvolvimento intelectual dos nossos conterrâneos. Um outro detalhe também não escapou ao nosso confronto: aprendestes com a natureza, és portanto um soldado no campo da ciência, aí onde brota toda a exuberância que vem dos primórdios da ereção do mundo. Como vosso patrono, revificais a "alma do preceptor" deste e sabeis onde ainda voluteiam as ocorrências caducas que provocaram do vosso patrono a afirmação de que a instrução pública no país está "pessimamente organizada". Estais numa posição em que sabemos, tentais endireitar o erro e o fazeis, dirigindo num roteiro feliz a formação superior de nossa juventude. Os vossos trabalhos científicos que já apreciamos, o vosso inquietante trabalho de vulgarização do ponderável científico que há em nossa terra, demonstram o vosso interesse de vulgarizar o amazônida, que deste modo vai aparecendo em toda parte como um homem também aquilatado em conhecimentos como os de outras áreas pátrias. Não titubeeis pois, con-

tinuai no sendeiro de formar inteligências para que nosso Amazonas seja cada vez maior, não simplesmente como expressão quilométrica ou geográfica, mas vencendo as fronteiras do saber, tornando-as cada vez bem maiores que aquela. O que almejais, "pari passu" com vosso patrono, já o estais conseguindo, como afirmamos linhas atrás. Perseverai assim, e todos nós desta companhia teremos entre nós um outro trabalhador humano, consciente e sincero como José Veríssimo o foi.

Sr. Octávio Hamilton Botelho Mourão: "O verdadeiro sábio — e pensamos logo em nossos mestres venerados e amados — é humilde, modesto e cultua a ciência, o desenvolvimento para o qual contribui, profundamente feliz (isto, um critério fundamental) com as descobertas dos outros. Não é que apenas os contemple satisfeito, mas sua meta é a grande obra criada onde descobre a urdidura, onde surgem os aspectos maravilhosos até então ignorados". É válida ainda sem dúvida, a expressão vergiliana: "Rerum cognoscére causas, félix sunt". O cientista é pois um grande contemplador, no perfeito sentido da palavra, com a "bagagem" de ascetismo, de tenacidade, de atividade eficaz, de sentido preciso das realidades necessárias e um grande extasiado da Ciência, como sois.

Acadêmico Octávio Hamilton Motelho Mourão: não é pois sem motivos que a Academia Amazonense de Letras se honra em ver-vos ocupar a cadeira de José Veríssimo. Esta Casa é pois vossa a partir de agora.

A PALAVRA DO PRESIDENTE

JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

Com expressiva produção literária, dentro de instantes, tomará posse, em nosso Silogeu, na Cadeira 31, cujo Patrono é RAIMUNDO MONTEIRO, o aplaudido poeta MAX CARPHENTIER. Para as boas-vindas da Academia, usará a palavra o ilustre Acadêmico AGENOR FERREIRA LIMA.

Os livros de MAX CARPHENTIER, de fato, educam pela correção religiosa e pelas seguras exemplificações que nos podem transmitir. O SERMÃO DA SELVA e o ORFEU DO NAZARENO levaram-me a melhor considerá-lo na identificação do novo modo em que, de forma precisa, para ele, o Mundo atual se tranfigura do irreligioso para a "meditação das coisas divinas".

Das sugestões da QUARTA ESFERA, poesia, Casa Editora Madrugada, Manaus, 1957, MAX CARPHENTIER aceitou o desafio de se alcançar em uma construção mais específica na sedução da lógica poética. Depois, disso, mais intensamente vivido dentro de si, da simples esfera de impressão na simpatia e no impreciso, foi capaz de se mostrar em novas e originais melodias, dentro das serenas alegrias de sedução e fascínio. E daí o resultado obtido, pelo Poeta, nesta auto clarificação da palavra através do texto concreto do ORFEU DO NAZARENO:

Porque sois a face provisória do Mistério
que se revelará somente após o salto
no escuro de morrer, além dessas
transparências finitas da matéria,
é lícito exercitar, sob vossa assistência,
a entrega leal, ligeira do inventário
de habitar pela carne as coisas provisórias.
Porque temos de vos dar conta do que somos,
do que buscamos ser e mais o fardo
de tudo que nos cerca e cogitamos.
Vós já sabeis, Senhor, mas tenho de falar-vos
Como se não soubésseis, pra ganhar
o conhecimento e o mel da confissão.

Em face desse ideal intensamente vivido, para atingir-se no sereno resultado do estilo, da harmonia, da ordem e da meditação, MAX CARPHENTIER vai além, a fim de encontrar no sentido elucidativo da Vida e da Poesia, a música celestial do Nazareno.

O cântico de Jesus é necessariamente infinito, expande-se em música universal de assistência, proteção e defesa da Humanidade, sem necessidade de fazer a fé valer consoante a comprovação dos circenses duelos: do ferro em brasa, da água fervendo e de outros recursos usados ao tempo da Idade Média. ORFEU DE NAZARENO é significativament fraterno, humano, nesta validade elucidativa de atitudes éticas e de existência:

Senhor!
abro-vos meu instante e vos ofereço as cinzas
das minhas várias mortes.
Consegui transpor-me.
Atrevessei reflexos e muros, cometendo
tulipas no deserto, quantas horas
de só olhar sem ver, me construindo.

Até que ponto em mérito de fé consumada e perfeita, Max Carphentier consegue fazer-nos descer, com ele, às transfigurações de sua Arte como sucedâneo da Vida? A um só tempo, no ORFEU DO NAZARENO, é um lúcido apaixonado de seu universo implícito nestes conaturais limites da poesia estética, vital e ontológica: "Nessa noite, Senhor, quem amará por mim/ até a ultima fronteira do abandono?".

Sem dúvida, nos objetivos colimados, Max Carphentier supera e vence os possíveis equívocos nesta anuência voluntária, consciente, de aceitação da vida:

> Como sabeis, meu Pai, pela instrução genética
> que destes à matriz sobrehumana dos seres,
> cada homem é único e irrepetível no Universo.
> Quando eu morrer, então, se acabará comigo
> uma percepção particular da realidade,
> uma dimensão universal que somente eu conheci.
> Preparai-me, Senhor, para essa hora
> em que na minha morte tirareis do mundo
> um gesto vosso irrepetível e único.
> Aí haverá uma noite que eu não conhecerei,
> tão lenta como o movimento que tranformará
> [sob a terra
> a minha carne em sombra, em selva, em nada.
> Então já haverá Deus recuperado a chama
> que fizera passar entre os homens e as urzes
> e fizera apagar como se apagam as velas".

Esta, em suma, a fascinante e legítima poesia de Max Carpenthier na estrênua opção da vida material, egoísta, pela extraordinária aceitação do Nazareno.

Vejamos-lhe, pois, o manejo musical dos versos no consenso universal da fé em Deus. "Aquele que não cessa de ampliar o chão das suas moradas!"

A verdade em tudo isso, como regra de estilo, é que a sua crença, diante do Mundo alucinado de nossos dias, não é a de um simples poeta-místico, ou religioso. É a de um Homem em autêntica pregação do que acredita em face desta hora dramática de um novo Napoleão de Walterloo.

O homem que aceita a crença em Deus, como a aceita Max Carphentier em sua poesia, é um homem mais livre e sem medo da atomicidade das superpotências. É um homem —feliz. Porque consegue ultrapassar qualquer dor, estoicamente convicto de que, na fé de Deus, um Homem se torna maior, mais consciente, mais impoluto, quando pode ser Homem na sua Humanidade.

Veja-se, pois que na constituição poética, a libertação de acreditar e de viver, de Max Carphentier, não é a do pensamento transitório shopenhauriano. Mas, na verdade, é a da libertação eterna na crença existencial do Nazareno.

Nesta época de crise convulsa das sociedades, Max Carphentier, realmente, não aceita viver pelas razões modernas;

mas, pelas antigas, como nestes versos maiores de o SERMÃO DA SELVA:

> "Bem-aventurados os que em lei, verso, vontade,
> na retorta, na prece e na palavra defenderem a
> selva e seus mistérios lerem e fundarem a sua
> paz na paz da selva.
> Porque o Reino será desses, daqueles que cumprirem o destino de Deus neste transido mundo
> que nos suporta enquanto o temos".
>
> "E a selva terá sempre, contra a fome,
> gestos de fruta-pão e, contra o medo,
> as mãos cheias de amparo das palmeiras".

No seu instinto de preocupação com os princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem, pelo fortalecimento de uma espontânea confraternidade de sentir humanisticamente e de mútuo respeito, Max Carphentier é um valoroso Poeta da alma espiritual antiga a que pertence.

É um bravo Poeta nos versos legitimados de sua paixão-vivida na certeza de que, através das leis infinitas de nosso Deus, podemos construir, com inteira confiança e sinceridade, uma Humanidade sensata. Uma humanidade mais amiga da paz e da ordem, com menos fome no Mundo e melhor direito à cultura e ao progresso espiritual.

NA CADEIRA DE RAIMUNDO MONTEIRO

MAX CARPHENTIER

"E bem assim como desce do céu a chuva, e a neve, e não torna lá daí por diante, mas embriaga a terra, e a banha e faz brotar, e dá semente ao que semeia, e pão ao que come: assim será a minha palavra, que sair da minha boca: não tornará para mim vazia, mas ela fará tudo que eu tenho querido e surtirá o seu efeito naquelas coisas, para as quais eu a enviei."

(Isaías, 55, 10-11)

Sr. Presidente João Mendonça de Souza,
Senhores Acadêmicos:

A palavra revelada que acabo de vos ler encontrei-a alta madrugada, junto ao canto dos galos, quando procurava, no Livro Sagrado, a inspiração, o caminho, a síntese, o gesto íntegro para abrir as cortinas desta noite e constelar-me nos adros que ora se descobrem e me recebem. Junto a vós agora, espanto-me com o próprio esplendor da minha túnica, como se um véu de estigmas de luz me socorresse a carne emocionada. Foi necessário que vós me vísseis, e me chamásseis, para que eu também me visse por inteiro, e conhecesse e aceitasse a realidade de minha própria luz. No entanto, não é este momento maior do que eu, porque estou preparado para vos dar conta do meu sonho e reconhecer as excelências da origem das minhas credenciais. É que

desde menino eu sirvo aos altares da Poesia, e sou, por ela, cordeiro e chama em permanentes espirais me consumindo.

Sabeis que no início foi o Verbo, e o Verbo continha todos os princípios e todas as imagens. Daí que a realidade e o mistério, a essência e a aparência, o tangível e o intangível, o que foi e o que será, o possível e o impossível estão contidos no Verbo, na palavra, matéria prima de tudo e alma da Poesia. Sim, no início foi o Verbo, e concomitantemente com o Verbo e dentro dele, a Poesia, porque o Verbo, quando era ainda apenas a solidão não pronunciada de Deus, já vivia um estado completamente poético, pois que represava em si mesmo, na mais alta pureza e em feição absoluta, as ânsias, as cores, as formas, os elementos, os sons da Criação, ainda não manifestada mas latente. E a concepção desse mistério — ou porta apenas entreaberta pela Ciência — se pode ser inteligível pela fé, só poderá, no entanto, ser vivenciada e bem comunicada em grau que pertence aos domínios do poético. Cansado de a sua própria solidão ver refletida no espelho primordial das águas que chorara, o Verbo determinou a Vida e a Vida determinou o homem, e o homem voltou a face para o Verbo, que se manifestou para ele em poesia, cercando-o com um rio de quatro braços, a árvore da vida, a nascente do ouro e a carne nova da primeira musa. Desde aí é poética a comunicação entre o Criador e as suas criaturas. Todas as instruções do Senhor vieram em imagens e símbolos pela língua dos profetas. E profetas nada mais são do que poetas de cajado e ovelha perto, e harpas soluçando sob as ramagens dos salgueiros, como Davi que poeticamente ministrava a doutrina, cantando: "Para onde irei, longe do vosso espírito? Para onde fugirei fora da vossa face? Se subo aos céus, ali estais. Se me vou deitar no Sheol, lá vos encontro; se tomo as asas da aurora, se me fixo nos confins dos mares: ainda lá me conduzirá vossa mão, e me colherá vossa destra". Ou como o idílico Salomão, que não se sabe (e a dúvida não importa) se através da mulher amor a Deus, o se através de Deus glorificou a mulher. E Salomão dizia ao mesmo tempo a Deus e à sua amada Sulamita, porque é lícito que Deus e a mulher amada estejam juntos na confissão de um verso ou o pulsar de um verso escutem juntos: "Põe-me a mim como um selo sobre o teu coração: porque o amor é valente como a morte, o zelo do amor é inflexível, como o inferno, as suas lâmpadas são umas lâmpadas de fogo e de chamas". Pois bem, Senhores, só uma diferença existe entre o profeta e o poeta. O profeta faz descer a Beleza dos

céus para a terra, e o poeta faz a Beleza subir da terra para os céus. E não se sabe qual é a maior glória: se descer com uma estrela para a terra, ou se subir com uma rosa para o céu. Sei, porém, que o sério verso arrancado do sofrimento é a forma exponencial de oração, e a página branca que recebe o verso é da mesma substância da pedra dos altares, e o estado de graça dos poetas tanto glorifica Deus como o êxtase dos santos. Desde os primeiros tempos, tendes visto, a Fé se socorreu da Poesia para instituir os pássaros que acordam as nossas dores brancas, as nossas dores cinzas, dentro do silência tão difícil e tão necessário do Senhor dos Mundos. Assim, muitos espíritos sentiram que a Poesia é um ato litúrgico perfeito, o eficaz rosário, o instantâneo caminho de Damasco dos místicos mais belos, e daqueles que, não sendo místicos, combatem pelo amor. E quantas vezes a síntese da desolação humana já foi comunicada pela centelha que a Poesia instaura entre os lábios que pedem e o coração de Deus. Foi através do verso que São Francisco de Assis abraçou de uma só vez os astros soberanos, as humílimas plantas e os tristes animais, e os entendeu como formas diversas do mesmo amor que nutre as fontes da Criação. Foi em torno do verso e no verso latejando que São Francisco reuniu todas as manifestações da vida e delas resgatou a necessidade mais funda da matéria. E qual é a necessidade mais funda da matéria? Eu vos entrego a minha opinião: até onde sei, é a necessidade de encontrar, segundo o estágio em que palpite, a expressão ideal para dar graças ao seu Criador. Assim, a vida vegetal encontrou a flor e o fruto como seus ostensórios: a vida mineral se condensou na pérola sozinha e na jazida vária; e a vida animal se consumou no trabalho, na oração e, superiormente, na poesia do homem. Também a magnífica Santa Teresa, a que nasceu numa colina de Ávila, sob o encastelado sol da Espanha; aquela que pela força da fé se elevava do chão publicamente e ao chão se agarrava para não transformar a levitação em escândalo, também ela, e principalmente ela, doutora mística da Igreja, utilizou o verso para que a virtude se fizesse em lírios, se contasse em preces, se elevase em êxtases benditos e aos pés de Deus se quebrasse em multidão de auréolas partidas! Tenho vontade de dizer, Senhores, em face do que aprendi e do que aspiro, que o verso movimentado pela fé e pela dor pode ser, até agora, a maneira mais intensa e mais fiel de colocar a natureza humana face a face com a Divindade, porque espelha a nossa dimensão mais recôndida e integral, declara a inquie-

tação, confessa o medo, diz até que duvida de que o louvor e a súplica estejam sendo ouvidos; diz até que a busca, toda a busca, planeja para a eternidade, erige templos, faz milagres e afinal se desespera; e ingratamente considera que só temos o direito a nos desencantarmos numa espécie de orfandade cósmica. Orfandade que, no entanto, ao menos ao final de cada verso que se alteia em prece ou de uma oração que em verso se aperfeiçoa, é uma orfandade curada, assistida, respondida, porque nunca se vai a Deus com um verso e se volta sem consolo; porque aquilo que não nos é dado no momento em que os lábios se abrem para queixar-se nos é dado quando os lábios, no crepúsculo da prece, se calam para ouvir. E é sempre Deus que nos dá o momento da oração, o início do poema e a última diástole.

Sinto-me feliz aqui ao relembrar que as mais inextrincáveis proposições divinas, as mais poderosas abrangências conceituais, as mais aprofundadas investigações ontológicas que nos deslumbram como as sobre a Morte, a Vida, o Inferno, o Céu, a Justiça Divina, a salvação da alma e a própria alma, foram todas abraçadas, sentidas e descritas inexcedivelmente nas estrofes de um poeta, Dante Alighieri, que reduziu todo o edifício das questões teológicas e universais a um único verso, precisamente o último da sua Divina Comédia: "O amor, que move o sol, como as estrelas".

Dir-se-ia que um poema é a única potência conhecida capaz de, com perfeição, interpretar a natureza viva e a natureza aparentemente morta, e subir com a voz de seus clamores, de seus anseios e de suas alegrias e, com a cor e o som dessas essências, vencer os altos terraços do planeta, sobre a copa sonorizada da árvore da aurora e as colinas do crepúsculo coroadas de ângelus, e subir, com a força de todas as asas que se prestam à vigília do canto, e romper o véu de larga solidão das nebulosas, transitar pelos sonhos de estrelas mortas das constelações mais velhas, que se perderam na luz doada aos mundos, e recolher das famílias esmagadoras dos Buracos Negros o tempo íntegro, sem passado nem futuro, o espírito da matéria resgatado de suas derradeiras aflições nas gêneses desconhecidas, e tudo recolher, e tudo recompor e tudo reintegrar, no instante em que a luz, curva, concentrando a serenidade última da redenção de tudo, se recolhe dentro de si mesmo como um rosto pacificado que se abisma para sonhar dentro de uma lágrima de Deus! Por isso, Senhores, pelo prodígio que é a Poesia e seus arcanos, é que os cientistas, do matemático ao biólogo, do astrônomo ao botânico, quando falha a maravi-

lhosa rede de equações que atiram ao espaço, quando o caos do macro vêem ordenado num momento do micro; quando a exatidão ou a impropriedade de suas leis os fazem, literalmente, desmaiar com febre sobre livros e aparelhos contaminados de madrugadas cartesianas e incógnitas vencidas, os cientistas, Senhores, evocam o lenitivo de um verso, de uma construção de um poeta, para justificar-lhes as conquistas, para reconduzir-lhes à esperança ou para dar-lhes o consolo da rendição frente aos mistérios.

Que alegria essa, de haver abraçado o supremo sacerdócio, de procurar servir com fervor às alturas da Poesia — que sendo a expressão maior da Arte, reina sobre os píncaros da Ciência — e servindo-a, reconhecer que, depois do apelo da adolescência, sirvo-a agora por opção de destino, de construção total do ser, e processo permanente de salvação. De fato, sinto-me consagrado a um sacerdócio, e a cada celebração mais ratifico o pensamento de Mallarmé, que dizia: "a poesia dota de autenticidade a nossa vida e constitui a única tarefa espiritual". À medida também que tento progredir em virtude, constantemente me divido na busca da humildade, que é o único alforje consentido a quem bate às portas dos segredos da vida contemplativa. Sim, divido-me entre a esperança de humildade e o poderoso orgulho de saber, como falou Novalis, que "a religião não é senão a poesia prática (...). A poesia é a religião original da humanidade.".

Tendes aqui, Senhores, rapidamente, as excelências da origem das minhas credenciais. Deveis ter notado que fui pródigo na tessitura do perfil superior da minha arte. Simulei até, para assim vos falar, que esta Casa não fosse, impossivelmente, um lugar em que muito se vive do respeito aos votos da ordenação poética. Ocorre, Senhores, que as luzes gerais instaladas nas pedras deste templo, as cultivadas luzes e as sonhadas, poder-me-iam ter vencido e me cegado, se desde a primeira palavra eu não procurasse falar-vos investido de toda a força, toda a preminência e toda a dignidade que me confere a condição de poeta, mercê de Deus, do convívio dos homens, e dos movimentos cosmogônicos que instalaram na memória dos átomos perplexos o impulso básico, eternamente pleno de renovação e de vida, na direção do sonho e do amor, da fé e da esperança. Agora que sabeis da minha origem, agora que sabeis que pertenço ao mundo mágico, posso transformar esta tribuna, que é também altar, em ponte móvel sobre o passado e sobre o mundo invisível e encontrar-me, numa esquina da imortalidade, com a lembran-

ça intacta do meu glorioso Patrono nesta Casa, o grande Raymundo Monteiro.

Como aos poetas é dado conduzir o trânsito da noite sobre os pátios, transponho quatro meridianos, e, pelo sortilégio de encarnação que têm as harmonias, encontro Raymundo Monteiro na França, no "Le Café de la Paix", carrossel do mundo, tenda de muitas glórias e onde confabulam as luzes superiores de Paris. É a hora noturna em que as súplicas do outono determinam que se possa suportar no coração todo o silêncio das portas que se fecham e a esperança trêmula de frio dos pórticos que hão de se abrir tarde demais. É bem possível que as rugas que vejo salientes na fronte coroada de vasta cabeleira sejam a transparência carnal das antinomias que se enfrentam nos fundos descampados de sua alma. De um lado, a doutrina já assentada e experimentada de seus amigos Martins Fontes e Olavo Bilac, a lira parnasiana e a vocação da impassibilidade, o sacrifício de forma e a universalidade torturante dos temas a todo custo contidos no verso emparedado entre a sugestão da rima e a baliza do metro. De outro lado, os acenos inseguros da vertente nova que seu mestre Verlaine aos poucos esposara, o Simbolismo e a ressurreição do mistério intrínseco da palavra, a aventura plástica e milagrosa de encontrar som e cor em cada letra; a redução do universo da idéia à quadratura do símbolo. O símbolo, cósmico em sua proposição discricionária, plangente e revelador como estrutura sintética salvada dos cotidianos naufrágios intimistas. Continuar palmilhando as conhecidas rotas de Bilac e Fontes, ou se aventurar na alquimia a que Verlaine, menos por disposição vocacional do que por método, entre a dúvida e a negação, se dedicara?

Agora sob seus passos cruzam-se os "boulevards", as luzes passam como restos de adeuses na neblina, e a cada passo levanta-se do chão um lamento da alma das calçadas, das ruas que se fazem ponte entre as estrelas quando no céu gravita e sobre o peito arde o círculo total das cicatrizes: uma lua repleta de abandonos. Raymundo Monteiro cisma olhando o rio, olhando a flecha de Notre-Dame altear-se contra a noite como um soluço de pedra comovendo as sombras, como um mastro de vigília repartindo entre bandeiras negras e infelizes os ventos da solidão. O poeta sente que está enfermo. Uma doença da alma que se identifica no rosto pelo ar de sacrificada angelitude, e no olhar pela expressão geladíssima e distante de abismos que entre lágrimas se abraçam. É a doença de todos os poetas que um dia contempla-

ram sua própria alma debruçada em Paris. Essa espécie de "maladie du coeur", essa psico-arcangélica-nevrose dos eleitos, essa influência de neurônios encantados jamais compendiada nas literaturas eu neste momento denomino síndrome do Rio Sena. Doença de sintomatologia venerável, de finíssima dor e alto prazer. Sente Raymundo Monteiro, que me faz sem palavras a sua anamnese, a nostalgia druídica dos cultos abandonados, uma devoção inexplicável às gárgulas solenes que espiam de paredes ancestrais; sente a tristeza geral das lamentações cantadas na catedral que flutua numa ilha, uma especialíssima melancolia típica das horas lentas que as brisas trazem para nutrir os sonhos. Como diria Verlaine:

"Qu'il fait bon aux rêveurs descendre de leurs bouges
Et, s'accoudant au pont de la Cité, devant
Notre-Dame, songer, coeur e cheveux au vent."

Sofre Raymundo Monteiro, e assim sofrendo assim se eleva nas espirais sagradas dos meandros do Sena, que circulam entre suspensos jardins e roxos campanários, entre as estátuas que ressuscitaram de seu sono no mármore e os frontões que santificaram o abraço das pedras: dos meandros íntimos dos plátanos que recolheram o olhar divino das musas principais e o fixaram para sempre na encruzilhada das angústias, como sinal de salvação para o canto que cala e para a estrela que desaparece... Sente-se isso e nunca mais se é como antes. Disso se apercebeu Anatole France: "Il ne me parait pas posible qu'on puisse avoir l'esprit tout à fait commun si l'ou fut élevé sur les quais de Paris, en face du Louvre e des Tuileries, devant la glorieuse rivière de Seine."

A síndrome do Sena é, pois, toda uma cosmologia estética e vivencial que gangliona de ascese rara e mundanismo sacro o sistema sárdio-mítico dos poetas. É toda a construção artística e pensamental do Velho Mundo, que se abate, febricitante, sobre o intelecto e sobre a alma, com a força e o drama de tantos espíritos profundos que marcaram sobre a terra, com igreja e cárcere, rebelião e valsa, versos e tratados, a aventura apaixonada de sua encarnação. Seria francamente desumano o criticismo xenófobo que tentasse enquadrar a síndrome do Sena num tipo de formação intelectual antinacionalista, num campo de arremedos inglórios e comprometedores da sobrevivência de alguma identidade cultural. Nós estamos, antes de tudo, diante de uma questão estética e espiritual, bem esquiva, aliás, ao aprisionamento na estreitíssima lógica sócio-econômica. É inútil, pecaminoso e atroz

ensinar que as aspirações consumadas do Belo, existentes no planeta, podem constituir opróbrio para o subdesenvolvimento e a sua influência contribuir para a descaracterização pura e simples de determinado segmento étnico. Doutrina boa, ao contrário, é ensinar que a Beleza deve ser amada onde ela esteja, porque quanto mais a amarmos mais a encontraremos, identificando e proclamando e libertando o inumerável de suas feições irreveladas. Estamos diante, sabemos e insisto, de conquistar da humanidade, de patrimônios de coração humano, esse coração que congrega em si mesmo a ponta de todos os vértices e não conhece limites para as suas ascensões, nem fronteiras para os seus sonhos, nem medidas para as suas entregas.

Esse é, presumo, o ponto axial de todas as dúvidas e perquirições que remetem para o fundo das águas os olhos baixos do nosso poeta. Dentro da noite ele investiga e deduz. Existe uma estética acabada, um pensamento feito, filões inexauríveis de inspiração às margens do Sena, mas às margens dos rios distantes do seu mundo amazônico existe uma beleza a ser resgatada, um verde esplendor a ser liberto, uma nova litania para as luzes e as cores; um caudal de realidades nuas para a sedução do corpo de idéias, vértices desconhecidos para a razão e para o sentimento. E assim, nessa noite, ele dicidirá, não entre Parnasianismo e Simbolismo, pois que afinal se fará estuário de ambas as escolhas, mas decidirá entre a estética do arco de triunfo em sombra e a do pau d'arco em flor; entre a estética das avenidas que convergem para uma estrela de cimento e a estética dos igarapés que nutrem todo um cosmo em suspensão; entre a estética que faz suas luzes habitarem como anjos silenciados nos claustros dos museus e a estética que faz as pontas de seus arcos-íris ligarem um ninho a outro ninho, uma flor a outra flor, para que a canção dos ramos tenha uma sendo de curva claridade e reto aroma em seu transporte aos céus! E nós já sabemos que, afinal, entre o mármore e a orquídea, ele decidirá pela orquídea. A fonte organizada no lugar da guilhotina não terá no seu coração maior poder de enlevo do que o equilíbrio da garça sobre a canarana. Nessa noite, Senhores, Raymundo Monteiro talvez recite para si mesmo uns versos de Apollinaire:

"Sous le pont Mirabeau coule la Seine
Et nos amours
Faut-il qu'il m'en souvienne
La joie venait toujours après la peine."

Mas logo numa esquina ele comporá, imagino, os primeiros versos de sua decisão:

"As maravilhas da quimera de Orellana
continuam a arder ao sol do meio-dia."

E, profeticamente, dirá sobre Manaus:

"Este sol me induz à audácia de prever
ampla, maior Paris nestas palustres zonas..."
.....
"Ó fulgural diamante em ônix engastado!
Ó Manaus, ó Manaus das porvindouras eras!
Na visão do futuro irradias e imperas,
Tu, grande capital de um povo iluminado!"

Daí em diante a síndrome do Sena e seu pulso de 120 batidas contra as portas da perfeição será transformada, será pacificada às margens do Negro e do Madeira, como um feixe de inspirações tresmalhadas finalmente reunidas e postas a serviço do conhecimento, da fruição e do resgate da beleza que transita da afogada lua verde da vitória-régia à afogada e refletida branca lua sulcada pela quilha dos cardumes; da beleza que deriva de um desmaio voluptuoso dos Andes, funda a raça predestinada dos sobrehumanos tapiris quase alados, e termina no mais impressionante rito sacrificial da Terra: o afogamento deltático dos rebanhos de nômades barrancos, que se deixam abater para nutrir o coração futuro do Oceano:

Celebrado por Martins Fontes como o primeiro poeta entre os grandes da famosa "Colmeia", Raymundo Monteiro, também por contingência econômica, mas sobretudo pela força da devoção, também pode ter sido a nossa primeira grande voz poética a insular-se deliberadamente nos estirões dos rios e das matas para melhor poder interpretar a índole do universo amazônico, elevando-o, pelo sentimento refinado e pela técnica, à altura dos temas mais apaixonadamente cantados na literatura nacional. A partir de Raymundo Monteiro, quem quiser conhecer as fontes novas da Poesia terá de vir recolhê-las entre nós, aqui no Amazonas. Ele nos deixou, imorredouramente, uma visão emocionada e magnífica da vida mesopotâmica que nos sustenta, como nesses versos telúricos e líricos de "Sesta":

"Policromos cordões de insetos zumbem. Trêmulos
escorrem os cipós dos galhos retorcidos.

Há queixas no rumor dos ecos e há gemidos
na plangência sutil dos arvoredos trêmulos.
É um turíbulo a Selva... E o Céu está distante.
Perdem-se, a toa, no ar os perfumes da Terra.
Debalde o Sonho olvida a angustia que ele encerra...
É inatingível, como o Céu, o Ideal distante!"

Raymundo Monteiro, que me reservaste a égide do teu nome como píncaro da poltrona que ocuparei. Nesta hora séria para a minha vida eu tomo a rota dos teus passos pela amada selva e da amada selva tomo o poder das asas que cantaste e elejo o altiplano dos teus anseios como alcandoramento da vigília do meu canto. Que o sacro colégio das Musas me outorguem o título de guardião e novo oficiante do verde cálice erguido por tuas mãos na celebração do futuro e da salvação definitiva da nossa gente. Que os teus planos de libertação me sejam revelados para que eu os tente realizar. Que eu, reunindo os teus aos meus sonhos, me compenetre de que a Beleza, que é a mesma coisa que a Verdade, pode atuar eficazmente no substrato mais fundo da formulação política, porque a Poesia é onde se encontra a Verdade construindo a Beleza e a Beleza consumando a Verdade, e assim o poema, intérprete melhor da salvação das eras, com seu poder de impulso para Deus, possa atuar na ponta da evolução dentro das consciências. Que eu me perca agora nos assombros juvenis das tuas "Voluptas" e encontre belamente vivas, repousadas na glória que fizeram descer ao teu estro para imortalizá-las, as tuas musas Maria, Teresa, Ninon e a definitiva Úrsula, e mais todas aquelas que o verso pôde tocar e a mão não trouxe. Que me venham agora, uma a uma, "As Horas Lentas" que te deram calma, os finos véus do tempo que caíram sobre a face do teu espírito e o prepararam para a transfiguração na eternidade. E eu encontro tua alma e um pouco recolho de tua alma nas sementes errantes da floresta, que aqui nos "firmes" erigem a copa protéica dos castanhais sonoros; ali nas várzeas erguem do lodo o ouro náufrago da juta em seus garimpos louros; lá no pátio dos ventos as corolas levantam pra que os ventos os seus arados juntem à profissão dos frutos. Eu encontro tua emoção e um pouco recolho de tua emoção nas águas que aqui nas margens dão repouso aos pomares vindos da noite para o dia sobre o dorso dos barcos fatigados; nas águas que ali criam uma futura lenda quando um tronco errante agita contra a noite os cabelos da iara e a iara canta para a ilusão dos remos fugitivos; nas águas que lá nos igapós se concretizam, sob a convenção de sombra

das palmeiras, em país delimitados pelos peixes cemitério de ninhos afogados, canção insubmersa e promissão flutuante! Eu encontro teu pensamento, poeta, e um pouco recolho de teu pensamento na terra permanentemente sofrida e recriada pelas roças, na terra permanentemente sofrida e recriada pelos golpes perigosamente promissores das estradas novas; na terra permanentemente sofrida e recriada pelo suor do homem das clareiras e dos beiradões; na terra permanentemente sofrida e recriada pela civilização digital, que poderá até edificar santuário de mísseis e ogivas nos barrancos, como lembrança de um tempo superado, mas nunca subverterá o ritmo biológico que preservamos da natureza para a paz do mundo, porque é o Ritmo que preside a Evolução, não o deserto. Porque o nosso mundo é verde, verde é a esperança e o futuro é verde!

Senhores Acadêmicos! Após esse encontro sentimental e tão forte com o meu Patrono, cabe-me salientar que a glória de Raymundo Monteiro perpassou a fronte de dois nomes que aqui chegaram antes de mim para ocupar a Cadeira n.º 31. Refiro-me a Sebastião Norões e a Rodolpho Valle, ambos presentes em minha formação em dois bonitos momentos de instrutores. O poeta Sebastião Norões ajudou-me na minha adolescência, orientando-me no contato direto com as obras do Modernismo, no instante, sempre querido na minha lembrança, em que os Mestres do Clube da Madrugada acolheram sob o fogo das tertúlias o rapaz que chegava ao "Café do Pina" carregado de dúvidas e sedes. O senso crítico de Norões exigiu muito de mim, mas é grato recordar que as suas últimas palavras a respeito de meu trabalho foram de entusiasmo. Lembro-me dele e de seu amor pelos clássicos da música erudita, cujas nuances e enredos também procurou me transmitir. Lembro-me de Norões prendendo a noite entre os dedos no vaga-lume incessante do cigarro renitente. Assim como me lembro de Rodolpho Valle em nossas reuniões no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Rodolpho também fumava muito e também ensinava, História do Brasil e convivência cordial. Um dia fui alvo da atenção de seus convite para conversar mos no bar do Hotel Amazonas. Naquele encontro, Rodolpho Valle pouco falou. Creio hoje que o que ele quis bondosamente foi receber, para conhecer-me, as efusões de minha alma sobre o seu coração. O mestre fez-se ouvinte para me entender e para que eu me visse mais completamente. Lamento agora não ter tido maior convivência com ele, como teve, no IGHA, o meu irmão Robério Braga. No-

rões e Rodolpho, não terá sido de todo inútil a seara de conhecimento e de amizade que me deixastes como herança para que eu a multiplicasse. Eu vos agradeço e vos reverencio.

Este respeitável Sodalício, onde impressionantes estruturas intelectuais se harmonizam na guarda do fogo sagrado, e que ora se encontra sob a presidência segura do ilustre escritor João Mendonça de Souza, designou o notável Professor Agenor Ferreira Lima para proferir o discurso que me recebe e me admite na translação de alvíssimas esferas. Não tenho, todavia, palavras pertencentes à linhagem da erudição e do humanismo para referir-me condignamente a quem me dá, em nome de todos, o abraço de boas-vindas. Trata-se de um nome internacionalmente respeitado nos domínios da cultura clássica, uma vida legendária pela dedicação extremada na conservação dos mananciais de sabedoria da literatura latina, verdadeiro primado que elegeu como sua forma mais elevada de entregar toda a sua existência à construção dos pilares da mentalidade de nosso Estado. Eu conheço o Professor Agenor pelo apoio que sempre me estendeu na caminhada até aqui, e as musas de Virgílio também o conhecem, e certamente o amam pela obra meritória de traduzi-las para o mundo. Pela voz de Dametas, que ouvi, mestre Agenor, através de vossa bela tradução, disse o divinal poeta de Mântua, na III Écloga: **Parta meae veneri sunt munera: namque notaui ipse locum, aeriae quo congressere palumbes**. E eu realmente acredito que os dons procedem do amor, e que, pela magia desses dons, podemos marcar o lugar para receber o auxílio dos pássaros reunidos. E vós soubestes, com vossa permanência quase solitária junto às fontanas do Latim, trazer para nós, para que a fruíssemos, a intacta riqueza do amor e das aves dos eternos campos de Roma. Acadêmico Agenor Ferreira Lima, só vos posso dizer que quem traduz Virgílio conhece as alamedas do Olimpo e pode de fato coroar as frontes, tal a intimidade que tem com os louros e com a glória. Sinto-me realmente muito feliz em ser recebido neste Cenáculo pelo amigo de Virgílio. E se o amigo de Virgílio me acolhe em sua morada, com ele também estão, quase entrevejo: a ebúrnea Dido e a sagrada farinha dos altares; Diana e seu séquito de corças e canários; e Juno bela, e Apolo, e Vênus cobiçada; e sobre todos, as perfumadas e solenes virações do Tibre a deslizar candidamente no seu "curso amável". É

como se, pela palavra do Professor, me viessem aladas ânforas carmins do melhor vinho dos deuses para consagrar-me nesta noite.

Senhores Acadêmicos! Como o destino de todo discurso é ceder ao assalto das horas, despeço-me dos Senhores em minhas primerias confissões à Casa. Se tendes minhas credenciais, conheceis minha origem. E para explicitar melhor a minha origem eu acrescento: Venho de Hemetério Cabrinha, meu avô. Venho do poeta que conseguiu o supremo ideal do artista: assumir no verso como na vida a plenitude de suas mais elevadas convicções. O amor cristão, que ele disseminava com seus poemas, com seus discursos em defesa dos fracos e dos humildes, ele também vivia no cotidiano de sua existência, plainando a madeira, na profissão de Jesus, distribuindo consolo para todos em sua tenda espírita sustentada pelo ideal da Caridade. Eu no dia em que for na vida o homem que pretendo ser no verso terei conhecido a glória jamais conspurcável de Hemetério Cabrinha! Sim, Senhores, venho de um poeta. Venho do Amor e da Fé. Venho do Amor, que faz a matéria evoluir de salto em salto, de sonho em sonho, até a ocupação total de todas as moradas do Universo. Venho da Fé, que pode sensibilizar o coração de ferro da montanha com a breve cintilação da mínima mostarda. Venho do Amor, que das vasilhas de água tirou o melhor vinho da festa, e do mar de um cesto esgotado libertou um rosário de peixes contra a fome. Venho da Fé, que reduziu a nada, a absolutamente nada a distância e a morte em face do Amor, quando o centurião, com uma palavra de fé, e a viúva de Naim, com o círio de uma lágrima suspensa, conseguiram do Amor que o criado, que morria, se reerguesse ao longe e o filho, que estava morto, ouvisse perto. Venho do Amor, que um dia, em torno da mesa de um fariseu, se encontrou com o Pecado e o salvou, porque o Pecado levou para o Amor uma redoma de alabastro cheia de bálsamo, e com bálsamo e lágrimas lavou os pés do Amor e os enxugou com os seus cabelos egressos da volúpia; e o Amor, que teve nos seus dedos a alma dos desertos lavada pelo pranto, chamou a si o Pecado e o levantou, com o toque do Perdão, do úmido solo para a Rendenção! Venho da Fé, que permitiu aos profetas prepararem, sob o luar dos montes calcinados, o caminho da salvação. E a salvação frutificou desde a palha da manjedoura ao desespero iluminado dos homens que ressuscitaram quando a Terra, surpreendida em sua nudez de abominação e de perjúrio, envergonhou-se toda aos relâmpagos do Calvário, e

fendeu-se, e penitenciou-se, e redimiu-se todas aos pés da Cruz! Venho do Amor da carne, que pode espiritualizar a matéria e, sendo o conhecimento de todas as entregas, a síntese das buscas a rolar entre os penhascos dos seios, e também o pão repartido à sombra da alegria, as comoções do cetim ante as juras das epidermes conjugadas; os soluços do inverno dentro do coração; o ritual da angústia e seu punhal de flautas sacrificando em músicas perdidas os pássaros da alma. Venho da Fé do espírito, que suspende da terra os grãos da espiga para os sorrisos da mesa posta; da Fé do espírito, que realiza a ânsia de perenidade das mãos, mãos que, por rezarem juntas todo o credo da carne, toda a pregação do sonho, se imponderalizam de ternura e sobem, e forçam as portas do Céu antes da morte! Da Fé do espírito, que recolhe as últimas imagens do olhar das aves mortas e as incorpora aos bosques longes de depois da carne, quando a carne, crivada pelo adeus definitivo, toda consumada e vencida, se levanta do pó para transfigurar-se rediviva, perplexa de luz ,no mesmo assombro de Lázaro ressuscitado! Venho do Amor e da Fé. Venho do Amor e da Fé que, no Horto das Oliveiras, naquela noite que transpirava sangue pelas constelações contritas, se reuniram, se transfundiram e juntos se conservaram íntegros na composição da substância do cálice da renúncia gloriosa e da amargura que salva. E então, Senhores, se eu quero salvar-me a mim e a toda a Natureza, e sou apenas um homem, e pode a intransferível taça aproximar-se do meu rosto, e pode a minha fronte cair sobre a rocha noturna, eu neste instante me declaro necessitado da força de vossa presença para permanecer em vigília no cerco de horas graves dos outeiros, e junto de vós perseverar na Poesia e no Sonho, para que unidos, assembléia de artífices da Graça, preparemos a hora nova da terra, a hora nova do homem, a hora nova da vida, a hora nova da Ressurreição, em nome desta Fé e em nome deste Amor! Muito Obrigado! **Deo gratias**.

SAUDAÇÃO A MAX CARPHENTIER

AGENOR FERREIRA LIMA

Sr. Presidente, Dr. João Mendonça de Souza

Honra-me sobremodo ter sido autorizado por V. Exa em festividade tal, para saudar o novo Acadêmico que ora ingressa nesta tradicional casa.

Isto faz com que agradeça a V. Excia. tal destaque e consideração.

INVOCAÇÃO

Abrem-se as portas desta Academia, novamente em sucessivas festividades, para receber um inspirado das sonâncias insufladas pelas musas.

Na aura brilhante deste momento, na penumbra inspiradora das fantasias das divindades, vinde ó deidades criadas por Júpiter, e dizei-me musas de Homero e Virgílio, Tágides de Camões, inspirai-me na policromia do encanto e das fulgurações dos meandros da beleza e guiai as minhas idéias para manifestar, com precisão e segurança, o que traduz para nós todos o ingressar deste vosso fruto na plenitude dos eleitos da cultura.

Em noites como esta em que se recebe a fina inspiração da mentalidade, parece-nos ver, como diz Horácio em uma de suas épocas, neste éter sublime que nos rodeia, pa-

rece-nos ver, repito, as deidades na plenitude dos corpos transparentes, somente recobertas de gazes vaporosas divinais, bailarem numa modalidade toda duma valsa de Chaupen, celebrando tal evento que, na sua realidade, vem mais uma vez mostrar a real pureza do pensamento cristal, na criação de tudo que o intelecto pode satisfazer à vida humana.

Sr. Max Carpenthier.

Há muito tempo, Sr. Max Carpenthier, se fazia necessário a Vossa presença nesta Assembléia do espírito.

Não sei por que tanto se retardou a vossa inclusão nesta Academia.

Uma coisa se faz concreta, estais presente numa cadeira patrocinada por um cultor das musas: RAIMUNDO DE CASTRO MONTEIRO, que, como vós, foi poeta de estirpe; possuidor duma inteligência radiosa deixando nome lapidar na Planície Amazônica. Lídimo parnasiano, em formas caprichosas, transmitia inspirações que na exuberância lhe afluiam do cérebro prodigioso das nuances do belo.

Mais tarde, é lógico, não poderia deixar de ser, um poeta que deixasse de inaugurar esta cadeira, logo que ela foi criada tanto que como titular primeiro, bem o dissestes, foi SEBASTIÃO NORÕES que em versos deslumbrantes encantou Manaus no seu todo.

Na beleza do seu estro, encontramos:
"Velho santuário da casa de meus avós.
Santuário da casa da infância
Plantada numa rua estreita da cidade do crato.
Santuário onde sem arrumavam os santos protetores
da família".

Mais tarde, um cronista e historiador ocupou a cadeira do poeta: RODOLPHO VALLE. Professor emérito e pensador admirável.

Ilustrou com a sua palavra o ambiente da mocidade e dos intelectuais contemporâneos.

Mas deixemos os que dormem na paz do Senhor e nos fixemos na vossa personalidade que hoje se faz presente, fazendo voltar a vivência integral da poltrona das musas.

Hoje temos uma conversa toda especial, visto que, nesta noite, tão em alto relevo para nós é chegado o tempo de sentir que nesta casa de PÉRICLES DE MORAIS e ADRIANO JORGE ingressa mais um poeta que nas lides dos anos tornou-se um artista do belo por excelência.

Montado em Pégaso saistes a cavalgar pela vastidão infinita do sobrenatural desde os primeiros albores da infância, atingindo, na aurora da fantasia, a residência dos deuses. Então, bem recebido, as deidades vos fizeram saborear o nectar e a ambrosia que se transformaram numa produçao mui bela e significativa.

Morei demorada e fixamente em todas as produções que a vossa pena nos vem proporcionando em paginas belissimas de reconforto espiritual.

Ali vamos encontrar o desejo insaciável de tudo o que está além do que a vida nos proporciona, dando, portanto, uma prova da nossa imortalidade.

Em vossas manifestações de validade humana, procurastes sempre a verdade, pois a Verdade como o Bem e a Beleza são imutáveis em sua essência.

Bem pensado os vossos trabalhos, notamos que procurastes dum modo especial, ressaltar a autonomia da Beleza como sendo, em seu domínio, a expressão estética da fé.

O tempo não me permite e nem o talento me credenela para que demonstre os valores estéticos de vossa obra, contudo aroito-me em algo que a beleza não perde o calor em momentos tão significativos como este.

Sr. MAX CARPHENTIER

Chegais a este congregado por vós mesmo, com a vossa penetração Amazônica nas letras e no jornalismo, pleno de fulgurações que cerca o vosso convívio, na comunicação do vosso diálogo.

Vindes dar relevo a esta deidade, ao espírito cultural da Planície. Convosco vem a vibração da mocidade, abrem-se os parâmetros dos céus refulgindo um plenilúnio de arcoiris tão agradável e reconfortante. Estais nesta casa onde morejam tantos faróis da inteligência e viveram tantos luminares que com o tempo partiram para o além da imortalidade.

Ninguém entra tarde nesta Academia, mas sempre a seu tempo, e à sua hora, e na ocasião tudo retroage ao primeiro momento.

No desdobrar dos anos, vem novamente esta cadeira enflorar-se mais e significativamente na vossa pessoa que hoje a recebe com real pujança e tão dignamente bem merecida.

Não estou bem seguro, repito, Sr. MAX CARPENTHIER, se poderei conseguir oferecer uma pálida idéia de toda a rica inspiração que se projeta no decurso de vossa jovem existência.

Talvez não concordeis com as minhas pálidas afirmativas pois elas ficam muito aquém do aljofrar das vossas transmissões; mas, já alguém disse que "nem o próprio escritor sabe o sentido veraz, profundo e duradouro de suas obras".

Baseado nisto, ouso jogar uma lança em Africa.

Como não poderia deixar de ser, procurastes sempre a inspiração poética nas letras sagradas, a ponto de traçardes o vosso discurso de posse no pensamento lapidar de Isaias. Isto constitui um coroamento dos anos em que vindes cultuando o belo.

A demonstração desta trajetória está refulgentemente demonstrada no trabalho que, em vários artigos, cantastes em 1936, a figura angelical da Doutora da Igreja: Santa Tereza de Jesus.

Abebeirando-me naquelas páginas lapidares de fé me reconforta tal expressão:

"Senti-me a alma toda desfazer-se em luminárias perfumosas qual galáxia de amantíssimas camélias atiradas a seus pés; não robei-me à ânsia de embriagar-me na doçura da virgem carmelita".

E em outra lauda, referindo-vos aos trabalhos da doutora: "Caminho da perfeição" muito bem afirmais:

"Este livro é um diamante corolário de acontecimentos e manifestações adoravelmente missionária onde o amor a Deus, a presença da Divindade se nos apresentam em tantas e tais plenitudes que eu gostaria de, numa irremediável catequização, adarvá-la no peito morto da consciência dos materialistas adeptos dessa "loucura aproplética epiléptica", "filosofia de instintos" para fazê-los despertar em murmúrios de vida e em balbúcios de prece, qual bandolim emudecido repentinamente sonorizados aos dedos mágicos da milagrosa briza da verdade."

Outros trabalhos se sucederam, porém em 1982, vem a inspiração divinal, inflar o vosso estro no belo canto poético de: "Carta de luz e sombra a São Francisco".

É um poema em duas partes contendo cada grupo dez quadras mas a conclusão se faz com cinco versos.

Que delicadeza de pensamentos e expressões! Que luminosidades nas afirmativas de conclusão!

Já no final, no dar o laço amarrando a variedade de flores, dizeis:

"E cumpramos o Cristo. Aqui primeiro.
Depois, nas outras casas do Universo.
Até que o rosto, agora submerso
em nós, se faça claro sobre tudo.

Que me escutes, Francisco, e andes conosco
outros séculos mais: somos meninos
soterrados de medo, ainda que os sinos
por nós supliquem aos Céus,
que não perdemos."

O poeta terminou, mas a resonância dos pensamentos, o ensinamento, fica nos meandros dos ouvidos, as palavras que se prestam a profundas meditações ficam ciciando no nosso todo, de olhos fechados para melhor concentração. Inúmeras foram as produções que se sucederam. Em pesquisas e pesquisas constatamos que na realidade fazeis versos bons e lindos versos que permanecerão pelos séculos numa modalidade toda refulgente e servirão de modelo e deleite para a juventude e cultores da sétima arte da vida que assim possibilita uma oportunidade de gozo extra-espiritual nos sonhos do sobrenatural que é possível conseguir se fazer presente nesta corrente infindável do materialismo. Dos quatro trabalhos confeccionados em opúsculos, dois se traçam na inspiração e sentimentalismo espiritual:

"O sermão da selva" e "Orfeu do Nazareno"

O primeiro, todo ele se calca na palavra sublime do 'Mestre dos Mestres.

Escolhestes muito bem o pronunciamento mais seguro duma norma irrefutavel e incontestável: ' O sermão da Montanha" Página que encanta, página gravada mais do que outras no contexto indelével e granítico da religiosidade dos povos.

Parodiando tal encanto em quatro poemas, vos combinais as vivências regionais com aquilo que ele demonstrou para todo um Universo e um Universo de sentimentos da vida.

Dizeis em páginas tão fulgurantes, como pepitas de ouro encontradas em batéias permanentes, isto colimando os pontos mais no alto:

"Bem aventurado os que lastimam
os que estudam
os que sonham
os que sabem
os que sutam e avançam
os que socorrem
as mãos que multiplicam
os que cultivam e os que repartem as lendas
Todos os que antes da revelação eletrônica já se comunicavam com as plantas
os que em lei, verso vontade, na retorta, na prece e na palavra."

tudo isto numa referência mais ampla e minuciosa com o verde da natureza.

Pensamentos lapidares encontramos a todo instante como

"O que a selva une a ignorância não separe".

E numa conclusão significativa, aí registrais:

"Porque o Reino será desses, daqueles que cumprirem
o destino de Deus neste transido
mundo que nos suporta enquanto o temos."

O vosso trabalho recorda-me passagens admiráveis como a do aedo do Romantismo — Casimiro de Abreu — "Tem tantas belezas tantas que poetas e imortais dificilmente poderão infiltrar-se nas riquezas alí gravadas."

A poesia é o amor, o amor que dentro do indivíduo o faz conhecer os segredos do coração e com este conhecimento se transforma num fragmento do coração da vida; com esta metamorfose do todo da existência e assim concluso é estar junto a Deus e assim sendo ingressar na maravilha de Deus.

Folheando Horácio, o mestre do lirismo latino, encontramos no seu trabalho: "A arte poetica", afirmativas "sui generis", quando diz:

"A poesia é como uma tela de celebérrimo pintor, que te agrada mais se contemplares de perto, enquanto que para outros apresenta melhor aspecto quando visualizada à distância. Existe quem prefira olhar durante a noite, outro que não teme a crítica, estima ser observado durante o dia. O primeiro agradará uma só vez e o outro dez ou tantas vezes quantas for apresentado."

Destas afirmativas chegamos à uma conclusão; que em todas as atividades se pode ser medíocre, mas, nem os ho-

mens, digamos, nem os deuses, jamais permitirão mediocridade na poesia.

A realidade do que se afirmou encontramos satisfatoriamente nos vossos trabalhos.

Em outra obra: "Orfeu do Nazareno", voltais a traçar laudas na vivência humana, no entrelaçado do sentimento religioso conjuntamente com a terra, as florestas, os astros e a convivência social. Tudo sempre no plano religioso.

Dizeis bem numa belíssima passagem (pois belíssimas são todas elas), que tornam quase difícil de escolher:

"Pastor também me encontrareis à sombra
da oliveira maior que amamentou a pedra
da funda de Davi."

Há uma variante muito grande na sequência dos pensamentos tal qual as florestas que cantais quando mudam de aspecto com a queda das folhas de suas árvores à proporção que os anos passam e se sucedem as estações.

Em outro momento, às folhas tantas, destacamos:

"E a alegria abriu as asas sobre os teus cílios
quando adivinhastes que aos menos um desses pássaros
descendentes podia ser daquele
Que o Senhor algum dia contemplara
quando as gotas de fadiga eram um terço em sua fronte,
rezado sobre o mar e na barca de Pedro."

Não é somente no cantar das musas que a vossa brilhante cultura vem nos dando páginas reconfortantes e consoladoras, ricas de fulgurâncias maravilhosas, no encanto do saber e da beleza, mas também na prosa castiça e escorreita, nas modalidades perfeitas duma construção admirável do linguajar dum português de primeira classe, digna dum acadêmico que já há muito tempo o sois haja vista o vosso trabalho: "Vitrais das buscas" e artigos nos jornais publicados.

No primeiro, vinte e um contos nos mostram a beleza de pensamento e vivência humana tem o autor muito se nota nas idéias e entrelinhas o quanto de poético se faz presente na alma de quem escreve um conjunto de ensinamentos das atitudes no entrelaçado das ações sociais e do criado.

Boa caminhada tendes feito nas letras: sem pressa e com ponderação tanto na vida social como na intelectual.

Mas já se faz em tarde as horas. O momento exige

uma conclusão. Lembrai-vos sempre de que esta casa tem uma tradição a zelar, princípios e modalidades próprias da sua vida de cultura e letras; características que nós devemos manter e não admitir, por hipótese alguma, sejam transgredidos; deste momento para frente fazeis parte dos quarenta.

Sr. MAX CARPENTHIER

recebei o nosso abraço cordial e de satisfação.

Seja bemvindo A CASA É VOSSA.

MEIO SÉCULO DE MAGISTÉRIO DO ACADÊMICO AGENOR FERREIRA LIMA

WILLIAM A. RODRIGUES

Acadêmico Prof. Agenor Ferreira Lima

Honra-me, sobremodo, neste memorável momento, ser o porta-voz dos confrades deste Sodalício, na homenagem que por bem se resolveu prestar-vos pelo vosso Jubileu de Ouro no Magistério e pelo muito que, durante todo esse tempo, fizestes em prol da Instrução e da Cultura em nosso Estado do Amazonas.

Por duas vezes, tivemos as portas do salão azul da Academia abertas para vós. A 1.ª vez foi há quase 4 anos, quando tomastes assento na Cadeira n.º 35, que tem como patrono Dom Frederico Costa, a qual havia sido fundada pelo seu antecessor, o pranteado homem de ciências e letras, Moacy Alves. Foi uma noite memorável, honrosa e magnificante, e repleta das supremacias intelectuais o dia de vossa posse.

Agora, este Sodalício volta a abrir-se festivamente, para expressar-vos o quanto esta Casa vos é grata pelo valor de vosso trabalho durante esses longos e venturosos 50 anos como educador.

Vosso trabalho é tão nobre e extraordinário, que deve ser reconhecido por todos porque sabemos que a missão de ensinar é transmitir conhecimentos e que educar é contribuir para que o educando tire de si mesmo tudo aquilo que Deus lhe deu quando o formou. Por isso é que o filósofo

Sócrates lançou o axioma bastante discutível que "ensinar os ignorantes é fazê-los bons."

Vós, como todos os outros abnegados mestres, pelo mundo afora, deveis merecer de nós um pensamento de gratidão, uma vibração de amor, um desejo ardente de que Deus vos abençoe para que possais continuar vossa diginificante tarefa de plasmador de consciências imaturas e propagador de boas sementes capazes de vingarem e de produzirem frutos, que irão saciar a fome de saber das gerações futuras.

Paulo Sarmento, que por muito tempo militou na imprensa local, chegando inclusive a ocupar o cargo de Diretor da Escola Técnica de Manaus, assim se expressou ao abordar o tema sobre o papel do professor por vocação como fatos de progresso de uma nação:

"São estes os verdadeiros obreiros da nacionalidade. Se ensinar é um sacrifício, amam eles esse sacrifício. Se o caminho está juncado de urzes, atravessam-no cantando, pés sangrando, mas o coração confortado pelo dever cumprido. Não é que lhes anestesie o espírito a sensação do martírio, a passividade de vítima espontânea, aureolada por uma dedicação fementida. Não! Para os verdadeiros professores, o ensino é um sacerdócio sublime, e o trabalho é alegre, por ser espontânea; é produtivo, por o ser sincero; é feliz, por ser verdadeiro; é grandioso, por ser profundamente humano.

A estes o Brasil deverá o seu desenvolvimento, seu progresso, sua riqueza e a grandeza de seu nome".

Fazendo minhas as palavras do eminente Acadêmico João Mendonça de Souza, digno presidente desta Casa, o futuro maior e melhor do nosso Brasil pertence aos homens de inteligência e de cultura como vós.

Para atingirdes o galardão de que hoje desfrutais, conforme vós mesmo recordastes, em vosso discurso de posse, nesta Academia, além dos poucos recursos materiais de que dispunheis ao tempo de vossa meniníce este troféu exigiu de vós um ciclópico esforço pessoal, próprio daqueles que têm em seu íntimo o propósito firme e inabalável de vencer, sabendo que contra vós havia um longo e distanciado caminho a percorrer. Essa vossa dedicação aos estudos acabou firmando-se em vosso Ego, tanto que desde aqueles priscos tempos, até agora acabastes habituando-vos a passar noites a dentro em vigílias indormidas, deliciando-vos na leitura permanente dos clássicos e dos não clássicos, Gregos e Romanos, e demais lídimos intelectuais franceses e portugueses.

Preocupa-nos, no entanto, saber que quanto mais estudamos mais nos distanciamos da verdadeira sabedoria, por-

que a nossa ignorância é e sempre será imensuravelmente infinita. Na escola da vida, morre-se aprendendo. Confortam-nos, no entanto, os sábios ensinamentos de Confúcio ao admitir que: "Quem reconhece a própria ignorância vislumbra a sabedoria"; ou, então, os velhos conselhos desse mesmo filósofo chinês: "Transportai um punhado de terra todos os dias, logo fareis uma montanha".

Foi, portanto, essa vossa vontade decisória na escolha corajosa do que querieis, o estudo persistente, metodizado, a vocação e a vossa inteligência voltada para a obtenção do conhecimento colimado, e a vossa maneira especial de contornar os obstáculos antepostos, que vos deu essa condição de sobrevivência cultural.

O acadêmico Mário Ypiranga Monteiro, vosso recipiendário neste Silogeu, e vosso contemporâneo no colégio e no magistério em geral, em cujo trabalho oratório de vossa recepção me respandei para redigir estas páginas, também professor bastante experiente, não vê um bom futuro para a nossa mocidade que não estudou, que se acomoda e não procura lutar para formar um bom cabedal de conhecimentos que lhe possa ser útil no futuro. A esses ele adverte: "os exemplos avondam de homem que perderam o melhor dos dias do comidade na contemplação do fútil e na esbórnia e diante da velhice irremediável do tempo irreversível, olham para trás e enxergam a imensidão do vazio doloroso mas só conseguem o ridículo da improvisão. Nada plantaram, nada podem colher". Felizmente isso não ocorreu convosco. Mesmo com todos os obstáculos da época de vossa formação cultural, em que instituições de cultura, escolas e universidades eram escassas ou inexistentes, mesmo assim prevaleceu em vós a vontade inquebrantável de romper os grilhões que vos tolhiam de progredir nos estudos, indo buscar em Pernambuco os conhecimentos de que tanto necessitávei, após concluirdes os estudos básicos nesta terra de Ajuricaba, no Colégio D. Bosco, dos Padres Salesianos. Graças a isso e aos sábios ensinamentos dos mestres Salesianos e Jesuítas de Jaboatão, que vos introduziram nos estudos clássicos, que a vossa real vocação, então latente, despertou em vós para as letras clássicas depois de vos abeberardes nos escritos deixados por Ovídio, Cícero, Virgílio, Marão, Fedro, Júlio César, Tito Lívio, Sêneca, Horácio, Cornélio Caco Crispo, Terêncio e muitos outros não menos eruditos dos diferentes períodos do idioma de Lácio.

Foi na cidade pernambucana, berço do famoso historiador e eclesiástico Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão,

autor, entre outras, de uma extensa obra histórica intitulada "Novo Orbe Seráfico Brasilico" ou "Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil", que a vossa total formação moral, social e intelectual se consolidou. Influiu muito, conforme vós mesmo reconhecestes, em vossa formação a lídima figura de D. Bosco paradígma de santidade e dignidade, sob cuja égide vivestes todo o tempo em que convivestes como seminarista com os abnegados religiosos da congregação inspirada em São Francisco de Sales.

Para o magistério, que hoje é um dos vossos maiores deleites intelectuais na vida e uma de vossas maiores razões de ser como educador, foram um passo decisivo em vossa brilhante carreira profissional os cursos que fizestes em Jaboatão sobre letras clássicas, Latim e Grego, e Filosofia e Pedagogia com os mesmos missionários antes mencionados, porque o que mais vale mesmo na vida é o que realizamos e não o que pensamos fazer. Após a conclusão desses cursos preparatórios para o magistério, a vossa vida passou a ser uma árdua conquista feita na faina diuturna.

O ano de 1932 é para vós uma doce e inesquecível lembrança porque foi exatamente naquele ano, que começastes a dar os primeiros passos no magistério com as crianças que ensináveis no pré-escolar. Daí em diante, escalonastes todos os níveis de ensino básico, passando por todo o primário, ginasial, colegial e, por fim, em 1966, quando a Universidade do Amazonas criou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras o curso de Letras, ingressastes no magistério superior, onde, até hoje, apesar de já terdes mais que suficiente para vos aposentardes, persistes em continuar, jubilando-nos apenas das cátedras do Colégio Estadual do Amazonas, Colégio Brasileiro e de outras instituições de ensino secundário, onde lecionáveis Latim e Português.

Dos cargos dos quais vos aposentastes, se o imortal orador romano Cícero estivesse redivivo entre nós, certamente vos saudaria com a famosa frase **"Otium cum dignitate"** com que ele costumava homenagear aqueles que se retiravam da vida pública com dignidade.

Na Universidade do Amazonas, onde hoje regeis apenas a cadeira de Latim, já ministrastes aulas nas disciplinas de Teoria da Literatura e de princípios e Métodos de Inspeção no curso de Pedagogia.

Repassando o vosso **Curriculum Vitae**, ele é um cordel imenso de notáveis realizações, impossíveis de serem todas aqui mencionadas. Como o "verdadeiro progresso consiste de renovar-se", segundo Vinet, o consagrado teólo-

go protestante suíço, defensor da liberdade da consciência, dentre os vários cursos que fizestes para aprimorar os vossos conhecimentos, destacam-se os de especialização em Administração Escolar, Orientação Educacional e Didática Geral no Centro de Estudos Pedagógicos de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, o de especialização em Latim e Teoria da Literatura, na Universidade de Brasília e o curso de Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas.

Dos cargos administrativos que ocupastes com notável distinção, ilibada honradez, e muito esmero sobressaem-se os de:

a) Inspetor de Ensino e Técnico de Educação Federal, cargo assumido por concurso e no qual vos aposentastes;
b) Diretor por 2 vezes do Colégio Estadual do Amazonas, durante a gestão do ex-governador Plínio Ramos Coelho, acadêmico eleito deste sodalício;
c) Presidente da Comissão de Bolsas de Estudo e do Fundo Nacional de Ensino Médio da região amazônica por vários anos;
d) Primeiro a implantar no Estado do Amazonas o Posto do Livro do Ministério de Educação.

Pertenço às seguintes instituições de cultura, além deste Silogeu:

a) Conselho Estadual de Cultura;
b) União Brasileira de Escritores, do Estado do Amazonas;
c) Ordem dos Velhos Jornalistas do Brasil, situado no Rio de Janeiro;
d) Centro de Português do Rio de Janeiro.

Nada é mais gratificante em vida do que sermos reconhecidos pelo bem que fizemos em prol de alguma causa pública ou privada. E foi em razão disso que vindes ultimamente recebendo justas homenagens pelo vosso meio século de devotada atuação no campo da propedêutica. As medalhas de que sois portador, outorgadas pela Secretaria de Educação do Amazonas e pela Universidade do Amazonas, são uma consagração insofismável de vossos reais méritos.

Vossos méritos, Acadêmico Agenor Ferreira Lima, não estão apenas no magistério mas também nos livros didáticos que escrevestes, com o intuito de manter viva a língua

do Lácio e difundir no meio estudantil a memória de Horácio, Virgílio, Quintiliano, Cícero, Fedro, Júlio César, Terêncio, Pompônio Melo, Tito Lívio; e tantos outros não menos renomados literatos latinos.

Foi com esse fim que escrevestes, entre outros livros, a III Égloda de Virgílio e Exercícios de Latim de tanta aceitação e estais preparando outros tantos com o mesmo fim. Tendes pressa, com justas razões, para divulgar toda a vossa experiência acumulada durante esses longos anos bem vividos, porque sabeis por estas parêmias latinas que: **"verba volant, scripta manent"** (as palavras voam, mas os escritos ficam) ou **"habent sua fata libelli"** (os livros tem o seu destino).

Pela vossa visível disposição e vigor físico e mental, ainda podeis produzir muito em favor da cultura no Amazonas, porém tendes infelizmente contra vós a idade que é inexorável. É o curso fatalista da vida. Foi por essa razão que Montesquieu, escritor e filósofo político francês do século XVIII, pressentindo que suas forças físicas e mentais enfraqueciam, lamentou o fato com essa famosa frase: "Infeliz contingência humana! Mal o espírito chega a maturidade, o corpo começa a envelhecer".

Com esses trabalhos que vindes editando, conforme confessastes no proêmio do vosso Exercício de Latim, não tendes interesse pecuniário ou material nessas edições, mas sim o desejo de orientar a mocidade no estudo duma língua que a coloque entre o escol da intelectualidade brasileira, pois ali é que estão as raízes reais e verdadeiras do nosso idioma nacional. **"Non in solo pane vivit homo"**, reza o Evangelho.

A língua latina, da qual sois reconhecidamente uma grande autoridade e de cujo idoma, segundo opinião de nosso confrade o Acadêmico Prof. Dr. João Chrysóstomo de Oliveira, "vos impregnastes do espírito romano de conquistas culturais e tendes vivido o humanismo e a latinidade com a paixão de legionários, enfrentando a secura do pragmatismo e do imediatismo de nossos dias", ultimamente tem sido relegada e abolida dos currículos escolares por considerarem-na difícil e desnecessária, po restranho que pareça num país neolatino. Ninguém pode negar a importância de nossa língua-mãe na formação intelectual universal e na influência das obras clássicas em nosso pensamento moderno.

Na minha profissão, a Botânica, por exemplo, o uso do Latim é obrigatório, especialmente quando se descrevem

novas entidades vegetais. Pelo menos essa experiência tem sido ratificada em todos os Congressos Internacionais de Botânica. São inúmeras as obras clássicas de Botânica que, sem o conhecimento pelo menos elementar da **Sciência amabilis** de Linné, não poderiam ser consultadas, como o **Genera plantarum** e **Species Plantarum** de Carl Linné, o pai da linguagem latina moderna, a **Flora brasilienses,** de Martius, o **Prodromus,** de Candolle e muitas outras monografias semelhantes, sem falar nas obras históricas, como a **Historia Naturalis,** de Plínio, o Velho, o **De re rustica,** de Marco Terêncio Varrão, a **História Naturalis Brasiliae,** de Marcgrave & Pipo, o **Sertum palmarum,** de Barbosa Rodrigues etc.

Temos sentido que uma das maiores dificuldades de nossos estudantes, que se iniciam em pesquisa Botânica, tem sido a falta de conhecimento básico de Latim especialmente no campo da Taxonomia, onde o conhecimento elementar desse idioma é indispensável para a consulta de obras como as que mencionei anteriormente. Essa possivelmente é uma das maiores causas de evasão de estudantes interessados em se dedicarem à pesquisa de taxonomia vegetal no Brasil. A solução desse problema obviamente seria o retorno do Latim às escolas, especialmente nos últimos anos escolares. Não vamos no entanto aqui, aprofundarmo-nos no assunto, porque essa não é a ocasião oportuna.

Antes de findar, gostaria de saudar-vos, relembrando um pequeno trecho da oratória de Rui Barbosa, dedicada ao professor: "A suprema santificação da linguagem humana, abaixo da prece, está no ensino da mocidade".

Acadêmico Agenor Ferreira Lima, pelo vosso esforço, pela vossa honestidade, pela vossa constância, pelo vosso espírito empreendedor e pela vossa generosa bondade durante 50 anos de efetivo e proficiente exercício do magistério, aceitai, nesta ocasião, as sinceras homenagens, que esta Entidade, por meu intermédio, vos presta.

PARABÉNS!

POR OCASIÃO DAS MINHAS BÔDAS DE PRATA
28.06.83

AGENOR FERREIRA LIMA

Exmo. Sr. Dr. João Mendonça de Souza
DD. Presidente da Acamedia Amazonense de Ltras.

Feliz coincidência é o celebrar neste Silogeu de Cultura o evento das minhas Bodas de Oiro Magisterial.

Se não fosse a bondade magnânima dos vossos corações hoje não se realizaria este encontro de amizade, este aconchego de amor, que traduz concretamente a vivência objetiva e plena do dia a dia do professorado.

Não é o mestre que fala, pois o mestre só existe um que é Jesus Cristo; é o amigo, o estudante dos anos em fora, do quotidiano dos períodos escolares.

O professorado, que constitui um dever vocacional das ações para com a sociedade, se molda numa luta diária em prol da mocidade que, na fase de formação, cada vez mais demonstra um estado de insegurança, de carências de princípios para construir, moldar e firmar um caráter que mais tarde se transformará numa alavanca de progresso com a finalidade de impulsionar a pátria brasileira.

Hoje, mais do que nunca, confrontando a vivência escolar no decorrer dos anos que já se foram e o tempo presente, notamos uma espécie de frieza e quase desinteresse nas atividades escolares.

Muitas e muitas vezes ficamos meditando em tudo o que acontece no tempo atual, preocupado e temeroso com o futuro que se vislumbra nos horizontes da vida.

Por que tanta displicência, tanto descaso nas atividades escolares? Sabemos que hoje cada um é solicitado para as múltiplas cousas da vida, mais do que antes, mas em contrapartida os elementos complementares para a aprendizagem são inúmeros e sempre mais aperfeiçoados. Mas deixemos isto para os técnicos no assunto visto que o pronunciamento não foi solicitado.

Nesta hora luminar não sei que elemento concreto posso tomar em mãos para vos manifestar minha gratidão diante de tanta bondade e sinceridade de idéias, princípios e atitudes.

Sei que todos aqueles que aqui vieram querem sinceramente demonstrar a deferência para com o professor, o amigo que por muitos anos veio estudando com todos, meus ex-alunos, e continua no tempo presente com novos companheiros de jornada intelectual.

Como é bom este lugar de vivências espirituais em que vamos dos clássicos aos modernistas, dos prosadores aos poetas, sempre e sempre no íntimo da meditação do belo que nos conforta, das musas que nos inspiram no campo ubérrimo e quase infinito das gemas preciosas de mananciais reconfortantes e consoladores de vida intelectual.

Já vai muito longe o dia em que iniciei o meu magistério.

50 anos! Nunca pensei chegar neste marco significativo da vida de estudos impulsionados pelos meus mestres, os Salesianos e os Padres Jesuítas.

Sei, e estou convicto disto, que muitos professores já completaram seu jubileu de oiro, outros mais estão completando e completarão, portanto, não são os anos passados que me rejubilam, mas sim o estar eu em pleno exercício, isto sim, para mim é sinal de orgulho.

Tenho força e disposição; gosto de estar convosco, jovens do meu Amazonas, companheiros de professorado e educadores, daí porque pretendo continuar.

Sinto necessidade deste batalhar, isto me faz bem.

Como a juventude é deconfortante no seu dia a dia; como todos nos engrandecem, entusiasmam, dão prazer e me realizam.

Neste convívio aurifulgente dos alunos tudo é consolador, mesmo os meus momentos de inquietações e insatisfações.

Machado de Assis dizia: "A mocidade é o licor da velhice".

Nesta altura da empreitada, duas cousas muito significam e calam bem no meu eu:

1 — Estar na Universidade;

2 — Pertencer a este excelso colegiado que é a Academia Amazonense de Letras.

Esta Academia que hoje, numa modalidade toda especial, abriu as portas para em conjunto com os alunos, educadores, ex-alunos e pessoas amigas, dizer uma palavra de carinho e de incentivo para mim e para todos por ocasião deste jubilar de oiro.

Para vós, amigos Acadêmicos, o meu abraço cordial com o enlace de muito obrigado.

Temos que nos conscientizar de que seguimos um plano traçado pelo invisível.

É suprema sabedoria compreender que a maior vantagem e felicidade do homem consiste em manter inalterável fidelidade aos princípios eternos dos parâmetros cósmicos ou, em outras palavras, à vontade de Deus.

Isto é que tem de nortear a ação do professor nos ásperos caminhos do mundo no movimento da sua missão tão brilhante, digna e construtiva de educar a juventude.

Os requesitos insubstituíveis para orientar e transmitir conhecimentos como: a verdade, a justiça, o amor sublimado, a bondade e a solidariedade, são forças cósmicas intinsecamente infiltradas no íntimo do professor que não pode, por hipótese alguma, faltar, pois, do contrário, haverá uma falência no agir, visto que estes predicados são realidades indestrutíveis na alma dum ser que se propõe dar tudo de si em prol da formação dos seus semelhantes.

Julgo que cumprimos, mais ou menos, a missão que nos foi escalada.

Educar constitui um plano traçado para nós professores, no sofrimento ou na alegria, na aceitação ou na incompreensão não importa, o que se faz necessário é o cumprimento do dever.

Nosso é o como ou o modo de fazer e não o fato em si.

Em nossa missão, tudo depende do sentimento que irradia do nosso interior.

Os deveres se apresentam pelo sentimento que é revelado através do eu; tudo numa harmonia sublime e coerente, construtivos e de efeitos reais e sinceros.

Sei que nestes anos afora não fui muito compreendido por muitos em minha ânsia de cumprir o meu dever, de plenificar o meu ideal. Muitos não perceberam os moti-

vos das minhas insistências desagradáveis; não perceberam que eu sempre lutei pela boa causa que é real, sincera e justa, isto é, a formação do homem do amanhã.

O médico nem sempre pode ou deve usar de paliativos com os enfermos; momentos se apresentam em que a gravidade do problema exige firmeza nas atitudes, nas providências a serem tomadas, nas resoluções conclusivas, embora contrarie a vontade do seu assistido.

A criança, o jovem, somente vê e percebe aquilo que de imediato se apresenta diante dos seus olhos; nós, os educadores, estamos com o pensamento voltado para o amanhã, para o futuro, isto como resultante da experiência vivida.

É necessário amealhar no presente para a subsistência no futuro.

Sabemos que na amplidão do nosso campo de ação muitos são os obstáculos, as forças incompreensíveis dos pregoeiros das adversidades, mas o professor tem que ser o baluarte, a sentinela indormida nas horas do tempo infindável da educação.

Escrevendo ao filho diz Marco Túlio Cícero:

"Fortis vero animi et constantis est non pertubari in rebus asperis nec tumultuantuem de gradu deice, ut dicitur, sed praesenti animo, ut et consilio nec a ratione discedere".

(de officiis — Livro I cap 23)

Em minhas mãos, colocastes os louros da jornada e prontamente na realidade da ação eu vos entrego, jovens do Amazonas, meus amigos educadores, pois a vós pertence toda esta gama de atividades. Tudo que estamos vendo e nor tarnastes partícipes, justiça se faça, é fruto duma equipe constituída por vós outros meus amigos, portanto, a vitória é vossa pois bem a mereceis.

O célebre tribuno latino diz muito bem em seu trabalho — **Os deveres**, e eu endosso: Eu mesmo de quanto fiz em benefício da República, se é verdade que fiz alguma cousa, devo muita parte aos mestres que me ensinaram e somente depois de habilitado com suas doutrinas entrei a tomar posse da administração pública."

"Nosque ipsi quicquid ad rem publicam attulimus, si modo aliquid attulimus, a doctoribus atque doctrina instructi eam et ornati acessimus."

(De officiis — liv. I cap. 44)

Segundo diz o filósofo Platão, o que é verdade: "Os homens não nasceram para si unicamente, mas devem parte de si à pátria, aos pais, aos amigos. Os homens são gerados para serem úteis uns aos outros; concorrer para o bem pú-

blico, alternando as obrigações em dar e receber, consolidando assim, cada vez mais, a sociedade entre os homens com a nossa arte, com a nossa obra e com o nosso préstimo."

Foi baseado em tudo isto que dediquei todos estes anos ao ensino. Daí ter eu escrito e publicado oito trabalhos, estar agora com quatro prontos para publicação e mais três que estou escrevendo.

Após todos os arrazoados aqui e noutros momentos apresentados, resta-me, em primeiro lugar, agradecer de coração, ao nobre Acadêmico Dr. William Rodrigues, as palavras tão carinhosas e benevolentes que pronunciou a meu respeito, em nome dos meus irmãos de Academia.

Em seguida, com um amplexo bem significativo dar o meu muito obrigado a todos os educadores, os amigos e os estudantes do presente e do passado.

O AMAZONAS E A PRIMEIRA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

— **Conferência realizada na Academia Amazonense de Letras, 31/08/84.**

PAULO PINTO NERY

Senhores:

Esta augusta casa de Péricles Morais, no momento exato e feliz, houve por bem de instituir um ciclo de conferências com o alto e relevante objetivo de levar ao conhecimento dos interessados e, em particular, da juventude, que a história de um Povo como base sólida a cultura sedimentada na inteligência de uma elite pensante que procura desenvolver os seus conhecimentos através de pesquisas e estudos.

Designado pela bondade dos eminentes confrades, para falarmos no mês consagrado aos estudos jurídicos sobre um tema a escolher, não tivemos dúvida de que o Amazonas e a Primeira Universidade Brasileira era o mais coerente com o momento em que vivemos.

Reviver em síntese, portanto, as passagens históricas mais importantes de uma região que aos poucos se firmava pelo espírito indômito de quantos brasileiros ou estrangeiros que decidiram trocar a terra natal pelas terras amazonenses, na busca deste ou daquele interesse, será a primeira

página a rebuscar, nos palimpsestos de um passado distante, para um presente tecnicamente fantástico, mas econômico, social, moral e espiritualmente conturbado pela fome, pela miséria, pela desigualdade na distribuição das riquezas, pela violência, pela corrupção, pela depravação e pela falta de fraternidade entre os homens, princípio basilar da doutrina que o Cristo nos legou com o sacrifício do Calvário.

O Amazonas inicialmente subordinado ao Grão Pará, sofria, é natural, uma diminuição na sua iniciativa de querer crescer e progredir no mesmo ritmo das demais regiões brasileiras.

O tempo se escoava e os protestos para que fosse dado ao Amazonas o direito de se auto-governar, não encontravam eco junto aos altos poderes do Império.

Somente pela Lei de 5 de setembro de 1850 é que o Amazonas adquiriu a categoria de Provincia, tendo a escolha de seu primeiro Presidente caído na pessoa de um dos entusiastas da emancipação: JOÃO BATISTA DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA.

Provavelmente sobrepaira grande expectativa no seleto auditório, em querer saber quais as condições que oferecia a cidade da Barra do Rio Negro, posteriormente denominada Manaus, quando da instalação oficial da nova unidade provincial.

Com a permissão de quantos se dignaram a abrilhantar esta noite de revivescência de um passado longinquo, mas sempre presente pela bravura e denodo dos nossos avoengos, passamos a ler o que nos legaram dois oficiais de marinha dos Estados Unidos, William Lewis Hemdon e Ladner Gibbon, mencionados por Santana Nery na sua notável obra, "O País das Amazonas", editado em Paris aos 5 de setembro de 1884, há um século, precisamente:

> "O Presidente, Senhor J. B. de Figueiredo Tenreiro Aranha, escreveram eles em 6 de janeiro de 1852, chegou à Barra no primeiro dia deste mês em um barco do govêrno que está ancorado em frente à cidade. Trouxe consigo vários dos funcionários do novo govêrno, bem como a soma de duzentos contos de reis (cerca de 500.000 francos), da caixa da alfândega do Pará, para pagar as despesas do estabelecimento da nova ordem de coisas, até que a alfândega local comece a render. Este território, enquanto permaneceu uma simples comarca, foi sempre um fardo para o tesouro público, e, provavelmente, assim permanecerá durante algum tempo ainda.

"A Cidade da Barra, continuam eles, está construida em um terreno elevado e acidentado, na margem esquerda do rio, a cerca de 7 milhas de sua embocadura: sua elevação acima do nível do mar é, segundo meus cálculos, de cerca de 490 metros. É cortada por duas ou três ravinas, contendo maior ou menor quantidade de água, segundo a maior ou menor cheia do rio; pontes de madeira bastante razoáveis, ligam os dois bordos dessas ravinas. As casas são geralmente baixas. Contam-se, entretanto, três ou quatro de dois andares, são feitas de madeira e taipa, com tetos de telhas. São ladrilhadas, e os muros são pintados com uma terra colorida que abunda nas margens do Amazonas.

"Os cômputos oficiais para o ano de 1848 acusam, na cidade, uma população de três mil seiscentos e quarenta pessoas livres e duzentos e trinta e quatro escravos. O número de casamentos era, na mesma época, de duzentos e cinquenta; e o de mortos, de vinte e cinco, e o de nascimento de duzentos e cinquenta; o número de casas habitadas era de quatrocentos e setenta, e o de estrangeiros de trinta e dois".

Com a posse do primeiro Presidente, foi iniciado um trabalho árduo e contínuo, objetivando transformar um pequeno lugarejo em uma cidade capaz de provocar as atenções do mundo em pleno desenvolvimento.

Acresce que Manaus não era só Capital da Província, era também o coração de uma região portentosa pelas suas riquezas naturais e pelas suas florestas exuberantes que provocavam e provocam ainda a admiração, principalmente, dos cientistas estrangeiros e nacionais.

As excursões dos cientistas ao Amazonas, com a finalidade de pesquisar e estudar a flora e a fauna, ainda inexploradas, por si só estavam a indicar que o progresso se aproximava da região amazônica, tão distante dos grandes centros civilizados.

Com o início da exploração de matérias primas, como a borracha, de preço significativo, carreando grandes recursos para os cofres públicos, foram executadas obras urbanísticas e atendidas as necessidades de uma população que crescia e estava a exigir maior atenção das autoridades.

Aos poucos Manaus se transformava numa cidade de certa evidência, com todas as condições das grandes cidades e, em alguns setores, mais adiantada, como no de energia elétrica e tração.

Há, na vida político-administrativa, homens que, pela visão que possuem dos problemas da comunidade, dão a impressão de verdadeiros predestinados.

O Governador Eduardo Ribeiro pode ser considerado, com justiça, uma dessas figuras excepcionais pelo trabalho, pela tenacidade e, sobretudo, pelo compromisso assumido consigo mesmo ao se referir a Manaus:

"Encontrei uma aldeia e transformei-a em uma cidade moderna".

Efetivamente, basta que mergulhemos nos arquivos e percorramos as Ruas de nossa Manaus de hoje com olhos de observador, anotando e comparando, e por certo iremos encontrar um projeto urbanístico admirável e prédios de estilo arquitetônico belissímos, que vêm atravessando os tempos, num atestado eloquente do gosto e da capacidade técnica dos nossos homens públicos do passado, no traçar e no executar um plano de trabalho de uma cidade idealizada para um futuro indeterminado.

Para que o nosso recordar não perca aquele sabor agradável de quem viveu os acontecimentos maravilhosos da época, socorremo-nos, mais uma vez, de Santana Nery, que as páginas de sua obra, anteriormente citada, nos oferecem um painel de encantamento e beleza, em que o homem, enfrentando as adversidades da natureza, conseguiu plantar, em pleno coração da selva, uma cidade, o que ainda hoje, para o julgador imparcial, é considerado um verdadeiro milagre:

"Manaus, hoje, graças principalmente ao Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, que esteve à frente dos destinos do Estado durante quase seis anos, tornou-se uma bela cidade de quarenta e cinco mil habitantes, com grande possibilidade de crescer e de se embelezar.

"A iluminação a óleo foi substituida, sem transição, pela eletricidade, da qual Paris ainda se acha privada em grande parte.

"O serviço telefônico está igualmente instalado, em virtude de uma concessão de 3 de abril de 1897, por uma Companhia com um capital de 200 contos inteiramente realizado. Conta com 300 assinantes e instalou 335 aparelhos em residências particulares ou nas administrações públicas.

"Uma linha de bondes a vapor atualmente em vias de substituição pela tração elétrica, funciona na cidade e nos arredores. Em 1897, 16 quilômetros estavam sendo explorados e dois se encontravam em construção.

"Grandes avenidas, largas e arborizadas, que com o tempo se transformarão em esplendidos boulevards, cortam o bairro central e fontes decorativas começam a refrescar a cidade. Dois belos jardins guarnecem esse bairro.

"Belas pontes, algumas de ferro, sucederam as pobres passarelas de que falavam Hemdon e Gibbon. A canalização da água foi feita e está sendo completada em maior escala.

"Três igrejas, entre as quais uma muito espaçosa, situada numa elevação e cercada por belos jardins pitorescos, estão abertas ao culto católico.

"A cidade possui ainda um teatro suntuoso, magnificamente decorado pelo pintor italiano De Angelis.

"Um posto de higiene, tendo à frente o Dr. M. C. de Gouveia Filho; um hospital; um lazareto instalado na margem esquerda do Rio Negro, em local denominado Umirizal; um hospício para doentes mentais, dependente da Santa Casa de Misericórdia, asseguram a proteção à saúde e socorros aos indigentes em caso de doença, sem mencionar um hospital português, aberto a nacionais e estrangeiros.

"Encontra-se ainda na Capital um estabelecimento de instrução profissional (Instituto de Artes e Ofícios), um asilo para orfãos; um liceu com o nome de Ginásio Amazonense, um pequeno seminário; 10 colégios e pensionatos particulares com 664 alunos; 26 escolas primárias públicas, sendo 6 instalados em edifícios escolares especiais, contando com 1.409 alunos inscritos; e uma biblioteca do Estado fundada a 25 de março de 1883 e reorganizada a 1.º de janeiro de 1898, com 3.165 volumes e 131 mapas. A instrução pública é dirigida por Francisco Antonio Monteiro, homem tão inteligente quanto esforçado.

"Finalmente, 16 companhias de navegação a vapor têm sua sede em Manaus, ou ai instalaram suas agências; dois países (a Alemanha e a Venezuela) são representados por cônsules; quatro têm vice-cônsules (França, Grã-Bretanha, Portugal e Uruguai); dois se fazem representar por simples agentes consulares (Estados Unidos e Itália)."

Ao lado desse trabalho gigantesco que veio transformar um simples lugarejo numa cidade moderna, economicamente estável e socialmente borbulhante de diversões, acolhedora pelo calor humano de sua gente e pela beleza natu-

ral de que se revestia, brotava, como germinação espontânea, o esforço conjugado de autoridades e particulares no retirar o homem da tenebrosa escuridão da ignorância e colocá-lo frente à luz ofuscante do saber.

Incertos e pontilhados de dificuldades foram os primeiros passos na organização do ensino. Mas, não podemos deixar de assinalar que o brilhar dos últimos lampejos do século XIX e o aproximar do século XX, adicionados a uma verdadeira corrente emigratória de jovens intelectuais brasileiros, vindos do nordeste e do sul, portando na sua maioria diplomas de bacharel, médico, engenheiro, agrimensor, bem como militares, literatos e jornalistas, começaram a chegar a Manaus, como atraídos por uma força inresistível que lhes acenava com um campo aberto, onde poderiam dar evasão aos conhecimentos hauridos em suas Faculdades.

O homem da região não deixou também de contribuir. com sua inteligência, para a construção deste período histórico tão marcante na vida cultural do Amazonas.

A preocupação de projetar o Amazonas, não só perante as demais Unidades brasileiras, mas, também, além fronteiras, levou Santana Nery, amazonense de nascimento, mas radicado em Paris, ao prefaciar sua obra de repercussão internacional, a exclamar, a certa altura:

> "Acreditamos que é um meio de dar a conhecer à Europa, esta Província das Amazonas, que pessoas de nosso conhecimento ainda consideram uma terra fantástica, e que confundem facilmente com a antiga e misteriosa região, onde mulheres guerreiras cavalgam cavalos tartaros às margens do Tanaís.
>
> "Desejamos que se saiba na Europa, onde moramos o que somos e em que empregamos nossa inteligência e nossos braços. Queremos ensinar a nossos amigos de França o que se passa nas fronteiras de sua Guiana, que tesouros se oferecem ao seu trabalho e a sua atividade, se consentissem em unir suas forças às nossas, seus capitais aos nossos para explorar o solo amazônico e partilhar conosco o "clima glorioso" de que fala com inveja o inglês Bates.
>
> "Após La Condamine e Humboldt, após Castelnau e Agassiz, após Coutinho e Barbosa Rodrigues, após Crevaux, Wiener e tantos outros, resta-nos dizer em um único volume o que eles disseram em muitos; resta-nos suscitar energias, inflamar coragens; resta-nos imprimir a resolução de ver e colonizar a mais bela, a mais rica a mais fértil região do mundo "a

terra da borracha, o El-Dourado legendário", as terras virgens que esperam a semeadura da civilização."

Eis aí o quadro de contagiante entusiasmo intelectual, que levou o engenheiro civil Eulálio Chaves, mineiro de nascimento, que um belo dia, por esses fenômenos difíceis de serem entendidos, desceu das alterosas e se integrou na planície exuberante e acolhedora da Amazônia lendária, a dar início a uma missão de verdadeiro sacerdócio em favor do ensino.

Fixou residência em Manaus, centro de atração dos grandes interesses que começavam a despontar no extremo norte.

Não foi necessário esperar muito tempo, para que Eulálio Chaves passasse a procurar sensibilizar os intelectuais da época, no sentido da fundação de uma Universidade, idéia que acalentava com muito carinho.

Tratando-se de uma idéia audaciosa e polêmica, suscitou, como era natural, grandes controvérsias.

Uns, mais pessimistas, achavam que a fundação de uma Universidade não passava de um sonho de quem não teve o cuidado de ver que as condições da região não ofereciam o mínimo de estrutura capaz de suportar a instituição de um órgão tão complexo, a exigir medidas extraordinárias.

Outros, vivendo e sentindo melhor a marcha inexorável do tempo, em que o homem, impulsionado pelo desejo incontido de descobrir algo que proporcionasse à vida em comunidade uma situação mais humana, admitiam que a fundação de uma Universidade era um grande passo, rumo ao desenvolvimento de uma região que precisava preparar intelectualmente os seus filhos, para enfrentarem a luta do avanço tecnológico que se esboçava com o raiar do século XX.

A verdade é que Eulálio Chaves, ao invés de desistir da sua idéia frente às dificuldades que de início veio de encontrar, fortaleceu ainda mais o seu espírito de idealista convicto na disposição de fazê-la uma realidade.

Como era de se prever. Eulálio Chaves não perdeu tempo em dar evasão aos seus pendores culturais ao participar, com outros intelectuais, da organização do Clube da Guarda Nacional do Amazonas, levado a efeito no dia 5 de setembro de 1906.

Devotado às questões do ensino e professor por vocação que era, viu nos estatutos da instituição recém-organizada, um campo excelente para divulgar suas idéias.

Efetivamente, não mediu esforços para convencer os

seus pares da conveniência de ser executado, o quanto antes, o estatuto na parte referente à criação de uma Escola Prática Militar.

Reunida a Diretoria do Clube sob a sua presidência e por deliberação unânime, foi aprovada, aos 10 de novembro de 1908, a Resolução vasada nos seguintes termos:

"Fica criada na cidade de Manaus, Capital do Estado do Amazonas, uma escola militar prática, que se denominará Escola Militar Prática do Amazonas".

Após um espaço de tempo relativamente curto, a Diretoria e a Congregação, sempre voltadas para a intenção de ampliar cada vez mais o instituto, ora criado, passaram a denominá-lo Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas.

Era o primeiro e grande passo, não há dúvida, para alcançar o objetivo maior — A Universidade de Manaus.

O admirável em todo este trabalho, é que Eulálio Chaves, habilmente e mais uma vez pondo à prova a sua inteligência e o desejo incontido de concretizar o seu ideal, transformou a Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas na Escola Universitária Livre de Manaus.

É de se ressaltar, porém, que a beleza desta transformação não foi única e exclusivamente de nomenclatura. Muito pelo contrário, houve uma transformação de profundidade no curriculum a ser adotado pela nova Instituição.

Uma leitura superficial das matérias que passaram a constituir os diversos cursos da Escola Universitária, é o suficiente para fazermos um juizo da importância e da seriedade que orientaram a elaboração do documento.

Deste modo, os Estatutos da Escola Livre de Manaus instituiram os seguintes cursos:

"a) Curso das Três armas, segundo o programa adotado para as Escolas do Exército Nacional:

b) Curso de Engenharia Civil, de Agrimensura, Agronomia, Indústria e outras especialidades, todos de acordo com os programas aficiais e modificações introduzidas pelos progressos das ciências;

c) Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, segundo o programa adoptado nas Faculdades de Direito Federais;

d) Curso farmaceutico e bacharelado em Ciências Naturais e Farmaceuticas pelos moldes da Escola de Farmácia de Ouro Preto;

e) Curso de Ciências e Letras, segundo o programa do Ginásio Nacional".

Assim, pois, estava criada a Escola Universitária Livre de Manaus, fruto de um trabalho arrojado e da persistência incomum de uma equipe de intelectuais idealistas e patrióticos, tendo a frente a figura invulgar, sob todos os títulos, de Eulálio Chaves.

E, para glória do Amazonas e orgulho dos seus filhos, era a Primeira Universidade Brasileira.

O dia 12 de fevereiro de 1909, data da promulgação de sua criação, passava a figurar como uma página de ouro no monumental livro da História do Ensino Superior do Brasil.

Os fundadores da Universidade e, principalmente, Eulálio Chaves, não deram por terminada a nobilitante tarefa e muito menos passaram a dormir sobre os louros da vitória.

Mas, por uma questão de princípio, se obrigaram a entregar à juventude uma Instituição de Ensino Superior revestida de todos os requisitos exigidos por um órgão de tanta magnitude.

Inicialmente, e com o propósito de dar maior prestígio à obra que se propuseram a realizar, recorreram aos poderes públicos a fim de que, por ato oficial, fossem considerados válidos, para todos os efeitos, os diplomas expedidos pela Universidade.

O Governador Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, sensível ao pleito e reconhecendo da justiça da pretensão, sancionou a Lei n.º 601, de 8 de outubro de 1908, com a seguinte ementa:

> "Considera válidos no Estado os títulos conferidos pela Escola Universitária Livre de Manaus".

Começa o maior e mais importante trabalho — extruturar administrativamente e enquadrar a Instituição dentro das exigências legais.

O Conselho Constituinte é substituido pelo Conselho de Organização. Este, numa justa homenagem aos sócios fundadores da Escola Universitária, ficou constituido dos seguintes membros:

Dr. Arthur Cezar Moreira de Araújo, Diretor da Faculdade de Engenharia; Dr. Manoel do Nascimento Pereira de Araújo, Vice-Diretor; Dr. Simplicio Coêlho de Rezende, Diretor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais; Dr. Pedro Regalado Epiphanio Batista, Vice-Diretor; Dr. Astrolabio Passos, Diretor da Faculdade de Medicina; Dr. Galdino Martins de Souza Ramos, Vice-Diretor; Dr. Theogenes da Silva Beltrão, Diretor da Faculdade de Ciências e Letras; Dr. Francisco da Costa Fernandes, Vice-Diretor.

Surge, em seguida, por iniciativa de Eulálio Chaves, na sua constante preocupação de não deixar que um projeto tão grandioso viesse de ser contaminado pelo desinteresse, doença muito comum entre os homens de fraca convicção, a constituição da Comissão de Diligência, com a grande responsabilidade de impulsionar, tanto quanto possível, todas as providências que se fizessem necessárias para o funcionamento da Instituição.

Eleitos os seus membros, a Comissão passou a ser assim composta:

Drs. Simplicio Coelho de Rezende, Pedro Regalado Epiphanio Batista, Agnelo Bittencourt, Galdino Ramos, Astrolabio Passos e Coronel Lima Bacury.

Em plena atividade e no exercício de suas atribuições, a Comissão houve por bem de organizar a Congregação, que ficou constituida dos representantes dos corpos docentes dos diversos cursos que compunham a Escola Universitária.

A Congregação, em sessão ordinária e usando da faculdade que lhe concediam os Estatutos, procedeu a eleição dos Diretores e Vice-Diretores para o primeiro quinquênio, a contar de 1.º de março de 1910 a 1.º de março de 1915.

Revestir a posse dos titulares, recém eleitos, para as diferentes Unidades de que se constituia a Escola Universitária Livre de Manaus, de um caráter festivo, em face da importância que eles representavam para o funcionamento da Instituição, foi o que se deu em 2 de março de 1910, em sessão solene, sob a presidência do Dr. Simplicio Coelho de Rezende.

A sucessão de atos executivos chegou ao seu clímax com a abertura de matrículas às diversas Faculdades.

Processá-la pura e simplesmente através de edital publicado na Imprensa ou no pórtico da sede da Universidade, não teria a repercussão desejada e nem se coadunaria com o espírito de quantos alimentavam a esperança de ver, um dia, um trabalho sério transformado numa obra sublime, em benefício daqueles que consideravam a aquisição de conhecimentos culturais uma das maiores riquezas oferecidas ao homem, neste mundo permanentemente em desenvolvimento.

Realizar, portanto, uma sessão solene com toda a pompa que o ato estava a exigir, sob a presidência do Dr. Astrolábio Passos, Diretor Geral da Universidade, com a presença de autoridades, intelectuais e imprensa, era um imperativo e foi o que se deu em a noite de 15 de março de 1910.

Ultrapassando todas as expectativas e principalmente fazendo sentir, aos descrentes, que a vontade férrea aliada ao trabalho honesto e perseverante é capaz de transformar uma esperança numa realidade viva e palpitante, foi o que ocorreu com os pedidos de matrículas para os cursos recém-abertos.

A beleza desta verdadeira maratona em busca do saber e da confiança depositada nos dirigentes da Universidade, extrapolou a qualquer estimativa por mais otimista que fosse, considerando que a população de Manaus, na época, era aproximadamente de 50 mil habitantes.

Basta que registremos, segundo os relatórios, o número expressivo de matrículas no decorrer dos anos. Nada menos de 605 matrículas foram efetivadas, em todos os cursos, durante o primeiro quinquênio.

Como ilustração e para sentirmos melhor o clima de interesse que dominava a todos, citaremos, segundo dados oficiais, a naturalidade dos requerentes:

Estado do Amazonas, 222; Pará, 54; Maranhão, 78; Piauí, 55; Ceará, 116; Rio Grande do Norte, 7; Paraíba, 4, Pernambuco, 31; Alagoas, 12; Bahia, 14; Rio de Janeiro, 4; Minas Gerais, 3; Portugal, 3; Itália, 2.

Inaugurada estava a fase mais delicada e de maior responsabilidade — início das aulas e, consequentemente, o transmitir conhecimentos científicos para os alunos.

Aderson de Menezes, culto e brilhante Professor da Fundaçao Universitária do Amazonas e da Universidade Federal de Brasília e nosso confrade, sempre presente para aqueles que privaram de sua amizade, embora, pela imprevisibilidade do destino, ainda muito jovem, tenha deixado o nosso convívio com a morte trágica de que foi vítima, ensina-nos no seu trabalho de profunda e séria pesquisa, na História da Faculdade de Direito do Amazonas:

> "Quanto à situação didática, esta era promissora, como depõe Raymundo Nilo de Farias e Souza, em seu opúsculo "Escola Universitária Livre de Manaus — Esboço para a sua História", dado a publicidade no Porto em novembro de 1912:
>
> "Os cursos que ora se exercitam, isto é, os de ciências e letras, os de farmácia e odontologia da Faculdade de Medicina; os de agrimensura e engenharia civil da Faculdade de Engenharia; e de direito da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, têm o mais regular funcionamento, sendo as aulas das cadeiras respectivas dadas com todo o aproveitamento para os alunos e de

acordo com os programas organizados pelos devidos lentes ou substitutos, aprovados em sessão da Congregação da Escola.

"O ensino é ministrado segundo o regulamento: 1.º) pelas lições nas aulas; 2.º) pelos exercícios práticos, excursões e visitas; 3.º) pela "Revista"; 4.º) pela Biblioteca; 5.º) pela conferência dos lentes e de outras pessoas doutas que convidadas forem pelo Diretor, ouvida a Congregação".

Obediente à legislação federal disciplinadora dos cursos superiores, a Universidade, após o período de dois anos letivos, apresentava, como resultado, a conclusão do curso conseguido pelos primeiros acadêmicos.

Inscrevia, assim, a Escola Universitária Livre de Manaus, no dia 1.º de janeiro de 1912, a primeira página cintilante da história do ensino universitário brasileiro, com a entrega festiva dos diplomas dos concludentes dos cursos de Farmácia, Odontologia e Agrimensura.

Numa homenagem ao esforço e dedicação aos concludentes dos cursos, enaltecendo e projetando a inteligência e a cultura do homem do extremo norte brasileiro, humildemente reverenciamos as suas memórias e escrevemos com respeito e orgulho os seus nomes:

FARMÁCIA — Adail Valente do Couto, Júlio Martins de Souza Ramos, Raymunda Frota Leite, Clotilde de Araújo Pinheiro, Luiza Tiburcio da Silva, João Mavignier de Oliveira, Gilberto Frignani e Eliezer Adrião Nogueira Torres.

ODONTOLOGIA — Gentil Augusto Bittencourt, Julia Bittencourt, Virginia Correa Marinho Falcão, Marina Amora, Honorina Amora, João de Oliveira Freitas, Silverio Cyriaco de Souza Carvalho, João Chysóstomo e Silva, Francisco Salles Montello e Manoel Adolpho Pereira Gomes.

AGRIMENSURA — Angelino Bevilaqua, Raymundo Raposo Nina, e Anthero Veiga.

Acresce, porém, que a Escola Universitária Livre de Manaus, para alcançar a posição de destaque no ensino superior, teve que enfrentar grandes lutas, quase sempre revestidas de desânimo, sofrimento e dor, tudo como fruto dos parcos recursos de que dispunha e, no particular, da falta quase absoluta de instalações para o seu funcionamento.

Idealizar é um dom divino que Deus deu ao homem.

Cultivar e se esforçar para que a ideação que despontou no recesso do seu intelecto permaneça inabalável e seja transformada em realidade, é um previlégio dos homens fortes.

Eulálio Chaves pertencia a esse grupo de homens. Idealizou e se revestiu de uma disposição sobrehumana, certo de que venceria todas as dificuldades, que não eram poucas.

Inicialmente, para se sobrepor ao primeiro obstáculo, cedeu sua propria residência, à Rua Lobo d'Almada n.º 85, para reunião do grupo de intelectuais que acreditavam nos seus propositos de um dia fundar uma Universidade.

E natural que nem sempre as iniciativas particulares possam dispensar o apoio e o auxilio do Poder Publico, sabido que o Estado politicamente organizado tem poderes de disciplinar a vida do homem em comunidade.

Assim sendo, os adeptos da fundação da Universidade, no momento mais dificil, tiveram que recorrer ao Governador do Estado a fim de conseguir uma sede para instalação da instituição.

Sensivel a grandiosa iniciativa, o Governador Antonio Bittencourt, em mensagem ao Congresso Legislativo, datado de julho de 1911, assim se expressa.

> "Empresa de tamanho alcance, não pôde ser posta, logo ao primeiro impulso, no devido pé. Apesar, porem, das dificuldades com que têm de lutar as criações desta natureza, os entraves difíceis de transpor, foram instaladas a 15 de março e já estão abertas e funcionando, desde 6 de abril, as Faculdades de Ciências e Letras, de Engenharia, de Direito e de Medicina.
> "Sem os meios indispensáveis, para poder auxiliar tamanha tentativa, cedi o grupo escolar à Rua Saldanha Marinho, para sede da Escola Universitária, sem prejuizo das aulas que funcionam nesse grupo."

Ainda faltava muito para acomodar a Universidade. Os incansáveis obreiros deste projeto extraordinário não encontraram outra saída, a não ser dar as aulas práticas nos laboratórios da Repartição de Higiene, nas Farmácias, nos Gabinetes Dentários particulares e no Necrotério da Santa Casa.

Mas como é comum, o homem vive permanentemente na perseguição do melhor. Destarte, a Congregação da Universidade, depois de um processo meticuloso e sempre preocupada com os recursos disponíveis, achou de designar o Dr. Galdino Ramos, que viajava à Europa, para tratar da compra de um Laboratório.

Com o seu regresso em fevereiro de 1912, o Dr. Galdino Ramos deu conhecimento à Congregação das providências tomadas e declarou que no mês de março seriam re-

metidos os laboratórios de Física, Química e Histologia Normal, conforme o combinado com os fornecedores de Paris.

Mais uma vez o Governo do Estado deu a sua valiosa colaboração para instalação de tão importante aparelhagem, como pode ser constatado pelo relatório feito à Congregação:

> "Possuido da mais justa satisfação, venho hoje trazer ao conhecimento da ilustrada Congregação que os laboratórios adquiridos na Europa, a pedido desta Diretoria, pelo Dr. Galdino Ramos, Professor e Diretor da Faculdade de Medicina desta Universidade, já estão montados no pavimento superior esquerdo da Biblioteca Pública, gentilmente cedido pelo Exmo. Sr. Coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, digno Governador do Estado."

A preocupação continuava a dominar a todos no sentido de dar à Universidade condições de funcionamento à altura de sua nobre finalidade. Os cursos práticos, como acabamos de ver, dependiam de órgãos e pessoas não vinculadas à Universidade. Conseguir uma sede mais adequada, onde fosse possível concentrar todos os seus trabalhos, foi a idéia que passou a predominar.

Com a posse do Governador, Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa, surgiram novos alentos. Procurá-lo e tentar sensibilizá-lo para a causa justa que pleiteavam, foi sem perda de tempo, o que fizeram.

A acolhida da parte do Governador, para júbilo de todos, foi cativante. Não só externou S. Exa., a simpatia pelo trabalho edificante que a Universidade vem de prestar à juventude, bem como ao Estado, mas, de imediato, tomou as providências cabíveis para o encaminhamento de mensagem ao Congresso Legislativo, que foi aprovada e transformada na Lei n.º 728, de 29 de setembro de 1913, com a seguinte ementa:

> "Autoriza o Poder Executivo a conceder à Escola Universitária Livre de Manaus, o usofruto do prédio do Estado, à Avenida Joaquim Nabuco, onde atualmente funciona a Repartição de Obras Públicas'".

Instalada em sede própria, a Escola Universitária Livre de Manaus que passou a ser denominada por deliberação da Congregação, em sessão de 13 de junho de 1913, Universidade de Manaus, encontrou melhores condições para o sublime desempenho de sua missão de formar caracteres e homens tecnicamente preparados para as mais diferentes atividades da vida moderna.

Considerar a Universidade de Manaus precária, com recursos escassos e sem as instalações condignas das grandes Universidades dos nossos dias, não é jutificativa para querer deixar de reconhecer a sua existência.

Invocamos as lições sábias da figura de saudosa memória e uma das vigas mestras da obra ciclópica que deu como resultado a criação da primeira Universidade Brasileira, o incansável Diretor-Geral, Dr. Astrolábio Passos, que em relatorio preciso e minudente sobre as atividades da Universidade, depois de outras considerações, escreve:

"Pode parecer por demais modesta esta útil instituiçao; mas releva ponderar que, em tao curto espaço de tempo e no meio e condições especiais em que agimos, nao é de pequena monta o resultado obtido.

"Se modestos somos, modestos foram em princípio tantos outros estabelecimentos congêneres que, entretanto, por ai andam pela história do cultivo humano a representar o mais brilhante papel.

"A gloriosa Sorbonne, que todos conhecem, e onde têm florescido centenares de capacidade foi, já lá vai muito século, um colégio teológico fundado por esse pobre Roberto de Sorbon, a frente de um punhado de aclesiásticos seculares, que vinham fazendo preleções gratuitas urbi et orbi, até que a rainha Blanche cedeu-lhes uma casa em frente ao Palácio das Thermas.

"A Universidade de Paris, constituida no século XII pela comunidade dos mestres e dos estudantes de Paris, só foi regulamentada mais tarde, graças a Felippe Augusto, que lhe concedeu privilegios especiais.

"Amparada sucessivamente pelos papas, os reis, os grandes dignitários do clero e poderosas famílias, a Universidade de Paria teve abundantes recursos e adquiriu grande influência e renome.

"Quem diria que a instituição que em 1215 contava com apenas quatro faculdades — Teologia, Artes, Direito e Medicina, fosse séculos depois a Universidade de Paris na plenitude de seu valor atual!

"É nas lições da História que estão os maiores incentivos."

Ao encerrar esta despretenciosa exposição, não poderíamos deixar de assinalar mais uma vez, com inusitado orgulho, que a primeira Universidade Brasileira foi a de Manaus, não obstante algumas opiniões em contrário, facilmente destruídas pelos documentos históricos irrefutáveis que incorporamos ao nosso trabalho.

O corpo redacional do "Arquivos" da Escola Universitaria Livre de Manaus, ano II, edição de setembro e outubro de 1912, escreveu:

"Em substancioso artigo a proposito do ensino superior no Brasil, inserto no Boletim da União Pan-Americana, de junho do corrente ano, o Dr. Edgar Ewing Brandon asseverou: "O Brasil tem a singular distinção de não possuir nenhuma Universidade". "Em São Paulo já foi fundada uma corporação Universitaria, si bem que se duvide do exito de sua organização."

O mesmo "Arquivos", mais adiante, esclarece:

"Relativamente a futurosa Universidade de São Paulo, de cujo exito é injustiça duvidar, sabemos que foi fundada a 19 de novembro de 1911, pouco mais de um mes, portanto, antes de terminarem seus estudos na Universidade de Manaus, 21 alunos matriculados nos cursos de Farmácia, Odontologia e Agrimensura.

"Assim deve ficar de pé, como verdade historica incontestável, que a Escola Universitária Livre de Manaus é a primeira Universidade fundada no Brasil, e, o que é mais, no Amazonas."

Dentre as figuras exponenciais do cenário político administrativo brasileiro, é de se reconhecer pelo brilho de sua inteligencia no Parlamento ou no Executivo a de Otavio Mangabeira.

E dele, quando parlamentar, que tiramos do seu discurso pronunciado na sessão de 12 de dezembro de 1912, este depoimento de grande importância para a história do ensino superior em nossa Pátria:

"Não foi Sr. Presidente, sem motivo que a explicassem de modo cabal; não foi, Sr. Presidente, sem razão que apareceu no Brasil há cerca de duas décadas, pouco tempo depois do advento da forma republicana, a instituição do ensino livre. Pondo à parte as escolas militares, apenas funcionavam na República, em nome da instrução superior, as Faculdades de Direito de São Paulo e do Recife; as academias de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia; as escolas de Engenharia desta Capital e de Ouro Preto."

Ai estão, portanto, a desafiar o mais exigente pesquisador, depoimento de uma evidência solar de que até 1912 não existia no Brasil outra Universidade a não ser a de Manaus.

Confessamos que, não obstante a dedicação por nós dispensada em oferecer ao seleto auditório um trabalho que

se aproximasse, o máximo possível, do que foi a nossa Universidade, muitos ângulos importantes de sua vida deixaram de ser focalizados.

Todavia, o seu objetivo, razão maior do esforço e devotamento dos seus incansáveis construtores, foi alcançado no preparar e no lapidar inteligências que aguardavam tão só o sopro do saber, para se integrarem na legião dos homens que fazem da cultura a mola propulsora que, através dos séculos, vem dando à humanidade benefícios que ultrapassam, muitas vezes, o imaginário:

A vida sempre envolta em mistérios a desafiar a inteligência e a audácia do homem, nos oferece, algumas vezes, situações impossíveis de ser esclarecidas, como a de Eulálio Chaves que, cheio de força e com a alma esplendente de esperança, desceu das alterosas para a planície, retornando anos depois da planície para as alterosas, numa escalada difícil, devid, talvez, ao peso das decepções e descrenças, muito comum neste mar de sofrimento e misérias.

Não ignoramos que a sociedade, numa tradição milenar, só se lembra de prestar homenagens àqueles que cumpriram com dignidade, honestidade e desprendimento a missão que lhes foi confiada nesta vida, depois que morrem.

Talvez seja o certo mas, convenhamos que os homens famosos, batalhadores indormidos pelas causas dos seus semelhantes, muitas e muitas vezes ainda em vida estavam a necessitar do apoio e da assistência daqueles que foram beneficiados pelo seu trabalho e pela sua inteligência.

Destacamos, entre esses homens, Eulálio Chaves, que ao nosso entender bem representa um símbolo de tenacidade e amor à causa do ensino superior pátrio

O destino, no ocaso de sua vida, lhe foi severo, como escreveu Aderson de Menezes na sua festejada obra:

> "Dessa maneira a Escola Universitária Livre de Manaus entrou em atividade, passando a funcionar as aulas dos cursos devidamente abertos, tudo sob a direção Geral do Dr Astrolábio Passos, que vai exercer agora, após a instalação, aquela missão catalítica e empolgante exercida, durante o período da organização, pelo Dr. Eulálio Chaves, cuja retirada dêste Estado para sua terra natal acabou sendo forçada-cruel contraste! — por dificuldades de vida..."

Finalmente, depois de uma longa viagem ao passado, acompanhado de mestres notáveis, procurando assimilar, dentro das nossas limitações de curiosos, os assuntos mais

palpitantes da área dos conhecimentos humanos, eis que nos encontramos de volta, com o coração e a alma refertos de recordações imperecíveis, pelo que nos foi dado ver de grandioso no campo cultural, resultado da vontade inabalável de homens que fizeram de suas inteligências a grande arma de combate à ignorância.

Agradecemos, pois, sensibilizado, a quantos se decidiram, para honra e alegria nossa, a entrar nesta augusta casa, não para ouvir o som do martelar sobre a bigorna, mas para participar da cerimônia da queima silenciosa da massa cinzenta, matéria prima sublime que Deus concedeu ao homem para que atingisse a sua gloriosa destinação como criatura superiormente dotada. E queremos aliado ao mesmo sentimento dos que ora nos ouvem e nos estimulam — externar, sem favor, por dever de justiça, a esses Briaréus da inteligência e da tenacidade planiciárias, a nossa maior ho menagem; póstuma, também, é verdade, mas como se fosse em vida, tanto respeito lhes dedicamos e tanto acreditamos que viverão sempiternamente, merecendo a nossa mais alta expressão de reconhecimento e gratidão porque alicerçaram a grandeza e o desenvolvimento da terra cabocla e construiram um futuro promissor para a sua gente.

MUITO OBRIGADO!

O GAIOLA "TIRANTE" RUMO AO RIO DA BORRACHA

PAULO HERBAN MACIEL JACOB

8

Ainda calça curta, na proa de gaiola. Vinte e cinco anos, rio ensinando. A terra vai, a terra vem, a terra anda. Ilhas nascendo, sumindo, morrendo. O rio levando terra, arrastando abeirados. Praias daqui, desmudando pra dali mais. O canal também caminhando. Renteia o barranco, toma seguida mais fora, se bota no meião. O rio corre nas duvidações, mas tem do de parecer certo. Da vontade dele ninguém empalha. Rompe da terra aqui, fura mais dali. Larga donde de andava. Vai correr noutra da paragem. A caminhação de antes vezes seca, faz lago. Água limpinha, nem mais de barrenta é. O rio manda, o rio quer, o rio faz das coisas. Mais de quinze anos do Rio Curuçá. Noutros vapores, poucos de andança. Chatões da **Amazon River**. Belo Horizonte, Belém, Distrito Federal. Nas chatinhas também. Inca, Aracaju, Terezina, Paraíba, doutras mais. Tem muito gaiola fazendo carrego de borracha. O frete, ganho de bons avaluados. Viajar como praticante, no Júpiter, Jamari, Manauense, Rio Mar, Madeira Mamoré, Santa Maria, Barão de Cametá, Justo Chermont, Aiapuá, Madeirense, Gertrudes, Tupana, Judite, muitos doutros aí.

— João de Deus, tome naquele eito de rumo.

— Pra que então, comandante?

— Vamo atracar do vapor. Com essa cerração disconforme não dá de viajar.

— Nesse de aprumado aqui, seu comandante?

— Nesse direto mesmo. Abrigar do vapor na boca do paraná do Tapará.

Foi pegar do abeirado, o carapanã infestar. Os brabos reclamam tudo. Vivem na precisão, daqui se pegam luxentos. Praga do diabo! Bichim mais ruinoso de futucar dos outros. Comandante escroto, botar do vapor na beira. Vigie a desgraça. Mulher então só falta levantar do vestido. Arre que é demais mesmo Porra seu comandante, tire do gaiola fora. Com esse espraguejado de bicho, ninguém sustenta do rojão. E um filho da puta ferrou bem nos ovos. Tá na hora comandante. Praga excomungada da peste! Mande desatracar dessa merda. Os bichos ferram até no cu. Entram no debaixo das mulheres. Vão basculhar no bichão de mato. De inda agorinha de ir fazer precisão. O bicho ferrou, a merda tomou rumo de volta. A modo que se amoitou, nos amedrontes de carapanã.

— Deixa reclamarem. Não se pode perigar do gaiola por besteiração de carapanã.

— Donde que é pra fundear do vapor, comandante?

— Aí bem nesse ponto do matão alto.

— Tá de bem assim?

— Nesse aprumado direto mesmo.

Brabos desaforidos, intulicantes. A cerracão fechou do rio. Não dava de tomar seguida. Podia de calhar meter do vapor no fundo. Abarroar num pau, subir numa praia, tapar num barranco. E os desconsiderados daí gritando. Carapanã iitinho do ferrão venenoso. Na paragem donde ferra, dá duma comichão da peste. Praga ruim assim, no sertão tem não senhor, seu menino. Bichim da peste. Doje ninguém não dorme. Os curuminzinhos chorando, via dos padecidos, mordida dos danados. Aculeiros mais medonho de bicho. A gente daqui sofrida, nesses maguosos de carapanã. Que tinha em atracar do vapor nesse abeirado. Meteu-se no camarote, comandante desconsiderado. O bicho larga do ferrão por cima, por baixo da rede. Tem das parenças do paraná do Supiá. Calhando ter de festa, os músicos se botam debaixo do mosquiteiro. Como então de tocar, os carapanãs daí cutucando. Vigie minha Nossa Senhora Valha-me santa merda! Comandante filha da puta! Que tinha desse paradio nesse carapanãzal. Ninguém consegue pregar do olho. No ir de pegando duma modornazinha, os bichos

azucrinam. E ainda tem do cantar no pé das oiças. Zunideira mais de aperreio.

— Seu comandante, é dos precisos falar mais o senhor.

— Vá logo dizendo do que quer.

— É mode um brabo aí. O disgramado buliu mais minha filha.

— E quem é então?

— Um tal de Rozendo, seu comandante.

— É, vamo de ver do caso.

— O senhor pode tomar de certeza, seu comandante. Ou casa com filha ou casa com o pai. Distiorada das partes, filha minha não fica não.

E disso se faz das provas. Dona Belizária, parteira da conhecença. Ninguém nem magina desses prendados dela. Pegou dum ovo, cozinhou, tirou da casca, empurrou no xiri da curuminzinha. Dos envirgens, mais de nada não. O senhor mais magina, seu comandante. Foi de mesmo o Rozendo, o dessa feitura ruim. A cunhantã no cagador muito de acocada. O disgramado bulir nos envirgens dela. A bichinha desquerente da feita ruim. O malsinado nem não ligou. No contenente aí, já tava de furo aberto nas partiduras. Casar casa, nem há dúvidacão disso. Beneficiar filha alheia, nada de acontecer. Filha de homem se respeita. Ora se veja desse causo se dar. Cabra desmerecido. Desfosse as cismas de pai, como saber do aconteco. A cunhantã amolengada, as pernas fraqueias. Se dado dos perguntos, num logo respostou. Não de sonegou de nada. Foi daquele mais um malvado que buliu mais eu. Nem se tava de querendo, pegou nos forceios. Sacou da calca, foi de fazendo do feio. Deu-se dum ardume o mais ruim. Espreitou da ida ao cagador. Empurrou da porta, entrou no desabusado. Foi só de dizer, vim de fazer mais tu. Suiigou no chão, botou da coisa aprumada. E nem foi disso do trato. Da combina mais nós, só duns escorregos, puns aplainados por riba. E quando acaba fazer desse malicioso. Ainda de ralhando, acabe com o zoadeiro. A coisa de doendo, como não de proclamar nada. E o coirão ainda da sonegando da feita. Pai de perguntou, disse que mais não.

— Seu Rozendo, foi deveras o de autor dessa da cunhantã?

— Paresque que foi sim senhor, seu comandante.

— Então vai casar doje mesmo.

— Se é dos seus propósitos disso, seu camandante, faz-se do gosto de mais o senhor. Só não garanto fazer vida mais ela.

— Como assim seu desabusado?

— Se não tenho das posses. Ainda vou de aventurar na borracha.

— Apois vai casar mesmo. Quem mandou bulir mais a cunhantã.

— Mas se foi da vontade dela. Deu dos consentidos mais nós fazer.

— Cabra safado! Não distrate da moça.

— Se foi dela que fez das combinas mais nós ir.

— Bené, chame daí o Benedito.

Botar do trato de casamento no diário de bordo. Chegante em Óbidos, entregar cópia ao seu de doutor juiz. Em Manaus, doutra cópia à Capitania. Desses arribantes da seca, pessoal ruim, opinioso. Arrumam de mais encrencado.

— É como falei Benedito. Faça o escritado de casamento desse cabra aí.

— Coisa de só mais botar no livro, se declarando casados, seu comandante?

— Igualmente como fez da outra feita. Naquele outro causo se dado na baixada do Curuçá.

— Ah, tá bem! Fazer dos conformes de mandou, seu comandante.

PARNASO AMAZONENSE

JOÃO NOGUEIRA DA MATA

Carnaval de Rua

O Carnaval de Rua em Manaus,
na década de vinte,
surgia na Avenida,
com fúlgidos cordões bem ensaiados,
dos Indios, dos Suraras,
das Flores, Regadores.

Era a "quadra" momesca, alucinante,
com o "Brigue Independência",
num símile de cisne,
em verdade o cordão mais alinhado,
melhor que o "Linguarudos",
ou mesmo o "Lavadeiras".

"Linguarudos" do Thiago Wanderley,
de ensaios caprichados,
à frente o **Morceguinho,**
ensejando com chiste a liderança
dos guapos foliões
que passavam brincando.

Que festa popular tão animada,
na base da bisnaga,
serpentina e confete,
em meio à animação dos mascarados,
românticos pierrôs
e meigas colombinas!

Em torno das Fogueiras

Nos festejos juninos de outros tempos,
fogueiras crepitavam,
subiam balões
a altura dos céus enfumaçados,
e em torno das fogueiras
os jovens deambulavam.

De repente irrompiam surdos baques,
à guisa de batuques,
em noites de folguedos;
era o rei dos Bumbás, o **Garantido**,
com negro Jeremias
de lances invulgares.

O elenco desfilando por inteiro,
desde o amo elegante,
com ditos suasórios,
aos destemidos índios e vaqueiros
que, de armas empunhadas,
regiam a funçanata.

E que dizer do pífio Pai Francisco,
falando num bitate
à sua companheira,
a **Catarina** fértil nas zumbáias,
com as ancas volumosas,
e o filho Cazumbá?

A PALAVRA

HOMERO DE MIRANDA LEÃO

A palavra, por vezes, se assemelha
a uma pequena concha delicada
dentro da qual há uma constante abelha
a imagem fabricando requintada...

E por vezes também quer parecer
a concha de uma pétala de rosa!
E dentro dela poderá conter
toda a imaginação prodigiosa!...

Fonte do bem supremo, rediviva
a palavra de amor é sensitiva
e de consolação, luz radiosa...

Palavra de saudade — asa do adeus!
("Tudo era verbo no princípio"). e Deus
fê-la perpétua, em forma luminosa.

OS SETE PERGAMINHOS

JORGE TUFIC
(para Alencar e Silva)

Vamos dar tempo, senhor,
para tudo: forçar a maçaneta
é uma coisa; esperar que as sementes
estalem, já é outra diferente.
O inverno, sim, nos gruda a roupa
ao fogo do armistício,
ao clarão da memória.
E é quando sentimos que as mãos
não deviam ter punhos,
que a sombra do corpo não pertence
ao verniz dos armários.
Pela vidraça, a luz de qualquer hora
(o ovo de cada minuto solar,
na voz de Huidobro),
é o que vive por nós,
para dentro de nós,
como um sabre de osso atravessa
a solidão do homem.

II

Vamos dar tempo, senhor,
para as coisas: o anfiteatro de nímes
espera ainda pela função de sua arquitetura.
Ou quiseram apenas construir uma vagina

para a fúria de Júpiter?
Algumas parábolas também esperam,
como espera o manuscrito de uma canção
do século XI.
Esperar não é ter esperança.
O momento da escolha
é o momento da espada.

III

Vamos dar tempo, senhor,
para a rosa: essa flor excedente
do velho humanismo ocidental,
poeta caudatária das feses de montmartre.
Essa rosa que urdiu as espiraes
do cachimbo de Cordière,
os harpejos de vienna, a morta.
Essa rosa que nos tira o direito
de sermos 999.999 poetas de um país
INEFÁVEL, o derradeiro, talvez,
a olhar o mundo através dos vitrais
de notre dame de paris.

IV

Vamos dar tempo, senhor,
para a morte deste código falho,
desse idioma que nos deixa sem jeito,
bem longe da posse verbal
das águas, dos ventos, da terra,
a não ser para sentí-los e descrevê-los
com a metáfora de gregos e troianos,
com as tintas de van gogh
e a diástole de walt witmman.
Quando há um falar mais nosso,
mais livre mais borboleta
(panãpanã) mais bonito (puranga):
a flor do matupá está na boca
do arco-iris. Subiu virou nuvem,
depois desceu para a terra
numa chuva de sapos miudinhos.
Manhãzinha, são brilhos colados
ao gorgeio das aves.
Ao invés de...

V

Vamos dar tempo, senhor,
para que a lenda apodreça
os ramos da verdade.
E o sangue do homem consiga apagar
os seus olhos, num rio de fogo.
Tambores de sombra liberta,
o credo e a vida se alcançam
no vácuo dos nêutrons.
Assim, é preciso que as ruínas floresçam.
Por quê, afinal, a harpa imita
uma espiga de trigo?
E a garra do falcao se confunde
com a pata do coelho, irmão
de suas vísceras?
Os ciclos da vida são os mesmos
círculos do poema: este circo vedado
ao tamanho dos rinocerontes;
porém, aberto aos estertores da serpente
ao bote que faz do salto uma estrela,
que faz da estrela este ofício
que tece e destrói
os colares de sua dança.

VI

Vamos dar tempo, senhor
para o aço que funde
o momento da espada.
Por enquanto, os ventos navegam.
A rendição dos vencidos
também continua a caminho.
Jogados na cesta do lixo,
os fatos relembram
melancólicos retratos de chuva.
No campo de marte,
o torso de aquiles penetra
a carcassa de seu último galope.
Por trás da vidraça,
a cada segundo um poema goteja
a saliva dos mortos.
Cada célula é um selo

do seu próprio universo:
os abutres de gás,
o verbo aflito da pedra,
o canto proibido,
o sinal de alerta,
as ilhas razantes,
o cálice de urtiga
— tudo parece ainda estar a caminho.

VII

Vamos dar tempo, senhor.

TRIPLO DE SONETOS

JOÃO CHRYSÓSTOMO DE OLIVEIRA

O REGATÃO

Regatão, és bravura, és a malícia,
A serviço do escambo lucrativo
Buscas, em longes plagas, com perícia
A ansiada troca, em plano bem extorsivo.

Com armazém flutuante, sagaz, vivo,
Persegues o caboclo em sua puerícia
E, por mais que o caboclo seja esquivo,
Não resiste à tua fala fictícia:

Pelo pano, trocas a borracha,
Pela castanha, dás cartucho e sal,
Com fácil lucro, tudo se despacha:

Mui abastado, tens fama nacional
E o explorado caboclo se rebaixa
Ao extremo da miséria sem igual!...

SERINGUEIRA

Árvore do martírio, ó seringueira,
Pela ganância, és holocaustizada,
Em teu robusto corpo, és retirada,
Pra te sugarem de cruel maneira.

No vigor do teu caule, és golpeada,
Em talhes convergentes em fileiras
P'rum sulco vertical — central goteira
De sangue em profussão desesperada...

Teu sangue branco pela vil fumaça
É enegrecido, na defumação:
Do seu alvor se faz bola pretaça.

E depois da cruel operação,
Contigo, o pobre seringueiro passa,
A pobre, pobre pária da nação.

O TEC-TEC

Armário grande levando sobre as costas,
Lá vai o "turco" com esforço andando,
com as metades do seu metros opostas,
Vai batendo: "tec-tec"anunciando.

Seu "tec-tec" é uma festa para o bando
Dos meninos velozes em apostas,
Para chamá-lo em vozerio, gritando,
Descendo até do morro as encostas.

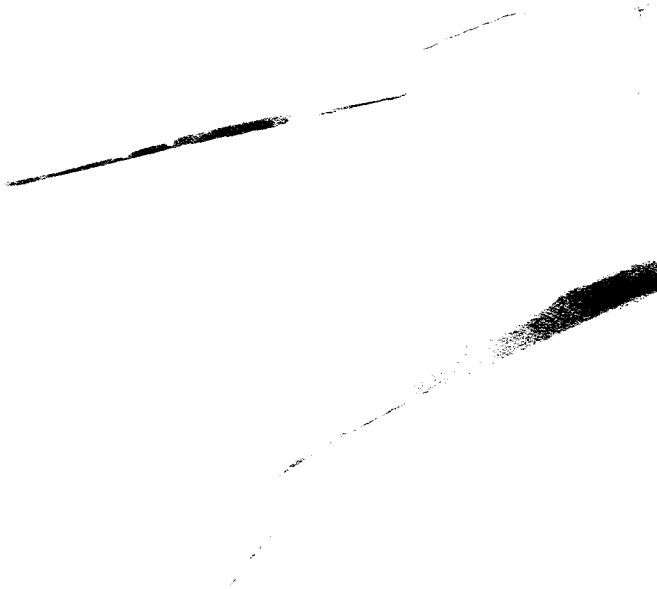
Arria o seu armário nas calçadas,
Em meio à gurizada curiosa,
Vendendo desde a renda às arrecadas.

Da figura do "turco" tão saudosa,
Não se ouve mais do metro tais pancadas,
Que mudeceram em urbe tão ruidosa !...

GOTAS DE SANGUE

Poemas de

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO



CONTRASTES

I

— Vês? É o sol no esplendor dos estivais assombros!
Há no átomo da luz uma sangrenta glória
e a flecha de ouro entrando oblíqua a arcária flórea
laiva tudo de rubro. Ao longe douram os combros.

Flavo ondeia o bochorno. O homem sacode aos ombros
o ancinho e desce ao campo em flor. A loura escórea
da luz loureja a espiga e em cada broto há a história
da ustão solar fecunda a arrebentar-se em escombros.

Tudo naufraga em fogo! O firmamento arqueia
brônzeo o quente zimbório e na soalhada areia
acendalhas iriais brincam ao excídio astral.

Alvorada de sangue! E a tanto sol lá fora,
minha alma em pleno inverno escandinávio chora,
— à saudade imortal do teu beijo imortal!...

II

— Que frio... O sol morreu... Gelo, por tudo há gelo,
nos fulcros dos grotões e nos penedos crus.
Lá fora se apendoa o espesso pesadelo
monótono da bruma e os galhos pendem nus.

Onde aquele esplendor da claridade? a luz
que vivica o lírio? e o alacre ritornelo
dos pássaros gazis riscando os céus azuis?
Tombam folhas no chão de branco torciopelo...

Inverno! A echarpa hiemal da névoa se adelgaça
por tudo! e um claro luar, claro e triste, sem jaça,
touca os ramos senis e os tetos de alvo touca.

Crepúsculo de gelo. E enquanto pela tarde
faz frio, e chove, e o azul todo em plúmbeo se encarde
— raiva o sol do teu beijo ardente em minha boca...

PERIANTÃS

— Verdes, descendo o rio em rondas silenciosas
— argonautas empós de ignotas glórias vãs —
ao flavo sol ou ao luar, processionais, morosas,
descem verdes o rio as tristes periantãs.

São lianas em festões e oeranas, preguiçosas
ilhotas vegetais — berço das iaçanãs,
movediço balsão de lutas vitoriosas,
trirremos onde as garças noivam com as manhãs.

Descem verdes o rio... E as raízes voltadas
dos paus em convulsões rasgam o zâinfe da bruma,
sugerindo a distância um matagal de lanças.

Vendo-as passar triunfais nas frias madrugadas
compáro-as, da janela do meu tédio, — a uma
festiva procissão das últimas lembranças...

Tabatinga, 1933

SAMAUMEIRA

— Alta, aflorando o azul ébria de sol, flabelo
pompeando à brisa num delírio, a árvore ganha
a expressão vegetal da robustez, quamanha
a enfibratura audaz do rijo colunelo.

Sacudindo aos terrais as raivas, emaranha
o ramalho viril na aspa do setestrelo,
colgado no talude o vulto antigo e belo
de esculca dos rincões numa postura estranha.

Samaumeira! Ah! mas tu, que erguias bem para o alto
num ex-voto as mãos de verde aos espaços azuis,
vivendo no esplendor do harto céu de cobalto.

um dia, a greda aluída, estertorante abates
a coma inflada, e fragorosamente rues
— como um sol que tombasse em olímpicos combates...

SERINGUEIRA

— Ó árvore, com o sangue ebúrneo a um talho breve
do ségure arrancado aos escábios do tronco,
tua tragédia heróica, ignota e longa, escreve
no ínvio sertão feroz o seringueiro bronco.

Gota à gota roreja a liqüescente seve
no cadinho colgado à brecha. E nem que o ronco
do iaguar sanguinário o medo aos fojos leve,
ou o vento arraze a jangla e açoite o cedro estronco,

tu, mártir dolorosa, em teu incruento estádio
abraças o silêncio e a terra em flor abraças,
galhos erguidos no ar ao flagício final.

Bendito lenho exangue e lacerado! Ó, há-de o
cantar, em versos de ouro, a voz heril das raças,
— o holocausto feliz do sangue vegetal.

Bom Jardim, Rio Purus, 1934

RECADO

I

— "... conta que em troca dos meus sonhos largos
sofri angústias cruéis e ódios amargos
e o grande amor que tive foi mentira...
Diz-lhe que os velhos poemas tumultuários
que lhe escrevi outrora são calvários
ondea minha alma ensangüentada expira...

II

— Diz-lhe que a odeio imenso! Que o meu ódio,
se me estrangula o coração, sacóde-o,
desfeito em rimas, na imortalidade!
Ah! mas não, não lhe digas que ao sol posto
viste rolar no meu dorido rosto
uma lágrima triste de saüdede..."

1932

AN ERRAND

Version by Freitas Pinto
do poema RECADO

I

"Instead of my long dreams, tell her,
Cruel anguish and Litter bate I suffered;
That the great love was a lie...
Tell the poems, old and tumultuary,
Once I wrote her, calvaries they are
Where my bloody soul expires...

II

I hate her much, tell her! That my aversion
Is to may heart, agony and convulsion
In rhymes in the eternity transformed.
Ah! But... no, don't tell you observed,
Over my painful face, when sun was died
Sliding a sorrowful tear of saudade..."

BERCEUSE

— "Descansa aqui a cabeça entre os meus quentes seios
onde a ânsia da volúpia amorável dissora.
Os dias de prazer e temulência, achei-os
no vinho que em meu lábio o teu vertia outrora...

O lemuriano ardor que em ti é uma pletora
estuando em febre ao luar espasmódico, veios
de lava incandescente abre em vermelha aurora
na minha carne vil lacerada de anseios...

Asculta a noite. O luar é um láteo e suave espasmo.
Os astros, pelo azul, gizam freqüências rubras
e o céu palpita largo em feérico entusiasmo.

Tudo ama, tudo! O amor — é a simbiose de enleios.
Para que o céu e a glória, o sonho e o amor descubras,
— descansa aqui a cabeça entre os meus quentes seios..."

TEUS OLHOS

Para os lindos olhos verdes de Anita

— Perseguem-me através as horas e os segundos,
numa constância eterna, esses teus olhos... Vejo-os,
a esses olhos bons como dois sóis jucundos,
dois sóis vibrantes, sóis suavisados de pejos.

Recomponho um a um os meus dias profundos
de descrença pagã, de funestos desejos
salvos pela paixão desses olhos fecundos
onde adocei a fé crucificado em beijos...

Esses olhos fatais... belos como um delubro
do sol no amortecer da tarde e onde descubro
elegias e peãs, odes e cantos-reais,

foram o cibório antigo, o meu cálice e a ara
em que guardei ocioso essa emoção tão cara
desse amor imortal, nosso amor imortal...

1938

TRANSMIGRAÇÃO

— De Lesbos, de onde vieste entre canções e aromas
e aromas e canções e lúbricos desejos,
trouxeste no sangrento arrebol dos teus beijos
o amorável languor que se esborda das pomas.

És o instinto coleando em luxúrias e pejos...
Pela noite aromal das tuas fartas comas
ladram feras revéis, eclodem cruéis sintomas
das febres da volúpia em trágicos lampejos...

Cidno te espera ardente e provocante e nua
no vergel em silêncio onde apenas a lua
vem dançar de escarpins a coréia da luz.

Despes, gárgula altiva, o terso zâinfe tírio:
surges, bela e sensual, com o níveo almor de um lírio
no pagão esplendor dos teus encantos nus...

AS GARÇAS

Para Ana — minha esposa.

— Pela glauca maciez da várzea escampa as garças
em revoada gracil, olímpicas, algumas
retardando o vôo leve em colônias esparsas
sugerem a ideal beleza ebúrnea das espumas...

Lá vão elas, heris... Vieram de longe, as sarças
deixaram, e os paús onde adormecem brumas...
Embalde o olhar cansado a fitá-las esgarças,
que se alongam no azul como um torçal de plumas...

Heráldicas, à sombra aluente que envelhece
o verdor perenal da selva fogem leves,
demandando o aconchego amigo dos seus pagos.

Na minha alma que ajoelha em comovida prece,
como as garças além passam, em remígios breves,
— as saüdades azuis dos teus beijos e afagos...

Paraná do Juriti, bordo do vapor "Iracema", 1939.

SONOITE NO MADEIRA

— Como um sangrento coração ferido, — o sol
atufa o disco heril nas áscuas do ocidente.
Ronda no ar o silêncio. As ramas docemente
carpem, na meia sombra, o enterro do arrebol...

Funerália grandiosa! A água lerda do poente
copia as franjas de ouro e sépia. Alumbra o escol
da apoteose o zarcão, zebrando a fímbria, a frol.
E o rio enrola turvo as vagas molemente...

É a síncope da tarde. Há uns vagos de canseira,
à saüdade da luz, na alma da própria mata
e soturno, a gemer, se espreguiça o Madeira...

Desce a bruma. No azul pulsa uma estrela acesa
de súbito, o infinito em gemas se desata.
Reza a noite no ocaso o ritual da tristeza...

Borba, Rio Madeira, 1934

BALADA

Para a Ana.

— "Era uma vez...
Acaso ouviste
a estória que te vou contar?
Era uma vez a Monja triste...
Por que estás rindo devagar?

— "Era uma vez...
Escuta, inquieta,
a história que te vou contar.
Era uma vez um pobre Poeta...
Por que está triste o teu olhar?

Por que teus lindos, verdes olhos,
teus lindos olhos de luar
trazem nos lânguidos refolhos
essa tristeza de embalar?"

— "Foi numa noite como esta
que ele morreu de muito amar...
Do pobre Poeta só me resta
esta saüdade singular...

ANTIGO

— Por vosso olhar, que há tempos traz cativo
e morto, o tão quebrado olhar que é meu,
Senhora Ana, eu já nem sei se vivo,
que o vivo há muito como que morreu.

Morto, o vivo à existência se prendeu
por vós, e a passa, quase sempre, esquivo,
longe sofrendo mágoas quem perdeu
a proteção do vosso olhar argivo...

Nem sei se vivo ou se já morto, tanto
me dói a vida, vivo, ou sem conforto,
que o vosso olhar me traz num tal quebranto...

Embora, se esta vida em que comporto
a minha, vale a cruz que arrasto, e o pranto,
— por vosso olhar quero estar sempre morto...

1947

THALASSA !

— Eu nunca vi o mar em minha vida, creias,
tu que nasceste a olhar as glaucas plenitudes
Jamais do oceano ouvi as roucas vozes rudes
ou o dolente carpir das pérfidas sereias.

Ó pêlago revel! eu sei que absurdo anseias
nesse eterno bramir e que ânsia eterna iludes,
racontando, em segredo, as longas inquietudes
no regaço amoroso e branco das areias...

Eu nunca vi o mar em minha vida... Um dia,
teus olhos, de um cariz verdíssimo e profundo
voltaram para os meus a fúlgida ardentia.

Sei apenas que o mar que ladra nos escolhos
como um cão prisioneiro impotente e iracundo
— é menos cruel, mulher, que a injúria dos teus olhos...

1937.

VALE DO AMOR

— Vale do Amor, estranho e virgem vale, quebre
a monótona paz da tua encosta e os cumes
sacudam pela base a minha angústia, à febre
destes anseios vis, cortantes como gumes.

Vale do Amor, rechãs floridas, que eu celebre,
laureado como um deus entre festões e numes,
o pagão esplendor dos rácimos, o azebre
que dissera de par com os mais finos perfumes.

Vale do Amor, risonho e fértil vale onde, altas,
as árvores heris sacodem os verdes braços
e faunos imorais disputam entre os medronhos:

deixa que ao teu frescor me acoste e que os peraltas
instintos passionais soltos dos férreos laços
cirandem derredor dos meus lúbricos sonhos...

NUNES PEREIRA

ULYSSES BITTENCOURT

A vida do "morubixaba" Nunes Pereira daria vários capítulos onde fossem contados os aspectos diversos de sua personalidade, analisando o cientista, o boêmio, o poeta e o homem sempre presente na Sociedade. Viveu ele muito mais que os noventa e dois anos cronológicos, pela intensidade com que desfrutava todos os momentos em que estivesse acordado. Criticado ou amado, viveu muito tempo. Tanto que o Escritor Josué Montello o tomou como personagem do seu romance LARGO DO DESTERRO, onde o faz viver 152 anos, conforme declara em seu magnífico artigo do "Jornal do Brasil", intitulado "Elegia para o velho Nunes Pereira", que deu início às homenagens póstumas, seguido pelo brilhantismo das penas de João Mendonça de Souza, Padre Nonato Pinheiro, Waldemar Batista de Salles, Arlindo Porto e outros. Além das Missas em sufrágio da alma de Nunes Pereira mandadas rezar, em Manaus, pelo Clube da Madrugada e amigos, houve iguais cerimônias em Brasília e no Rio de Janeiro. Mas foi no Rio que se fez a mais demorada e impressionante relembrança do ilustre morto, com a EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA, realizada no Museu de Arte Moderna (M A M) e que teve a duração de um mês. No primeiro dia a Cinemateca do Museu reuniu grande número de amigos e admiradores, logo após o seu falecimento, fazendo a exibição dos filmes "Bahira, o Grande Burlão", de Paulo Veríssimo (no qual o próprio Nunes Pereira prova as suas qualidades histriônicas e vocação para o cinema, represen-

tando entidade mítica e faunesca; "A Casa das Minas", em duas partes, de José Sette e filmes do acervo particular do cientista, inclusive as imagens tomadas em 1977 por Flávio Chaves e Flávio Bittencourt, que focalizaram Nunes Pereira na sua residência de Santa Teresa, escrevendo em seu gabinete e com seus familiares. Como trilha sonora, o público teve oportunidade de ouvir, em gravação, a sua própria voz, com importante depoimento biográfico concedido àqueles cineastas.

Entre muitas fotografias rememorativas, havia uma do enterro do Dr. Theodor Koch-Grümberg, em Vista Alegre (1925), que dizia: "Theodor Koch Grümberg, Curt Niemuendaju e Nunes Pereira: seus nomes estão ligados pelo amor que sentiam pela Amazônia e pela Etnologia" — o que constituía grande verdade. Não é difícil perceber que algo além da insenção asséptica do cientista caracterizava aqueles estudiosos: eram unidos por verdadeiro humanismo e respeito integral à figura do índio.

Como aspectos desses interesse comum, vale lembrar que Hamilton Rice, quando esteve no Amazonas, em 1924, convidou Grümberg para seguir com sua equipe em direção ao Rio Branco e assim agiu movido pela repercussão já existente do amor do etnólogo pelos problemas do índio; Nunes Pereira escreveu em 1942 "Um Naturalista Brasileiro na Amazônia" (Barbosa Rodrigues); em 1946, publicou "Curt Nimuendaju — Síntise de uma Vida e de uma Obra" e fez com que não se perdessem os restos mortais de Nimuendaju, assim como Geraldo Pinheiro providenciou o encontro da ossada de Koch-Grümberg.

Após os filmes, foram debatidos assuntos relativos, principalmente, à doação da biblioteca de Nunes Pereira ao Governo do Estado do Amazonas, feita verbalmente pelos herdeiros do cientista. A referida biblioteca seguiu para Manaus por providências tomadas pelo Secretário de Estado Jornalista Arlindo Porto e pelo autor destas linhas, encaminhada provisoriamente para IGHA, até que o Governador Gilberto Mestrinho lhe dê a definitiva destinação. Juntamente com os livros seguiu um busto de Beethoven, em mármore, destinado à Academia Amazonense de Letras, por vontade, ainda, do ilustre morto. Neste busto ele colocava o seu colar acadêmico, fundador que era da Academia Amazonense de Letras.

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

CLARIBALTE PASSOS

Como toda instituição cultural — a "Academia Amazonense de Letras" — emprendeu uma árdua caminhada. Fundada em 1.º de janeiro de 1918, em Manaus, Estado do Amazonas, inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil, a exemplo de suas demais congêneres nacionais, possui também uma magnífica revista, já tendo atingido seus quarenta e seis anos de circulação ininterrupta. A referida Academia tem como Presidente de Honra o Marechal Nelson de Mello; e, atualmente, reeleito, o seu Presidente é o escritor, professor e historiador e crítico literário João Mendonça de Souza, ex-Secretário de Estado, advogado e jornalista.

Há mais de vinte anos, porém, acompanhamos de perto as atividades do homem de letras, pesquisador, inspirado compositor, arguto crítico literário que o é, João Mendonça de Souza, que visitou o Rio de Janeiro bem recentemente no final de maio e teve oportunidade de ser recebido pelo Presidente e jornalista Austregésilo de Athayde, na Academia Brasileira de Letras, quando formulou convite ao titular da ABL para visitar Manaus. Também tivemos a satisfação pessoal e a honra de tê-lo recebido em nossa residência, ocasião em que analisamos diferentes temas da atualidade cultural brasileira.

(Análise Estatística-1972); **Caminhos de Sílvio Romero** (Estu-

Desejamos aproveitar este comentário para mencionar os principais títulos editados da bagagem cultural de João Mendonça de Souza, a saber: o volume de crônicas **Visões do**

Meu Amazonas Caboclo (1948); **O Grande Amazonas** (Mitologia, História e Sociologia-1951); **O Poeta e a Forma Exata** (Análise Estilística-1972); **Caminhos de Sílvio Romero** (Estudos Literários-1974); **Sílvio Romero, o Crítico e o Polemista** (Crítica Literária-1976); **Cassiano Ricardo, Poeta de um Mundo Só** (Análise Estilística-1976); **A Manaus-Boa Vista** (Roteiro Histórico-1977); **Camões e a Epopéia de "Os Lusíadas"** (História e Literatura-1980). Tem em preparo os livros: **A História da Literatura Romeriana** (Interpretação e Julgamento) e, **Vargas na História do Estado Novo** (Estudos Políticos).

A Academia Amazonense de Letras tem entre os seus luminares integrantes os escritores Arthur Cezar Ferreira Reis (ex-Governador do Amazonas), Paulo Pinto Nery, Plínio Ramos Coelho, José Lindoso (igualmente ex-Governadores) e prestigiosos políticos locais, além do poeta Thiago de Mello, o folclorista e historiador-professor Mário Ypiranga Monteiro, o jornalista e escritor João Nogueira da Mata, o atual Deputado Federal Josué Cláudio de Souza, o jurista Cláudio de Araújo Lima, os quais, ao lado de João Mendonça de Souza e muitos outros batalhadores, vem lutando pela grandeza ascendente daquela instituição no Estado do Amazonas.

Ao longo dos vários anos em que preside a Academia de Letras, o escritor João Mendonça de Souza não tem poupado esforços no sentido de engrandecê-la, utilizando em benefício daquela instituição a força do seu respeitável relacionamento pessoal dentro e fora do Estado, divorciado de interesses meramente individuais. As Academias de Letras, em última análise, representam os pulmões da cultura nacional em cada País e reúnem a força da inteligência e do espírito de homens que têm glorificado seus Estados e Nações através de suas criações vinculadas à perenidade.

Comunicação

Rio de Janeiro, 3 de maio de 1984.

Exmo. Sr. Escritor JOÃO MENDONÇA DE SOUZA,
DD. Presidente da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
Manaus-Am.

Pelo presente, estou lhe comunicando, na qualidade de membro da entidade literária tão bem dirigida por V. Excia., bem assim um dos seus representantes na FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL, que havendo sido eleito Vice-Presidente da mesma, na eleição alí realizada em dezembro do ano anterior visando a composição da sua Diretoria para o corrente ano, venho de tomar posse, no dia 27 de março último, com os demais componentes da chapa, em cuja Presidência figura o escritor ADELMY CABRAL NEIVA.

Com esta comunicação, coloco-me à disposição de nossa Academia, como sempre, junto àquela Federação.

Saudações atenciosas.

Carlos Alberto de A. Barroso
Acadêmico

Livros

Na cortezia e urbanidade, o livro polido significa sociabilidade em valor emotivo de Civilização. Sem dúvida, um livro em conteúdo concreto de boa linguagem tem aceitação e importância civilizada. Um livro de refinamento delicado na ação de educar se efetiva no duplo sentido ideal das boas letras e da seguridade civilizadora. É isso que, belamente, encontramos nos sucessivos trabalhos dos acadêmicos João Nogueira da Mata e Mário Ypiranga Monteiro, titulares de nosso Sodalício.

Em 1983, João Nogueira da Mata no seu MANAUS DE SEMPRE aumentava o nosso admirável patrimônio literário com esse notável trabalho poético de criatividade e de inteligência. Dele, isto nos diz Moacyr Rosas, em síntese de agradecimento: "Afastado do tumulto cotidiano, no honrado e feliz aconchego de seu lar, João Nogueira da Mata, de quando em quando, surge com um pesado tijolo de ouro. As letras, nestes quietos e luminosos dias, têm lhe proporcionado o encanto espiritual, que todo homem cobiça para a hora meridiana da vida. É um artífice da prosa. O vocábulo obedece à regência e à harmonia, musicando-lhe a frase, lembrando custosas gemas em jóias de nobilíssimo valor. Ele exerceu com brilho a cátedra de Português no tradicional Colégio D. Bosco". Do MANAUS DE SEMPRE é este magnífico soneto de João Nogueira da Mata:

MISSA DAS DEZ

Missa das dez, nos idos da Matriz,
dominical, festiva pelos sinos,
solene na eclosão de tantos hinos,
tornava a cidade mais feliz.

Nos púlpitos, flamantes, avultavam
as vozes de antistetes famosos,
todos fazendo jus a elogiosos
comentários do povo, que ensinavam.

Manaus viveu, em tais anos volvidos,
o resplendor da Fé, intensamente,
nutrida pelos cultos repetidos.

Hoje, tranquilo, o templo centenário,
sem pompas, aos domingos, persistente,
espera esse passado legendário.

Em última etapa, agora aqui temos viva satisfação de saudar o surgimento deste soberbo e curioso livro de Mario Ypiranga Monteiro, intitulado: CULTOS DE SANTOS & FESTAS PROFANO-RELIGIOSAS. E um trabalho bem concebido e rico de comunicação atraente. Na verdade, já no conteúdo da Nota Explicativa, o livro, além de etiológico, se fixa neste itinerário de conquista e desafio no qual o Autor se regozija em proclamar.

"Pode ser que consiga, com este passo inicial impreciso, sensibilizar a cultura indiferente, espectante ou mal assimilada e responder a muitas indagações não apenas de ordem religiosa mas de caráter econômico, moral e psicológico, indagações que estavam e continuam dependendo de pesquisas sócio-antropológicas de campo. Os nossos presumidos "sociólogos" e "antropólogos" poderiam deitar mão no problema e reduzir a termos o fenômeno da mitificação, mas ainda não acreditamos que tão cedo estas e outras manifestações venham a atrair a simpatia de universitários interessados em descobrir temas novos para engrenar discursos de mestrados".

Capas sugestivas de Maurílio Galba Monteiro, maravilhosamente relacionadas com os mútuos enfoques do livro: crendices, cultos religiosos, movimentos messiânicos e outros motivos ondulantes e progressivos de realidade social. CULTOS DE SANTOS & FESTAS PROFANO-RELIGIOSAS é, as-

sim, um livro preciso e bem documentado em todos os domínios de origem e práticas de acontecimentos temporais. Suficientemente esclarecido em propostas progressivas e atualizado em razões específicas. Vale a pena lê-lo e entendê-lo na velocidade da própria mensagem em que se fundamenta numa escala de vida, de crenças e de costumes do povo, dentro das classificações de autonomia e de civilização.

A Foto do Fato

Cobriu-se de glória a solenidade de posse de Max Carphentier na Academia Amazonense de Letras, tanto pelo expressivo comparecimento das mais altas personalidades do nosso mundo cultural, como pela beleza dos discursos proferidos. Em sua fala presidencial, o escritor Mendonça de Souza, norteado pela crítica mais fecunda, destacou "a fascinante e legítima poesia de Max Carphentier". O discurso do poeta foi seguidamente interrompido pelos aplausos, e o do Professor Agenor Ferreira Lima, que dava as boas-vindas ao novo imortal, foi consagrador, pela abordagem histórica e pela profundidade das suas conclusões. Uma noite muito significativa para a vida cultural do Estado. Referindo-se aos seus ilustres pares, Max Carphentier chamou-os "impressionantes estruturas intelectuais que se harmonizam na guarda do fogo sagrado", e em certo trecho acrescentou: "Declaro-me necessitado da força de vossa presença para permanecer em vigília". O companheiro de sempre falou também da importância que teve em sua vida literária o antigo convívio com os "mestres do Clube da Madrugada, que acolheram sob o fogo das tertúlias o moço que chegava ao "Café do Pina", carregado de dúvidas e sedes". Na foto vemos o presidente da Academia, Dr. João Mendonça de Souza, consagrando o poeta com o colar da imortalidade acadêmica.

A FOTO DO FATO

ATA DA SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO 65.º ANO DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, REALIZADA EM 1.º DE JANEIRO DE 1918.

No primeiro dia de Janeiro de 1983 reuniu-se em sessão solene a Academia Amazonense de Letras em sua sede à Rua Ramos Ferreira n.º 1009 para comemorar o 65.º aniversário de sua fundação sob a presidência do Acadêmico Dr. João Mendonça de Souza.

A mesa foi constituida das seguintes autoridades: Presidente Dr. João Mendonça de Souza, Sr. Governador do Estado Dr. Paulo Pinto Nery, Sr. representante do Tribunal de Justiça, e Sr. representante da Assembléia Legislativa do Estado.

Estavam presente os Srs. Acadêmicos:
Dr. João Mendonça de Souza, Dr. Paulo Pinto Nery, Dr. Mário Ypiranga Monteiro, Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, Dr. Robério Braga, Dr. Waldemar Batista de Salles, Prof. Agenor Ferreira Lima, Dr. Manuel Bastos Lira, Acadêmico Jorge Tufic e Dr. João Chrysóstomo de Oliveira.

Aberta a sessão o Sr. Presidente discorreu ligeiramente sobre a data que estávamos comemorando e da razão da sessão, disse do significado da mesma para os Acadêmicos e para a cultura do Amazonas.

Em seguida concedeu a palavra ao Acadêmico Dr. Mário Ypiranga Monteiro que discorreu sobre o histórico da Academia, demonstrando toda a vivência do silogeu durante todos estes anos de funcionamento. Encerrando as palavras do orador uma brilhante salva de palmas dos presentes.

Voltando a palavra ao Sr. Presidente, este, convidou o Acadêmico Pe. Raimundo Nonato Pinheiro para usar da palavra.

Subindo a tribuna o convidado discorreu sobre a personalidade de todos os Presidentes desde a sua fundação até o atual dirigente do colegiado.

Foi um discurso longo e brilhante em que ressaltou todas as vivências de cada presidente, destacando bem o quanto de dinamismo tem o atual presidente, Acadêmico Dr. João Mendonça de Souza, levando a Academia a um desenvolvimento destacado o que antes não foi constatado.

O orador ao terminar foi aplaudido, bastante, pelos presentes.

Com a palavra o Sr. Presidente agradeceu a presença de todos e resaltou a grande ajuda que o Estado tem prestado à Academia através da compreensão do Exmo. Sr. Governador Dr. Paulo Pinto Nery, encerrando logo em seguida a sessão.

Nada mais havendo para relatar, eu Agenor Ferreira Lima, secretário, lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada será assinada por todos.

ATA DA SESSÃO SOLENE DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS REALIZADA EM 28 DE JUNHO DE 1983 PARA COMEMORAR OS 50 ANOS DE MAGISTÉRIO DO ACADÊMICO PROFESSOR AGENOR FERREIRA LIMA.

Aos 28 dias do mês de Junho do ano de 1983 reuniu se em sua séde, a Academia Amazonense de Letras para em sessão festiva comemorar e homenagear o Acadêmico Professor Agenor Ferreira Lima que neste ano completa 50 anos de magistério.

A mesa dos trabalhos ficou assim constituída: Presidente: Dr. João Mendonça de Souza, Representante do Exmo. Sr. Governador do Estado, o Magnífico reitor da Universidade do Amazonas Dr. Octavio Hamilton Botelho Mourão, Representante do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, Delegada do MEC e Conselho Estadual do Ensino.

Estavam presentes os seguintes Acadêmicos: Dr. João Mendonça de Souza, Dr. Paulo Pinto Nery, Dr. Manuel Bastos Lira, Professor, Agenor Ferreira Lima, Dr. William Rodrigues, Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, Dr. Robério Braga, Acadêmico Elson Farias, Dr. Waldemar Batista de Salles, Dr. Mário Ypiranga Monteiro, Dr. Homero **de Miranda Leão, Dr. João Chrysóstomo de Oliveira e Acadêmico** Epaminondas Baraúna.

Aberta a sessão o Sr. Presidente: Dr. João Mendonça de Souza disse da satisfação pessoal e da Academia em prestar com esta sessão solene uma homenagem ao Acadêmico Professor Agenor Ferreira Lima pelo transcurso dos seus 50 anos de magistério. Em seguida concedeu a palavra ao Acadêmico Dr. William Rodrigues para pronunciar

o seu discurso de saudação, em nome da Academia, ao homenageado da noite.

Com a palavra o Acadêmico Dr. William Rodrigues fez um apanhado geral da vida do homenageado, assim como, das atividades do mesmo durante este longo período de magistério; demonstrou em palavras adrede escolhidas o quanto do contato do professor Acadêmico com tantas gerações que com o mesmo estudaram; concluiu fazendo votos pela felicidade do homenageado ainda por muitos anos visto que se encontra ainda em pleno exercício.

Os presentes que lotavam o salão nobre da Academia aplaudiram calorosamente o orador.

Voltando a palavra ao Sr. Presidente, este concedeu ao Acadêmico homenageado para pronunciar o seu agradecimento.

Usando da palavra o Acadêmico Agenor Ferreira Lima disse da satisfação em estar alí com seus pares Acadêmicos, amigos, alunos e ex-alunos neste momento de tal efeméride e agradeceu a bondade de todos principalmente da Academia em prestar esta homenagem, fazendo notar que o ato de ingresso, na Academia foi um marco frizante na sua vida.

O homenageado concluiu as suas palavras com demonstração de carinho para todos.

Ao terminar foi bastante aplaudido o orador por todos os presentes.

Voltando a usar da palavra, o Sr. Presidente, Acadêmico João Mendonça de Souza agradeceu a presença de todos e convidando os presentes para uma taça de champanhe, encerrou a sessão.

Nada mais havendo para relatar, eu, Agenor Ferreira Lima, secretário, lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada será assinada por todos os presentes.

composto e impresso nas oficinas gráficas da
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS
Rua Leonardo Malcher, 1189
Governo Gilberto Mestrinho

QUADRO DE SÓCIO EFETIVOS

Cadeiras		*Ocupantes*
1	PÉRICLES MORAES	José Bernardo Cabral
2	EUCLIDES DA CUNHA	(Vaga)
3	GONÇALVES DIAS	Ulisses Bittencourt
4	SÍLVIO ROMERO	Newton Sabbá Guimarães
5	ARAÚJO FILHO	Paulo Pinto Nery
6	ADRIANO JORGE	João Nogueira da Mata
7	MARANHÃO SOBRINHO	Paulo Jacob
8	TORQUATO TAPAJÓS	(Vaga)
9	MACHADO DE ASSIS	Homero de Miranda Leão
10	BARÃO DO RIO BRANCO	Mário Ypiranga Monteiro
11	JOSÉ VERÍSSIMO	Octávio Hamilton Botelho Mourão
12	OLAVO BILAC	Elson Farias
13	ESTELITA TAPAJÓS	Arthur Cezar Ferreira Reis
14	BARÃO DE SANTANA NERI	Moacyr G. Rosas
15	GRAÇA ARANHA	João Mendonça de Souza
16	JOÃO LEDA	João Chrysóstomo de Oliveira
17	FRANCISCO DE CASTRO	Leôncio de Salignac e Souza
18	JONAS DA SILVA	Jorge Tufic
19	COELHO NETO	Genesino Braga
20	JOÃO RIBEIRO	Raimundo Nonato Pinheiro (padre)
21	TENREIRO ARANHA	Plínio Ramos Coelho
22	FARIAS BRITO	Robério dos Santos Pereira Braga
23	CRUZ E SOUZA	(Vaga)
24	JOAQUIM NABUCO	Áderson Pereira Dutra
25	ARAÚJO LIMA	José Lindoso
26	RUI BARBOSA	Oyama Cesar Ituassu da Silva
27	TAVARES BASTOS	(Vaga)
28	ANÍBAL TEÓFILO	Violeta Branca
29	CASTRO ALVES	Thiago de Mello
30	ARARIPE JÚNIOR	Carlos de Almeida Barroso
31	RAIMUNDO MONTEIRO	Max Carphentier
32	BERNARDO RAMOS	Rui Alberto Costa Lins
33	ANTONIO BRANDÃO DE AMORIM	Epaminondas Barahuna
34	ERMANO STRADELLI	Manoel Bastos Lira
35	D. FREDERICO COSTA	Agenor Ferreira Lima
36	INGLÊS DE SOUZA	Josué Cláudio de Souza
37	BENJAMIN LIMA	Carlos de Araújo Lima
38	BARBOSA RODRIGUES	William A. Rodrigues
39	ALFREDO DA MATA	Mário Moraes
40	PAULINO DE BRITO	Waldemar Batista de Salles

QUADRO DE SÓCIOS CORRESPONDENTES

PARÁ — D. Alberto Gaudêncio Ramos, Cônego Ápio Campos, Georgenor Franco, A. Napoleão de Figueiredo, Aláudio Melo, Maria Anunciada Chaves

MARANHÃO — Antônio Bona, João Freire Medeiros

CEARÁ — Carlos Eduardo Rocha

RIO GRANDE DO NORTE — Veríssimo de Melo

ESPÍRITO SANTO — Renato José Costa Pacheco, Elmo Elton

SANTA CATARINA — Doralécio Soares

RIO GRANDE DO SUL — Dante de Laytano

PERNAMBUCO — Asiz Francisco Ulihimas

RIO DE JANEIRO — Aristéo G. Leite, Cônego Jorge O'Grady de Paiva, Clovis Barbosa, Odilon Lima, Petrarca Maranhão, Rosalina Coelho Lisboa Larragotti, Tristão de Ataíde, Moacir Paixão, José Luíz de Araújo Neto, Jorge de Rezende, Alberto de Rezende Rocha, Alberto de Brito Pereira, Lúcio Fiúza, Moacir Dantas Cavalcanti, Luiz de Miranda Correia, Wilson Brandão e Silva, Igrejas Lopes, Claribalte Passos, Mady Benoliel Benzecry Geraldo de Menezes.

TERESÓPOLIS — João Oscar do Amaral Pinto

NITERÓI — Oder Poggi de Figueiredo

BRASÍLIA — Lázaro Baumann

MINAS GERAIS — Merolino Correia, Marcus Vinícius de Garcia Ramos

SÃO PAULO — Mário Barroso Ramos, Abguar Bastos.

MÉXICO — José Romero Alzate

URUGUAI — Jaime M. Baodécio, Augusto Montesdeoca Galagorri.

COLÔMBIA — Hermes Paixão e Silva (Amazonense)

ARGENTINA — Masta Blache, Félix Colluccio.

ALEMANHA — Wilheim Giese

ESPANHA — Vicente Garcia de Diego

FRANÇA — Raymond Cantel

CUBA — Antônio Iraizoz

SUÉCIA — Henry Wassén

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

VOL. LXVII
N.º 20

REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

FEVEREIRO
DE 1985

REVISTA

DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

REVISTA	FEVEREIRO DE 1985	N.º 20

MANAUS AMAZONAS